

ALDEMIR LEONARDO TEIXEIRA

O MOVIMENTO PUNK NO ABC PAULISTA

ANJOS: UMA VERTENTE RADICAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**PUC/ SÃO PAULO
2007**

ALDEMIR LEONARDO TEIXEIRA

O MOVIMENTO PUNK NO ABC PAULISTA

ANJOS: UMA VERTENTE RADICAL

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE/ em Ciências Sociais, (ANTROPOLOGIA)
sob orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PUC-SP

SÃO PAULO

2007

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. O Movimento Punk no ABC Paulista: Anjos - uma vertente radical.

SÃO PAULO: PUC, 2007. (Monografia - Pós-graduação - Mestrado Strictu Sensu)

O Movimento Punk surge em meados dos anos 70 como um dos últimos movimentos contraculturais. Se deu primeiramente como um fenômeno musical, o *punk rock*, música de protesto anti-conformista adotado por uma parcela de jovens intelectuais norte-americanos e depois ingleses. A princípio foi contra a comercialização à qual o rock havia se submetido, posteriormente se expandiu como um movimento social, cultural e artístico, de contestação juvenil *anti-establishment*. Cresceu e se radicalizou junto à classe operária, principalmente a inglesa, depois se proliferou para o mundo todo, visto pelas autoridades como um movimento de “cultura subversiva”. No Brasil o movimento radicou-se nas diversas regiões metropolitanas de São Paulo, tendo maior expressividade no centro da capital enfatizado pelo fator midiático e na região industrial do ABC, onde obteve formas mais expressivas e radicais, estando envolvido com as lutas operárias e sindicais ocorridas no final da década de 70 e início dos anos de 1980.

Orientador: Dr. Edgard de Assis Carvalho - PUC

ABSTRACT

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. THE PUNK MOVEMENT IN THE ABC PAULISTA: Anjos - a radical tendency.

SÃO PAULO: PUC, 2007 (Dissertação - Pós-graduação - Mestrado Strictu Sensu)

The Punk Movement emerged in the mid-1970s as one of the last anti-establishment movements. It started mainly as a musical phenomenon, the punk rock, anti-conformist protest adopted by part of the young American intellectuals and then by the British. In the beginning it was against the commercialism that rock music had submitted to, afterwards it expanded to a social, cultural and artistic movement of anti-establishment youthful challenge. It grew and radicalized within the working class, mainly in Britain, afterwards it spread across all over the world seen by authorities as a subversive culture movement. In Brazil it started in many metropolitan regions of São Paulo in which the most expressivity was observed in the center region emphasized by the media factor, and in the industrial part of ABC region where it obtained more expressive and radical ways where the movement was involved with the working and union fights occurred in the late 1970s and beginning of 1980s.

A todos Punks Anjos,

Aos meus familiares e amigos,
pela credibilidade e apoio.

À resistência do movimento punk

A todos os entrevistados

A meus professores e, em especial,
à guerreira Márcia Regina da Costa.

OFEREÇO

Em memória de Pepeu, Nenê, Oray, Luizinho, Estilou e todos os outros guerreiros punks
que se foram. Saudades de vocês, amigos!

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos amigos Wendell Eduardo dos Santos e Maria Erlândia pela ajuda e companheirismo, à professora Carmen Junqueira pelo carinho e dedicação, ao professor Miguel Wady Chaia pelo apoio, ao meu Orientador professor Edgard de Assis Carvalho. A Ângelo Cavalcante, que me impulsionou nos momentos mais difíceis, a Arlete Pontes da Fonseca, pelo incentivo, a todos os companheiros de Pós. Agradeço também ao CNPq pela bolsa de estudos que possibilitou a realização desse trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
APRESENTAÇÃO.....	4
REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
ESTUDOS E MÉTODOS.....	15
CAPÍTULO I ANTECEDENTES: O Anarquismo como base inspiradora de idéias contraculturais (Beatniks, Provos, Hippies e Punks).....	17
1.1 PUNK! Seus fundamentos: vertente norte-americana e inglesa.....	24
1.2 A transição.....	29
CAPÍTULO II - A REVOLTA VEM DO ABC.....	54
2.1 Punk! Contexto Nacional.....	54
2.2 Gangues e Salões.....	64
2.3 Punks da City.....	70
2.4 Anjos do ABC.....	79
2.5 Trilogia ABC/ SBC - Passeatas, Hino Mortal, Ulster.....	92
2.6 O Começo do Fim do Mundo.....	110
CAPÍTULO III - A DISPERSÃO.....	138
3.1 Prelúdio ao Declínio.....	139
3.2 Baixas no ABC.....	141
3.3 A Repressão.....	148
3.4 Reestruturação: um sonho além de distante.....	150
3.5 Libertação Radical: guitarras como armas.....	153
3.6 O Rock Nacional Pega Carona no Punk.....	161
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
Metamorfose do Irracionalismo.....	172
GLOSSÁRIO.....	176
ANEXOS.....	179
BIBLIOGRAFIA.....	216

INTRODUÇÃO

Esse projeto de pesquisa pretende realizar uma análise comparativa entre o movimento punk surgido no ABC e o movimento punk desenvolvido no centro de São Paulo no período de 1977 a 1985. A linha dessa dissertação é apontar o grau de radicalidade musical e política presente no grupo do ABC paulista e o desempenho de São Paulo na questão midiática. O ano de 1977 é dado como marco inicial com o aparecimento dos primeiros punks na cidade de São Paulo. Sua fase embrionária é compreendida em duas vertentes: em São Paulo, no Bairro Pirituba, zona oeste, e Vila Carolina, zona norte da cidade. E na região industrial do ABC, nas cidades de São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo. Essas vertentes despontarão de maneira oposta uma da outra, diferenciar-se-ão no jeito de pensar, agir e se expressar, acerca de um mesmo movimento. Esse estudo procura analisar essa dicotomia, que concentrou as divergências numa forte rivalidade entre elas, convertendo o movimento na formação de gangues.

Pretende abranger a formação de um grupo específico da cidade de São Bernardo do Campo, intitulado “Anjos”, como o primeiro a introduzir e difundir o anarquismo no interior do movimento na região¹. Busca mostrar sua evolução, contradições e implicações, suas propostas culturais e políticas, procura distinguir o processo que dividiu o movimento em dois parâmetros, *Punks da City* (centro de São Paulo) de um lado e punks do ABC de outro, ocasionando o início da “guerra entre gangues”, as ações, os confrontos e a demarcação de territórios. Objetiva retratar a principal forma de divulgação do movimento através do *punk rock*, música de protesto anti-coformista, radicada nas inúmeras bandas punks, assim como, os fanzines, jornais alternativos elaborados de maneira rudimentar pelos próprios punks como agente difusor de suas idéias.

A partir dos anos 80 o punk já havia se intensificado como forma de movimento e com maior repercussão. Em 1985 no ABC, começou a perder forças, diante de uma série de

¹ A origem desse grupo, a aglutinação que fez torná-lo um dos grupos mais fortes em número de integrantes e também mais expressivo, seus propósitos, serão explicados no capítulo II, referente à questão das gangues.

fatores: a repressão militar, a censura, o confronto com gangues rivais (ocasionaram mortes), a dissolução de algumas bandas importantíssimas, ícones do movimento na região, desentendimentos internos e outros relevantes fatores que serão explicados no decorrer dessa dissertação.

O ABC paulista foi escolhido como ponto fundamental dessa pesquisa por ser a região onde o movimento punk obteve formas diferenciadas das demais regiões paulistanas. Organizados e politizados, saíram do contexto estereotipado posto pela mídia na tentativa de transformá-lo num modismo passageiro e de consumo de massa. Assimilaram características sérias, como verdadeiro caráter de movimento, repudiaram os conceitos pretendidos pela mídia e dilaceraram inúmeras críticas a alguns punks, em específico do centro da capital, pelos seus atos exibicionistas e inconseqüentes que contribuía para os anseios de inúmeros oportunistas (publicidade, grifes, setor de moda, TV, etc.) intencionados em criar um marketing em cima dele.

De acordo com o primeiro parágrafo, o comparativo entre os punks da capital paulista (punks da city) com os punks Anjos do ABC pode ser analisado resumidamente dessa forma:

1. Os punks de São Paulo foram caracterizados como punks da city², por se fixarem no centro da cidade, e reuniam-se nas Grandes Galerias (centro comercial de São Paulo, Shopping), precisamente na Punk Rock Discos, seu ponto de encontro, uma loja pioneira em artigos punk rock (com venda de camisetas, discos raros e fitas), precisamente na avenida São João, 489, 1º andar. Estavam mais próximos dos meios de comunicação, conseqüentemente recebiam maior cobertura da imprensa, servindo como referencial a matérias jornalísticas e programas televisivos. Chamavam a atenção do público pelo visual marcante e chocante que muitas vezes gerava medo nas pessoas (cabelos coloridos e espetados, blusões de couro, botas militares, jeans rasgados, entre outros aspectos) e causava um grande impacto para a época. Diante dos olhares de leigos e curiosos, obviamente despertavam a atenção dos órgãos da imprensa, que

² A origem dos punks da city será explicada no capítulo II.

intencionados em editar matérias sobre o movimento sempre os procuravam, mas, nem sempre o que era publicado refletia para um lado positivo do esperado, como a própria originalidade do punk, sendo um movimento de conotações contestatórias, *anti-establishment*. A conduta exibicionista e debochada dos punks da city como gestos obscenos, palavrões, insultos, “micagem” em frente às câmaras, contribuía para os enfoques sensacionalistas, mesmo que na maioria das vezes essas manifestações fossem puramente lúdicas, de ironia acerca da sociedade, porém não entendidas e mal interpretadas por ela e pela imprensa.

2. Os punks do ABC, por estarem numa região industrializada num período de inúmeras movimentações grevistas, vieram acompanhando e atuando paralelamente aos movimentos sindicais entre os anos de 1979 a 1983. Os Anjos de São Bernardo do Campo, em sua maioria, eram operários no setor metalúrgico e articulavam ações políticas, participando das greves, manifestações, panfletagens, piquetes e passeatas. Eram mais ativos politicamente, estando engajados nas questões sociais. Em São Bernardo do Campo os desgostos dos Punks Anjos com a imprensa aumentavam na medida em que as matérias editadas davam ênfase às atitudes adotadas pelos punks da city, como fizessem parte da conduta de todos os punks. Os punks do ABC no geral, além de estarem distantes do centro, sofriam todo tipo de censura e repressão por meio de notas taxativas e distorcidas publicadas pela imprensa³ (terroristas, bandidos, trombadinhas, delinqüentes, selvagens, entre outras) e procuravam evitar os meios de comunicação, pois estavam cientes de que se tratava de um veículo de informação não confiável.

³ Dias de luta, p.58, 2002.

APRESENTAÇÃO

BREVE HISTÓRICO DO PUNK MUNDIAL

Entende-se por punk um dos últimos movimentos da contracultura, emergido em meados da década de 1970 e caracterizado por um estilo musical engajado ao rock de comportamento rebelde e agressivo, o *punk rock*. Posteriormente se tornou um movimento social, político e artístico, de contestação contra todas instituições do sistema capitalista. A *Contracultura* (**BRANDÃO**, Antônio Carlos e **DUARTE**, Milton Fernandes -1993, p.56) é marcada como um movimento radical que coloca frontalmente em xeque a cultura oficial. É uma espécie de “espírito libertário”, questionador de uma nova maneira de pensar a sociedade e o sistema vigente. É uma afronta oposicionista à cultura convencional, começou com a *beat generation* (*Beatniks*) nos anos 50 e transpassou para os 60 e 70, referenciando os movimentos contestatórios ligados à juventude, *Provos e Hippies*. O termo *contracultura* foi adotado por Theodore Roszak⁴ e significa *contra-sociedade* ou *underground* (submundo).

A primeira manifestação punk se deu nos Estados Unidos nos subúrbios da parte leste de Nova York e foi absorvida pouco tempo depois na Inglaterra, onde obteve proporções radicais e complexas. O *punk rock* é um revivalismo da cultura *rock’ n roll*, posta-se como um tipo de música curta, rápida, poucos acordes, simples e dançante, contrapondo com o rock tradicional que, submetido à indústria fonográfica, havia se transformado numa enorme fonte de empreendimentos comerciais e lucrativos, criando os astros da música pop, *super estrelas ou pop star* e com isso o distanciamento do público com o artista. A proposta contracultural do punk está no anti-conformismo, contraria os valores vigentes da cultura atual, preocupando-se com questões sociais, como o desemprego, as guerras, a

⁴ Professor de História na Universidade da Califórnia - “State University at Hayward”, crítico social. Entre suas obras estão *A Contra Cultura - Reflexão sobre a sociedade tecnocrata e a oposição juvenil*, editora Vozes, 1972, e *The Making of a Counter Culture - A formação da contracultura*.

fome, as injustiças sociais, fazendo inúmeras críticas ao sistema capitalista. Tendo como base ideológica o anarquismo, propõem a exclusão de qualquer forma de autoridade e poder, rejeitam toda a forma de Estado e opressão.

A palavra punk é utilizada no dicionário inglês, principalmente, para designar algo como madeira podre e algumas derivações: pivete, podre, ruim, coisa sem valor, gente que não presta, bagunceiro, moleque, delinqüente juvenil, entre outras. Com inúmeros fatores gerados pela crise econômica, o desemprego em grande escala e a vida sem perspectiva fizeram com que inúmeros jovens desempregados e mal sucedidos se identificassem de forma direta com essa colocação, associando o uso da palavra punk na elaboração de um movimento *anti-establishment*.

BREVE HISTÓRICO DO PUNK NO BRASIL

Os primeiros rumores sobre o movimento punk no Brasil se dão em meados dos anos 70, através de matérias esporádicas editadas por jornais e revistas, entre as pioneiras a revista POP⁵. Na maioria das vezes reportavam informações desencontradas e limitadas a respeito, tratando-o intencionalmente como um atrativo de moda. Em São Paulo, precisamente na capital e em algumas regiões metropolitanas da cidade, o movimento punk obteve força despontando diferentemente das formas originais geradas nos Estados Unidos e Inglaterra, se caracterizando pela formação de inúmeras gangues espalhadas pelas regiões suburbanas e periféricas da cidade.

O ABC, região metropolitana do Estado São Paulo, desde 1960 até o início dos anos 90, foi conhecido como maior complexo industrial do país. Geograficamente é composto pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul abrangendo ainda as cidades Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, podendo ser representado pelas siglas ABCDMRR. É marcado historicamente como o primeiro centro da indústria automobilística e das inúmeras montadoras. São Bernardo do Campo foi a cidade que

⁵ Revista de entretenimento da década de 70, editou os primeiros enfoques sobre o punk, a princípio como atrativo de moda.

obteve a maior concentração dessas indústrias: Ford, Mercedes Benz, Volkswagen, Toyota, Scania, Crysler, Carmanguia e inúmeras outras pequenas e médias empresas interligadas ao setor metalúrgico na produção de autopeças. A presença massiva dessas indústrias na região potencializou a política de recessão governamental, durante as décadas de 70 e 80, gerando um período de grande crise econômica, anunciando o fim do chamado milagre econômico. A partir de então o ABC se torna o berço do movimento sindical no Brasil, as ações grevistas vão assimilando e criando forças, sob a projeção nacional do líder sindical Luiz Inácio da Silva - o Lula, atual presidente da República.

A criação do movimento punk no ABC paulista coincide com esse período marcado pelo cenário de crise e recessão e de extrema repressão sobre a classe trabalhadora no final da década de 70, que aglutinou-se nas grandes manifestações grevistas e lutas sindicais contra a exploração do trabalho e a opressão do regime militar. Funde-se com a incessante luta dos movimentos estudantis e o envolvimento indireto e restrito com alguns grupos políticos emergentes de esquerda, como a Convergência Socialista, corrente política interna dos Partidos dos Trabalhadores de orientação trotskista, ala mais à esquerda dentro do PT, a qual posteriormente se desvinculou formando nos anos 90 o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado). O único interesse de relação dos punks com essas tendências era apenas a obtenção de espaços para bandas poderem se expressar⁶.

“A mobilização estudantil-operária dos anos 1967-68 seria retomada em 1977-80, já envolta numa perspectiva operário-estudantil democrática e tenuemente socialista, refundando toda a cultura política da esquerda - não obstante os espasmos de sectarismo político e economicismo. Abria-se, sem que isso fosse plenamente consciente, um novo caminho para a democratização da esquerda brasileira, baseado na mobilização autônoma do proletariado mais preparado, intelectual e politicamente (aristocracia operária), e menos dependente da esquerda tradicional (classe média). Esta, não obstante ter aderido em peso ao PT, se tornaria caudatária da mobilização político-sindical, ao invés de sua vanguarda, como ocorria desde os anos 30” (GARCIA, Hamilton, 2003).

⁶ Esta observação será melhor compreendida no capítulo II, “A revolta vem do ABC”.

A década de 70 ficou registrada como um período de grandes conturbações. O conservadorismo adotado pelo patronato e governo militar direcionava para uma política de contenção salarial, com decreto-leis de proibição às greves e intervencionismo sindical⁷. A política de recessão gerava um enorme índice de desemprego e elevava a inflação a níveis altíssimos. Esse sinal de crise econômica afetaria a maioria dos brasileiros, conseqüentemente refletia também a uma pequena parcela de jovens que tentavam, diante do caos urbano, encontrar uma maneira diferenciada de sobreviver e manifestar suas insatisfações contra as proibições e condicionamentos impostos pela ditadura militar, que desde sua instauração elaboraria, em diferentes graus manipulativos, uma base cívica e educativa, apresentada no currículo escolar, empregada sob um conservadorismo rígido e autoritário, que influenciaria também na conduta disciplinar dentro dos inúmeros lares brasileiros.

Na região do ABC, os Anjos especificamente eram quase todos pobres, suburbanos, rebeldes, revoltados com as péssimas condições sociais em que viviam, odiavam a tirania sincrônica de opressão e autoritarismo imposto no ensino educacional, familiar, religioso, patronal e governamental. Porém, alguns de classe média, condizentes com os mesmos propósitos, foram os primeiros a introduzir as idéias e panfletagens sobre o anarquismo aos Anjos⁸. Denominaram-se como punks e em sua maioria eram operários das indústrias metalúrgicas e das grandes montadoras de veículos na região e vivenciaram toda uma situação caótica, repressiva e explorativa nesse período. Encontraram no rock um instrumento aglutinador de idéias, libertador, onde podiam extravasar e expressar os sentimentos reprimidos. A princípio, mesmo com um condicionamento primário em relação à política, apoiaram e participaram dos movimentos de resistência trabalhista, depositando confiança e esperança em uma possível mudança social.

(...) Poucas pessoas no mundo podem continuar sem consciência do fato de que suas atividades locais são influenciadas, e às vezes até determinadas por acontecimentos ou organismos distantes [...] As ações cotidianas de um indivíduo produzem conseqüências globais [...] Esta extraordinária – e acelerada – relação entre as decisões do dia-a-dia e os resultados globais, juntamente com o seu reverso, a influência das ordens globais sobre a vida individual,

⁷ Carlos Bauer, O despertar libertário, volume I, p.28, p.29. Edição Pulsar, 1994, SP.

⁸ A introdução do anarquismo dentro do movimento Punk no ABC será melhor explicado no capítulo II.

compõem o principal tema da nova agenda. As conexões envolvidas são freqüentemente muito próximas. Coletividades e agrupamentos intermediários de todos os tipos, incluindo o estado, não desaparecem em consequência disso, mas realmente tendem a ser reorganizados ou reformulados. (GIDDENS, 1991, p.75).

“Desemprego, desespero e desordem⁹” foram os elementos embrionários que favoreceram a aglutinação desses jovens roqueiros, em busca de uma maneira diferenciada de driblar a crise e criar um novo estilo de vida a fim de amenizar todo marasmo sofrido pelo cotidiano nos subúrbios operários onde viviam ou trabalhavam. Em comum tinham a apreciação pelo rock, se identificavam com sua postura rebelde, a maneira de se vestir, expressar e agir diferenciando-se dos padrões habituais da sociedade. Para extravasar os problemas existenciais reuniam-se nos escassos clubes ou salões especializados no gênero. Nesses locais existia uma relação bem diversificada em relação à cultura rock, alguns ainda portavam uma filosofia hippie tanto nas vestimentas quanto na música folk, blues, baladas e rock progressivo, outros se identificavam com o “rock pesado” ou “rock pauleira”. Em especial um clube pioneiro chamado SBEROC – Sociedade Beneficente Esportiva e Recreativa Oswaldo Cruz – em São Caetano do Sul, sede alugada por Luiz Carlos Nunes (Luizinho)¹⁰, que desde 1976 vinha se especializando em divulgar novidades e destaques do rock internacional, lançou os primeiros enfoques sonoros sobre o punk rock na região. Foi nesse local que a maioria das gangues proliferou; era um dos poucos espaços que os roqueiros e posteriormente os punks tinham para se divertir e se expressar.

O punk rock até então era uma novidade, não existiam punks nesse período, e a partir do momento que a música punk rock começa a ser divulgada, assim como alguns rumores a respeito dessa nova tendência, inicia-se uma ruptura gradual. Muitos roqueiros tradicionais abandonam a antiga cultura passando a se identificar com o novo som, mais rebelde e radical do que o velho rock, assumindo características e se identificando como punks. Obtinham informações editadas esporadicamente por jornais e revistas, resumiam-se nessa primeira fase embrionária como uma reprodução visual e comportamental acerca dos acontecimentos ocorridos no exterior, porém não necessariamente uma postura ideológica,

⁹ Encarte do disco “ABC Hardcore 82”, produzido por Denis, ABC Records Santo André SP, s/d.

¹⁰ Diário do Grande ABC, caderno C, 24 de abril de 1983.

de movimento contestatório; essa postura só será absorvida e desenvolvida durante a década de 80.

A partir de 1978 dezenas de jovens já se definiam como punks. Esse número foi aumentando e, diante de uma mesma afinidade, começam a se constituir em pequenos grupos que se radicalizam contra o velho conceito de rock “alienante e comodista”, e passam a revivenciar uma nova ordem (musical, visual e de costumes), uma mudança radical de comportamento, conseqüentemente lançam inúmeras críticas acerca de uma série de coisas, adotando um visual agressivo baseado nos moldes britânicos, roupas rasgadas, alfinetes, correntes e outros adereços. Nessa fase inicial custava-se a obter informações mais aprofundadas sobre o que era o movimento punk, mas, acerca dos acontecimentos políticos que assolavam o país, ele consegue se manifestar adequando de maneira quase que intuitiva a realidade nacional, e dentro das poucas formas que se sabia, como sendo um movimento rebelde de contestação, lançam sua revolta aos padrões institucionalizados, principalmente contra o despotismo militar.

Pode-se dizer então que o punk brasileiro, bem como o punk de Londres, é resultado de uma mesma convulsão social que, em meados dos anos 70, estimulou a união de jovens excluídos dos benefícios sociais em torno de um mesmo movimento e que, por meio de experiências comuns, procuram valorizar suas vidas cotidianas. Assim é que da negatividade - desemprego, analfabetismo, banditismo etc. - emergem os principais valores de contestação contra ordem estabelecida. Essas experiências negativas, com efeito, serão problematizadas pelos punks das mais diversas maneiras possíveis em suas ações de protesto: participações nas manifestações do 1 de maio com intuito de denunciar de maneira alternativa (fanzines) a caótica situação do trabalho no Brasil; atuação em greve de professores, prestando solidariedade à causa educacional; intervenção nas comemorações do 7 de setembro, a fim de denunciar o papel imperialista das forças armadas; organização do dia internacional da mulher, com o objetivo de alertar para a violência cometida diariamente contra o mundo feminino, denúncia sistemática do abandono das crianças nos grandes centros urbanos etc. (SOUZA, p.61- 2002).

De imediato se viram inaceitáveis aos olhos das autoridades, num período extremamente repressor que gerou repulsa e perseguição massiva aos punks. Nessas condições surge a necessidade de uma autodefesa; a aglutinação fazia-se necessária como maneira de

proteção diante de um sistema opressor, pois ao proclamar liberdade certamente tornavam-se alvos de represálias. Diante disso é que se formam as gangues e conseqüentemente a rivalidade entre elas.

As gangues eram compostas por parentes ou amigos que moravam na mesma vila, bairros ou que se conheciam nos locais que tocavam rock. Os estranhamentos entre elas começaram por assuntos banais, um revanchismo regionalista ou bairrista que ocasionava brigas. A rivalidade aumentava na medida em que uma gangue queria se sobressair, ser mais forte para “impor respeito”, tanto pelo número superior de adeptos, quanto ao modo diferenciado de vestir, pensar e agir, uma certa disputa de “quem era mais Punk”.

Essa contradição é que diferencia o movimento punk nacional das vertentes originais. O movimento punk em seu berço original, Estados Unidos e Inglaterra, obteve êxito porque a maioria dos jovens entenderam sua proposta ideológica; a união entre os punks se fazia presente, sendo muito rara a presença de gangues. Não só em São Paulo, mas em quase todo território nacional onde o punk se manifestou, desde a fase inicial até os dias atuais, essas ações ganguistas prevaleceram, ora com atritos entre os próprios punks, ora com outras tribos urbanas: Skinheads, Metaleiros, Darks, New Wavers ou Rappers. Existiu ao certo algumas tentativas e um grande esforço para uma possível união entre os punks, porém em vão. Essa disparidade entre as gangues forçou cada qual a vivenciar o movimento punk sob óticas diferentes (processo a ser descrito com maior detalhamento no capítulo II dessa dissertação).

Nesse contexto, os Anjos também formaram-se como gangue. Primeiramente como jovens roqueiros e depois se assumiram como punks, dentro de um processo transitório já descrito anteriormente, como jovens rebeldes suburbanos contrários à censura e a opressão da ditadura militar. Assim o fizeram, diante da necessidade de se defenderem primeiramente dos atritos gerados pelas rixas com punks de outras regiões, grupos rivais, como os *Punks Terror* do bairro Pirituba, zona norte de São Paulo, os *Metralhas* e *Punks da City*, centro da cidade, posteriormente sob diversas situações conflitantes, inclusive com a polícia. Anjos é apenas uma referência lúdica espelhada na gangue de motoqueiros dos EUA, os Hell Anjos

(Anjos do Inferno), pela repercussão que tinham dentro do contexto rock n' roll, famosos pela fama de rebeldes e aventureiros violentos.

A questão anárquica que vai contra toda forma de poder - governo, partido ou Estado - fez com que os punks, em especial os Anjos, projetassem suas idéias independentemente dos partidos políticos, entidades ou movimentos sociais ligados à esquerda. Direcionaram sua luta contra tudo aquilo que firmavam ser autoridade, ainda que presente dentro de um contexto socialista, um marco da época. Não eram contra o socialismo, somente não aceitavam as formas e a direção que estavam sendo projetadas. O anti-autoritarismo é um dos princípios básicos do punk. Assim criou-se uma barreira diante dos partidos e outros segmentos populares que se manifestavam sob formas hierárquicas e de comando, doutrinação inaceitável pelos punks, que por sua vez se organizam através de formas autogestionárias e conduta de livre arbítrio.

Havia uma rejeição muito forte em aceitar os punks num modo geral, não só por parte da sociedade, mas também pelos partidos e movimentos de esquerda. O visual agressivo e a musicalidade até então eram uma novidade na cultura brasileira, e não agradavam, as concepções anárquicas muito menos. Esse processo vivenciado pelos punks deixa claro sua crítica acerca do socialismo autoritário. Para eles as doutrinas, sejam quais forem, conduzem o indivíduo a uma visão “limitada de mundo”, seguir uma doutrina é seguir regras, normas ou leis, institucionalmente ou não, a singularidade de idéias pode levar a caminhos obscuros, alienantes, contraditórios, cria-se com ela o absolutismo e conseqüentemente uma sujeição, que leva à escravidão e assim sucessivamente. A cada doutrina que nasce e se impõe, fomenta-se o Estado e conseqüentemente a perpetuação do autoritarismo.

Diante desse pensamento os punks ficaram isolados e boicotados, brigando com uma série de coisas, contra o preconceito, inclusive entre si. Como num dilema paradoxal, “somos inimigos de todos e contra tudo, mas queremos nos expressar e divulgar nossos sentimentos a qualquer custo, não tememos nada”. O jeito rude e agressivo de se manifestarem dificultou em muito sua projeção, impedindo que alcançassem um âmbito de maior

expressividade e aceitação social. O que é compreensivo por serem rejeitados pela sociedade, tais posturas serviam como uma forma de revide.

REFERENCIAL TEÓRICO

Entre os primeiros estudos acadêmicos sobre o movimento punk no Brasil, consta-se “O absurdo da Realidade: O Movimento Punk”, um trabalho pioneiro da Unicamp SP, elaborado por Helder Cláudio Augusto de Souza e Helenrose Aparecida da Silva Pedroso, que procuraram estudar o emergente fenômeno punk entre os anos de 1980 e 1983, especificamente na região metropolitana de São Paulo, simplificado, mas que não perde de maneira alguma a importância por ser o primeiro registro feito de um movimento inédito, inovador, que aguçava curiosidades entre as diversas classes sociais. Esse trabalho faz uma análise sintética sobre o movimento punk internacional e de São Paulo, enfatiza as gangues e suas formações, porém sem maior aprofundamento. Menciona a hostilidade entre punks de São Paulo e do ABC, sem especificar os nomes das gangues e direcionar os conflitos; por outro lado faz uma colocação interessante sobre a imprensa, relacionando que raras foram as vezes em que os punks do ABC e zona leste foram citados pelos meios de comunicação, em vista aos do centro de São Paulo, que sempre se permitiam a esse acesso.

Uma outra pesquisa foi elaborada no mesmo período por Janice Caiafa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma tese de doutoramento com o título “Movimento Punk Na Cidade - A invasão dos bandos sub”, enfatizando o movimento punk entre a Cinelândia e subúrbios do Rio de Janeiro nos anos de 1983 e 1985. Esse tema foge da presente proposta, por se tratar de estudo do movimento de outro Estado e em época diferente. Há um trabalho recente elaborado por Rafael Lopes de Sousa, uma monografia de mestrado, denominado “PUNK: Cultura e Protesto”, pela UNESP, um estudo muito interessante, enfocando o movimento punk nacional, dando ênfase ao movimento Anarco Punk entre os anos de 1983 a 1996. Porém discordo em um aspecto fundamental, no qual o autor destaca de forma generalizada que os punks do ABC assumiram posturas e características xenófobas e intolerantes, contra as minorias sociais, acelerando o processo de formação dos primeiros grupos Skinheads brasileiros¹¹. Há de se entender que o ABC é apenas uma sigla, que designa algumas cidades, é preciso citar a origem desses grupos, a região pertencente, pois

¹¹ Op.cit. p.111.

as gangues nem sempre atuavam em ações conjuntas. Os primeiros a terem uma postura direitista foram os Carecas do Subúrbio que a princípio eram punks e depois muitos de seus integrantes se tornaram skinheads, grupo de extrema direita de ordem racista e xenófoba, em sua maioria da zona leste de São Paulo e que de imediato foram contestados pelas demais gangues do ABC inclusive pelos Anjos de São Bernardo, com quem tiveram um confronto, por possuírem proposta ideológicas distintas.

Diante do levantamento bibliográfico e acadêmico notou-se que há muito pouco registro sobre os punks do ABC, principalmente sobre os Anjos. As citações são feitas sem grande aprofundamento, às vezes de forma equivocada, do mesmo modo as matérias publicadas pela mídia em geral. O fato mais relevante que me induziu a essa pesquisa foi a necessidade de elaborar um estudo de maior profundidade e documentar de maneira inédita como o movimento nasceu e se desenvolveu na região.

ESTUDOS E MÉTODOS

Os dados coletados para essa pesquisa apoiaram-se em documentos inéditos, vindo das seguintes fontes:

1. Existem poucos livros sobre o assunto. Há escassez também de artigos e reportagens de jornais e revistas. Foram selecionadas algumas matérias editadas pelo Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo, Revista Veja e jornais alternativos. Os periódicos e os manifestos elaborados pelos próprios punks ajudaram a analisar o movimento em seu contexto original, contrapondo-se, na maioria das vezes, a versões limitadas, reportadas pela imprensa oficial. São alguns fanzines raros, como os “Anarquistas Presentes”, elaborados pelos próprios punks Anjos, que servem como contraponto aos demais lançados pelos punks do centro da cidade, que existiam em maior número e os primeiros a serem lançados entre eles: Vix Punk, MD, Factor Zero e SP-Punk, todos de 1982. Além desses materiais, foram consultados manifestos, cartazes de shows e encartes de discos. Em anexo, fotos inéditas das bandas do período, autorizadas para esse trabalho.
2. Referente à história do movimento punk em geral, inclusive sobre os punks de São Paulo, o número de publicações é bem maior: livros, matérias publicadas em jornais e revistas nacionais e internacionais, informações pela Internet, documentários em vídeos e DVDs.

Foram entrevistadas nove pessoas, entre punks, ex-punks, punks anarquistas, membros de bandas e alguns participantes do *cenário underground*. Os depoimentos prestados permitiram maior detalhamento das ações das gangues e das bandas. Em respeito à integridade de alguns entrevistados, foram mantidos o sigilo e a não divulgação de nomes ou apelidos, o que poderia causar transtorno e comprometimento. A identificação será dada através das iniciais dos nomes. Outros, porém, predisporam-se a conceder as entrevistas, autorizando suas identificações.

As entrevistas feitas com membros das bandas oferecem algumas formas detalhadas acerca dos acontecimentos.

3. Foram entrevistados componentes das principais bandas da região do ABC, todas formadas em São Bernardo do Campo: V. integrante da banda Ulster, L.G., do grupo Passeatas, e Laércio, do Hino Mortal. Alguns punks de destaque, como F.J.R.G., não quiseram conceder entrevista, mas forneceram material com muito valor informativo. F.J.R.G., juntamente com Binho, se destacam entre os primeiros a divulgar material anarquista entre os punks do ABC, ambos eram integrantes do grupo Passeatas. As letras das músicas das bandas ajudarão a compreender melhor o contexto crítico social e ideológico dos punks do ABC paulista.

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES: O ANARQUISMO COMO BASE INSPIRADORA DE IDÉIAS CONTRACULTURAIS (BEATNIKS, PROVOS, HIPPIES E PUNKS)

Antes de ingressarmos no universo punk, é necessário fazer uma abordagem sobre as culturas alternativas do século XX, o início da contracultura, surgida em meados dos anos 1950, que transpassou para demais décadas de 60 e 70. Fazer um registro sucinto dessas culturas, entre elas: Beatniks, Provos, o movimento Hippie e suas derivações. Buscar nelas elementos comparativos à manifestação Punk e de que maneira contribuíram para sua difusão.

A rejeição ao autoritarismo e as reflexões em busca da liberdade sem Estado, são ícones fundamentais de questionamento dessas culturas, que fundem elementos do anarquismo clássico do século XIX com propostas inovadoras ou readaptadas, misturando às suas práticas ativistas muito humor, sarcasmo, ironia, rebeldia, contestação, pacifismo e inúmeras vezes o uso da violência física como um ato de autodefesa ou sobrevivência, atributos muito explícitos no final da década de 70, com o movimento punk.

O anarquismo desde seus primórdios se caracterizou como um movimento social que visa à abolição de qualquer forma de autoridade e poder. É especificamente contra toda forma de Estado ou opressão, que impeça direta ou indiretamente a pessoa de se desenvolver física e intelectualmente. A palavra anarquia vem do grego “an” e “arkhe” que significa ausência de governo ou autoridade. Com o passar dos tempos, ficou designada pejorativamente como sinônimo de bagunça, desordem ou subversão. Ao contrário de desorganização, o anarquismo visa a uma sociedade igualitária sem classes antagônicas, organizadas ora por federações ácratas ou por pactos de livre acordo. Entre outras esferas, o federalismo torna-se agente substituidor das formas estatais privadas que impedem as

manifestações das vontades humanas, revertendo-a para uma emancipação de liberdade autônoma ou coletivista.

Tendo suas bases históricas após a Revolução Francesa do século XVIII, o anarquismo traduziu-se essencialmente como a reação do homem contra todo entrave adotado pelo Estado Absolutista, que impedia a emancipação diferenciada, sob o conceito de liberdade, igualdade e fraternidade. Como corrente de pensamento, o anarquismo sustentou um lugar intermediário entre o liberalismo e o socialismo, alcançando seu apogeu no século XIX, se sustentando através das culturas alternativas nos séculos XX e XXI.

Com as máximas teóricas do socialismo, logo após a queda da monarquia e o nascimento da república, o anarquismo se desenvolveu paralelamente, com idéias opostas ao *cientificismo marxista*, influenciando diretamente na formação e desenvolvimento dos movimentos operários, que resultariam mais adiante num confronto entre concepções libertárias e autoritárias dentro dos anseios socialistas.

A necessidade de superação do Estado fez com que os anarquistas divergissem na maneira de agir. Objetivando o mesmo propósito, lançaram suas ofensivas por vias diferentes, que ficaram registradas através de seus teóricos: o *individualismo* de Max Stirner, o *mutualismo* de Proudhon, o *coletivismo* de Mikail Bakunin, o *anarco-comunismo* de Kropotkin, o *anarco-sindicalismo* de Errico Malatesta, o *pacifismo* de Leon Tolstoi, a *Guerrilha Russa* de Nestor Makhno e, no final do século XIX, as ações extremistas de Jean Ravachol e seus simpatizantes que proporcionaram inúmeros atentados, tendo como alvos, chefes de Estado, nobres, militares, ministros e o alto clero. Entre suas vítimas fatais, dois ministros espanhóis, o rei Humberto da Itália, a imperatriz Elizabeth da Áustria, o presidente francês Sadi Carnot e o presidente dos Estados Unidos William McKinley. A partir dessas ações o anarquismo foi tratado como ato de banditismo; imediatamente inúmeras leis anti-anarquistas foram criadas por parlamentos do mundo todo, e desde então a idéia de anarquia acabou sendo reduzida a sinônimo de caos.

Os anarquistas ou libertários estiveram presentes nos grandes levantes sociais do século XIX e XX. Na Comuna de Paris em 1871, nas AITs (Associação Internacional dos Trabalhadores), na Revolução Russa 1917, na Guerra Civil Espanhola, em 1936, com a

CNT (Confederação Nacional do Trabalho), a FAI (Federação Anarquista Ibérica) e na COB (Confederação Operária Brasileira) do final do século XIX.

O anarquismo relacionou-se com a cultura alternativa do século XX, Beatniks, Provos, Hippies, nas revoltas estudantis de 1968 e com o movimento Punk do final da década de 1970, servindo como forma de pensar e agir criticamente na sociedade. Esses movimentos em comum contestaram todas as formas de manipulação providas de dogmas doutrinários e institucionais que impediam os “princípios de liberdade” como: igrejas, governos, partidos políticos, militarismo e outras instituições de caráter hierárquico, por criarem desigualdades e injustiças sociais através de mecanismos repressivos, que colocavam um entrave na vida dos indivíduos.

Por contracultura entende-se um movimento de caráter esquerdista que se desencadeou na década de 50 e 60. Começa com os *poetas beat (Beatniks)* nos Estados Unidos e os *Provos* com seu *happening*, em Amsterdam, Holanda. Tinham em comum características com base no pensamento libertário, contrariavam os valores vigentes e instituídos, romperam com os hábitos e laços de pensamento da cultura dominante, partiram para uma prática agregada ao idealismo de *desobediência civil*¹², direcionando inúmeras críticas a uma sociedade vista por eles como: mecanicista, consumista, acomodada e alienada nos padrões de dominação do sistema capitalista tecnocrata.

Os *Beatniks* compunham-se por estudantes da Universidade de Columbia e jovens da classe média baixa, que assumiram uma postura existencialista e de desobediência civil, (THOREAU, Henry David, 1997). Eram jovens literários, poetas e escritores, que optaram por um modo de vida alternativo, contra o consumismo da sociedade norte-americana, propunham um “novo sonho de liberdade” voltado para a “vida simples”, ao “espírito aventureiro” e à “boemia”. O movimento tinha à frente escritores como: Jack Kerouac, Willian S. Burroughs, Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti, Gregory Corso e Gary Snyder. O termo "beat" provém de uma gíria antiga utilizada nas ruas que significa desilusão, estar cansado e vencido pela vida. Esse termo foi moldado pelo poeta Jack

¹² Conceito formulado por Henry David Thoreau, é uma oposição, resistência a qualquer forma de poder político, seja ele Estado ou não. Escreveu o ensaio originalmente intitulado “Resistência ao Governo Civil”, em 1849, mais tarde reintitulado de “Desobediência Civil”. A idéia principal de sua obra está vinculada à auto-aprovação e da como alguém pode estar em boas condições morais enquanto “escraviza ou faz sofrer um outro homem”; então não precisamos lutar fisicamente contra o governo, mas sim não apoiá-lo nem deixar que ele o apóie estando você contra ele. “O melhor governo é aquele que menos governa”.

Kerouac, algo como *beatitude*, “purificação do espírito”¹³, conotações ligadas à religião oriental (budismo e zen-budismo), referência também ao estilo de vida aventureira adotado por aqueles que viviam à deriva pelas estradas pedindo carona em busca de aventura e novas experiências, fatos registrados em sua obra *On The Road* (Pé na estrada). Um modo de vida simples à margem da sociedade, sem normas preestabelecidas, voltado para o imprevisto e buscando liberdade e prazeres. O livro "On The Road" incentivou milhares de jovens a deixarem os seus lares de classe média para explorar por si, seu próprio país através de caronas; muitos deles criaram raízes pelo meio do caminho, formando colônias e comunidades alternativas¹⁴.

A crítica *beat* parte de um caráter poético, subversivo à vista das autoridades, mas para o *gênero beat* simplesmente contracultura. Os poemas fundem-se entre o “trágico” e o “sarcástico”. Michael McClure, escritor *beat*, em seus poemas recitou sobre a natureza, seja retratando o assassinato de baleias ou amores intensos. Outro poeta, Gary Snyder, explorava histórias com aventuras na natureza, para oferecer profundos conceitos ecológicos. Allen Ginsberg escreveu um dos poemas mais representativos da contracultura *beatnik*¹⁵ em um pequeno trecho expõe:

“Howl”

For Carl Solomon

*"I saw the best minds of my generation destroyed by madness,
starving hysterical naked,
dragging themselves through the negro streets at dawn
looking for an angry fix"*

”Uivo”

Para Carl Solomon

¹³ Movimentos Culturais de Juventude, p. 56.

¹⁴ Referência às comunidades hippies, que obtiveram influências diretas dos beatniks.

¹⁵ Creedance Kiddo in Whiplash.net

*“Eu vi as melhores mentes da minha geração destruídas pela loucura,
esfomeados nus e histéricos,
arrastando-se pelas ruas negras no poente
à procura de um rancor injetável”.*

A princípio, os *beats* ficaram afastados do “rock ingênuo dos anos 50”, cultuavam o *cool jazz*, mas através de suas idéias influenciaram o comportamento das gerações de rock dos anos 60 e 70, em relação aos temas referentes ao estilo de vida americano: drogas, sexo livre, visões cósmicas, utopia e cotidiano. Músicos como Bob Dylan, John Lennon, Jim Morrison, Lou Reed e posteriormente Patty Smith, foram alguns que sofreram as influências diretas dos *beatniks*. Também chamados de *poetas beat*, queriam fazer uma ligação direta entre vida e arte, o que serviu antecipadamente como princípio básico dos movimentos contestatórios dos anos 60, em evidência o *Hippie*, influenciando também o movimento punk em sua fase embrionária na primeira metade de 1970.

A herança *beat* no rock 'n' roll provém inadvertidamente através de imagens geradas pelo cinema centrada no visual do *hipstar*. A linguagem e roupas dos *hipsters* passam a ser adaptadas pela nova geração através de Montgomery Clift com o seu blusão e Marlon Brando com a camiseta, ambos absorvidos e refletidos nos jovens com maior intensidade através de James Dean. O *hipster* é emergente da década de 1940, o termo está aficionado também ao jazz, *hip* é uma expressão musical ligada à batida e balanço do jazz. A conotação vincula-se à pessoa interligada a uma subcultura de comunidade urbana. Popularmente os *hipsters* estão relacionados ao uso de drogas (maconha, anfetamina e heroína). Por outro lado propagam-se como músicos, artistas, intelectuais ou vegetarianos que esboçam resistência ao comercialismo e as corporações.

Os nomes mais fluentes da *geração beat* que tiveram uma ligação direta ao rock foram Allen Ginsberg e William Burroughs. Ambos chegaram a conviver e fazer um ciclo de amizades com inúmeros artistas e grupos. Na década de 60 e 70 Allen Ginsberg chegou a gravar e se apresentar com: Ornette Coleman, Elvin Jones, Herman Wright, Bob Dylan, Dave Mansfield, Arthur Russell, Philip Glass, Steven Taylor, The Clash (punk), The

Lounge Lizards, Arto Lindsay, Bill Frisell, Marc Ribot, Paul McCartney, Lenny Kaye, Patty Smith (punk), Gus Van Sant, Thurston Moore e Lee Ranaldo.

Além de ter conhecido os Rolling Stones, William Burroughs presenciou o emergente fenômeno punk no final dos anos 70, convivendo com Lou Reed, David Bowie e Patti Smith. Seus poemas foram muitos respeitados e interpretados sob forma de música nas vozes dos *roqueiros punks* de Nova York, como Richard Hell e Patti Smith, principais nomes da *Blank Generation* (geração vazia, o punk em sua fase inicial em Nova York).

Sobretudo os *Provos*, abreviação de provocadores, caracterizam-se como o primeiro episódio de um grupo social de jovens independentes, que se articularam dentro do território político de Amsterdam, na Holanda, no início dos anos 60.

Matteo Guanaccia reivindica em sua obra “*Provos Amsterdam e o nascimento da contracultura*” a origem dos movimentos contraculturais como sendo na Holanda. Para ele os *Provos* diferenciaram-se dos ideais *beatniks*: “cair fora”, “pé na estrada”, “sem destino” (ícone copiado pelos hippies em meados de 1960), permaneceram dentro da sociedade, causando grandes agitações. A intenção era contestar, mesmo que aparentemente não existisse nada para isso numa Holanda cujo período encontrava-se em pleno “bem-estar social, nada de guerras, nada de segregação racial, nada de conflitos sociais¹⁶”.

Para Guanaccia, os *Provos* manifestaram-se a princípio sem defender nenhuma causa aparente e sem propor ideologias, mas projetando um estilo novo de vida anti-autoritária, sua revolta estava ligada à escolha e ao prazer, contra uma sociedade extremamente consumista, submissa aos anseios do capitalismo. Mesmo se manifestando sob formas diferenciadas, essas reivindicações aproximam-se em muito das dos *beatniks*, *hippies* e posteriormente às dos punks, na década de 70.

Intencionados a provocar, ironizar, confundir e abalar todas estruturas, os *Provos* exerceram suas ações com muita imaginação, com idéias heterogêneas, conquistando simpatia, misturando subversão com muito humor. Constituía-se nada mais do que duas dezenas de irreverentes “agitadores”, entre eles: artistas de vanguarda, magos, vândalos, ex-situacionistas, estudantes, desocupados, anarquistas, gente à toa e piromaníacos, apresentando-se assim, em seu manifesto, em jornal lançado em junho 1965.

¹⁶ PROVOS, Amsterdam e o nascimento da contracultura, p.14, p.15.

PROVO é uma folha mensal para anarquistas, provos, beatniks, noctâmbulos, amoladores, malandros, simples simoníacos, estilistas, magos, pacifistas, comedores de batatinha frita, charlatões, filósofos, portadores de germes, moços das estribarias reais, exibicionistas, vegetarianos, sindicalistas, papais-noéis, professores da maternal, agitadores, piromaniacos, assistentes dos assistentes, gente que coça e sífilíticos, polícia secreta e toda rale deste tipo.

PROVO é alguma coisa contra o capitalismo, o comunismo, o fascismo, a burocracia, o militarismo, o profissionalismo, o dogmatismo e o autoritarismo.

PROVO deve escolher entre uma resistência desesperada e uma extinção submissa.

PROVO incita a resistência onde quer que seja possível.

PROVO tem consciência de que no final perderá, mas não pode deixar escapar a ocasião de cumprir ao menos uma quinquagésima e sincera tentativa de provocar a sociedade.

PROVO considera a anarquia como fonte de inspiração para a resistência.

PROVO quer devolver vida à anarquia e ensiná-la aos jovens.

PROVO É UMA IMAGEM ¹⁷.

Influenciados pelo dadaísmo¹⁸, souberam tirar proveito do simbolismo, “promovendo as explosões brancas”, uma série de projetos absurdos e irônicos, propositalmente confusos, entre eles um de ordem ecológica, de espalhar bicicletas brancas pela cidade, à disposição de quem quisesse utilizá-las quando bem entendesse:

(...) a bicicleta branca é o primeiro meio de transporte coletivo gratuito. A bicicleta branca é uma provocação contra a propriedade privada capitalista, porque a bicicleta branca é anarquista! A bicicleta branca está à disposição de quem quer que dela necessite. Uma vez utilizada, nós a deixamos para o usuário seguinte (...) ¹⁹.

Uma crítica anti-automobilística, contra o trânsito, atropelamentos e emissão de poluentes. A cor branca passa a ser marca registrada dos Provos, pois suas ações se davam

¹⁷ Op, cit, p. 15.

¹⁸ Uma das bases do dadaísmo era centrar o estado natural das coisas em uma combinação de pessimismo irônico e ingenuidade radical, pelo ceticismo absoluto e improvisação. Enfatizou o ilógico e o absurdo, a sua principal estratégia é denunciar e escandalizar.

¹⁹ Op, cit, p. 76.

à noite. A idéia inicial era utilizar as cores do anarquismo, o preto e vermelho, mas o branco se torna mais visível na escuridão.

Amsterdan, no início da década de 1960, tornara-se um marco das expressões artísticas, estando em sincronismo com outros centros culturais no mundo (Nova York, Milão, Londres, Paris). A arte é exposta como um todo, pintura, teatro, jazz, poesia, literatura, música. Despontava nos meios intelectuais e boêmios o *happening*, originário de Nova York no final da década de 1950, como manifestações e expressões artísticas heterogêneas, em que o artista começa a expor suas obras para fora do circuito convencional, fora das galerias ao ar livre, interagindo com atividades orquestrais e espectadores. Muitos artistas acabaram se adaptando ao *happening*, no qual o marco fundamental era a extravagância e o exibicionismo.

1.1 PUNK; seus fundamentos: vertente norte-americana e inglesa.

Em meados de 1970, o sonho hippie havia enfraquecido, absorvido pelo *sistema midiático*, convertido quase na sua totalidade em um modismo “fútil e banal”. O declínio do movimento hippie se deu precocemente, no início da década de 70. Se por um lado o governo norte-americano, com uma política repressiva de contenção, lançara uma campanha violenta a fim de neutralizar o ativismo de grupos e comunidades alternativas, por outro, a mídia insistia em absorver os ideais e a estética dos hippies, transformando-os em objeto de consumo de massa. No entanto, um fator muito significativo foi o utopismo gerado dentro do próprio movimento, a mistura de diversos pensamentos ideológicos e a influência religiosa e mística, fez com que inúmeros jovens buscassem um modo de vida voltado à espiritualidade, abandonando uma postura revolucionária. O movimento *Hippie* obteve influência *Beatnik*, vinculou-se também aos ideais da contracultura, que, no entanto, manifestaram-se de forma bastante distinta. Assim como os *beats*, *Hippie* é uma derivação de *hipster*; o termo designa entre outros conceitos pessoas envolvidas com a cultura negra.

O movimento Hippie nasceu numa época bastante conturbada. Destacou-se principalmente no anseio da juventude americana dos anos 60, que não só se incomodava com uma sociedade extremamente consumista e policiada, mas também com o

inconformismo dos avanços tecnológicos utilizados em grande escala para as ações bélicas destinadas numa avassaladora guerra ao Vietnã.

Assim com os beatniks, se engajaram aos ideais da *contracultura*, termo adotado por Theodore Rozak que significa *contra-sociedade* ou *underground* (submundo). O movimento desencadeou uma série de idéias difusas e tendências teóricas, herdadas das grandes tradições políticas, acopladas ainda a uma mescla de conceitos religiosos como: zen-budismo e meditação transcendental (ambas introduzidas pelos beatniks), hinduísmo, cristianismo pentecostal e esoterismo. Essas últimas ficaram mais expressivas na corrente anti-militarista e pacifista dos *Flower Power* (Poder das Flores). Idéias como as de Rousseau e Fourier se misturavam com as de Marcuse, Sartre, Mao, Marx, Proudhon, Thoreau e com o pacifismo de Tolstoi e Gandhi²⁰.

O movimento Hippie se projetou nesse sentido, criando uma espécie de “cultura-alternativa” de caráter utópico, longe de estabelecer uma corrente homogênea de idéias. Inúmeras comunidades e grupos emergiram espontaneamente procurando novas relações com base na simplicidade de vida ou apenas uma nova espiritualidade. Muitas se desenvolveram fugindo da agitação das grandes cidades, procurando no campo vivenciar na prática um “novo utopismo”. Ficou conhecido pelo culto a não violência, o vegetarianismo, a preocupação ecológica, a liberdade individual, o amor livre, a revolução sexual, o antimilitarismo e experimentos com o uso de alucinógenos. Esses conceitos adotados seriamente pelos hippies na década de 60 foram absorvidos mais tarde e inferiorizados pela mídia, no simples rótulo de geração *paz e amor*. Um dos fatores que asseguraram as bases expressivas desse movimento foi a arte e cultura pop (o Rock, que depois do *Folk* serviu como veículo de divulgação, porta voz das insatisfações dessa geração²¹).

Mas o sonho radical de transformação, o desejo de conscientizar as pessoas rumo a uma sociedade mais justa e solidária pretendido pelos hippies é substituído pelo apaziguamento místico, passando a ser criticado pelo comodismo entre dissidências do

²⁰ Os Socialismos Utópicos, p. 163, 165.

²¹ A explosão do rock inglês nos anos 60 influenciou diretamente a música americana, grupos como: Beatles, Rolling Stones, The Who, The Kinks e The Animals. Nos EUA os nomes mais expressivos e que fizeram parte dos movimentos contestatórios foram: Jimmy Hendrix, Janis Joplin, The Doors, Jefferson Airplane, The Mamas And Papas, Ten Years After, Bob Dylan, Creedence e outros. Os festivais de rock mais importantes foram Monterey Pop Festival (1967) e Woodstock (1969).

próprio movimento (o *Yippies* - Partido Nacional da Juventude). *YIP* é uma sigla derivada dos *hippies politizados*, ligados à nova esquerda americana, que fizeram críticas ao próprio movimento Hippie em si, por se transformar em uma “onda patética e de modismos estereotipados”.

Assim como os hippies, os punks também direcionaram sua luta contra o *establishment* e o sistema capitalista de consumo, contra as atrocidades das guerras e as injustiças sociais, mas sob uma ótica e ações extremamente adversas. O movimento punk contrariou o apaziguamento dos hippies, aparentando o contexto alienante no qual estavam inseridos (viver só para drogas, geração paz e amor). Houve a construção de uma aversão sobre os hippies, como “drogados alienados ou sonhadores utópicos” que queriam “derrubar canhões com flores”, isso para os punks era ser patético demais.

Ao contrário, os punks não caíram fora do sistema (fuga para o campo em busca de uma vida utópica), lançaram suas críticas encarando de perto o caos urbano, preferiram arrumar meios alternativos de luta para sobreviver diante das crises sociais, permanecendo nas cidades e ali exercendo suas reivindicações, sob uma postura *situacionista*²² (ver *Situacionista*, editora Conrad). Criaram condições de existência dentro do próprio cotidiano, rompendo com a *alienação utópica* gerada pelos hippies.

Um ponto fundamental acerca do entendimento dessa crítica dos punks aos hippies ressalta que os punks em sua maioria constituíam-se por jovens operários da classe baixa, enquanto os hippies, por sua vez, em quase sua totalidade pertenciam à classe média e média-alta. O idealismo *de paz*, protagonizado sob a ótica hippie de transformação de um mundo melhor através de uma apaziguação, é substituído pelo radicalismo violento dos punks, ao invés de cabelos longos, batas coloridas, flores e *canabis*, o novo visual adotado era o *sujo e o podre*, cabelos curtos espetados, roupas esdrúxulas e rasgadas, o *lixo urbano*, e a luta direta contra o sistema. As drogas eram apenas uma consequência caótica.

Nesse sentido poderíamos afirmar que a contracultura gira em torno de um paradoxo, ao mesmo tempo em que serve como um fluxo de renovação de idéias ou pensamentos, de acordo com formas conjunturais (sócio, político, cultural) de um determinado período, ela

²² Críticos Culturais, tendência artística criada na Itália em 1957, corrente que critica todos os pilares da sociedade. As idéias situacionistas influenciaram posteriormente os levantes estudantis de maio de 1968 sobre o slogan “a subversão constrói um novo mundo”. A Internacional Situacionista pretendia ser uma organização política que tinha como objetivo ações subversivas contra o capitalismo.

pode se tornar também o inverso. As idéias tidas como inovadoras podem se limitar ou estagnar, deixando de suprir os anseios de gerações futuras, podendo se tornar tão conservadores quantas as que já estavam postas, daí a necessidade de uma renovação, de uma “nova contracultura” e assim sucessivamente. Diante desse segmento que o movimento punk se projetou, na sua perspectiva, os ideais dos hippies encontravam-se totalmente ultrapassados e com um *fluxo contracutural* deveriam ser substituídos. Se ainda no final de 70 havia alguma *fórmula revolucionária* conceituada pelos hippies, ela já não condizia mais com a realidade vivenciada pelos punks naquele momento. As condições econômicas impulsionavam novas crises sociais, acarretando maiores agravantes, o movimento punk se posiciona no sentido de que para converter a ordem imposta era preciso um ataque direto aos padrões e não por um apaziguamento patético.

O movimento punk não se resume apenas a sua controvérsia frente ao movimento Hippie, ele possui características muito mais complexas. Para entendermos as bases de sua formação é preciso buscar elementos explicativos que mostrem o processo de sua estruturação, suas formas de organização e divulgação, além de fatores conjunturais como: político, econômico, social, cultural ou artístico. O movimento punk é a junção de todos esses elementos; começou, entretanto, vinculado ao artístico, à música como maior força de sua expressão e divulgação, depois a formulação de outros conceitos (a explosão do movimento punk está desde sua origem ligada à música *punk rock*). O processo evolutivo do punk está enraizado na história cultural atrelada ao *Rock n’ Roll*.

A narrativa que se segue procura explicar de forma cronológica a criação do movimento punk. A sua origem, dentro do próprio contexto do rock, só pode ser entendida através de alguns elementos fundamentais de descontentamento que possibilitaram a sua manifestação, sobretudo a indignação contra o rock comercial (marketing, mídia, glamour e negócio), aguçando a revolta de roqueiros fiéis ao princípio da rebeldia, na condição de reestruturá-lo em sua origem. A partir de então cria-se um movimento de contestação, tendo em vista, entre outras formas, um cenário de crise social, política e cultural desencadeado nos anos de 1970.

Em resumo podemos constatar que o *rock n’ roll* nascido nos Estados Unidos na década de 50, tornou-se de imediato sinônimo de rebeldia e insatisfação entre os jovens. Suas raízes foram geradas e extraídas do Blues, música criada nos anos 30 na região do

Mississippi e Missouri, que retratava todo o sofrimento cotidiano do modo de vida dos negros norte-americanos. De uma certa ingenuidade romântica adotada inicialmente, com o passar dos tempos evoluiu para um outro patamar e a partir da década de 60 veio exercendo um vínculo político e contestador, colaborando diretamente na formação de inúmeros movimentos e manifestações sociais. Influenciou a mudança de comportamento de inúmeras pessoas, na maneira de vestir, pensar e agir. Em cima dele criou-se moda, estilos, tendências e até mesmo posturas filosóficas e revolucionárias. Rompeu fronteiras, causou polêmicas, serviu de agente apaziguador nos levantes contestatórios e intelectualizados da geração Hippie dos anos 60, em sua constante busca por paz e liberdade.

Metaforicamente podemos dizer que foi corrompido pela indústria fonográfica, visando o *Status Quo* de muitas personalidades da *cultura pop*, transformando-os em astros. Tornou-se clássico, pomposo, abasteceu o mercado consumidor sustentando os anseios gananciosos da mídia.

Radicalizou-se no extremismo proletário do movimento Punk, agindo como agente colaborador e divulgador do idealismo libertário. Conseguiu se converter saindo da complexidade ao qual fora submetido e revitalizado através do *Punk Rock* que revitalizou sua rebeldia.

Mais do que isso, o *Punk Rock* desdobrou-se num movimento - *O movimento Punk* - aparecendo como um ataque direto aos padrões estabelecidos, personificado no protesto anti-conformista e contra a hipocrisia vigente. Nasceu das insatisfações de jovens que, adotando uma postura rebelde, sob um visual chocante e “apocalíptico”, cabelos coloridos e espetados, roupas esdrúxulas, jeans rasgados, uma identificação lúdica com o lixo (lixo social, caos) e um comportamento agressivo, criaram uma identidade própria, “contra um mundo baseado por privilégios, onde as chances de se manifestar são mínimas e das classes mais injustiçadas menores ainda²³”.

Em seu ativismo, o Punk manifesta-se mundialmente negando o princípio de autoridade. Inimigo do Estado e de suas formas hierárquicas, combate o conservadorismo e os mecanismos alienantes e usurpadores impostos por ele.

²³ **Bivar**, Antônio - *O Que é Punk*. Coleção Primeiros Passos, 2ª edição, Editora Brasiliense, SP, 1983.

1.2 A Transição

No início da década de 70, o rock, que havia se convertido em expressão de descontentamento e indignação a qual os jovens se alimentavam, linha de frente das ações contestatórias com suas mensagens de reflexão política e existencial, já não correspondia mais com a postura rebelde que o sustentava, reduzido à intensidade da sua ofensiva cultural. A partir desse momento transformou-se numa enorme fonte lucrativa destinada particularmente à indústria fonográfica.

Nesse período, a “cultura do rock” havia se transformado em estilo de vida para mais de 40 milhões de americanos. A indústria fonográfica faturaria bilhões de dólares com a venda de discos e fitas, conquistando o mercado consumidor mundial, em que os lucros arrecadados superariam até mesmo as bilheterias de cinema.²⁴

O rock começa a gerar grandes empreendimentos comerciais, a mídia especializada tratava de investir na formalização de rótulos, conceituação de estilos e proliferação de moda, criando os ídolos, mitos e respectivamente milhões de fãs e consumidores passivos pelo mundo.

Muitos artistas que haviam se consagrado mediante o pensamento da contracultura e do idealismo Hippie, cuja base intelectual era romper com todos os valores estabelecidos colocando em questionamento os hábitos da cultura convencional, e que fizeram frente aos movimentos civis norte-americanos, contra a guerra do Vietnã, a luta anti-racial, o inconformismo, deixaram de lado a postura rebelde, estagnados e acomodados, e corromperam-se diante da “cultura do ócio” (modo de vida fácil e confortável). Os que ostentavam ideais anti-consumistas se tornam produtos de um novo consumismo (o uso do marketing na venda da própria imagem).

A coletividade dos anos 60 é substituída pelo individualismo elitista e egoísta, entra a “Era do Eu”²⁵. Grupos importantes se dissolveram e seus integrantes procuraram flertar

²⁴ História do rock, 4º volume, editora três, p. 148, s/d.

²⁵ Termo definido pelo *filósofo pop* Tom Wolf, História do rock, vol. 4, p. 149.

Tom Wolf, escritor - Phd em Estudos Americanos, repórter do Jornal de Washington e do Herald Tribune de NY. Escreveu a obra *The Test Acid Kool Dae*, um relato do movimento hippie dos anos 60 - www.tomwolf.com

com a “carreira solo”, visando basicamente fama e fortuna, tanto na música quanto no cinema.²⁶

Com o mesmo propósito, novos grupos também se formaram invadindo o cenário pop, com uma proposta musical mais elaborada através de recursos tecnológicos dos estúdios de gravação, misturando rock com música clássica e erudita. Muitos desses músicos eram formados em conservatórios ou nas universidades de música, preocupavam-se mais com a destreza dos instrumentos e melodias orquestrais do que com o conteúdo de suas letras; entra a era do rock experimental (Art Rock - EUA ou Progressive Rock - Rock Progressivo - Inglaterra). Faziam parte desse gênero: YES, Emerson Lake & Palmer, Pink Floyd, King Crimson, Genesis, Jethro Tull, Rush, Rick Wakeman e outros, formalizando um eixo EUA - Reino Unido. O rock se tornara “Clássico”, perdendo a simplicidade e o sabor rebelde de sua criação; o canto das mensagens contestatórias é substituído por intensos solos instrumentais.

Os concertos de rock passariam a ser realizados em estádios e arenas superlotados. Grupos se apresentavam em imensos palcos, com corais de vozes e orquestras. Os temas abordavam viagens cósmicas, misticismo, intimismo, terror e ocultismo, tudo à base de efeitos especiais: luzes, lasers, fumaça de gelo seco, fogos de artifício, gongos em chamas, sangue artificial e a sofisticação tecnológica de inúmeros instrumentos musicais.

Essas formas ficariam ainda mais visíveis através do *Hard Rock* e *Heavy Metal*, tendências geradas pela *Indústria do Rock*, um marco dos anos 70. Apresentando-se de forma “circense” voltava-se para uma espécie de “teatro de horrores”, com letras fúteis de culto ao “Satã”, magia negra ou esoterismo, para alguns puro “teatrismo”, embora outros acreditassem fielmente nessas crenças. Tais tendências tinham em comum maior preocupação com a técnica extraída do “peso das guitarras distorcidas”, com toneladas de equipamentos de som, pelas performances exibicionistas dos músicos no palco, pelo excesso de maquiagem, roupagens exóticas e um egocentrismo extremado. Bandas como: Led Zeppelin, Black Sabbath, Deep Purple, Kiss, Slade, Uriah Heep e Grand Funk foram os maiores representantes desse gênero na época.

²⁶ Tommy ópera rock, Hair, Jesus Cristo Superstar, filmes de maior repercussão sobre rock n’ roll, nos anos 70.

Os investimentos e lucratividades proporcionados através do rock elevaram o padrão de vida de vários grupos e artistas ao patamar de celebridade *hollywoodiana*. Essa designação ficou bastante explícita também através de uma outra tendência gerada no mesmo período, o *Glitter Rock* (americano) ou *Glam Rock* (inglês); glitter significa brilho e glam, glamour. Uma espécie de *rock chic e bizarro, bissexual*, sustentando um visual *andrógino, alienígena*, homens *travestidos* de mulher com plumas, paetês e muita purpurina, misturado com adereços espaciais, roupas de vinil, sapatos plataformas, maquiagens esdrúxulas, fetiches. Voltado também para a superprodução, refletia toda obsessão pela fama e pelo luxo, assim como o caráter exibicionista e esnobe de vários artistas, como o próprio nome já designava, *Rock Glamour*.

O visual *glitter* e um certo resquício Hippie predominaram como um modismo tanto no cenário inglês quanto no norte-americano, durante quase toda década de 70, influenciando quase todas vertentes do rock que surgiam nesse período e seus seguidores (fãs). Entre os maiores representantes do *glitter rock* se encontram: David Bowie (O Camaleão do Rock), Elton John, Marc Bolan, Gary Glitter, Sweet, Chicory Tip, Alice Cooper e posteriormente o Queen.

Todas as vertentes lançadas simultaneamente nessa época pela indústria do rock caminhavam no sentido de obtenção de *status*, fama e luxo. A realidade do rock voltava-se para um marketing imposto pela mídia e as indústrias fonográficas ostentavam lucros exorbitantes com a vendagem de discos. Os *Superstars* ou *Estrelas Pop* começavam a fazer parte de uma “elite de esnobes”, seguidores de modismos que ignoravam os acontecimentos políticos e mostravam-se ineficientes em questões ideológicas, além dos temas desinteressantes em suas canções.

Os Beatles, antes de se separarem em 1970, Rolling Stones, Elton John e David Bowie foram alguns dos nomes condecorados pela própria Rainha Elizabeth, haviam virados celebridades tanto pela exuberante vendagem de discos quanto pela fama obtida. Os astros passam a morar em mansões, colecionar carros, alguns casamentos, desfilam em limusines, aviões particulares, proprietários de enormes fazendas e até mesmo castelos. O rock viraria uma enorme fonte de empreendimento, não se ostentava mais como divulgador de causas contestatórias.

Nem tudo na década de 1970, porém, estava entregue ao luxo ou a festas regadas a champanhe, muitos grupos do *underground* inglês ou norte-americano, com propósitos adversos, fiéis aos princípios básicos do rock, não se entregaram aos anseios da mídia. Conhecidos como grupos marginais ou *Garage Bands* (bandas de garagem), tocavam em lugares pequenos, em clubes fechados, e representavam o que havia de mais radical na época, fora do circuito convencional e, de certa forma, começaram a revitalizar o rock a sua base natural de rebeldia, repudiando toda a “moralização” ao qual ele havia se submetido.

Muitos jovens freqüentadores dos “Bar Clubes”, insatisfeitos com o rumo em que o rock havia tomado, prestigiavam esses grupos. Vivenciavam não só uma realidade diferente e oposta à dos astros do rock, como também eram vítimas de inúmeros fatores gerados pela crise econômica. Conviviam com o desemprego, violência das ruas, marginalidade e pela falta de perspectiva de vida; além do mais, o rock manipulado por músicos mais velhos, imortalizados na condição de *ídolos*, comprometia-se nesse sentido, criando cada vez mais uma barreira, distanciando o artista do público. As bandas e os astros da *música pop* não mais se identificavam com os valores e estilo de vida adotado por essa nova geração; além disso, o rock havia ficado sério demais, complicado demais, daí a necessidade de uma reação, de regenerar o rock a sua simplicidade.

Esse contexto de crise econômica e cultural e contra a complexidade à qual o rock havia adquirido (frisando sempre a importante influência que a música exerce sobre as manifestações sociais) foram os sintomas embrionários que possibilitaram na segunda metade dos anos 70 a “explosão” do movimento punk.

Na virada dos anos 60 para os 70, nos Estados Unidos, algumas bandas de rock emergentes, polêmicas, oriundas do *underground*, carregavam consigo influências dos *beatniks*, resguardando em si um niilismo muito forte e explícito em suas canções. Entre elas o *Velvet Underground*, que tinha uma identificação muito próxima aos *beats*. Além de trazerem uma sonoridade simples para o rock, em suas canções relatavam todo caos vivenciado em Nova York, suas letras falavam sobre drogas, como a heroína e a vida “real” das ruas e dos guetos. Andy Warhol, artista consagrado da *pop art*, foi produtor e empresariou o grupo, criado por John Cale e Lou Reed, poeta e escritor.

Em Detroit (a cidade motor)²⁷ John Sinclair, ativista de renome dos movimentos de contracultura norte-americana, cria o partido dos White Panthers (Panteras Brancas) inspirado nos próprios Panteras Negras. Esse movimento emergiu por meio de artistas de Detroit, tendo à frente o grupo MC-5, empresariado pelo próprio John Sinclair, que tinha como objetivo levar agitações políticas de esquerda para escolas e universidades através do rock n'roll, fazendo uma ligação direta com os militantes dos Black Panthers²⁸.

*“Hippies lúmpens. Essa era a nossa gente. Este era o movimento Panteras Brancas. A gente era a voz dos hippies lúmpens, do mesmo jeito que o movimento Panteras Negras era a voz do proletariado lúmpen – o que significava massa trabalhadora sem emprego”*²⁹.

Outro grupo importante, era o *The Stooges*, também de Detroit, criado pelo vocalista James Jewel Osterberg, o qual adotou o pseudônimo de *Iggy Pop*. A banda impressionava o público com sua sonoridade, *rock noise* (rock barulhento) e com as performances contorcionistas irreverentes e sado-masoquistas do próprio *Iggy Pop*, que se atirava sobre cacos de vidros no palco, autoflagelava-se cortando o corpo com lâminas de barbear, queria chamar atenção para o caos, para o sofrimento, excitava as pessoas ao sadismo. *Iggy Pop* teve a indicação pela imprensa dos anos 70 e 80 como o “criador do estilo punk”.

Os *Stooges* e *MC5* causaram furor em suas conturbadas turnês pelo EUA. Essas bandas em comum tumultuaram o cenário *pop* da época, com um rock rude, desbocado, freqüentemente estavam envolvidos com problemas policiais, relacionados à política, brigas, sexo e drogas, incentivavam o público à violência, propunham uma nova “revolução cultural”. Posteriormente foram reconhecidas pelo circuito *underground*, e pela própria imprensa convencional, como as principais bandas precursoras do movimento punk. A postura rebelde, radicalizada sob a sonoridade de um rock designado como “sujo”, simples e barulhento, influenciou diretamente a maioria das bandas punks que se formaram na década de 70, seguindo praticamente o mesmo estilo.

A depressão econômica desencadeada na década de 70 nos EUA gerando crise política e social, e o início do neoliberalismo na Inglaterra, ocasionando desemprego em

²⁷ Gíria atribuída para a cidade industrial, construtora de veículos.

²⁸ Assalto à Cultura. p.107

²⁹ Please Kill Me (Mate me, por Favor) volume I, p. 70.

grandes proporções, além de uma luta de classe sem perspectiva, foram também aspectos elementares para o nascimento do movimento punk nesses países.

O Movimento Punk teve seu início nos Estados Unidos na primeira metade dos anos 70, com uma pequena parcela de artistas e intelectuais (poetas, músicos e escritores) do *underground* de Nova York. Logo após se expandiu de maneira extraordinária na Inglaterra, sobressaindo-se de forma mais radical e com maior expansão, tendo ligação direta com uma juventude operária e todo um conjunto de relacionamento dentro de uma atmosfera extrema de conflitos e manifestações sociais, presente na rivalidade entre grupos, partidos e movimentos extremos que se opunham com grande intensidade. Nessa descrição convém adicionar algumas situações agravantes: o desemprego e o aumento da segregação racial, as ações de grupos neonazistas e suas representações como o National Front e o British Movement. Esses fatores são fundamentais para que possamos entender a ascensão do movimento punk como rebelde, *anti-establishment*, uma mudança radical de comportamento que influenciou jovens no mundo inteiro. Foi na Inglaterra que o movimento recebeu o título de punk.

Houve inicialmente de fato uma jogada de marketing com pessoas ligadas à moda, imprensa alternativa e indústria fonográfica, interessados em se sobressair para um novo mercado, que deram o impulso para alguns acontecimentos. Mas, independentemente de tais oportunismos, o que se deflagrou na realidade não foi somente a pretensão de uma minoria de pessoas interessadas economicamente em criar várias formas lucrativas, na tentativa de transformar o movimento em um modismo fútil e passageiro (essa hipótese, porém, não é descartada, pois, muita gente tirou proveito em cima do movimento punk). O fato mais significativo e que deixa claro a autenticidade desse movimento foi a concepção imediata e independente daquela pretendida pela mídia. As formas desse movimento são oriundas da própria revolta da juventude norte-americana e inglesa, preocupada com questões existenciais de uma realidade muito próxima e que incomodava constantemente. O desemprego, as guerras, a fome, as injustiças sociais, a insatisfação de viver em um mundo sem perspectiva alguma, foram elementos fundamentais que de imediato descartaram qualquer possibilidade de o movimento virar apenas um modismo. A postura *anti-sistêmica* tornou-se característica básica de agregação dos punks. Apesar das represálias institucionais (governo e polícia), nada impossibilitou que o movimento eclodisse como

uma nova forma de pensamento e sentimento de liberdade. Nele os jovens podiam se expressar e extravasar as angústias, o ódio, o tédio, contra a opressão do dia a dia. Conseguiram em contrapartida se assegurar nos ideais do *do it yourself* (faça você mesmo) e dessa maneira projetaram o movimento para as demais partes do mundo.

Roberto Muggiati em “Rock: o Grito e o Mito” faz essa análise sobre o fenômeno do *Punk Rock*:

“O punk rock, embora considerado efêmero, parece ter persistido, menos como música do que como atitude social e forma de protesto. Seus alvos não eram apenas o sistema, mas ‘traidores’ do movimento, como Mick Jagger, Rod Stewart, Paul McCartney, The Who, que teriam renegado sua missão original. Segundo o crítico de rock John Rockwell, ‘aquela missão era revolucionária. Não no sentido de que os roqueiros apoiassem conscientemente a insurreição organizada ou a luta de classes em termos marxistas; o punk rock seria riscado peremptoriamente, por qualquer comunista que se respeite, como ‘baderna’. O punk foi revolucionário na Inglaterra principalmente como uma manifestação de frustração e raiva de classe, e no mundo ocidental, num sentido mais amplo, como símbolo de energia inquieta de uma subcultura jovem que encarava a sociedade burguesa industrializada como hipócrita, acomodada e sem perspectivas³⁰”.

Continua em um trecho (pág. 112), depois menciona uma matéria da Revista New York de 15/10/1979:

(...) o punk, mesmo se pretendendo um movimento anárquico, não deixa de ter as suas razões históricas. Os Beatles floresceram numa época de prosperidade, os punks na recessão, após a petroguerra iniciada em 1973. Numa longa reportagem sobre o fenômeno punk nos Estados Unidos (...) Cynthia Heimel escreve: “nada melhor do que a raiva e a frustração como forças motivadoras. Faça de conta que você é um adolescente na cidade industrial, EUA. Passa os dias bocejando em aulas inúteis no colégio e então vai trabalhar num posto de gasolina. Seu pai é operário numa fábrica, sua mãe garçonne de uniforme branco. Ninguém tem tempo para lhe prestar muita atenção. Você assiste à TV e come na própria embalagem, uma refeição comprada pronta. Existem pessoas demais no mundo; ninguém quer saber de você – você não tem futuro. A única coisa que lhe resta é esfriar a cabeça e dançar”. Ao som do Punk Rock evidentemente.

³⁰ Muggiati trabalhou na BBC de Londres entre 1962 e 1965, acompanhando de perto a ascensão dos Beatles e dos Rolling Stones.

A geração punk pode ser vista como vítima direta e “produto marginal” gerado pela própria sociedade, mas que se organizou e esboçou uma reação furiosa e radical contra ela própria. Os punks se viram diante das inúmeras situações de crise econômica e cultural que teve seus agravantes ao longo dos anos 80, com a ascensão dos governos neoliberais de Margareth Thatcher na Inglaterra e Ronald Reagan nos Estados Unidos, que por um longo período serviram como alvo direto das críticas e revolta dos punks pelo mundo todo. Esses países destinavam a maior parte do orçamento para fins militares, na chamada “corrida nuclear”, resquícios da Guerra Fria. Bilhões de dólares eram injetados na compra e venda de armas nucleares, em detrimento de investimentos sociais como o combate à fome e ao desemprego.

Prescreve-se que a primeira vertente do punk desenvolveu-se precisamente em torno de 1974, nos subúrbios da parte leste de Nova York, por freqüentadores de um bar estilo *Country* chamado *CBGB-OMFUG*, abreviação de *Country, Bluegrass and Blues and Other Music for Uplifting Gourmandizers* (Country Bluegrass, Blues e outras músicas para gulosos entusiasmados³¹) que reunia bêbados, Hell’s Angels, prostitutas, junkes, dançarinas de topless, travestis, groupies, intelectuais, “maníacos depressivos”, entre outros. O ambiente desse local era “pesado”, mas contribuía para troca de idéias. Era comum ver músicos e platéia se misturarem discutindo sobre experiência de vida e desabafos das frustrações cotidianas. A barreira criada anteriormente dentro do *rock n’ roll*, de distanciamento do artista com o público, agregado ao “culto aos superstars”, de imediato começa a desaparecer.

Com a repercussão do emergente fenômeno do *underground nova-iorquino*, o CBGB começa a atrair simpatia de inúmeras pessoas que se identificavam com os novos acontecimentos. Essa fase primordial ficou referenciada como *Blanc Generation* (geração vazia), tema tirado de uma canção de Richard Hell do grupo Television; chamava a atenção para o sofrimento e a dura vida de Nova York. A maioria dos grupos e pessoas em torno do

³¹ Please Kill Me - Op. cit. p. 222, 2004.

CBGB queriam de certa forma substituir a cultura hippie que havia falhado, resgatar o gênero *garage band* e regenerar o rock à sua origem.

Dono do CBGB, Hilly Krystal abriu o clube para atrair bandas de *Blues*, mas reservara um espaço para grupos alternativos que estavam iniciando. As bandas que ali se apresentavam eram simples, as músicas tocadas eram curtas, rápidas, poucos acordes, as letras existencialistas que falavam sobre o tédio, experiência com drogas, frustrações do cotidiano. Nesse período havia muita espontaneidade e diversidade de idéias que incentivavam na formação de novas outras bandas, sob um novo estilo de tocar e se apresentar, o que veio posteriormente a se chamar de *punk rock*. O entretenimento entre músicos e freqüentadores possibilitou o início de uma nova visão cultural e ideológica, direcionada ao *do it yourself*, ou seja, faça você mesmo. Resumia na condição de que qualquer um poderia fazer sua própria música, sua própria arte, independente do circuito convencional, “música underground para um público também underground”.

A emoção voltava-se para a maneira desajeitada e a falta de habilidade de que se nutriam os músicos, não existia uma necessidade técnica, tocavam por puro prazer, queriam divulgar seus ideais e sentimentos. Uma “inversão de valores” contra aquilo em que a indústria fonográfica havia transformado o rock. A complexidade e agilidade com os instrumentos foram abolidas, o culto aos ídolos idem, o rock não precisava mais sair do conservatório e sim das ruas.

No início o CBGB era o único local onde esses grupos podiam se apresentar. Posteriormente outros clubes apareceram, concedendo espaço, como o Max's Kansas City, de grande importância no cenário punk inicial de Nova York. Muitas bandas importantes se lançaram no CBGB e depois foram reconhecidas internacionalmente, entre elas uma das pioneiras, *The Ramones*. Muitos críticos e escritores tratam o grupo *The Ramones* como a primeira banda autêntica do *Punk Rock*, credenciadas pela simplicidade de suas músicas, curtas rápidas e dançantes e com letras fortes sobre o cotidiano, porém nem tanto politizadas a exemplo das inúmeras bandas que surgiram logo após na Inglaterra, onde o punk obteve proporções diferenciadas e um verdadeiro caráter de movimento.

Os Ramones tiveram sua primeira apresentação em 1974, no CBGB, e contava em sua formação com: Joey Ramone nos vocais, Dee Dee Ramone, baixo, Johnny Ramone,

guitarra, e Tommy Ramone, bateria. Ramone foi o sobrenome adotado, em referência ao ex-Beatles Paul McCartney, que em suas viagens a Nova York, ao se hospedar em hotéis próximos a área de convívio do grupo, registrava-se com o pseudônimo de *Ramon*, um disfarce utilizado para não ser perturbado por fãs e imprensa. Os membros do grupo copiaram o apelido, daí então Ramones. Com a simplicidade de suas músicas (rock pesado e direto sem solos instrumentais) influenciaram também a maioria das bandas que iam se formando (principalmente as inglesas) e logo se viam fazendo parte do *punk rock*. Outras bandas importantes emergiram do CBGB: New York Dolls, Blondie, Television, Richard Hell & the Voidoids, Talking Heads, Patty Smith, Dead Boys, Joan Jett, Johnny Thunders and the Heartbreakers.

A partir de 1978 o “fenômeno punk rock” já havia se alastrado por quase todo continente americano, se instalando com maior força na Califórnia, que depois de Nova York tornar-se-ia a maior concentração e reduto dos punks nos EUA, com um registro de inúmeras bandas: Dead Kennedys, X, Avengers, Adolescents, Circle Jerks, Germs, Black Flag, Zero, Agente Orange e DMZ estão entre as mais importantes que surgiram no início dos anos 80.

O termo *punk* sempre gerou inúmeras controvérsias e uma incessante disputa pela reivindicação da palavra atribuída à criação do movimento. Por um lado uma imprensa alternativa de Nova York que por volta de 1975 havia lançado uma revista intitulada *punk*, editada pelo jornalista e escritor Legs Mcneil e o cartunista John Holmstron, ambos presenciando a ascensão musical do *underground novayorkino*, em destaque os acontecimentos do clube CBGB e do Max’s Kansas City, cobrindo e entrevistando a nova geração de músicos e grupos emergentes³². Por outro lado a versão inglesa com oportunismo de Malcom Maclaren, empresário dos Sex Pistols, na criação de um marketing em cima do grupo e de si mesmo, envolvendo inúmeros tablóides ingleses e problemas policiais e a reivindicação do termo punk.

Longe de assumir uma postura “modista” atribuída oportunamente por Malcolm Maclaren, empresário da “primeira” banda intitulada Punk, o Sex Pistols, principal banda do início do Movimento Punk, ficou conhecido pelo visual agressivo e ataques diretos à

³² Op.Cit. p. 270, 271.

Monarquia Inglesa, fazendo críticas e ironias, acusando a Rainha Elisabeth de fascista. E pelo pretencionismo que teve em assumir o título de “inventor do Punk” e cair nas malhas sensacionalistas dos grandes jornais e revistas, o movimento punk inglês já mencionado anteriormente não se prendeu a esse marketing, tomou proporções mais amplas e politizadas assimilando um verdadeiro caráter de movimento a partir de 1977.

O nascimento do movimento punk inglês está relacionado diretamente à figura de Malcolm McLaren, porém as conseqüências posteriores não se prenderam a sua imagem. Uma loja de artigos para *rock n’ roll*, de sua propriedade, inicialmente chamada de “*Let it Rock*”, costumava atrair alguns consumidores *suburbanos inveterados* presos à “cultura nostálgica” do rock dos anos 50, chamados de *Teddy Boys*. A loja situava-se no número 430 da King Road, principal rua do bairro de Chelsea, em Londres, e com o tempo passou a ser substituída por vários nomes, “*Too Fast to Live, Too Young To Die*”³³, e mais tarde e em definitivo para *Sex*. Malcolm McLaren, juntamente com sua esposa Vivian Westwood, estilista de moda (mais tarde se tornaria um dos maiores nomes da alta costura européia), passaram a comercializar moda extraída da cena *underground* de Nova York. Era obcecado pelo estilo visual de alguns músicos, em especial Richard Hell (primeiro com o grupo Television, depois com os Voidoids), que possuía cabelos curtos, trajando camisetas rasgadas com alfinetes, sustentando frases como “Mate me, por favor”. De imediato começaram a copiar o estilo e a confeccionar aquilo que iriam chamar de *roupas de vanguarda*: roupas de couro (trajes sadomasoquistas), vestimentas de borracha, camisetas rasgadas, alfinetes, correntes, souvenir nazistas; enfim, tudo que fosse ultrajante e chocasse as pessoas. Criaram a *grife Sex*.

Malcolm McLaren, acostumado com as badalações de Nova York, e o convívio com Andy Warhol, freqüentador assíduo do clube CBGB, estava muito envolvido com a música e a moda *novayorkina*. Tinha em mente propagar suas criações (roupa e estilo), usando como veículo de publicidade uma banda de rock. Firme nesse objetivo conheceu no CBGB o grupo *New York Dolls*, porém não obteve o sucesso esperado empresariando essa banda. Com o fim do *New York Dolls*, Malcolm McLaren procurou produzir uma outra banda,

³³ ALEXANDRE, Ricardo – coleção - para saber mais - Punk – Revista Super Interessante, Editora abril, SP, 2004, p. 23.

sobretudo por jovens freqüentadores da sua própria loja Sex. Intencionalmente, criou a mais polêmica e conhecida banda do início do movimento Punk, o *Sex Pistols*.

(...) Uma coisa estava clara desde o princípio para Malcolm: qualquer que fosse a banda que ele iria moldar para o sucesso, ela teria uma só função: promover a sua loja, a Sex. O conceito desse empreendimento fashion era uma coleção de provocações, muitas delas roubadas de Nova York. Sadomasoquismo, símbolos nazistas (que eram usados por uma importante banda pré-punk daquela época, os Dead Boys, de Cleveland), anarquismo, homossexualismo... Tudo que fosse capaz de ofender e revoltar as pessoas³⁴.

O Sex Pistols foi a primeira banda a se auto-declarar punk. Nenhuma outra banda anterior a eles havia concebido esse título. Ninguém antes dos Sex Pistols atribuiu o termo também a um movimento. Se existia todo um cenário contextual para que o movimento punk pudesse acontecer, só foi preciso a observação e a esperteza de alguém e isso está vinculado à figura de Malcolm McLaren, que assumiu e reivindicou o movimento como sua criação, daí a discordância com a vertente gerada nos Estados Unidos. Malcolm McLaren absorveu o cenário de Nova York e lançou-o no underground londrino.

Houve um enorme marketing gerado em cima do grupo. A intenção de Malcolm McLaren era de “se auto-promover através de escândalos” e tentar obter fama com idéias ultrajantes. Mas, independente dessas pretensões, nada comprometeu a importância cultural e política atribuída às ações levadas a sério pelo grupo Sex Pistols.

Os Sex Pistols ficaram famosos pela violência gerada em seus shows, declarações bombásticas à imprensa, confusões e brigas constantes com o público, rompimento e quebra de contratos com grandes gravadoras (EMI, Virgin Record e Wanner). Tumulto, proibição de seus shows, censura às suas músicas (extremamente politizadas, sarcásticas e polêmicas), inúmeros escândalos, às vezes propositalmente ocasionados pela articulação de seu empresário, com a intenção de aumentar a popularidade do grupo. Essas características foram um marco em toda trajetória da banda até a sua dissolução.

³⁴ Anarquia Planetária e a Cena Brasileira, p. 37.

Considerados pela imprensa como a “faísca incendiária das bandas punk”, através do seu radicalismo, influenciaram diretamente na formação de inúmeras outras bandas que iam aparecendo, condizentes ao *culto anti-establishment*, deixando as autoridades em alerta com a “crescente onda de cultura subversiva”. À medida que o grupo começa a ganhar espaço passam a ser os representantes legítimos de uma tensão e de toda rebeldia explícita de uma juventude com seus descontentamentos.

Durante toda sua conturbada trajetória a banda passou por inúmeras situações de desconforto e hostilidade possível. Convidados a participar de um programa tradicional da TV inglesa exibido ao vivo, chamado *Today*, apresentado por Bill Grundy, indo ao ar para milhares de telespectadores na hora do chá, ao invés de uma entrevista, o que se viu foi uma série de insultos e palavrões voltados ao apresentador. Poucos segundos bastaram para que os Sex Pistols fossem conhecidos e odiados por toda Inglaterra. A reação do público foi imediata: ninguém até então havia dito palavrões em uma emissora de TV e coisas ruins sobre a rainha. Após o programa houve inúmeros telefonemas para a redação, de indignação, perplexidade e repúdio ao grupo. O entrevistador foi afastado da emissora e o programa ficou sem ir ao ar por duas semanas.

A reação maior veio no dia seguinte: a palavra punk estampada nas primeiras páginas dos principais jornais ingleses, entre eles o Daily Mirror com as manchetes: “O Lixo e a Fúria”, “Quem são esses punks”, “Sujos e Ultrajantes”. A partir dessa entrevista a sociedade inglesa passou a ter o conhecimento informal do que era o punk, assimilando logicamente a atitude ousada do grupo diante de um canal de televisão. A imprensa no geral mais que depressa encarregou-se de criar em cima desses acontecimentos um clima ameaçador, passando a assimilar tudo aquilo que fosse ruim como punk.

Um apresentador de TV, Brian Trueman, exibe uma matéria no ar sobre os punks:

“... No último ano, o punk rock se tornou quase um grito de guerra na sociedade inglesa. Para muitos, é um ameaça maior ao nosso modo de vida, do que o comunismo Russo ou a hiperinflação e certamente gera mais comoção do que as duas coisas...³⁵”.

³⁵ The Great Rock and Roll Swindle, 1979.

Os Pistols acabaram caindo nas malhas sensacionalistas dos grandes jornais e revistas, sofrendo inúmeras represálias por parte das autoridades. Os tablóides ingleses, por sua vez, nunca faturariam tanto em cima de um grupo de rock, perseguindo-os durante toda sua existência.

A repercussão em cima do grupo aumentava cada vez mais e à medida que a fama ia crescendo todo “conceito maléfico” possível era atribuído à banda. Jornalistas em busca de marketing preocupavam-se em descrever se os músicos iriam defecar ou vomitar no palco, urinar nas pessoas durante os shows. Os Sex Pistols se defendiam atacando proposital e ironicamente a imprensa: “A banda não nasceu para agradar, veio para atacar”, diz Johnny Rotten, vocalista do grupo. O guitarrista Steve Jones acrescenta: “Não lidamos com música, lidamos com caos”. Nick Kent, jornalista e crítico de música do New Music Express, conviveu diretamente com os Sex Pistols; para ele: “A maioria das bandas de rock bajulavam a imprensa, os Sex Pistols ao contrário fazia pouco caso dela, não estavam nem um pouco interessados na mídia”.

Houve a iniciativa das autoridades em coibir as apresentações do grupo por toda Inglaterra. O prefeito de Caerphilly tentou, sem muito sucesso, impedir que a banda se apresentasse na cidade, promovendo uma vigília com grupos conservadores religiosos na porta do show. O Conselheiro Brook Partridge de Londres advertiu severamente:

*(...) Minha opinião pessoal sobre o punk rock, é que ele é nauseabundo, nojento, degradante, chocante, desprezível, pruriginoso, infantil e nauseabundo de novo só para reforçar a idéia. A maioria desses grupos só melhoraria morrendo de repente. O pior desses grupos atualmente são os Sex Pistols, são incrivelmente nauseabundos, são a antítese da humanidade, gostaria que alguém cavasse um buraco bem grande e fundo e jogasse todos eles lá dentro, o mundo melhoraria muito com a inexistência total deles (...)*³⁶

A represália contra o fenômeno punk estava lançada. Malcolm McLaren, obcecado pelo desejo de aumentar a popularidade do grupo, insistia nas provocações, chamando ainda mais atenção da imprensa, com idéias *mirabolantes* e inconseqüentes, sem ao menos se preocupar com a integridade dos músicos. Para Steve Jones: “A essa altura a música era o que menos importava, a ordem então era provocar e escandalizar”.

³⁶ Ibid.

Malcolm McLaren convoca alguns jornalistas e pretensiosamente aluga um barco com o nome de Queen Elizabeth II, e em pleno Jubileu de Prata da Rainha a 7/06/1977 desce o rio Tamisa tocando “God Save de Queen” e “Anarchy in the UK” a 400 metros da *esquadra real*. O barco foi cercado imediatamente pela guarda fluvial e toda a tripulação foi parar na prisão. A intenção de Malcolm era fazer um golpe publicitário para promover o lançamento das músicas e posteriormente o lançamento do compacto “God Save de Queen”. Com toda provocação e ousadia, conseguiu “declarar guerra” a toda comunidade conservadora inglesa e a “fúria das autoridades” contra o grupo. Por um lado, a jogada de marketing de Malcolm McLaren fora bem sucedida: logo após o episódio, a música “God Save the Queen” alcançou o primeiro lugar nas paradas de sucesso inglesas, porém o IBA, órgão que controlava as emissoras de rádio, proibia a difusão da música alegando que a gravação poderia ofender inúmeros ouvintes. Na lista de classificação das mais tocadas, ao invés do nome da banda, constava no primeiro lugar uma tarjeta preta de censura.

GOD SAVE THE QUEEN - DEUS SALVE A RAINHA

*God Save The Queen/ And the fascist regime/ It made you a moron/ A potential
H bomb/ God save the queen/ She's not a human being/ There is no future/ In England's
dreaming (...) No future, for you ...*

*Deus Salve a Rainha, e o regime fascista, ele o tornou num imbecil, uma bomba
H em potencial, Deus Salve a Rainha, ela não é um ser humano, e não há futuro nos
sonhos da Inglaterra (...) Não há futuro, para você...*

ANARCHY IN THE UK – ANARQUIA NO REINO UNIDO

*I'm an Anti-Christ/ I am an anarchist/ Don't Know what I want but I know
where to get it/ I wanna destroy passers by/Because I wanna be anarchy...*

*Eu sou um anticristo/ Eu sou um anarquista/ Não sei o que quero/ Mas sei como
conseguir isto/ Eu quero destruir os passantes/ Porque eu quero ser anarquia...*

(Sex Pistols)

A partir de então a banda sofreria inúmeros boicotes, quase todos seus shows eram censurados, os discos proibidos de tocar nas rádios. A imprensa insistia em se nutrir da popularidade do grupo, divulgando manchetes sensacionalistas como: “Sex Pistols, inimigos públicos número um”. Diante das circunstâncias, os problemas com o grupo começaram a se agravar, quase não podiam sair às ruas, pois as ameaças eram constantes. O vocalista Johnny Rotten é atacado brutalmente a golpes de estiletes por um grupo nacionalista - uma lâmina ficou fincada em sua rótula e teve um corte profundo no pulso. A ser atendido no hospital, foi preso por suspeita de causar desordem. Paul Cock, baterista do grupo, também fora vítima de um atentado, ficando ferido gravemente na cabeça. As ocorrências não acabariam por aí, o cerco à banda se fechava cada vez mais; proibidos de tocar na Inglaterra, resolvem partir em uma turnê para os Estados Unidos da América, sob a vigilância e ameaça das autoridades. “A certos grupos que não vemos com bons olhos, faremos tudo possível para impedir que voltem a Londres³⁷”. Foi difícil para o grupo conseguir os passaportes, pois tinham ficha criminal. Antes mesmo do embarque foram revistados pela polícia do aeroporto.

Os problemas com a banda perduraram ainda por um bom tempo. Com a má reputação, a turnê pela América do Norte também não foi bem sucedida. Desde a chegada aos EUA, foram vigiados por agentes da CIA e FBI. Os shows foram reforçados por inúmeros seguranças, a gravadora Wanner havia advertido que o grupo poderia causar agressão à imprensa. Com tantos boatos sobre o grupo a repercussão só poderia ser negativa. Foram vistos pela mídia americana como *Radicais Endiabrados da Contra Cultura*, conseqüentemente os shows foram assustadores e violentos, garrafas e latas de cerveja eram atiradas freqüentemente ao palco com o intuito de atingir propositalmente os músicos, esses por sua vez revidavam, com insultos, cuspes e agressões, usando os instrumentos para auto-defesa.

Mal encerrara a conturbada turnê, a banda se viu novamente nas páginas principais dos grandes jornais e revistas: “*Os punks tinham que se acabar mal*”. Logo após a turnê o grupo se desfaz, devido a inúmeros desentendimentos entre os músicos e seu empresário. Para o vocalista Johnny Rotten as coisas tinham se tornado perigosas e absurdas demais,

³⁷ Ibid

havia chegado a hora de parar, não se tratava mais de uma banda de rock, tudo havia se transformado num circo: “Não se pode mudar, a não ser que ataque as coisas que estão aí lhe atrapalhando. O sistema de classes na Grã-Bretanha é perpétuo, já que lá existe a família real, e as coisas que fizemos não são toleradas³⁸”.

Sid Vicious o baixista do grupo, havia se viciado em heroína e na noite em que a banda rompeu foi retirado de um avião vítima de uma overdose, sendo socorrido e salvo há tempo. Sid tinha se tornado um símbolo decadente do punk; alguns meses após a dissolução dos Sex Pistols, sua namorada Nancy Spungen é encontrada morta num quarto do Hotel Chelsea, EUA, em 11/10/1978 e Sid Vicious é acusado de assassinato em 1º grau jurando inocência. Os indícios o levariam a pena mínima de 15 anos ou prisão perpétua, mas, antes mesmo de seu julgamento, Sid Vicious morre, vítima de uma overdose de heroína em 2/ 2/ 1979. Novamente as manchetes: “Drogas matam a estrela do punk”, “Sid vilão ou vítima”, “O amor mata³⁹”.

A trajetória do Sex Pistols foi muito curta, violenta e trágica. Em pouco mais de um ano de existência, transformaram toda história do rock, referenciaram a maioria dos grupos que surgiram depois, que por sinal também tiveram problemas com as autoridades e imprensa. Muitas bandas punks, posteriores ao Sex Pistols, chegaram a ser expulsas de Londres e suas músicas proibidas pela censura. Os Sex Pistols foram o marco inicial, a revolta direcionada pelo grupo influenciou inúmeras pessoas que prosseguiram numa luta contra o conformismo, um apelo exemplificado nas palavras de Johnny Rotten: “Os Sex Pistols acabaram na hora certa..., pelas razões erradas, mas as razões erradas continuaram e as pessoas continuaram a mentir sobre uma realidade..., tudo que quero é que as gerações futuras digam: Que se dane! Estou cheio! Esta é a verdade”, “Não aceite a velha ordem, livre-se dela”.

A explosão do Punk Rock Inglês teve uma repercussão imediata, conquistando a simpatia e adesão de milhares de jovens pelo mundo. Muitas bandas foram formadas por jovens comuns da classe baixa, moradores dos subúrbios, bairros operários ou *Squats*. Os *Squats* eram edifícios ou casas abandonadas que, interditas pelo governo inglês, deram

³⁸ Johnny Rotten (seu nome verdadeiro era John Lyndon), recebeu esse apelido (Joãozinho podre), devido a sua palidez e seus dentes estragados.

³⁹ Tablóides sensacionalistas da imprensa inglesa, Daily Mirror e The Sun.

origem a algumas invasões, cujo objetivo maior era a moradia; ao mesmo tempo, proporcionavam locais para ensaios, além de *Gigs* (shows) e expressões artísticas.

Muitas pessoas se conheceram nos Squats. A convivência, a difusão de idéias e os experimentos musicais contribuíram para a proliferação de inúmeras delas: The Clash, que depois dos Sex Pistols se tornou uma das mais expressivas no cenário londrino, tendo inclusive participado da *Turnê da Anarquia* 1978, com o próprio Sex Pistols. Generation X, 999, Damned, Siouxsie and Banshees, Sham 69, The Jam, Boontown Rats, Crass, entre outras estão entre as principais bandas da fase inicial do punk na Inglaterra.

No final da década de 70 a Inglaterra encontrava-se num imenso caos social, tumulto por toda parte, piquetes, greves, conflito social, ódio racial, ativismo de esquerda com suas reivindicações, travavam confrontos direto com o *NF-National Front* (Frente Nacional), o partido *neonazista* inglês. Além da crise da OPEP (1973), os problemas se agravariam ainda mais a partir de 1979 com o governo conservador eleito de Margareth Thatcher, que logo em seguida dava mostra da restauração do Liberalismo e os primeiros indícios da globalização. O partido trabalhista inglês não mais se identificava com as causas operárias. O país enfrentava uma enorme onda de desemprego e recessão ao mesmo tempo em que a Europa era sacudida por intensos ataques e atentados terroristas, Bader Meinhof, Brigadas Vermelhas, OLP, ETA e, em pleno solo britânico, as ações do Exército Republicano Irlandês (IRA), grupo separatista que reivindicava a emancipação da Irlanda do Norte do domínio inglês.

Esse cenário de crise econômica atingiria duramente os jovens de classe baixa e também os imigrantes. Com o desemprego e sem perspectiva, a vida estava lançada à sorte. A falta do que fazer designava o tédio, não havia nada de novo, as últimas expressões culturais haviam sido resguardadas na retórica do idealismo Hippie.

Como crescer num mundo sem perspectiva? A resposta encontrada pelos punks foi extraída dos ideais do *do it yourself*, (faça você mesmo), fazendo com que se movessem, buscando de maneira constante, uma fórmula de se livrar do caos estabelecido e criar o seu próprio futuro.

O movimento punk inglês cresce, se prolifera como um “produto real” diante dessas crises. Uma geração insatisfeita e revoltada, ofensiva e bruta, adotando um aspecto

violento, usando a linguagem direta das ruas, palavrões, insultos, provocações e gestos obscenos. A música associava-se à maneira de se vestir e às ações: a ordem era chocar o sistema opressor.

Tendo a música *Punk Rock* como maior forma de expressão e os *fanzines* - jornais alternativos (fanzine - uma junção de fã com magazine, revista do fã), os principais em 77 eram: *Sniffin glue* (primeiro Zine), *Trash 77*, *More On*, *48 Thrills*, *London Outrage*, *Zip vinyl*, *New Pose*, *Live Wire*, *Jolt*, *Clichê*, *Situation 3*, *White Stuff*, *Chiansaw*, *Crash Band*, etc... (Caroline Coon, 1977⁴⁰) - na divulgação de seu idealismo, o punk começa a solidificar como uma grande inovação, uma espécie de “*ruptura cultural*” independente, uma tentativa de criar “esperança dentro da desesperança”, um escape em que os jovens podiam criar o seu próprio futuro, dentro de um sistema social que para eles era falido e não esboçava esperança a ninguém, a não ser às próprias elites. Conhecidos como “*roqueiros da fila do desemprego*”, odiavam as atitudes conservadoras do governo de Margaret Thatcher e posteriormente as posturas “insensatas” de Ronald Reagan.

Na medida em que o movimento se desenvolve, vai assimilando cada vez mais uma postura politizada, associando-se aos ideais anarquistas. “Pobreza, alienação urbana, juventude apática⁴¹”, todo um grau caótico possível, emergiu para um mundo “real” através do Punk. A reivindicação punk inicial parte da revolta ao sistema conservador, contra o desemprego, a falta de perspectivas. Depois são assimiladas as concepções: sem governo, não aos ídolos, sem racismo, respeito individual, contra o nazi-fascismo, contra o autoritarismo, liberdade de expressão, emancipação feminina, não a guerras e aos entraves do sistema capitalista.

O movimento num determinado momento encontrou reforço fundindo sua música com o reggae, que, anterior ao *Punk Rock*, era uma das poucas fontes representativas e de protesto dos problemas sociais dos negros jamaicanos que viviam na Inglaterra. Nesse período o ritmo reggae era muito fluente na Europa. Os punks assimilaram alguns conceitos culturais dos rastafaris, pois viam na sua filosofia de vida uma proposta política e social

⁴⁰ The New Wave Punk Rock explosion, p. 123.

⁴¹ **LETS**, Don. Westway To The World-The Clash - Film, Documentary - Sony Music Entertainment/Dorisimo Ltda in Association With Uptown Films, 1999.

muito próxima. O ritmo forte do Punk Rock foi fundido por algumas bandas punks como o The Clash, com os “hiffs” marcantes do reggae, proporcionando uma musicalidade interessante, o “skunk”, originando uma coligação “punk-reggae” ou “ska -punk” (trocadilho Sk + unk). O termo *Skunk* significa em inglês *gambá fedorento*, e posteriormente foi atribuído também a uma junção entre punks e skinheads dentro do *Movimento Oi* que veremos adiante.

A união das duas forças, punk e reggae, revitalizaram ainda mais o movimento e a participação direta das bandas punks nas questões sociais (shows beneficentes foram realizados em prol de crianças carentes, desempregados, arrecadação para fundo de greves de bombeiros, lixeiros e dos trabalhadores das minas de carvão), com presença marcante no *Rock Against The Racism - Anti League Nazi*, rock contra o racismo, quando repudiaram a enorme onda de preconceito racial gerada principalmente pelos partidos neonazistas National Front e British Movement e grupos de *Skinheads*.

Entende-se por Skinheads grupos de jovens radicais, de extrema direita que surgiram na Inglaterra em meados dos anos 60, moradores de bairros operários, que cultuavam o corpo e as artes marciais, raspavam a cabeça para manifestarem sua oposição comportamental, estética e social diante dos hippies. Contrariavam a música fluente da época, o *folk* e o *rock*, cultuando o ritmo *Ska*, música popular da Jamaica que deu origem ao reggae. Os Skinheads ganharam maior expressividade no final dos anos 70, coincidindo com a explosão do movimento punk. Foram contrários também ao anarquismo adotado pelos punks, suas propostas direcionam para o nacionalismo exacerbado, xenofóbico, ostentando um ódio racial e extremo contra todos os imigrantes, que a seu ver seriam os principais responsáveis pela onda de desemprego na Inglaterra. Judeus, árabes, paquistaneses, latinos, negros, africanos, asiáticos e outros, tornariam-se alvos favoritos de seus violentos ataques.

Craig O'Hara em seu livro “A Filosofia do Punk - mais do que barulho” os define assim:

Skinheads: Literalmente, significa cabeças peladas ou raspadas. Originalmente, uma cultura jovem dos anos 60 na Inglaterra, de extração operária, que se caracterizava por moda específica-cabelos raspados ou bem curtos, uso de coturnos e suspensórios etc. - pelo

*gosto por música jamaicana - reggae, ska - e soul. Derivou, já no final dos anos 70, para uma dissidência dentro do movimento punk, caracterizada ideologicamente pelo nacionalismo, xenofobismo e racismo. Estes são conhecidos como Boneheads (cabeça de osso, isto é, desprovidos de cérebro) ou WP (abreviação para os skins nazistas que defendem uma suposta White Power, ou Poder Branco).*⁴²

Com a inflamação do movimento Punk e os distúrbios políticos que abalavam a Inglaterra, no final da década de 70, os Skinheads, para descarregar suas exaltações diante do cotidiano e da crise, começaram a freqüentar os shows de Punk Rock, com o propósito de nutrir da “violência” que eles proporcionavam. Atraídos pelo som contagiante, freqüentemente causavam tumultos e agressões nos shows. Acabaram se identificando com o gênero musical, absorveram a música Punk Rock e extraíram dela uma derivação denominada *Skin Rock* ou *Oi music*.

***Oi!:** Estilo musical favorito dos skinheads, com raízes no ska e no reggae jamaicano. Caracteriza-se por um ritmo cadenciado, refrões fortes, uso intensivo de coros e gritos “de guerra”⁴³.*

Essa situação complicaria ainda mais quando, no mesmo período, um movimento paralelo ao Punk se constitui equivocadamente, dissidente dele mesmo, denominado “OI” (uma espécie de cumprimento ou saudação proletária, muito comum em estádios de futebol europeus).

O Oi foi uma invenção semipratrocinada pelo jornal inglês *Sounds*, que através de um de seus colaboradores, Garry Bushell, teve a idéia de manter vivo o “espírito Punk” inicial (76, 77). A estória do Oi começa como um movimento musical, com algumas bandas que ainda se dominavam “punks”, tocando em bairros ou casas noturnas em redutos de Skinheads. Garry Bushell impulsionou a definição Oi, empresariando o grupo Cockney Rejects (rejeitados da classe baixa). A partir do refrão de uma canção desse grupo intitulada *Oi, Oi, Oi*, que no lugar de um, dois, três (comum no punk rock, para dar iniciação ou ritmo

⁴² Op. cit, p. 191.

⁴³ Op. cit, p. 189.

à música) era substituído pelo Oi. Com as constantes apresentações do grupo pelos subúrbios londrinos e um público marcado por punks e skinheads, em quase todas suas canções o grito Oi, Oi, Oi era soado e correspondido pela platéia (como uma espécie de hino cantado em estádios de futebol europeus). Nesse sentido, a conotação Oi foi ganhando força e se transformando em um grito de guerra entre skinheads e “punks rueiros”⁴⁴.

Ao contrário do que se pretendia, o movimento Oi acabou indo para um lado oposto do esperado, criando uma espécie de “miscelânea”. Difundiu-se por idéias confusas e contraditórias, tendo um apelo maior voltado para o nacionalismo, para a violência, atos de vandalismo, brigas, confusões generalizadas e intolerância. O movimento Oi conseguiu reunir contraditoriamente inúmeras vertentes do underground inglês: Punks, Street Punks (punks rueiros), Skinheads nacionalistas e Nazi-Fascistas, Hooligans, (torcedores violentos e fanáticos pelo futebol), Red Skins (dissidência dos Skinheads, considerados Skins vermelhos: anarquistas ou comunistas), SHARP (Skinheads Against Racial Prejudice) Skinheads Contra o Preconceito Racial - outra dissidência dos skinheads - que procuraram dissociar-se da postura nazista e racista deles, mas se mostraram preconceituosos em outros aspectos, sobretudo aos homossexuais e idéias nacionalistas. A influência do National Front foi muito significativa dentro do Oi, pois estava interessado em atrair jovens para sua causa nacionalista, conseguindo uma grande adesão de skinheads que se identificavam com esses atributos. Algumas bandas, principais expoentes do Oi: Skrewdriver, Four Skins, Infa Riot, Partisans, Last Resort, The Business, Strike e Cock Sparrer, constituíram uma nova fase de bandas que se identificavam com sentimentos nacionalistas ou racistas.

Os punks tradicionais repudiaram de imediato essa nova tendência, para eles contraditória, não havendo sentido para tal paradoxo (uma união repleta de sentimentos opostos). Alguns fatores podem explicar essa banalização: as publicações inoportunas da imprensa, assimilando equivocadamente que ambos movimentos formassem uma só unidade, dando ênfase à aparência (o visual parecido entre punks e skins, cabelos raspados e botas militares eram comum entre eles), ignorando o idealismo distinto de ambos movimentos, assim como o gosto musical parecido entre punks e skins (reggae e ska) ou quando se aglomeravam nos shows de punk rock. Vendo todos juntos dessa maneira, a

⁴⁴ Espírito 69, a bíblia do Skinhead, p.74, 75.

imprensa foi incapaz de desassociar nacionalistas e nazi-fascistas de anarquistas ou esquerdistas, assim como suas contestações adversas. O desemprego, por exemplo, era visto na ótica dos Skinheads como um problema ligado diretamente à imigração, “os imigrantes roubam nosso emprego”, daí as atitudes racistas e violentas atribuídas por eles sobre os imigrantes. Os punks por sua vez tinham consciência de que as crises sociais eram geradas por inúmeros fatores ligados ao governo conservador britânico (o fim do bem-estar social, as privatizações, a corrupção e inúmeros outros). Além disso, dentro do próprio *movimento Oi* havia uma parcela significativa de jovens desinteressados em assuntos políticos ou sociais, a fim de arruaças e diversão (os street punks - punks rueiros).

(...) Os Skinheads fizeram pouco para apoiar as crescentes cenas punks além de comparecer – e muitas vezes arruinar – ao shows das bandas punks. Como eles partilhavam dos mesmos gostos musicais e freqüentemente dos mesmos cortes de cabelo (cabeças raspadas), isso permitiu à mídia e aos observadores ignorantes considerá-los “farinha do mesmo saco”. Isso provou ser um enorme equívoco em razão da crescente política radical dos punks e dos também crescentes racismo e ignorância dos skinheads. A partir de meados dos anos 80, ficou claro que os skinheads eram inimigos de uma cena punk construtiva, com sua violência constante em shows e suas ligações com organizações racistas (...).

*(...) Quando a explosão punk aconteceu na Inglaterra, os skinheads substituíram a música ska jamaicana pelo punk rock e entraram numa nova fase. A antiga ira de agressão dos punks originais atraíram os skinheads aos shows que estes finalmente acabariam por destruir com sua própria forma de violência patriota e embriagada. Os skins também montaram bandas e passaram a cantar a perda de seus empregos para os estrangeiros e o orgulho que sentiam em ser ingleses da classe operária (...)*⁴⁵

Os rumores que o movimento punk estava causando despertaram uma preocupação imediata diante das autoridades e a tentativa do “sistema midiático” em desviá-lo de seu contexto rebelde na tentativa de transformá-lo num modismo lucrativo. Criaram a *New Wave* ⁴⁶(Nova Onda), uma versão comercial e bem comportada do punk, com ritmos mais leves, letras melódicas e românticas, fugindo das características originais, como movimento de contestação.

⁴⁵ O’ HARA, Craig. Op. Cit. 2005 p. 53, 54, 55.

⁴⁶ New Wave - do francês - Nouvelle Vague – O que é Punk p.75, 76.

O visual esdrúxulo adotado como forma de protesto anti-social pelos punks passa a ser produzido e comercializado em lojas especializadas, por nomes da alta costura, estilistas de moda, que pretensiosamente criaram o *Punk Chic* ou *Punk de Boutique*, com o intuito de atingir as camadas mais sociáveis possíveis.

A indústria da música encarregou-se imediatamente de contratar e atribuir inúmeros rótulos e estilos para as novas bandas que estavam surgindo, um “*revival inicial*” dos anos 70, contradizendo toda a postura inicial proposta pelo movimento, ou seja, “transformá-lo naquilo que sempre havia lutado contra”. Isso ocasionou a chamada “guerra de estilos”, analisada dessa forma por Antonio Bivar:

Mais para o fim de 1980 a coisa começa a se definir. Então acontece em Londres a Guerra de Estilos (...) Começa a se falar em stylepower, o poder do estilo (...) Então, novas bandas surgem e outras que já existiam se firmam, todas situadas em movimentos de estilos definidos, todas com propósito (...) Verdadeiros filhos do trabalho, todas essas correntes tem seus clubes, a guerra de estilos conta também, com toda uma indústria e comércio alternativo (...). (BIVAR, Antonio, p. 77 - 2001).

Diante desses fatores, notam-se, inúmeras tendências formadas nesse período: *New Wave*, *New Music*, *New Romantic*, *New Funk*, *New Psicodelic*, *Neo Rockabilly*, *Punkbilly*, *Pós-Punk*, *Country Punk*, *Futurista*, *Tecnopop*, *Eletropop*, etc... Significariam para os punks autênticos apenas uma falsa tendência de bandas pré-fabricadas que favoreceriam novamente o comércio das gravadoras multinacionais, e a formulação oportunista de inúmeros jornais e revistas que se especializaram no assunto (*Sounds*, *Melody Maker*, *Record Mirror*, *New Music Express*, *The Face*, *New Sounds*, *New Styles*, *SFX*, entre outros).

Esse período ficou marcado como a primeira fase do movimento Punk inglês. Em 1979, com a dissolução do grupo Sex Pistols e a morte de seu componente Sid Vicious, a imprensa dava o movimento como morto, mas estava enganada.

Abafado por um curto período, o movimento força uma reação e no final de 1981 volta mais forte do que antes, e com conseqüências mais sérias. Sustentando os princípios básicos iniciais, contra a hipocrisia e o conformismo, declararam guerra à *New Wave* sustentando o slogan *Punk Not Dead* (O Punk não Morreu).

Musicalmente volta mais rápido e “cru”, com batidas fortes e mais pesadas, os vocais “berrados” e letras ainda mais contestatórias. Batizam esse novo gênero de *hardcore* (Casca grossa, linha dura ou radical) e assim também foram suas atitudes. Principais bandas dessa nova fase: Exploited, GBH, Anti Nohwere League, Discharge, Vice Squad, Angelic Upstarts, Anti Pasti, UK Subs, Vice Squad, Chaos, Varuckers, e centenas de outras.

Esse segundo levante Punk tem uma preocupação específica com a guerra. “A idéia de que as guerras nascem das crises” não era nada agradável, o que serviu de tema não só para os punks ingleses mas para os do mundo todo. Certeza esta, concretizada em 1982, quando a Inglaterra lança toda sua ofensiva numa guerra contra a Argentina pela posse das Falklands (Ilhas Malvinas). Por outro lado, o mundo pressentia o perigo eminente de uma catástrofe nuclear gerada ainda através da “guerra fria” entre Estados Unidos e União Soviética, no chamado “Projeto Guerra nas Estrelas”, programa de defesa espacial norte-americano (Sistema de Defesa Antimísseis) iniciado na gestão de Ronald Reagan, contra possíveis ataques de mísseis nucleares soviéticos. Consistia, num sistema de radares e satélites usados para detectar “mísseis inimigos”, plano de milhões de dólares que teve sua revisão posteriormente no governo de Clinton e reestudada na atual gestão de George W. Bush.

Toda essa conturbação “belicosa” de crise mundial é refletida nos shows e manifestações punks, servindo de tema para suas canções e protestos que se tornam cada vez mais violentos. Nesse momento desencadeia-se uma enorme onda de protestos contra o militarismo, desemprego e contra miséria mundial, ocorre uma série de incêndios por toda Inglaterra, provocando a reação imediata e violenta por parte das autoridades e os órgãos especiais de repressão, na perseguição generalizada e prisão de inúmeros punks.

À medida que o movimento punk foi se desenvolvendo (desde 1977 até a atualidade) também foi se moldando, readaptando a novas situações, conseqüentemente assimilando novas idéias e conceitos, o que fez com que proporcionasse dentro dele uma subdivisão de grupos e facções. Alguns carregando suas características iniciais e outros se expandiram, mesclando o punk com outras culturas. Mas nem todas essas tendências foram significativas, muitas são criticadas e vistas como modismo dentro do próprio movimento, pois, ao se sobressaírem, acabaram perdendo sua identidade.

CAPÍTULO II

A REVOLTA VEM DO ABC

2.1 Punk! Contexto Nacional

Os primeiros rumores sobre o punk no Brasil se deram em meados de 1970, nas grandes metrópoles. Em São Paulo, especificamente, sua divulgação aconteceu de forma esporádica por alguns artigos de jornais ou revistas, algumas delas especializadas em moda, música e esporte⁴⁷, poucas no gênero rock. Havia uma escassez muito grande de informações, na maioria das vezes reportavam inúmeros equívocos, as matérias publicadas eram desencontradas e limitadas, ora lidando-o como um atrativo de moda ora noticiando acontecimentos atribuídos à cena punk internacional com manchetes polêmicas direcionadas às principais bandas de punk rock, essencialmente as inglesas, em especial o grupo Sex Pistols.

As primeiras informações foram dadas através de alguns artigos: “A vez do punk, um rock mais grosso. Mas muito gozado”, por Ezequiel Neves, para revista *Homem*, março de 1977. “Punk Rock, o rock dos moleques”, revista *Rock, a história e a glória*, n.º 20, editora Maracatu, Rio de Janeiro, matéria editada por Júlio Barroso, julho de 1977. “Há futuro para os punks”, revista *Isto é*, novembro de 1977⁴⁸. Em 1978, o jornalista Antônio Lacerda e o fotógrafo Bernardo Magalhães elaboram um trabalho audiovisual chamado “O Punk na República dos Tupiniquins”, 35 minutos de texto e música e mais de 280 fotos. Esse

⁴⁷ Revista POP Editora Abril, revista de entretenimento: música, moda, esporte e comportamento.

⁴⁸ Carecas do Subúrbio p. 44

trabalho expunha a tese de que “O punk - revolução das classes pobres na Inglaterra - não teria lugar na cultura brasileira”⁴⁹.

Independentemente dos artigos editados pela mídia, alguns aspectos já se postavam evidentes e ajudaram a propiciar o nascimento do movimento punk em São Paulo. Quase que simultaneamente, grupos de jovens suburbanos e periféricos, roqueiros de diferentes regiões da cidade de São Paulo, já possuíam uma certa *estética* visual do punk, jeans rasgado, tênis e jaquetas envelhecidas, e uma certa rebeldia. Em alguns bairros paulistanos algumas *ganges de rockers* já existiam e apreciavam o que havia de mais radical em termos de *rock pesado*, grupos como: Sweet, Slade, Black Sabbath, Deep Purple e, já tinham também conhecimento de algumas bandas precursoras do punk: Dust, Stooges, MC5, New York Dolls, possuíam discos e fitas desses grupos, que eram raros, não muito comum de se ouvir nas rádios ou TV, mas muito tocados nos salões de rock que freqüentavam.

Posteriormente diante do novo episódio, alguns discos de punk rock começam a aparecer em lojas especializadas⁵⁰, na sessão de importados, e logo vão ser descobertos e consumidos por esses jovens que começam a se identificar com o novo gênero, juntamente com as informações que circulavam, que por fim eram poucas. Com a aceitação da nova tendência, cria-se uma mudança radical de comportamento, ocorrendo uma ruptura de roqueiros que passam a se assumir como punks.

Os discos, por serem importados, eram muito caros e as dificuldades para obtê-los eram enormes, tornava-se privilégio de poucos, que chegavam a gastar quase todo ordenado do mês só para obter algum exemplar. Esses discos acabavam sendo emprestados entre amigos e normalmente eram gravados em fitas cassetes e distribuídos (um marco inicial cooperativista do punk); dessa forma a divulgação do punk rock se espalhou para um número maior de pessoas interessadas. Do mesmo modo acontecia com as reportagens, alguns punks eram assinantes de jornais ou revistas de música importados, alguns especializados na cena como o *Melody Maker*. Essas edições eram emprestadas e de mão

⁴⁹ Anarquia Planetária e a Cena Brasileira, p. 92, 94.

⁵⁰ Wop Bop - loja pioneira em São Paulo especializada em discos de rock raros, e fora de catálogo, situava-se na Rua 24 de maio, nº 62, 2º andar, loja 371.

em mão as matérias “xerocadas”, assim as trocas de informações iam se intensificando e as noções de comportamento acerca do punk sendo assimiladas, porém gradualmente.

Havia uma atmosfera política e social muito parecida com a de Nova York e Inglaterra, no entanto sustentando elementos mais complexos. O Brasil como país “terceiro mundista” sofria os reflexos da crise mundial gerada pelas grandes potências: inflação, dívida externa, arrocho salarial, desemprego, opressão à classe trabalhista. A Ditadura Militar ainda pairava em solo nacional sob o comando do último general, João Batista de Figueiredo. Todas essas fórmulas irão engajar no sentimento de cada um desses jovens, que irão assimilar com o punk o seu conceito de revolta sobre os problemas do cotidiano.

Mas por motivos históricos, as gangues da periferia de São Paulo encontram nos punks europeus diversos pontos em comum. Além do fenômeno típico do início da juventude, o punk brasileiro vinha com um insuportável gosto social na boca. “O milagre econômico” havia acabado e, no final da década de 70, o Brasil observava a inflação disparar e o desemprego se agigantar. E para os jovens pobres, sem trabalho, sem diversão, a marginalidade passava a galope.

No campo musical, as produções caras da MPB mitificavam o processo artístico e o rock brasileiro vivia na marginalidade. A música que vinha de fora também não ajudava. A discoteca e o rock progressivo se recusavam a entrar em contato com o mundo real daquela geração. De maneira niilista, seria preciso partir do zero⁵¹.

Em 1977, a mesma revista *POP* lança consecutivas matérias a respeito do punk rock. Em uma delas, editada em outubro, traz novamente enfoques sensacionalistas e equivocados, um artigo com seis páginas, com um grupo de rock n’ roll paulistano chamado *Made in Brazil*, e a temática intitulada: “Chegou o Punk com festa e tudo” e um sub-título “O Made in Brazil apresenta a moda Punk”. Evidentemente o Made in Brazil nunca fora um grupo de punk rock, não tinham identificação nenhuma com esse estilo, mas sim com o *rock glamour*, foi um marketing alcançado para lançamento do grupo. Em seguida lança uma matéria sobre o grupo Sex Pistols e uma coletânea em vinil intitulada “A revista *POP* apresenta o Punk Rock”, um LP contendo 12 faixas entre bandas inglesas e

⁵¹ Luciano Marsiglia - História do rock brasileiro, volume 3. Editora Abril, p.17, 1990, SP.

americanas: Sex Pistols, Ramones, The Jam, Eddie and Hot Rods, Ultravox, The Runaways, London e Stink Toys. O disco foi produzido e distribuído pela Phonogram (Philips), na contra capa um texto de Okky de Souza justificava um pouco da “história” do Punk Rock. Dessa vez a revista não se equivoca, faz um lançamento sério e de conteúdo, tornando o primeiro registro nacional sobre o punk rock.

Há poucos anos, quando os grupos “classicosos” invadiram o cenário pop, muita gente pressentiu que o rock estava morrendo. Afinal as sofisticadas harmonias e arranjos daqueles grupos poucos tinham a ver com a característica básica de que o rock sempre se alimentou: a energia instintiva e visceral, que hipnotiza a juventude através do saudável exercício da dança. Mas com o passar do tempo, os grupos “classicosos” provaram transmitir, pouco mais que um imenso tédio. Hoje seus discos vendem cada vez menos e suas temporadas de shows se viram reduzidas. Os tempos mudaram!

Reagindo violentamente à sofisticação de um gênero que sempre foi simples, a garotada inglesa e americana acabou arrombando a festa. Pegaram guitarras e amplificadores, aprenderam uns poucos acordes musicais, reuniram-se no fundo de suas garagens e lançaram um novo grito de contestação: “Temos que salvar o rock”. Nascia o punk.

Estava declarada a guerra ao rock classico e progressivo. A ordem era voltar às raízes de rebeldia e energia primitiva que, nos anos 60, ajudaram a deflagrar a revolução cultural daquela década. “Afinal comentou há poucas semanas Johnny Rotten, líder dos Sex Pistols – de que adiantou Elvis balançar os quadris se um bando de idiotas decide levar o rock a sério...”.

Neste LP, a Phonogram e a revista POP fizeram uma seleção do que há de mais representativo no mundo punk rock. E o disco chega no momento certo. Afinal, nos Estados Unidos e Europa o punk rock já tomou proporções de verdadeira revolução na música popular.

Os jornais especializados, como o Melody Maker, Sounds, New Musical Express e outros falam cada vez menos nos grupos e rock tradicional. O punk rock ou New Wave (nova Onda) é o assunto do dia. É claro que músicos mais ligados ao rock tradicional não aceitaram de cara a revolução dos grupos punk. Afinal o movimento surgiu em pleno reinado do rock “classico, e nunca deu muita bola pra conceitos tradicionais de estética musical. Mas os rockeiros punk não chegam a se abalar com opiniões dos outros”.

O importante, para eles, é estar em cima de um palco, devolvendo ao rock a energia que ele ameaçava perder. E, para isso, eles possuem referências acima de qualquer suspeita:

são influenciados pelo The Who, Doors e todos os grupos que nunca pretenderam sofisticar um simples exercício de sentidos.

Assim, o rock que você vai ouvir neste LP não tem compromissos com os padrões tradicionais da música. Feito e executado por garotada de 18 a 20 anos, ele não possui nenhum dos vícios seriosos que 20 anos de rock acabaram criando. Ele representa uma nova tendência que na verdade, nos recorda de fato que quase íamos esquecendo: o rock foi feito pra dançar. (SOUZA, Okki - 1977).

No ano de 1978, uma outra coletânea punk é lançada, dessa vez pela gravadora EMI-ODEON - um LP intitulado *NEW WAVE PUNK* (Punk: a Nova Onda) com 12 faixas também divididas entre bandas americanas e européias, entre elas: Patti Smith and Group, Tom Robison Band, Wire, The Tubes, Flyin Spiderz, Lou Reed, Robert Gordon, The Saints e No Dice, contendo no encarte detalhes textuais sobre o punk rock.

Antônio Carlos Senofante foi um dos pioneiros na divulgação do *Punk Rock* no Brasil. Conhecido como Kid Vinil, era formado em administração de empresas, obtinha um cargo no setor editorial da Gravadora Continental e começara um trabalho de radialista na rádio Excelsior de São Paulo a partir de 1977. O nome artístico "Kid Vinil" foi criado junto com Pena Schmidt, também produtor musical da Continental e técnico de som. O nome foi baseado em Kid Jensen, DJ da rádio BBC de Londres, e Cosmo Vinyl, DJ e *manager* da banda The Clash. Kid Vinil chegou à rádio Excelsior através do seu chefe na Continental, Vitor Martins, que por sua vez o indicou a Alf Soares, outro locutor que apresentava um programa de rock n' roll anos 50, na mesma emissora⁵².

A partir de 1979, a Excelsior teve a iniciativa de promover alguns programas alternativos na sua programação e sugeriram a Kid Vinil experimentar em fazer um piloto sobre Punk Rock e New Wave. O piloto foi aprovado e colocado no ar como o primeiro programa de Kid na rádio - chamou-se "Kid Vinil" - e ia ao ar nas segundas-feiras, das 22hs às 23hs, onde passou a divulgar o som *punk rock*. Depois o programa intitulado *Rock Show* na radio Excelsior AM e *Rock Sanduíche* na Excelsior FM, onde trazia as novidades da intensa cena musical européia e norte-americana. Na sua programação abriu espaço para

⁵² <http://www.kidvinil.com/index.html>

bandas do cenário underground paulistano. Bandas punks emergentes, como Restos de Nada, Olho Seco, Cólera, Inocentes, foram divulgadas no programa através de fitas demos.

Por intermédio desses programas muitos punks conseguiam obter informações a respeito dos acontecimentos musicais, tanto no circuito internacional quanto nacional, e possibilitava o envio de correspondência e pedidos de músicas das bandas favoritas. O programa conseguiu manter-se no ar até 1982, transmitido de forma sensacionalista e debochada, desinteressado com conotações políticas, restringindo-se em divulgar apenas conceitos estéticos e a musicalidade punk.

“Nunca fui do tipo revolucionário, gostava de música punk, mas o discurso não me dizia nada. Sempre me cobraram uma posição política, mas eu queria era entretenimento, o ritmo, o riff”.⁵³

Em 1978, Kid Vinil havia feito sua primeira viagem à Inglaterra desembarcando em Londres, onde presenciou o auge do movimento punk, tendo inclusive assistido shows de algumas bandas, como o The Clash. Kid Vinil acabou se tornando, involuntariamente, uma espécie de porta-voz da geração punk inicial, mesmo não estando preocupado com conceitos políticos e ideológicos do punk, intencionado apenas para o lado da musicalidade e artístico. Em entrevista para a revista ISTO É, Kid Vinil expressa sua passagem pelo movimento punk:

(...) logo explodiu o movimento punk na Inglaterra. A partir disso eu montei uma banda chamada Caos, que durou de 1977 a 1978. Depois montei uma chamada AI-5, também punk, só que não durou nada.

ISTOÉ - *Por que os grupos punks duraram tão pouco?*

Kid - *Era tudo muito inseqüente. A gente não tinha noção do que queria, era um lance de tocar na garagem da minha casa e só. Além do mais, se o punk assustou em 1982 e 1983, imagine o que era em 1977(...) na Radio Excelsior de São Paulo em 1977, mostrei pela*

⁵³ Dias de Luta, p. 55.

primeira vez no Brasil, o que era o punk rock. Em 1979 continuei fazendo umas programações esporádicas até a época do Mauricio Kubrusly.

ISTOÉ – O Kubrusly deu um “chega pra lá” no rock?

Kid – *Claro que ele sabia que estava acontecendo alguma coisa e, por isso, tinha que documentar. Mas ele cortou um pouco as nossas asas. Ele queria uma rádio bem mais música popular brasileira, o que hoje é impossível. E todo jeito, eu fiquei na Excelsior até final de 1982, com dois programas: Rock Show, na AM, e rock Sanduíche, na FM⁵⁴.*

Com o término da banda AI-5, Kid Vinil, no início dos anos 80, formou o grupo Verminose, com o baterista Trincão, Minho K na guitarra e Stopa no baixo; Kid fazia vocais. Depois mudara novamente o nome para Kid Vinil e os Heróis do Brasil e, por conseguinte, plagiou o nome de um grupo Inglês, o *Magazine*, que havia se dissolvido. O grupo criou fama em 1983, com o lançamento da música “Sou Boy” e depois “Tic Tic Nervoso”, sucessos nas rádios AM e FM nesse período. Posteriormente outras músicas do repertório do Magazine compuseram algumas trilhas sonoras de programas de TV. A música “Cameu” (de Caetano Veloso) serviu como tema de abertura da novela “A Gata Comeu” exibida pela Rede Globo de televisão em 1984.

“(...) A gente não tava nem aí. Sabe, o punk tem dessas coisas de contestar, de atirar e não saber onde está o alvo. Na época, o punk era isso. Nonsense sabe? Aquilo que na Inglaterra chamavam de uma Blank Generation: uma geração vazia, sem nada para oferecer. Não havia necessidade de oferecer coisa alguma (...) Eu me identificava com a cultura punk porque realmente acabava sendo partidário de que não existia mais nada. Era uma coisa de autodestruição, porque na época tudo era tão caótico (...) A banda Caos tinha uma letra que metia o pau no presidente Geisel, a gente acabava com tudo, enquanto os Pistols falavam da rainha, metendo o cacete em todos os ministros, a gente fazia a mesma coisa, contestava tudo (...) A gente teve problemas de ser identificado com um grupo de punk, quando já não era mais punk. Num Show no teatro lira paulistana, os próprios punks foram lá reivindicar isso. Quebraram tudo e falaram: “Você não é punk, O Verminose não é punk”.⁵⁵

⁵⁴ Revista Isto É, 4 de janeiro de 1984.

⁵⁵ Ibid.

A partir de 1977, o punk no Brasil (instaurado em São Paulo) vai se desenvolver, através de ações ganguistas sem posições ideológicas e longe de se constituir como forma de um movimento. Não havia, nesse momento, uma postura em relação à politização, o punk era mais uma questão de “curtição” e muitas vezes resumia-se em atos de vandalismo. Sua postura anárquica, até então, era puramente pejorativa (bagunça, destruição), o contexto idealista restringia-se a uma minúscula parcela de integrantes, que mesmo pertencentes às gangues tentavam buscar informações esclarecedoras a respeito do movimento; além dos jornais e revistas especializados, já mencionados anteriormente, alguns conseguiram trocar correspondência com alguns punks do exterior, possibilitando maior clareza sobre os acontecimentos.

Em termos mais apurados, a seriedade diante do movimento punk só pôde ser captada alguns anos mais tarde, a partir de 1980, através dessa busca sucessiva de informações, um “rompimento” parcial com a mídia oficial (os punks da city foram colaboradores dela por um determinado período) e o reconhecimento como movimento de caráter contracultural e anárquico (pelos próprios punks, especificamente do ABC). Isso só foi possível devido à troca de experiências culturais: a formação das bandas que começaram a ostentar um perfil contestador e político, os fanzines na divulgação do próprio movimento, o “espírito” cooperativo entre os punks em compartilhar fitas, discos e em dividir aparelhagens, instrumentos e shows, a elaboração dos manifestos, as panfletagens e inúmeras tentativas de criar uma base ideológica e organizativa, porém sem abandonar o caráter ganguista.

Muitas foram as razões que impediram a proliferação do punk para um contexto maior, restringido-o apenas às *bandas de punk rock* e às *gangues*: as distorções produzidas pelos veículos de comunicação (que os tratavam como delinquentes e marginais) alertava ainda mais a repressão policial, que tentava coibir os punks de se expressarem, o medo e o preconceito da sociedade pelo visual agressivo, a fama de violentos e as próprias contradições internas. Entre outras complexidades, uma mostrava-se bem explícita:

“(...) O problema está relacionado na questão cultural brasileira em ouvir samba e MPB não tendo tradição em consumir rock⁵⁶”.

Com a consolidação do movimento punk na virada dos anos 80, houve um aumento significativo no número de artigos publicados nacionalmente. Aguçados pelo assunto, muitos escritores passaram a escrever sobre o tema. Júlio Barroso (Punkorama, jornal de música), Ezequiel Neves, Pepe Scobar, Okky de Souza, Antônio Bivar (Autor do livro “O que é Punk”), Fernando Naporano e Ana Maria Bahiana, escreveram artigos em diferentes jornais e revistas: Revista Veja, Isto É, Manchete, POP, Som 3, O Repórter, Jornal Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Diário do Grande ABC, entre outros. No entanto, as matérias publicadas continuavam desencontradas, alguns jornalistas propositalmente editaram matérias pejorativas prejudicando o movimento punk em vários sentidos, inclusive virando caso de polícia. O que colaborou ainda mais na perseguição de inúmeros punks pelas autoridades e a rejeição da sociedade para com eles.

Entre essas publicações encontra-se uma lançada pelo jornal Estado de São Paulo (1981, o Estadão), elaborada pelo Jornalista Luiz Fernando Emediato, chamada “Geração Abandonada”. Em alguns trechos mostra esse equívoco:

(...) Já se organizam em gangs de até 600 jovens, homens e mulheres, pálidos e que andam sempre armados com correntes, estiletes, facas, canivetes, machados, às vezes revólveres. (...) Integram gangs de blusões de couro e alfinetes espetados na pele que quase todo os domingos invadem a Estação São Bento do Metrô, para espancar e roubar outros jovens - aqueles que vendem artesanato (...) Discípulos de Satã, o ídolo que veneram, eles não vêem muita diferença entre Deus e o diabo, entre Marx, Kennedy ou Hitler, entre o bem e o mal. Eles gostam de bater, só isso. Alguns mais cruéis roubam e espancam velhinhas e acham muita graça nisso (...) Eles preferem beber leite com limão e muitas vezes depois que bebem esta mistura, provocam vômitos em si mesmo e vomitam o leite coagulado na cara de suas vítimas (...).

⁵⁶ João Gordo, vocalista do grupo Ratos de Porão e apresentador da MTV. Revista Manchete, dezembro, 1984, SP.

Desde o início de sua manifestação tendo como base cronológica o ano de 1977, muitos dentro do movimento punk (o ABC em evidência) tiveram um constante desagrado pela imprensa, pela forma sensacionalista em que veio distorcendo o movimento durante todos esses anos. Na maioria das vezes, nem sempre se destina esse proceder pela falta de informação ou ingenuidade sobre o assunto, seria um absurdo ou no mínimo duvidoso, pois a imprensa trabalha sobre questões investigativas e de pesquisa, mas nota-se, especificamente com os punks, que os interesses pareceram ser outros, parecia existir propositalmente o intuito de desmoralizar e contrariar o movimento perante a opinião pública.

Mesmo com inúmeras verdades, embora também muitos mitos, o punk, mesmo que não obtendo maiores proporções, soube aproveitar bem a situação, absorveu todos adjetivos e taxações impostas a ele, se definindo como um movimento anti-social, detonando toda sua ira contra um “sistema conservador de uma sociedade hipócrita”.

Pelo seu lado contestador, o movimento punk no Brasil, de uma forma geral, foi crescendo ao fazer uma crítica ao regime militar, implantado pelo golpe de 1964. Suas frustrações e manifestações foram lançadas à censura, repressão, corrupção, religião, ao desemprego, à miséria e às injustiças sociais.

Em São Paulo, foi se removendo através de diferentes parâmetros e algumas formas de expressão ficaram evidentes e constituíram a base de sua manifestação: a rivalidade explícita na “guerras das gangues”, a divulgação do movimento através da imprensa alternativa criada pelos próprios punks (fanzines e manifestos). Na musicalidade, as bandas se lançam carregando a postura “internacionalista” do punk rock (anti-conformismo, crítica à submissão social, agressão ao sistema, subversão as leis), dilacerando suas críticas à realidade nacional e à crise mundial. Contrariaram a repressão policial, os dogmas da igreja, os partidos políticos, contudo seus alvos também eram o rock progressivo e a MPB, mantendo sua repulsa acima dos B.G. (Bicho Grilo) hippies brasileiros, cultuadores desse gênero musical. Conseqüentemente inúmeras foram as críticas aos compositores da música popular brasileira de “estarem ligados à burguesia, se enriquecendo, romantizando a pobreza através do samba e carnaval, além de trazerem temas desinteressantes e chatos⁵⁷”. Como um movimento inovador dentro do próprio rock, a revolta dos punks sobre os B.G.

⁵⁷ Revista Penthouse, novembro 1982.

estava à beira de uma alienação vivenciada pelos próprios, direcionada apenas para o uso de drogas. Na concepção dos punks, os “amantes do esoterismo” e da “geração paz e amor” não se preocupavam de maneira alguma com o sistema que os agredia e se postavam despreocupados com as questões sociais.

Em 1979 o clima musical do Brasil era um misto de MPB com um final da era do rock progressivo. Nesse período já se contava com uma grande quantidade de punks, muitas gangues já haviam se consolidado, e para eles a energia primal dos shows do punk rock era o oposto do marasmo e estagnação que estas duas tendências empregavam. Pouco tempo depois, o punk rock brasileiro tinha se tornado um veículo furioso, tão radical quanto o inglês, em plena ditadura militar lançavam seus slogans de resistência às injustiças sociais e contra o capitalismo.

2.2 Gangues e Salões

No ABC, o cenário de crise política e luta sindical impulsionavam os punks em elevar o movimento para padrões mais sérios de conscientização e de “luta política libertária”, o que vai diferenciá-lo das demais regiões paulistas. No entanto, o movimento gerado ali também sofria algumas contradições internas, sobretudo nas conotações pejorativas sobre anarquia, assimilada a atos de vandalismo. Alguns punks carregavam consigo o vínculo “destrutivo” inicial estavam presos a “certas emoções” que as ações ganguistas proporcionavam, defendiam a postura de que, “com a politização do pessoal o Punk perderia sua graça”, queriam vivenciar um “certo saudosismo arruaceiro”. Por outro lado os mais intelectualizados criticavam tal postura, persistiam em reverter esse quadro para uma posição de seriedade, política e ativista, partindo da convicção de que a conscientização era de extrema importância dentro do próprio movimento, pois possibilitaria direcionar melhor sua crítica acerca da sociedade, propagar as idéias, reivindicações e a finalidade do movimento. É diante desse quadro que os Anjos de São Bernardo vão se destacar, como um grupo de melhor expressividade política, com maior número de adeptos; mesmo que constituído em uma gangue, estavam convictos de sua posição ideológica e radicalismo, que evidenciou-se diante da rivalidade com outros punks, em específico os do centro da

cidade (Punks da City). A contestação dos Anjos estava em reivindicar o punk como um movimento sério, e sua crítica recaí sob a “postura midiática” empenhada oportunamente pelos punks do centro.

Diante dessa dicotomia rivalista, assimila-se também, sob uma mesma questão ideológica, o anarquismo, e as maneiras distintas de concebê-lo, entendê-lo e aplicá-lo, por ambas as partes. Para esse entendimento é necessário compreendermos a formação dessas duas frentes, a disparidade entre São Paulo de um lado e ABC de outro, analisando necessariamente a contextualização na formação dessas gangues.

Em termos comparativos gerais, as gangues punks eram formadas na maioria das vezes por parentes e amigos, moradores do mesmo bairro, vila ou região a que pertenciam, ou mesmo que se conheciam nos clubes ou Salões de rock, geralmente compostas por jovens entre 13 e 25 anos, que compartilhavam das mesmas afinidades e o gosto pelas bandas punk rock. A princípio formalizavam-se em pequenos grupos, posteriormente obtiveram maiores proporções. As amizades geravam, acerca da apreciação musical, interesses em comuns, como diversão e paqueras. Identificavam-se pela proposta sonora do punk rock mais agressivo que o rock convencional. Comportamentalmente expressavam atitudes radicais, como no visual agressivo, já esboçando um diferencial das demais tendências de *roqueiros*.

Os salões eram a opção de lazer que os punks tinham para extravasar e descarregar o estresse do cotidiano. Geralmente localizados nas periferias tinham condições precárias, porém os ingressos eram baratos. Nenhum desses Salões era eminentemente punk, tocavam rock, mas sempre abriam espaço para uma sessão de punk rock. O som tocado era à base de discos ou fitas cassete, a seleção das músicas ficava a cargo da equipe de som que alugava o espaço, mas era comum algum punk levar uma fita ou um disco de punk rock e pedir para a equipe responsável passar o som (não havia no período CDs ou DJs). Raras vezes alguma banda de rock ou punk se apresentava ao vivo, a preferência ficava restrito ao som de fitas cassete.

É dentro dos Salões que começam a aparecer as primeiras gangues e as rivalidades entre elas, conseqüentemente os primeiros atritos. Por muitas vezes as rixas surgiam por assuntos banais. A rivalidade se dava por uma querer sobressair sobre a outra, ser mais

forte para “impor respeito”, tanto pelo número superior de adeptos, quanto ao modo diferenciado de vestir, pensar e agir, uma certa disputa de “quem era mais Punk”. Algumas gangues já haviam incorporado uma rivalidade definida (bairrismo, regionalismo) e as ações praticadas foram de extrema seriedade. Reafirmando, as gangues no período inicial do punk em São Paulo estavam mais envoltas em atos de violência e vandalismo do que com as questões ideológicas, eram poucos os que postavam-se sob uma conduta politizada.

Em entrevista com L.G., do grupo Passeatas, ele comenta:

“No meu ponto de vista eu acho que é o seguinte... toda gangue... é formada por várias pessoas, tem as pessoas conscientes e pessoas porra loca que vão lá só pra curtir sem consciência nenhuma, embalo. Eu acho que esse tipo de pessoa é que assim... cada gangue deveria ter um embalo que arrumava algo assim, algum tipo de encrenca com outras pessoas semelhantes a ela sabe acho que, o pessoal tomava as dores do outro... acho que um... queria mostrar que gangue dele era mais fudida do que a outra e faltou sabe consciência para saber que os verdadeiros inimigos deles não eram o movimento... a outra gangue tal, e sim o sistema. Eu acho que as brigas não era legais... desviaram entende... eles esqueceram do verdadeiro ideal do movimento punk para brigarem entre si”.

Obviamente esses atritos foram se radicalizando a ponto de uma gangue evitar o território de uma outra rival, para amenizar os conflitos, o que era inevitável. Propositamente os limites nunca foram obedecidos, não se tratava de uma questão de regra, ou um tipo de trégua formal estabelecida entre elas, existia sim uma cautela. O sentimento de ódio entre elas havia se intensificado, a certeza de um encontro, o confronto seria inevitável, já havia ocasionado algumas mortes.

Todas essas gangues passaram a se reunir nos chamados *Pontos de Encontro*. Lugares específicos e estratégicos onde se aglutinavam e dali partiam para os confrontos com as gangues rivais.

O reconhecimento de uma primeira gangue se dá no SBEROC, em 1977. Os “Rebeldes” eram jovens que cultuavam esteticamente o visual agressivo do Punk (blusões de couro, correntes e outros adereços), mas não o gênero punk propriamente dito, era uma *gangue de rockers*, gostavam de Rolling Stones e algumas bandas precursoras do Punk

Rock, como Stooges e MC-5, era um grupo fechado com aparência e comportamento agressivo, aparentemente uma inspiração dos *Hell's Angels* norte-americanos, porque alguns possuíam motos, sustentavam coletes com emblemas no formato de duas bielas cruzadas e uma caveira com asas ao centro, ostentando o próprio codinome *Rebeldes*, não se enquadravam no contexto de motoclube, mas tinham características próprias de uma gangue, revanchismo, bairrismo e sublevação com as demais. Para muitos punks entre ABC e City, os Rebeldes foram os primeiros a aparecer e servir como incentivo para as inúmeras gangues que emergiram posteriormente, mesmos cientes de que não se tratava de uma gangue de punks, o visual e o comportamento dos *Rebeldes* faziam a diferença entre os demais.

Em pouco tempo, várias gangues já haviam se consolidado por toda região paulistana com as características autênticas do punk. Entre as Pioneiras se destacam o Punk Terror de Pirituba S.P. (a primeira autêntica punk), Punk Destroy e Anjos de São Bernardo do Campo e Abutres de Mauá.

Com o decorrer dos anos, inúmeras outras foram se formando nas diferentes áreas periféricas de São Paulo, ostentando rivalidades entre si, conseqüentemente causando brigas e rixas, com concepções bairristas e regionalistas (controle de espaço ou território). Variavam entre 10 até 200 membros, algumas se aliavam com uma outra amiga, embora outras postavam-se como inimigas mortais. Num simples levantamento geográfico, essas gangues distribuíam-se da seguinte forma, na região do ABC: Rebeldes (São Caetano e SBC), Destroy (SBC), Anjos e Abutres (SBC e Mauá), Infratores (Santo André), Invasores (Santo André e Mauá), Demolidores (SBC - consecutivos bairros: Vila Rosa, Jardim Santo Inácio, Jardim Independência,) Maphia (Diadema - Piraporinha), Carniças (Santo André e Mauá), Carecas do Subúrbio (Zona leste e ABC) que após um racha dividiu-se em Carecas do ABC e Carecas da Zona Leste, Coveiros (Santo André), Metralhas do Calux (SBC, Bairro Jd. Calux), Morcegos (SBC-Ferrazópolis), Punkids (São Miguel - Zona Leste), entre outras.

Em São Paulo subdividiam-se em: Terror (Pirituba), Metralhas (São Paulo - Zona Norte e Centro), Punks da City (SP - Centro), Carolina da Morte (Santana - Vila Carolina, Zona Norte), TNT (Tremembé), Ratos do Esgoto (São Paulo - Centro), Punks da Morte

(Centro), Funeral (Santo Amaro). No final de 1987, adentrando os anos 90, Anarco Punk (várias regiões), algumas facções nazistas ou nacionalistas como: SP-OI (Skinheads - Centro), White Power (Skinheads - Nazi Skins, Centro), Carecas do Brasil (várias regiões) SHARP (várias regiões), Devastação (ABC - envolvia punks e headbangers), SP-Punk (Centro) e Street Punk (várias regiões).

A rivalidade mais explícita que acabou por originar uma intriga nunca superada, dividindo o movimento em dois parâmetros, ocorreu com os Punks do ABC de um lado e os de São Paulo de outro. Teve seu início com os Punks Anjos de São Bernardo do Campo em confronto direto com os Punks Terror do bairro Pirituba, no salão SBEROC em 1978, e depois se generalizou, envolvendo outras gangues do centro da cidade, em específico os Punks Metralhas e os Punks da City, caracterizados assim por se reunirem no centro da capital paulista, tendo como ponto de encontro as grandes galerias. Essa rivalidade se intensificou por muito mais tempo e será melhor esclarecida no decorrer dessa dissertação, em que serão mostradas algumas formas primordiais na constituição dessas gangues, o desdobramento dos conflitos, fazendo uma comparação entre Anjos ABC e Punks da City.

Num contexto geral a respeito das gangues, há de se concordar com Helenrose e Heder sobre algumas formas pitorescas em que elas se nutriam, analisadas dessa forma:

A guerra das gangs funcionava como forma de manter a integridade da postura, de provar a identidade e de auto-afirmação, não permitindo o estabelecimento de idéias dominantes, pois dentro da postura dois valores eram tidos como essenciais: a violência e a agitação, a primeira como exteriorização do inconformismo e da não passividade e assumindo atitudes provocativas, procurando testar, se o indivíduo era punk ou não, e a segunda, que utilizava guerra de gangs como forma de diversão e lazer. Outro motivo que provoca atritos era o fato de uma gang procurar mostrar que era “mais fodida” que a outra e, portanto “mais punk” (essa postura também era verificada entre indivíduos)⁵⁸.

Posteriormente ao SBEROC, outros salões foram se especializando em tocar punk rock. O *Construção* (Sociedade Beneficente dos Moradores da Vila Mazei), Bairro de Santana, zona norte de São Paulo, abriu espaço para as bandas punks tocarem. Depois

⁵⁸ Absurdo da Realidade: O Movimento punk, P.29.

vieram *Templo do Rock*, na Vila Pari, região do Brás em São Paulo, uma Associação de Surdos e Mudos, no mesmo período o Salão do “*Pira*” em Diadema, *Grimaldi* no bairro Sapopemba, zona leste de São Paulo, *Vila Bela* (Vila Baía Grande) divisa com São Caetano do Sul e São Paulo, *Lord* em São Caetano, *Fender* no bairro Rudge Ramos em São Bernardo do Campo (atualmente uma delegacia de polícia). Eram poucos os locais onde os punks podiam freqüentar, geralmente eram alugados, entretanto não permaneciam abertos por muito tempo, devido aos constantes conflitos entre as gangues, que acabavam depredando todo o local, criando problemas com a polícia.

(...) E apesar dos punks não serem nem de longe os campeões da violência e desta proposta sequer ser original, eles já fizeram o suficiente - no Brasil e no exterior – para se enquadrarem entre os perturbadores do sossego público. Na Inglaterra, onde o punk rock é tão devastador – especialmente com a pobre dona Elizabeth II, a rainha – suas músicas simplesmente foram cassadas da programação normal da emissora da rádio estatal BBC.

Em São Caetano, num dia no começo de abril, o delegado de polícia recebeu um abaixo assinado com 172 nomes de moradores do bairro Oswaldo Cruz, próximos do clube SBEROC, no qual pediam providência no sentido de “moderar” o comportamento dos freqüentadores dos bailes punks ali realizados, às quintas, sextas e sábados.

(...) O delegado Cláudio Gobetti, titular da delegacia de São Caetano, resolveu aparecer lá num sábado no início de maio, juntamente com vinte policiais, e botou todo mundo nas viaturas. Cerca de 200 punks e roqueiros, com idade média entre 12 e 20, anos lotaram alegremente as dependências da Delegacia, sendo liberados em seguida. Mas o salão foi fechado por 30 dias, por irregularidades da utilização do alvará, e os três organizadores dos bailes punks estão sendo processados até agora.

*Com isto por um bom período um dos poucos locais de som punk da grande São Paulo foi fechado (...).*⁵⁹

⁵⁹ POLESEI, Alexandre – *Punk: O rock violento* – jornal Diário do Grande ABC, caderno especial, agosto de 1979.

2.3 Punks da City

A começar por São Paulo, o movimento punk teve seus indícios na zona oeste com os punks Terror do bairro Pirituba e posteriormente na Zona Norte com a *Carolina Punk* (Vila Carolina). Estes já se constituíam em gangues antes mesmo de 1977, no processo transitório já descrito anteriormente (de roqueiros para punks). O movimento que ali se constituiu agregava-se primeiramente com a musicalidade, com a criação das bandas. A vila Carolina tornou-se foco dos punks da região, pois a maioria deles se conheceram, estudando no E.E.T.A.L. (Escola Estadual Tarcisio Álvares Lobo), um colégio onde surgiram as primeiras bandas punks de São Paulo e depois a ascensão do movimento no centro.

Entre as primeiras bandas de punk de São Paulo estão: *Resto de Nada* formada em 1978, com Ariel (vocal), Douglas (guitarra), Clemente (baixo) e Carlos (bateria), depois veio o *NAI* (Nós Acorrentados no Inferno), formada por Callegari (guitarra), Indião (vocal), Clemente (baixo) e Nelsinho (bateria). Essa banda logo se desfez e dela saiu *os Condutores de Cadáver*. No mesmo ano, forma-se o *AI-5* e em seguida o *Cólera* (1979), todas eminentemente punks, com conteúdo crítico em suas letras. O que pode ser notado em um pequeno trecho da letra do grupo *Resto de Nada* composta por Clemente, que leva o mesmo título:

Resto de nada

Nós somos a verdade do mundo

Somos restos de nada

Vivemos como ratos de esgoto

Entre o lixo de tudo

À noite nós vagamos por aí

Para o que ver o que resta de vocês

Cuidado se você estiver só

E encontrar com um de nós

Nós não gostamos de nada

Porque não há nada do que gostar

Somos apenas lobos solitários

E o nosso uivo é o rock n' roll (...).

A constituição dos *punks da city* está vinculada diretamente com os da Vila Carolina, que se incorporaram com outros punks que conviviam no centro da cidade. A maioria desses punks era *Office boys*, escriturários ou bancários que se reuniam na hora do almoço ou final de semana na Estação São Bento do metrô ou nas Grandes Galerias, centro comercial de São Paulo, onde situava-se a Punk Rock Discos LTDA., uma loja pioneira, localizada na Avenida São João, 489, 1º andar e que se tornaria o ponto de encontro definitivo dos punks do centro. Na Estação São Bento do metrô, ocorriam nos finais de semana alguns eventos musicais elaborados pela prefeitura, eram shows gratuitos de MPB ao ar livre. Uma vez ou outra apresentava-se alguma banda de rock pesado e poderia se notar a presença de um bom número de punks, inúmeros roqueiros e hippies de várias regiões paulistas que ali compareciam. No início, esses eventos ocorreram com certa passividade, logo passaram a ocorrer alguns atritos entre grupos de punks rivais. Esses atritos se tornaram intensos e muito violentos, com a intervenção de ordem policial coibindo as apresentações. Por esse motivo o ponto de encontro dos punks do centro passou a ser na *Punk Rock Discos*.

(...) O pátio interno da Estação São Bento do Metrô, local, aos domingos. De concertos de rock de todos os tipos e ponto de encontro de curtidores de música, roqueiros inveterados e dos grupos "Punk Terror", "Punk Rebeldes", "Punk do Limão" etc. Só que atualmente a barra está muito mais pesada, com os zelosos guardas de segurança do Metrô vigiando a meninada ao final de cada concerto. O Objetivo é impedir que volte a ocorrer o tiroteio do último dia 3 de junho, quando comandos Punk Terror, Punk do Limão do SBEROC armaram uma briga, acalentada a bom tempo, na qual três deles saíram feridos a bala e levados em seguida ao Hospital e, depois, ao Primeiro Distrito Policial⁶⁰.

⁶⁰ Reportagem de Alexandre Polesi com o título: "Punk: O Rock Violento, a nova moda inimiga das discoteques". Diário do Grande ABC, Caderno Especial, agosto de 1979.

A Punk Rock Discos possibilitou para os punks do centro de São Paulo maiores informações a respeito do movimento internacionalmente. Fábio Sampaio, o dono da loja, mantinha intercâmbio com punks no exterior, a loja era especialista em discos raros, importados e fora de catálogo. Essa loja se transformara numa espécie de *quartel general* para os punks do centro, dali nasceram inúmeras bandas, surgiram os primeiros fanzines, a organização de shows e festivais, as primeiras fitas demos e conseqüentemente os discos independentes. Entre as bandas formadas na Punk Rock Discos encontram-se: *Olho Seco*, do próprio Fábio dono da loja, *Inocentes*, *Lixomania*, *Ratos de Porão*, *Fogo Cruzado*, *Juízo Final*, *M-19*, *Mack*, *Psykóze* e outras, que passam a organizar shows em parcerias, promovidos em diferentes bairros periféricos de São Paulo, realizados em discotecas, pistas de patinação, teatro, sociedade de amigos de bairro⁶¹. Esses eventos foram batizados como Grito Suburbano, tido como o festival inaugural do movimento punk brasileiro.

(...) realizaram-se em 1981 as primeiras edições do grito suburbano, festival inaugural do movimento punk brasileiro. A primeira foi no Café Teatro Deixa Falar, na Av. Santo Amaro, em meados do ano, com Inocentes, Anarkólatras, M-19, Mack, Olho Seco e Lixomania. A segunda, no salão Stop, na Avenida São Miguel, Zona Leste, foi invadida pela polícia (...). Os punks aproveitaram a (breve) ocasião para protestar contra a repressão policial, a fome, o desemprego, a falta de oportunidades profissionais (...) Shows também aconteceram, no Zimbabwe (em Santana) e no Luso-Brasileiro (no Bom Retiro) (...) Fogo Cruzado, Anarkólatras, Olho Seco, Inocente e Cólera⁶².

Diante desses acontecimentos o grupo Inocentes teve maior destaque pelo conteúdo de suas letras, entre elas a da música “Garotos do Subúrbio”:

"Andando pelas ruas/ tentam esquecer/ tudo o que os oprime/ e os impede de viver/ será que esquecer/ seria a solução/ para dissolver o ódio/ que eles têm no coração? / vontade de gritar/ sufocada no ar/ medo causado pela repressão/ tudo isso tenta impedir/ os garotos do subúrbio/

⁶¹ Dias de luta, p. 56.

⁶² PUNK, Anarquia Planetária e a Cena Brasileira, p.107.

de existir/ garotos do subúrbio/ garotos do subúrbio/ vocês/ vocês/ vocês não podem desistir/ garotos do subúrbio/ garotos do subúrbio/ vocês/ vocês / vocês não podem desistir/ de viver/ DE VIVER” (Garotos do Subúrbio, Inocentes).

A partir de 1982, os primeiros fanzines começam a ser editados e vendidos na loja Punk Rock Discos; a maioria eram confeccionados por membros de algumas bandas que nasceram dali. O primeiro fanzine editado foi o *Factor Zero*, feito por Strongus, da banda *Anarkólatras*, depois o *SP Punk*, feito por Callegari, do grupo Inocentes, *Vix Punk* produzido por Redson, da banda *Cólera*, e MD, editado por Mauricio e Dirce. Em resumo esses fanzines traziam manifestos, poesias, letras de músicas das bandas punks paulistanas, troca de correspondência com punks no exterior, matérias sobre bandas punks de diferentes partes do mundo, cobertura sobre o movimento punk nacional, indicações de livros, resenhas de discos, entrevistas, pensamento e moda.

Em 1982 foi lançado o primeiro disco marco do punk nacional, intitulado *Grito Suburbano*, produzido por Fábio, que lançaria o selo com o nome da sua própria loja *Punk Rock Discos*. O disco foi gravado no *Gravodisc*, um estúdio de oito canais e em menos de oito horas, com a tiragem de mil cópias, uma coletânea com as bandas: *Cólera*, Inocentes e Olho Seco. Logo em seguida foi lançado um compacto com o nome “Violência e Sobrevivência”, do grupo Lixomania e outra coletânea com as bandas Fogo Cruzado, Psykoze e Ratos de Porão.

A cena punk de São Paulo vai se constituindo passando despercebida da maioria da população e outros setores da sociedade, que ignoravam a existência de um movimento punk autêntico no Brasil. O movimento começou a ter maior percepção através de algumas matérias equivocadas lançadas pela imprensa, em especial a lançada pelo Jornal Estadão (Geração Abandonada), já mencionada anteriormente. No documentário *Botinada: a origem do punk no Brasil* lançado em 2006, produzido por Clemente, do grupo Inocentes, e Gastão, ex-apresentador da MTV e do programa “Músicas”, da TV Cultura, o próprio Clemente narra esse processo.

“Existiam os punks, as gangues, estava rolando os gritos suburbanos aquela coisa toda, mas, ninguém sabia disso. Teve um cara... eu esqueci o nome do cara que escreveu uma matéria idiota no Estadão... nós reunimos na Punk Rock, todo mundo leu aquela matéria, que falava que “punk que é punk” enconchava a mãe no tanque... assaltava velhinha no metrô, saca.. tomava leite com limão pra vomitar... falei pô! esse cara tá loco, vamos mandar uma carta resposta para esse jornal, sobrou pra mim... daí escrevi a carta para o Estadão, logo após a carta ser publicada... muita gente descobriu... sacou... que existia punk no Brasil também e que já tinha todo um movimento formado, muita coisa acontecendo... então tipo... se a carta foi publicada no jornal de domingo, na segunda-feira já apareceu o Bivar lá na Punk Rock, o Fernando Meirelles, o pessoal do “Olhar Eletrônico” pra fazer o “garotos do subúrbio”.

A partir dessa carta enviada por Clemente ao Jornal O Estado de São Paulo, gerou-se uma polêmica muito grande entre os meios de comunicação, e de imediato uma procura constante da imprensa aos punks da galeria. Essa carta-resposta foi escrita sob o mesmo título “Geração Abandonada”, mostra-se na íntegra:

“Geração Abandonada”

Sr: Os meios de comunicação que até hoje divulgam o movimento punk rock no Brasil, em vez de se encontrarem com bandas e procurarem saber qual a proposta ideológica do movimento, se preocupa apenas em fantasiar e sensacionalizar pequenos atos de vandalismo que feitos por uma pequena minoria acabam por comprometer todo movimento punk no Brasil.

O Punk é um movimento sócio-cultural, ele é a revolta de jovens da classe menos privilegiada, transportada por meio da música. Estes jovens já organizaram vários shows pela periferia de São Paulo, com bandas como Inocentes, Desequilíbrio, Fogo Cruzado, Lixomania, Juízo Final, Guerrilha Urbana, Suburbanos, Olho Seco, Cólera, Setembro Negro, Mack, Estado de Coma e muitas outras. Três destas bandas estão gravadas em um mesmo disco, chamado Grito Suburbano. As bandas são Olhos Secos, Inocentes e Cólera.

Portanto, os punks não são “gangs” de blusões de couro que vivem a assaltar velhinha em estação de metrô, e sim um movimento social que realmente não sabe diferença entre Deus e o Diabo, porque nunca foram a Igreja, mas que sabem muito bem a diferença entre Marx, Kennedy e Hitler, e que acham que quem tem o costume de beber leite com limão, realmente tem um gosto muito requintado pra poder dispensar uma cerveja gelada.

E aproveito o momento propício pra lhes dizer que não estamos atrasados e que surgimos quase ao mesmo tempo em que surgiu o movimento punk na Inglaterra e que este ainda não morreu e

sim cresceu tanto e que mantemos correspondência, não só com Punks da Inglaterra, como também com punks de muitos lugares da Europa, como Finlândia, Itália, Suécia, Alemanha, Espanha, Portugal e até com os Estados Unidos, e o que morre, realmente foi a tentativa de transformar o Punk em mais uma moda passageira.

E como todo bom amigo, deixo um conselho: antes de falar sobre alguma coisa, seria melhor se aprofundar mais, conhecer mais sobre o assunto, para que este país não continue atrasado como sempre.

Punk's de S. P. – Clemente Tadeu Nascimento, do grupo Inocentes.

N. da R. – O missivista punk refere-se a uma das reportagens da série “Geração Abandonada”, que está sendo publicada desde domingo pelo O Estado. Junto com a carta ele enviou um convite pra um espetáculo de vários grupos punks com a seguinte observação, dirigida aos jovens convidados: “Não destrua os ônibus, ele serão úteis nos próximos encontros” (sic). E o apelo: “Paz entre os Punks”

A curiosidade e o interesse de alguns jornalistas, escritores e dramaturgos, sobre o assunto possibilitou uma aproximação entre os punks e a imprensa, diante de um acordo de credibilidade, afastando por enquanto o movimento das formas sensacionalistas. Essa interação permitiu que a equipe do Olhar Eletrônico (um programa da TV Cultura) pudesse produzir um documentário sobre o movimento punk em São Paulo. Em uma reportagem da revista TRIP do segundo semestre de 2000, Antonio Meirelles, produtor do olhar eletrônico, relata sobre seu documentário intitulado “Garotos do Subúrbio”.

“Garotos do Subúrbio foi minha primeira produção! Estava ainda na faculdade de arquitetura da USP quando, em 1982, decidi fazer um documentário sobre o movimento punk que nascia em São Paulo. Eu havia cruzado com aqueles garotos numa galeria do centro. Todo documentário deve responder a uma pergunta e a minha era: o que fazem garotos do subúrbio em São Paulo se identificarem com um movimento inglês? Casacos de couro preto no sol do Anhangabaú? Cara de mau num país tão relaxado? (...) O filme começa mostrando toda ira do movimento punk, mas aos poucos vai se revelando que, embaixo da casca, há apenas um grupo de amigos buscando uma forma de identidade para firmar sua existência”.

Outro contato foi o com teatrólogo Antonio Bivar, que influenciou muito na cena paulistana e através de sua convivência com os punks da galeria lançou o livro “O Que é Punk”, pela editora brasiliense. Foi ele um dos mentores do primeiro festival punk nacional, “O começo do Fim do Mundo”, realizado no SESC Fábrica Pompéia, em São Paulo, em novembro de 1982. Foi ainda um articulador ao lançar o movimento punk paulistano em algumas matérias de revista, entre quais a *Gallery Around*, em que era editor de estilos e moda. Antonio Bivar é escritor de peças, poesias, romances, dirigia alguns shows de artistas famosos como Maria Bethânia e Rita Lee, em 1968 foi premiado como melhor *Autor do Ano*, ganhando o prêmio *Molière*. Exilou-se na Europa onde conviveu com Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jorge Mautner⁶³, ícones da MPB nacional, morou em Londres presenciando o auge do movimento punk. Na sua volta ao Brasil, deparou com os punks de São Paulo, tornando-se uma espécie de porta voz do movimento que por ali ocorria.

Dentro desse resumo contextual percebe-se que, mesmo fazendo críticas a todo tipo de imprensa, o movimento punk desenvolvido no centro de São Paulo contraditoriamente acabou mantendo um vínculo com a mesma, usufruindo o que lhe era conveniente (o interesse maior estava na divulgação da musicalidade das próprias bandas). “Nosso sonho era fortalecer o movimento, criar lugares pra tocar, criar um público para nosso som, lembra Clemente⁶⁴”. Esse envolvimento se confirma mediante alguns artigos publicados pelos próprios punks para revistas de renome, como a própria *Gallery Around*. Foi através de Antonio Bivar que Clemente escreve um manifesto para essa revista, fazendo uma crítica à música popular brasileira, com o título: “Manifesto Punk: fora com o mofo da MPB! Fim da idéia de falsa liberdade”. Em alguns trechos descreve:

Nós, os punks, estamos movimentando a periferia – que foi traída e esquecida pelo estrelismo dos astros da MPB (...) Nos nossos shows de punk rock, todos dançam; dançam a dança da guerra, um hino de ódio e de revolta da classe menos privilegiada. Já Guilherme Arantes diz que é feliz, mesmo havendo uma crise, mas somos suas principais vítimas, suas vítimas constantes – e ele não. Nossos astros da MPB estão cada vez mais velhos e cansados, e os novos astros que surgem apenas repetem tudo o que já foi feito, tomando a música popular

⁶³ Dias de luta p.59.

⁶⁴ Ibid - p.58

uma música massificante e chata (...) E também choram alegria, quando contam o dinheiro que ganham. Nós, os punks, somos uma nova face da música popular brasileira, com nossa música não damos a ninguém uma idéia de uma falsa liberdade (...) Nós estamos aqui pra revolucionar a música popular brasileira, para dizer as verdades sem disfarces (e não tomar bela a imunda realidade): para pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer⁶⁵.

Fica claro nesse momento que o movimento punk em São Paulo vai originando suas idéias em um sentido mais cultural e artístico do que político. A realidade vivenciada pelos punks do ABC era totalmente oposta a dos punks da city. Por estarem afastados praticamente de todos os meios de que dispunham os punks do centro, achavam que estes não se preocupavam em utilizar a chance única, aberta pelos grandes meios de comunicação, no sentido de projetar o movimento punk para seu contexto original, isso é, “anárquico”. As frustrações dos punks do ABC aumentavam a partir desses procedimentos. Para eles, o movimento punk de São Paulo refletia uma imagem falsa e modista, que além de estarem sendo *aburguesados*, não passavam de *punks de boutique ou fantoches da mídia*.

Ao perguntar a L.G., do grupo Passeatas, e integrante dos Anjos, sobre as divergências entre o pessoal de São Paulo com o do ABC, ele relata que:

“Eu percebia que era assim... a maior parte do pessoal de São Paulo... eu acho que eles não tinham tanta consciência política do que o pessoal do ABC, o ABC falava mais sabe... tinha uma consciência do que era anarquismo do que era o movimento político entendeu, o pessoal de São Paulo sabe já era mais... eles procuravam copiar o que vinha de fora, no ABC não... era mais original, tanto no visual, musical e politicamente entendeu... acho que o pessoal da city... não tentaram fazer um movimento punk brasileiro e sim copiar o que vinha de fora, era diferente, (...) Eles se preocupavam em aparecer na televisão mais para chocar visualmente do que com palavras entendeu (...) Eu acho que... o pessoal de São Paulo, eles achavam que o movimento punk era impressionar assim visualmente, agora o pessoal do ABC não (...) Estou falando assim a maior parte do pessoal do ABC andava mal vestido por falta de condições financeiras mesmo entendeu, eles vestiam o que tinham (...) O pessoal de São Paulo tinha muitos que se produziam... que faziam questão de rasgar a roupa, de botar uma suástica no

⁶⁵ Ibid - p.60

peito e ficar sabe... impressionar, agora aqui no ABC era pobre mesmo, era miseráveis mesmo⁶⁶”.

Em entrevista concedida, R., 40 anos, pertencente ao grupo dos Anjos de São Bernardo, ex-namorada de um dos integrantes do grupo Passeatas, no período de 1982, traz sua visão a respeito dos punks da city:

“(...) a roupa deles era diferente, eles eram mais limpinhos, mais arrumadinhos, eles não andavam rasgados, eles tinham dinheiro, então eles tinham acesso a comprar discos na época, a gente não tinha, revistas importadas, que a gente não tinha (...) Os punks de lá tinham mais acesso a mídia. Em São Paulo tudo acontece mais rápido, aqui em São Bernardo tudo ficava meio difícil, e outra, eles deveriam ter conhecidos, tanto é que o Clemente vivia direto na TV e ele nunca foi melhor do que ninguém daqui⁶⁷ (...)”.

V. D., 41 anos, baixista da banda Desgoverno, faz a seguinte narrativa:

“(...) A diferenciação entre as turmas na época da década de 80, você observa ainda, na forma de se vestir e se portar entre os punks do ABC e os punks da city que também chamávamos de punks da cidade. A diferença dos punks do ABC... nós éramos punks mais feios, mais rasgados, camisetas pixadas com frases de protesto (...) Enquanto o pessoal da cidade... sempre eram um pessoal mais arrumadinho normalmente, camiseta de bandas estrangeiras, não que o pessoal do ABC, não usasse também camiseta de bandas lá de fora, mas a preferência do pessoal, era realmente por camisetas pixadas, com frases de protesto, frases de... contestação, frase de efeito que realmente chamava atenção de quem passava e olhava para você, ou seja, não era mais apenas uma camiseta de banda, mas realmente, era alguém que tinha alguma coisa a dizer, isso quer queira quer não, isso trazia uma grande diferença da forma do pessoal diferenciar, até mesmo as gangues umas das outras, vamos dizer assim⁶⁸”.

É importante ressaltar que os punks paulistanos ao se situarem no centro de uma grande metrópole dispunham de melhores condições e acesso às informações, aos discos,

⁶⁶ Entrevista elaborada em 20 de agosto de 2002, Bairro Palmares (Santo André). O entrevistado L.G. constava-se com 43 anos na época.

⁶⁷ Entrevista concedida no Bairro Jordanópolis em São Bernardo do Campo em 30 de maio de 2007.

⁶⁸ Entrevista concedida no Bairro de Piraporinha em Diadema em 23 de Junho de 2007

jornais, revistas especializadas, inclusive a estúdios de gravações. Assim o movimento punk ali vivenciado vai se desenvolver criando uma espécie de vínculo midiático. O lado anárquico proposto até então não se mostra com clareza, observa-se uma espécie de cooperativismo entre as bandas em divulgar o movimento através da musicalidade, na elaboração de shows, festivais e os fanzines. Resume-se na incumbência de divulgar e relatar esses eventos.

2.4 Anjos do ABC

O ABC paulista, região metropolitana de São Paulo caracterizada na década de 70 e 80 como o maior complexo industrial nacional, cercada por subúrbios e áreas periféricas que abrigavam milhares de trabalhadores e conseqüentemente contavam com um enorme índice de desemprego. Ficou conhecida mundialmente pelo cenário de crise política e social que desencadeou no final da década de 70 inúmeras greves, confrontos e reivindicações sindicais e operárias contra o governo militar.

Nesse período, apesar do processo de transição que o país atravessava (militarismo para uma “abertura democrática”), a população continuava sendo sufocada por uma forte crise econômica e a opressão à classe trabalhadora refletia também nos jovens residentes da região, que não tinham perspectivas, mas tentavam encontrar uma maneira de sobreviver diante dessa situação.

A história dos Punks Anjos constitui-se nesse momento de crise política e está ligada diretamente ao clube SBEROC, em São Caetano do Sul. Ela pode ser compreendida em duas fases: a etapa inicial (1977), dentro de um contexto de formação como gangue, no processo de transição já explicado, de jovens roqueiros que se reuniam em torno do clube SBEROC, e com os rumores sobre o punk rock se identificaram com a nova tendência, se tornando punks. A segunda fase (a partir de 1979) trata de como o movimento se constituiu, sua orientação política e ideológica, as conotações contestatórias, a inserção do anarquismo e como se deu sua sublevação.

A fase inicial dos Anjos caracteriza-se pelo o agrupamento de alguns jovens moradores do Jardim Silvina, em São Bernardo do Campo, que já se organizavam como um grupo de roqueiros freqüentadores do Clube SBEROC, desde 1976. Entre os principais articuladores e fundadores dos Anjos, se destacam: Nenê, Pepeu, Jesus, Orai, Kico e Carleone. Na década de 70 eram comum os chamados “bailinhos” de final de semana, em casas de amigos, em sedes alugadas, ou Sociedades Amigos de Bairro, onde também tocavam rock e evidentemente proporcionava maior convívio entre os roqueiros de bairros vizinhos, que trocavam informações e indicavam outros locais, clubes ou salões especializados no gênero.

Desse modo inúmeros jovens vão se conhecendo, se identificando e começando a freqüentar juntos esses salões, aumentando o ciclo de amizades. Os Anjos se desenvolvem dessa maneira, com uma aglutinação de pessoas de vários bairros vizinhos e também de outras cidades que se conheciam nos salões, e dessa forma criando um coletivo. Nessa fase era apenas uma questão de amizade e “curtição” de som, não havia entre os Anjos um reconhecimento ou preocupação com a política; essa questão começou a ser apurada a partir de 1979, com o processo de transição, o reconhecimento e identificação à nova musicalidade e comportamento, coincidindo e obtendo fortes influências das greves e movimentos sindicais que ocorriam na região do ABC.

O entrevistado V. da banda Ulster traz uma visão mais apurada desse processo de transição:

“Bem, eu a exemplo da maioria da galera da primeira safra, a gente ouvia rock, éramos roqueiros, e a gente acabou buscando pelo caminho do punk, exatamente porquê o país vivia um momento político é... bastante opressor e... o punk exatamente veio... como salvaguarda das pessoas que buscavam uma saída para essa revolta, essa rebeldia... a nível ideológico, e a nível musical também, porque o rock passava por um momento de muita sofisticação... o progressivo era um negócio chato demais para quem queria uma música mais pulsante, então o punk também vem trazer pra gente essa possibilidade de continuar gostando de uma música agressiva, uma música mais rebelde, sem muita técnica, sem muita... delongas, enfim, foram estes fatores que acabaram a gente... transitar do rock para o punk foi uma passagem, não foi assim de um dia para o outro..., as coisas foram mudando, a gente começou a ver umas bandas diferentes, conhecer umas bandas diferentes,... isso tudo eu fui procurar, e foi

o que eu queria (...) Eu não tenho uma data muito clara na minha cabeça, eu me lembro que perto de 78 para 79, a gente observava mudanças, é, por exemplo, as idas ao SBEROC em São Caetano, que era onde rolava som aqui no ABC, o pessoal se juntava com pessoal de São Bernardo, esse pessoal de São Bernardo começou já a usar determinadas roupas diferentes... uma linguagem diferente, e aí um dia apareceu também uma banda diferente, os Vermes, e aí era uma coisa parecido com aquilo que a gente já tava querendo fazer, enfim. Então eu acho que em 79 as coisas começavam a mudar, eu não consigo enxergar um divisor assim. Eu acho que foi tudo transitório... Tanto na questão comportamental, musical, ideológica também⁶⁹”.

Laércio Gonçalves (Rato), guitarrista do Hino Mortal, um dos poucos que se deixou identificar nas entrevistas, dá a sua opinião sobre o processo de transição do rock para o punk:

“O SBEROC aqui pra nós... foi o primeiro local porque, inclusive eu estava numa fase de transição do rock para punk, e acabou a gente indo parar nesse salão onde o pessoal se encontrava e curtia som. Lá era assim... desde de punks a pessoas que curtiam rock, era um... dos espaços primeiramente, que começou a rolar o punk rock. Depois algumas outras casas noturnas começaram a tocar (...) Através daí a gente foi conhecendo o pessoal e mudando, a gente acabou também entrando na linha do movimento (...) Quando a gente começou curtir com o pessoal a gente sentiu como se fosse uma família muito forte porque era um pessoal que assim... desempregado... então quando a gente saía pra ir para som, havia uma união entre o pessoal em batalhar a entrada para dentro do salão. A convivência de sair junto para curtir... da minha parte eu posso dizer que isso me cativou muito (...) Eu acho que de tudo eu ia aprendendo mais... daquilo que o pessoal ia passando⁷⁰”

Dando seguimento, L.G., do grupo Passeatas, descreve sua situação nesse processo:

“(...) Acontece o seguinte na época que eu curtia rock... eu comecei a ouvir o som pela rádio que de vez em quando tocava, daí eu comecei a conhecer o som punk, que também começou a rolar nos salões de rock que nós íamos. (...) Já rolava punk e tal, assim em matéria

⁶⁹ Entrevista concedida em 2 de abril de 2007, na Indústria Massa Ferro, Km 18 da Via Anchieta, São Bernardo do Campo.

⁷⁰ Entrevista concedida no dia 14 de Agosto de 2002, no Paço Municipal de São Bernardo do Campo.

de som eu achava... na época... como música nova e mais legal do que esse Heavy Metal que começou a ficar muito sofisticado... fora isso aí, o modo de ser, vestir do pessoal, o comportamento, o modo de pensar (...) No rock da época, política não existia, a partir do movimento punk já começou... a ter umas idéias políticas que na época poucas pessoas tinham”.

No SBEROC, os Anjos já conheciam outras gangues como os Rebeldes, com quem mantinham amizade, e os *Punks Terror de Pirituba*, que a princípio conviviam pacificamente, não havendo ainda registro de atritos entre eles. Nos dados pesquisados foi difícil encontrar elementos explicativos de como se iniciaram os conflitos entre os Punks Terror e Punks Anjos, há muitas dúvidas e contradições. Por outro lado, dados sobre as discordâncias entre os Anjos e os Punks da City são claros em mostrar a rivalidade entre ambos; em algumas conversas, entrevistas e reportagens os fatos se mostraram mais evidentes.

Algumas pessoas antes mesmo de conviverem com os Anjos pertenciam à gangue dos Punks Terror, mas como moravam na região do ABC acabaram posteriormente se unindo aos Anjos por uma questão de proximidade e amizade, antes mesmo dos conflitos começarem. Nesse caso encontra-se L.L.P. (42 anos, sexo feminino), que concedeu entrevista, e em um trecho declara:

“Eu era roqueira e conheci o pessoal do Punk terror no SBEROC, já eram punks mesmo (...) Daí eu peguei amizade com eles e comecei a andar e curtir som no SBEROC com eles. Os Terror era uma turma que punha respeito, era meio temida, mas quando eles tinham amizades eles tinham amizade mesmo! eles tratavam a gente muito bem! Eu andava com eles... depois fui andar com os Anjos, não tinha briga ainda, não existia (...) Naquele tempo não tinha nada político era só amizade, chutar saco de lixo, brigar, escutar um som (...) Brigar com os boys porque ninguém gostava de boy (...) As brigas do Anjos contra os punks terror ninguém sabe como aconteceu, acho que era só intriga pra ver qual era a turma melhor ”

Passado o período de transição e uma vez concebidos os conceitos sobre o punk (como um movimento de revolta juvenil), os Anjos já se constituíam em uma das gangues mais fortes do ABC, criando certa fama na região. A partir de então começa uma nova fase,

de ordem mais expressiva: a introdução das primeiras formas contestatórias e políticas. É nesse momento que o movimento começa a tomar forma, e assumir uma postura ideológica, mudando radicalmente da sua fase inicial, com a significativa adesão de punks de outros bairros de São Bernardo como o Jardim Lavinia e suas contribuições, que foram decisivas para constituição do movimento no ABC. Alguns punks dali estudavam em faculdades ou em colégios particulares, eram de classe média e tinham condições financeiras melhores do que os demais. Esses já estavam envolvidos em movimentos sociais, militavam em universidades ou em partidos políticos de esquerda. Foram eles que começaram a introduzir idéias anarquistas nos demais punks da região, inclusive os Anjos.

O Jardim Lavinia acabou se tornando o ponto de encontro dos Anjos. É nesse local que o movimento punk vai se radicalizar, desenvolver inúmeras discussões, contestações políticas, a formação das bandas, a elaboração de fanzines e a consolidação do movimento como sério, mas de maneira gradual, a partir de 1979.

(...) Em fins desse mesmo ano já se formava no Bairro Assunção, em São Bernardo do Campo, grupos que se auto- declaravam punks e se propunham a seguir a mesma ideologia dos rebeldes ingleses e americanos, mas, dentro da realidade brasileira, situando seus pontos de contestação contra a desigualdade e classes e injustiças sociais. Posteriormente esses manifestantes assumiram o nome de Anjos, uma inspiração da gang californiana dos anos 60, Hell Angels (Anjos do Inferno) – que reúne hoje mais de 200 jovens.

Ataque ao sistema

(...) Ser punk é basicamente enquanto função social agredir o estabelecido, o que foi introjetado pelas gerações passadas. Santista, por exemplo, um punk do grupo Os Anjos, de São Bernardo, diz que luta contra o desemprego, a discriminação de classes sociais e contra a postura hipócrita da classe média. “Queremos acabar com a televisão e tudo que possa ditar regras de comportamento aos jovens. A TV padroniza e impõe o capitalismo e os jovens com alguma condição econômica seguem tudo cegamente”. Rogério, outro punk, 23 anos, entende que o movimento é produto das aspirações da classe operária e está diretamente sintonizado como o panorama político social. Ele diz que na maioria dos casos os punks são garotos de famílias pobres da periferia, filhos de operários que tentam mudar as regras do jogo⁷¹.

⁷¹ Valter de Lana - Diário do Grande ABC, Caderno B – Domingo, 8 dezembro de 1985.

Esse período coincide com os movimentos sindicais grevistas, e o movimento punk em São Bernardo cresce acompanhando esses acontecimentos, tentando se estruturar paralelamente. Alguns punks trabalhavam em metalúrgicas e estavam engajados nas lutas de reivindicações trabalhistas. Alguns tinham envolvimento direto com grupos de esquerda.

(...) O auge do sindicalismo coincide com o surgimento das primeiras bandas, que incorporam à sua temática a crítica à sociedade e aos valores burgueses. Unindo terror com baixaria, as bandas ensaiam aquilo que seria mais um ponto de referência do ABC: a cultura alternativa. (Revista Aliás - p. 16 - 1989)

Laércio, guitarrista do Hino Mortal, faz um resumo desse processo:

“Eu acho que era um jeito de se expressar e passar aquilo para a sociedade, aquilo que a gente tinha que passar, então o visual se tornava agressivo, para o pessoal ver... notar. Dentro do contexto de tudo aquilo que estava acontecendo encontrava-se um Brasil com desemprego (...) E não tínhamos como encontrar uma luz para o futuro, o que levava a gente a curtir um som e falar politicamente sobre tudo que estava acontecendo, inclusive as questões sobre as greves... de 79, muitas pessoas daqui do ABC participaram ativamente dentro desse espaço de greve, pelo Sindicato... então quer dizer, acho que tinha tudo a haver”

Esse momento se torna especial na medida que os alicerces do movimento punk estão se constituindo acerca de uma criação ideológica. V., da banda Ulster, em seu depoimento faz a seguinte análise:

“(...) Pelo que eu me lembro, eu estudava na ETE nesta época, o Mao dos Garotos Podres também estudava na ETE, tocava numa banda chamada Submundo... e eu lembro que nessa época aí, nós víamos toda essa movimentação, a greve no estádio da Vila Euclides, aquele monte de polícia, tropa de choque, lançamento de gás... todo esse cenário ficou marcante na nossa memória... um pouco mais pra frente as facções de esquerda, Convergência Socialista e o Alicerce, eles vieram também procurar pelo movimento punk, porque eles perceberam que era um movimento que tinha consistência, que era um movimento que tinha atitude, era como... um recurso muito grande pras ações que eles tinham em mente, dentro do

quadro político da época, então nós chegamos a tocar no diretório do Alicerce da Convergência Socialista, alguns flyers de shows daquela época, se você observar tinha algumas referências a partidos comunistas enfim... mas nós não tínhamos um envolvimento direto com a ideologia comunista, nem tampouco Petista, nem nada, mas nós tínhamos assim, um inimigo comum, então houve aí um flerte bilateral; Alguns punks acabaram se enveredando mesmo para cena política depois, se enveredando pro lado do PT, ou partido Comunista, mas mais pra frente a maioria acabou... se postando mesmo numa postura apolítica, mais libertária (...) A nível nacional. Eu sempre falo para o pessoal uma coisa, o punk brasileiro ele é reconhecido lá fora, sempre foi desde a nossa época, porque talvez a gente tenha explorado um pouco a questão intuitiva, é... a situação política do país e o que tava acontecendo fora, acabou trazendo pra gente uma intuição, porque a gente não tinha atualização, nós tínhamos um retardo aqui muito grande na questão de cultura, porque vinha de fora e demorava muitos anos pra chegar aqui, mas, no entanto, a gente foi precoce nesse negócio punk, porque eu acho que, é difícil falar desse negócio, porque tinha algo de intuitivo no punk, por isso que ele era tão verdadeiro, tinha esse clima que as pessoas falam... nós conseguimos transmitir pela nossa música, tudo aquele clima que a gente vivia, essa Detroit brasileira, aqui a gente passou ela pela música que a gente fez, entendeu. Então ela... não só no ABC, eu acredito que em São Paulo também tenha rolado assim, porque o AI-5 também foi uma banda bem precoce, dura, e tinha algum poder político forte também e as outras bandas que vieram depois nem tanto, o AI-5 tinha esse conteúdo legal, acho que eles também tiveram um pouco da intuição, embora eles também tinham mais acesso que a gente na questão de música, né, a gente não pode negar que o Eduardo tem uma formação musical mais atualizada, mais estruturada, a nossa era um pouco mais tosca, né! a gente buscava recursos bem mais rudimentares do que eles! (...) Eu acho que a princípio era destruir esse despotismo militar que sugava, a princípio era isto. Como primeiro ponto: “Isso aí não serve! Então vamos ajudar a ruir”, é... não sei se colaborou com algo, mais aquilo acabou. Acho que a princípio era isso, reconstrução não era uma coisa que a gente ainda tinha maturidade pra enxergar. Eu acho que foi lá na frente, algumas bandas né, e algumas curiosidades lá fora e aqui também, o CRASS por exemplo, acho que tinha muito isso, e aqui apareceu umas bandas também com proposta de reconstrução de idéias, propostas, mas na época nós não tínhamos... na época a gente tinha a destruição como pano de fundo, e: “olha, tá tudo errado no mundo, vamos meter o pé, porque o negócio não funciona”, a princípio a ideologia era essa. O anarquismo ainda nós não tínhamos, em 79, se você fizer um levantamento, ah!, Os livros de pensamento libertário, eles eram censurados no Brasil”.

A partir de 1981, o envolvimento dos punks Anjos com as concepções anarquistas se tornavam mais explícitas. Na primeira edição do fanzine *Anarquistas Presentes* fica em

evidência o grau de consciência adquirido, a expressão de seus sentimentos, e a preocupação do movimento punk como um todo. Observe na íntegra o seu manifesto:

O movimento punk na atualidade evoluiu indubitavelmente em todas as partes do mundo. A desordenada rebelião contra tudo e contra todos, que caracterizou seu início caótico, cede lugar, com o tempo, a um ataque sistemático e objetivo à sociedade opressora.

O atual regime político vigente no Brasil, apesar de propalada abertura, restringe enormemente a livre manifestação das pessoas e é inegável que nosso movimento, apesar de toda repressão de que é alvo, sempre lutou pela liberdade, e o continua fazendo, agora não mais somente com um visual agressivo ou com gestos e atitudes considerados fora do padrão de conduta social. Agora o punk também está se munindo de idéias, e melhor compreendendo o inimigo, que é o sistema.

O punk se conscientiza e aos poucos percebe que não será com atos de vandalismo indiscriminado que conseguirá mudar a estrutura da sociedade. Muito pelo contrário, ações implicam reações, o que quer dizer que atos terroristas não direcionados e ações diretas desnecessárias, além de indispor a opinião pública, mobiliza contra nós uma máquina repressiva, que só precisa de algumas desculpas para aumentarem o seu efetivo humano e seu arsenal bélico.

Não foi dito nas linhas anteriores que se deve pregar o nosso anarquismo sem agir. A grande força de nosso movimento está nessa ação, que deve ser dirigida e organizada. Essa combinação entre a teoria anarquista e a ação é que torna o movimento viável e dinâmico, o que nos aproxima da filosofia anarquista de Bakunin.

A ação deve ter um fim, um objetivo, e é aí que entra a conscientização de cada membro do movimento, pois, já que agimos em nome de um futuro sem opressão, sem conflitos sociais e as instituições que deles se originam, será somente com um plano de ação consciente que atingiremos esses ideais.

A conscientização progride no movimento, e é tão necessário como a organização, pois se esses fatores não existirem, estaremos prestando um serviço aos reacionários, pelos motivos já mencionados anteriormente que a ação desordenada e propaganda negativa não levam a nada.

Como certo sociólogo disse recentemente num programa de televisão, nós estamos realmente num barco rumando a uma cachoeira. Já que não esperamos impassíveis o barco ser tragado pelas águas, resta saber se ficaremos no barco lutando até que este despenque, ou se navegaremos contra a correnteza até a vencer. (Anarquistas Presentes, nº 1 - 1983).

Em matéria editada no Diário do Grande ABC, em dezembro de 1985, intitulada “Rock Punk da periferia rompe barreira e se impõe” (inédito sobre os Punks Anjos), traz uma análise a respeito da postura anárquica adotada pelos punks:

(...) Os punks se mostram aparentemente destrutivos, mas traduzem uma intencionalidade bastante clara, de agredir a atitude de acomodação da sociedade. “É uma manifestação anarquista que visa eliminar as ideologias e propor o rompimento de regras e valores que na realidade atentam contra o instinto humano. A sociedade tecnológica fez do homem um agente passivo a espera de estímulos artificiais como a televisão, por exemplo. Eles seguem o movimento da vida e querem acabar com isso” (Psicólogo Hipólito Ortega de São Bernardo). Ortega explica o caráter agressivo dos punks dizendo que há uma satisfação quase natural em agredir, subverter a lei, por que a cultura representa a repressão. Ele destaca que na sociedade moderna a família é o primeiro elemento repressor do indivíduo, “desde que haja proibição ou inibição dos impulsos naturais do homem, nasce um desejo, não natural, de atacar a cultura”. A agressividade extremada de um punke na realidade – coloca Hipólito Ortega – expressão do ódio e da agressividade contida no indivíduo. Segundo ele o ódio é um elemento natural do homem e está diretamente ligado ao amor, havendo supressão do amor pela sociedade, automaticamente surge o ódio, embora a cultura cristã não o possa admitir. Tudo que é reprimido volta como sintoma de agressividade, porque ela precisa ser descarregada de alguma forma.

Mediante a continuidade dos atritos com outras gangues, os sentimentos estavam muito mais acirrados nesse momento do que no período inicial, as rivalidades foram se intensificando e não se tratava mais de uma questão de espaço ou território, as nuances agora eram uma variante de conscientização política ideológica. Cessado os atritos com os punks Terror, a rixa passa a ser com os punks da city, dada, segundo os Anjos, por uma conduta exibicionista adotada por eles.

O entrevistado V. D. chama atenção para os confrontos, que não estavam centrados apenas entre as gangues punks, mas por outros grupos também periféricos. Justifica:

“Isso nos trouxe, por exemplo, os grandes atritos, feitos todas as vezes que o pessoal do ABC ia para city, sempre tinha algum grupo de lá... vamos chamar assim de grupos rivais, que partiam para cima do pessoal do ABC ou seja, querendo se sobrepor ao pessoal do ABC.

Na realidade o pessoal do ABC, ia no efeito de autodefesa, ou você tinha que brigar ou você apanhava. O pessoal do ABC, tanto se sobrepunha na forma de se vestir, na forma ideológica, e também na quantidade, quer queira quer não, sempre se agregou não só o pessoal de São Bernardo, mas com o pessoal de Diadema, o pessoal de Mauá, pessoal de Santo André, ou seja, de várias regiões do ABC que agregavam com o pessoal dos Anjos. Isso não trouxe só o atrito com o pessoal da cidade, isso trouxe atrito com outros grupos como, por exemplo, grupos de Heavy Metal, grupos de rock pauleira na época, os ditos Função, que seriam os Hip Hop... os “Raperzinhos” de hoje (...) O pessoal “função” da época na realidade eram os “bandidões”, e o pessoal dos Anjos também não cedia pressão para esse tipo de pessoal. Grupos ‘hippies mais pesados’, uma vez na estação de Santo André encontramos um grupo de hippies, com umas capas muito longas, do outro lado da estação que intimou a gente para brigar, chamou a gente de bundão e tudo mais, e a gente teve que resolver a parada do jeito que eles queriam e eles tomaram a pior... então a forma de ser, de se vestir, de agir, do pessoal dos Anjos do ABC, trouxe na realidade, não somente a rivalidade com o grupo dos punks da city, mas, com outros grupos também, que queriam se sobrepor e levar o nome em cima do pessoal do ABC”.

Segundo alguns relatos, os Anjos nesse período já se definiam como um grupo mais forte, fisicamente e em quantidade, muitos praticavam artes marciais. No ABC existiam outras gangues menores e quando se tratava de uma rixa com as facções de São Paulo, essas se intercalavam com os Anjos, aumentando sua força. Reuniam-se nas estações de trem da região e partiam para os confrontos. Nunca houve uma trégua, e o grau de insatisfação contra os punks da city aumentava na medida que o movimento expresso ali, abria espaço para os setores midiáticos. Um “mito estava lançado”, os punks do ABC, acabariam sendo considerados pelos de São Paulo como “primitivos e selvagens”, já os do ABC acusavam os de São Paulo de assumirem uma postura “contraditória, exibicionista e modista, de estar “emburguesando” o movimento.

Os Punks da City apareciam freqüentemente em jornais, revistas, programas de TV e rádio, o que ficou em evidência quando no ano de 1985 foram convidados a participar em um pequeno trecho, do capítulo final de uma novela exibida pela Rede Globo Televisão, chamada *Um Sonho a Mais*, que foi ao ar no dia 24/05/1985. Mas nem sempre o que era publicado refletia para um lado positivo do esperado, a conduta exibicionista e debochada dos Punks da City contribuía ainda mais para o foco sensacionalista e distorcido sobre o movimento.

Os desagrados dos Punks Anjos com a imprensa eram cada vez mais constantes e com o pessoal da City maiores ainda. Já vinham sofrendo todo tipo de censura e repressão devido às notas taxativas editadas pelos meios de comunicação, que faziam uma alusão aos punks como bandidos ou marginais. Deturpação, segundo os Anjos, sustentada pelas atitudes adotadas dos punks da city, que criavam uma falsa imagem do movimento, o oposto do que ocorria na região do ABC. Os punks do centro acabavam se comprometendo nas entrevistas concedidas com o comportamento mediante a câmeras e microfones. Alguns gestos (caretas, dedos em riste, palavrões) favoreciam as insinuações pejorativas dos órgãos de comunicação que intencionalmente buscavam um lado sensacionalista dos acontecimentos. A imprensa impunha o “Punk” como uma coisa única, sem distinções, até mesmo com outras “tribos urbanas” como Darks, Skinheads, New Wavers e Heavys (todos em fase embrionária), todos eram confundidos com punks. Se alguma pessoa, grupo ou gangue usasse preto em suas vestes, era taxado como punk.

Nas raras vezes que algum punk do ABC concedia uma entrevista, além de estar distantes desses meios, por precaução, evitava declarações, não gostava de se expor. Algumas gangues eram visadas pelas autoridades, alguns punks respondiam processo e evitavam se comprometer em um período de total repressão. Como no caso Antonio de Pádua, vocalista do grupo Passeatas, pertencente aos Anjos, que perdeu a mão direita em um atentado à bomba direcionado aos punks da city, no Salão Construção, no Bairro Santana, zona norte de São Paulo, território dos Punks da Vila Carolina, em 1981. Posteriormente quase foi engajado na lei de segurança nacional mediante investigações policiais, que o levaram a prestar inúmeros depoimentos perante a justiça⁷².

(...) Como não podiam tocar nos salões de São Paulo os grupos topavam se apresentar em circos, festas de colégio etc. Não era raro que bandas posicionassem seu equipamento em praças, puxassem algum fio de iluminação pública e fizessem shows tão longos quanto demorassem as viaturas policiais. Como eram quase todos metalúrgicos, os punks do ABC adotaram na indumentária as botas com biqueira de aço (exigidas nas fábricas para proteger

⁷² A Lei Nº 7.170, de 14 de Dezembro de 1983 foi sancionada pelo Presidente da República, João Batista de Figueiredo sobre “crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e da outras providencias”.

os pés dos operários), o que os colocava em temível vantagem nas brigas (...) Em 1981, a rivalidade chegou a seu momento mais mórbido, quando apareceram as primeiras armas de fogo. Binho, baixista do Passeatas, aproveitou seus conhecimentos de química para montar uma bomba caseira, com pólvora de carvão, pregos retorcidos e cacos de alumínio, “feita pra machucar”, como lembra Pádua. A idéia era lançar o explosivo no meio de uma festa no salão Construção, onde os punks paulistanos se reuniam rotineiramente. Mas a bomba acabou explodindo antes de ser atirada, ao lado de Pádua, amputando-lhe o antebraço direito e ferindo várias pessoas. **(ALEXANDRE, Ricardo, p.57-2002).**

Segundo relatos de alguns punks que estiveram no episódio e não quiseram se identificar, o incidente foi muito mais grave do que se imagina, algumas pessoas que estavam próximas da explosão saíram feridas com estilhaços, principalmente no rosto. O artefato continha três pavios em tamanhos diferentes, o pavio maior acenderia os outros dois menores, daí se teria o tempo suficiente para soltar a bomba e dar fuga; houve uma precipitação seguida de vacilo, com o explosivo sendo detonado antes do esperado e dilacerando o antebraço direito de Pádua. Outros punks alegaram que Pádua não constava entre os quais iriam lançar o artefato, as coisas estavam meticulosamente planejadas, e se não fosse o imprevisto os estragos seriam maiores. Diante dos relatos, não quiseram divulgar os nomes dos envolvidos nessa ação. No documentário “Botinada - a origem do Punk no Brasil”, Pádua dá sua versão sobre o fato:

“O punk que ia soltar a bomba na hora deu um vacilo, eu tava passando perto e eu falei: ‘vai meu, solta o bagulho’ e ele tipo balançou tá ligado... daí eu falei: ‘dá essa porra aí’, quando eu catei e estou acendendo, um cara grita no meu ouvido: ‘olha os homi’... “porra mora” é psicológico, você está com uma bomba na mão, o cara fala que a polícia está em cima, você vira e faz o quê ? Você tem que jogar em cima da polícia, você entendeu, quando eu virei, não tinha polícia coisa nenhuma, quando eu retornei o pavio já estava em chamas, o máximo que eu tive, assim de chance, foi só largar o artefato, ele explodiu entre o chão e a minha mão, felizmente eu não consegui machucar as pessoas que a gente realmente, eu não vou ser hipócrita, a gente tinha realmente intenção de machucar todo mundo que estava lá dentro, mas felizmente a gente não conseguiu”⁷³”

⁷³ Produção Gastão Moreira, ex-MTV, e Clemente Tadeu, do grupo Inocentes, 2006.

Os Anjos não aceitavam de forma alguma um movimento modista. A radicalização foi se intensificando entre eles e os punks da city. Os fanzines serviam como instrumento alternativo de divulgação do movimento, neles os punks podiam se expressar e obter informações precisas sobre os acontecimentos dentro do circuito nacional e internacional. Os fanzines editados pelo *peçoal da city* traziam conotações de entretenimento sobre o movimento. No ABC, os fanzines editados dispunham de certa intelectualidade, mostrando com clareza a disparidade entre o movimento vivenciado na região com o do centro da cidade. Em um deles os punks Anjos expressariam o seu descontentamento com o *peçoal* de São Paulo:

As duas fases do movimento PUNK

(São Paulo X ABC)

O movimento punk, por suas raízes anarquistas, engloba em si pessoas de formação intelectual variada e de origens diversas, o que acarreta contradições internas, que se acentuam à medida que convergimos nossa atenção nos dois pólos do punk nacional, a região do ABC e o centro de São Paulo.

Divididos menos pela geografia que por seus ideais, os punks do ABC sempre se mantiveram afastados de seus "colegas" da "city", por um abismo intransponível de divergências no modo de agir e pensar, divergências estas que com o passar dos tempos se tornam mais evidentes.

*Os integrantes do movimento da cidade de São Paulo, talvez mais por falta de conscientização do que inteligência, pervertem a imagem do nosso movimento através de atos e declarações infantis perante a imprensa e outros meios de comunicação, a que tem acesso, deturpando o punk nacional, e tornando o mesmo alvo de curiosidade passageira das pessoas comuns, fazendo-as crer que o movimento não passa de brincadeiras inconseqüentes feitas por adolescentes desocupados e ignorantes, o que obviamente não é verdade, bastando para isso mirar o exemplo dado pelo *peçoal* do ABC, que encara o movimento Punk com toda a seriedade, e o leva adiante sempre, apesar de todas as dificuldades e armadilhas engendradas pela sociedade.*

Os punks do ABC não encaram o movimento como um fim, mas sim, como um meio de implantar e divulgar as teorias anarquistas.

No ABC, o punk preserva e “prega” anarquia, conservando-se puro de influências nocivas, o que não foi evitado na cidade de São Paulo, onde o capital tomou lugar à consciência (basta ver o exemplo do corruptor Antônio Bivar e suas marionetes comercializadores do movimento punk, que tem seu quartel, uma certa Punk Rock Discos), e o consumismo tornou o punk uma moda (no centro de São Paulo).

Assim, termino estas linhas, que comportam muito mais que palavras, vão destacando as faces do movimento, este texto é muito que destacar as contradições e esclarecer dúvidas, “profetiza” a continuidade do movimento que o ABC e outras regiões proletárias tendem a se fortalecer, enquanto que na “city”... bem, na “city” o tempo dirá ⁷⁴.

A narrativa que se segue procura ajudar a compreender melhor os Anjos e a evolução do movimento punk no ABC, somando o histórico das três principais bandas iniciais em correlato aos depoimentos de alguns de seus integrantes. É interessante notar nesse seguimento a importância que as bandas tiveram na sustentabilidade do movimento, a forte influência do anarquismo, perceptíveis no conteúdo de suas letras, a militância de alguns desses componentes, pioneiros na introdução e divulgação das idéias anarquistas. Destaque para o grupo Passeatas, no qual dois componentes, Binho e F.J.G.R., foram os primeiros articuladores dos conceitos e panfletagens anarquistas introduzidas dentro do movimento punk na região.

2.5 Trilogia ABC/ SBC - Passeatas, Hino Mortal e Ulster

O release formalizado abaixo sobre a banda Passeatas foi constituído com grande dificuldade, devido à resistência de alguns de seus integrantes em não querer se expor, colaborando de maneira apática. Um deles, F.J.G.R., só colaborou após algumas insistências. A elaboração desse texto só foi possível através de conversações via telefone e de documentos em fotocópia enviados pelo correio autorizado por ele. Entretanto, um outro integrante, L.G., se propôs a colaborar espontaneamente, trazendo enfoques importantíssimos que ajudaram a enriquecer essa reconstituição. Já com as outras bandas

⁷⁴ Anarquistas Presentes - número 1, janeiro de 1983.

Hino Mortal e Ulster, a reconstrução foi feita através de encartes de discos, entrevistas e alguns artigos de jornais. Quanto aos entrevistados, não houve em nenhum momento um impasse por parte deles; ao contrário foram muito prestativos.

PASSEATAS

O Passeatas foi a primeira banda Punk do ABC paulista de cunho extremamente radical e de ativismo anarquista. Numa época em que o anarquismo se encontrava quase que esquecido dentro do contexto da política nacional, lembrado apenas por alguns militantes e simpatizantes, a banda surge em contraposição a todas correntes políticas existentes nesse período, entre elas as sindicalistas emergentes, CUT e PT.

No ano de 1978, F.J.G.R. pensando em formar um grupo de Punk Rock chamou Binho, que estudava com ele no Colégio Objetivo em São Paulo. Ambos eram amigos e já atuavam juntos no movimento punk desde seu início. Vinculados na região do ABC, precisamente em SBC, faziam parte dos Anjos, constam entre os principais protagonistas que inseriram a ideologia anarquista dentro do movimento punk não só no ABC. F.J.G.R. morava em São Paulo, nas mediações da Avenida Paulista, filho de família classe média, e começou a se envolver com o anarquismo no final da década de 1970, quando tinha quinze anos, segundo material enviado por ele. Consta:

“Em São Paulo não havia mais militância anarquista explícita. O anarquismo era situado pelos militantes do Partido Comunista, que naquela época ainda militavam na clandestinidade como ultrapassado. A propaganda anarquista chegava de fora, através das bandas punks, principalmente do Reino Unido e dos Estados Unidos. Naquele tempo estava tocando guitarra e um amigo de escola que trabalhava em uma loja de discos, chamou-me para montarmos uma banda que durou um ensaio, terminado a “pedido da vizinhança” (...) O anarquismo é uma arma de pressão eficaz, não só para sair da exclusão social, mas para combater equívocos de políticas capitalistas (...) Futuro artista, finja agora que você tem algum sentimento humano. Sim, o anarquismo, nesse caso específico, é um meio ainda mais eficaz que eu continuo a colocar em prática (...)”.

Antes de se chamar Passeatas, a banda se chamou “A Lei”, nome proposto por Binho, soava como cinismo, devido ao período ainda prevalecente da Ditadura Militar. Primeiro

uma opção pela legalidade, em seguida, não havendo possibilidade de fazer transformações políticas sem algum tipo de enfrentamento, uma outra opção pacífica, daí “Passeatas”, que no contexto resumido da palavra, “manifestação que se faz pacificamente, reivindicação pública de alguma coisa”, sua proposta, a arte como militância política. O Passeatas surge como uma proposta musical contra o sistema massificador de mídia, ditado pelo empresariado capitalista na área de comunicação, com críticas dilaceradas à sociedade de consumo, ao Estado, à Igreja, Militarismo e Patronato, muito claro em suas letras:

Consumo

Na sociedade de consumo
O que a maioria das propagandas sugerem
Não é necessário pra você
E custa uma grana difícil de conseguir
Pessoas que seguem modas
São otários massificados
Por uma sociedade de consumo
Feita para consumir você
ABAIXO O CONSUMISMO, ABAIXO O CONSUMISMO;
QUE FAZEM OTÁRIOS SEGUIREM MODA E SEREM MASSIFICADOS
Nesta bosta de sociedade capitalista
Onde tudo está cada vez mais caro
E o nível de vida em geral é baixo
Pois quem não tem dinheiro se fode
A bosta da sociedade de consumo
Mexendo com a ambição e vaidade das pessoas
Causa uma diferença entre classes
E pessoas são admiradas pelos seus bens
ABAIXO O CONSUMISMO, ABAIXO O CONSUMISMO;
QUE CAUSAM UMA DIFERENÇA ENTRE CLASSES
E A MASSIFICAÇÃO DAS PESSOAS

A banda foi formada no início de 1979, com Pádua no vocal, F.J.G.R. na guitarra, Binho no baixo e Érico na bateria. Binho sugeriu o nome de Antonio de Pádua (parente próximo de Genuíno Neto, do PT, porém sem vínculo ideológico algum com o primo e a

política do partido) para compor o vocal da banda, pois se encaixava na proposta de conteúdo político explícito que a banda queria exercer, uma militância engajada conseqüentemente no pensamento político-anarquista. A anarquia era a palavra mais expressiva para a postura da banda, era no que realmente acreditavam, queriam uma proposta além da saturada “retórica da esquerda nacional”.

É importante frisar que, após um pedido de entrevista feito por mim a F.J.G.R., o mesmo recusou a concedê-la, mas enviou-me um documento onde ele mesmo formaliza algumas perguntas, dando prontas as respostas. Isso me constrangiu muito, pois percebi que naquele momento F.J.G.R. não gozava de um bom estado de saúde, passando por uma crise de esquizofrenia, o que já era reconhecido anteriormente por alguns de seus amigos, mas, mediante os fatos, muitas questões levantadas por ele foram relevantes e coerentes. O documento foi enviado via correio a 31 de outubro de 2002, em folhas de papel tipo fax, inserindo: Remetente: F.J.G.R., Destinatário: Miro, Assunto: Material para ajuda de tese, Data dessas cópias: 31/10/2002, com o título: EXOTÉRICO. Um texto metafórico e complexo, mas que traz alguns recortes interessantes:

O Terrorismo predomina nos bastidores da religião e da política partidária, quem serão os próximos escolhidos para caírem em alguma armadilha e serem espancados pelo quarto poder?

Católicos que são contra a sexualidade, fingindo que fizeram voto de pobreza e o que fazer com o crescimento populacional sem autocontrole, sem castrar o desejo; a vontade. A fila e o desemprego estrutural. Evangélicos, protestantes é Jesus em Hard Rock, e Heavy Metal, Jesus em Blues, Jesus em samba, Jesus em hardcore e Jesus é rei em país republicano. Jesus é a volta da monarquia no Brasil.

Pergunta: Num Planeta que está superlotado, onde a quantidade de pessoas não pára de crescer, você acha que é possível aperfeiçoar o anarquismo histórico e não entrar no socialismo estatal ou continuar no capitalismo excludente e militarizante?

Resposta: Existe muito dinheiro que é desviado do cofre do Tesouro Nacional. É dinheiro de todos os brasileiros. Ele poderia estar sendo usado para transformar o Brasil, na prática, em Nação, investindo em projetos úteis, viáveis e duradouros sem ter que pedir dinheiro emprestado par outros países, se endividando cada vez mais ou tendo que hipotecá-lo, e perder tudo.

A forma metafórica não tira a validade do documento, percebe-se que o texto de F.J.G.R. traz uma crítica anarquista de grande seriedade, direcionada aos políticos e contra a exploração religiosa da fé, sendo ela Católica, Evangélica ou Protestante. Ao mencionar as tendências musicais, ele está se referindo aos métodos utilizados por essas entidades, que na multiplicação do ramo de fiéis utilizam inúmeros artifícios chamativos interligados a diferentes segmentos da juventude, criando tendência com bandas de White Metal (Metal de Cristo), Punks de Cristo ou Gospel, com o intuito de utilizar a musicalidade urbana para atrair jovens a sua doutrinação (muito explícito no final da década de 90).

No início, o grupo Passeatas não dispunha de um baterista fixo, e foi experimentando alguns amigos próximos. O primeiro nome sugerido para ocupar a bateria foi Carleone, respeitado entre os Punks de São Bernardo, devido a sua estatura grande e forte, mas resolveram poupá-lo, pois se houvesse algum tipo de represália, Carleone por ser negro sofreria maior repressão, devido ao racismo ser muito evidente num período determinado por represálias militares. Edgar foi o primeiro a tentar fazer bateria na banda e não deu certo; depois vieram Nenê e Jesus, que fizeram parte apenas de uma apresentação, ambos revezaram na bateria, num único show. Mal conseguiam tocar, Jesus acabou se machucando na bateria, cobrindo-a toda de sangue. Érico era militante no PC do B e tinha um “carisma” muito forte, ficou um pouco mais de tempo, meio que no improviso, mas também saiu. Pádua sugeriu o nome de um baterista que Nenê indicara, e que tocava muito bem, e o procurou para um teste na banda. L.G. morava em São Caetano do Sul e trabalhava como metalúrgico na Ford Caminhões Ipiranga, em São Paulo. O primeiro contato de L.G. com o Passeatas ocorreu na casa dos irmãos “Ratinhos”, membros do grupo Hino Mortal, outra banda de contexto radical anarquista da região. Com mesma afinidade musical, L.G. se encaixou adequadamente na proposta ideológica do Passeatas, assumindo em definitivo como baterista da banda. Para F.J.G.R. e Binho, foi um lance meio que recíproco, “Este é o cara, esta é a banda”.

L.G., antes mesmo de entrar para o Passeatas, já tinha uma bagagem musical bem elaborada, havia passado por outras bandas. Uma pequena passagem pelos “Condutores de Cadáver” e “Resto de Nada”, primeiras bandas do cenário punk brasileiro, muito atuantes no Estado de São Paulo no final da década de 70. Em sua trajetória o Passeatas foi uma das bandas mais expressivas, de conteúdo político radical dentro do movimento punk paulista,

principalmente no ABC, onde foi formada, causando “curiosidade” por parte da imprensa. Intitulados em matérias de alguns jornais e revistas, juntamente com o Ulster, outra banda política radical, da região, como “terroristas”, aguçou por partes das autoridades algumas investigações sobre essas bandas. Há de se consentir que as insinuações dessas matérias editadas não partiram de forma alguma dos membros dessas bandas, pois nenhum deles foi consultado pela imprensa, alguns dados foram fornecidos pelos punks de São Paulo, sob interesse duvidoso.

Antes da formação do Passeatas, F.J.G.R. conhecera, por intermédio de uma amiga, Edgar Escandurra, guitarrista do grupo IRA (conotação ao Exército Republicano Irlandês – Ireland Republic Army), num festival de música no colégio Santo Agostinho, em São Paulo. Na época, no entanto, o IRA ainda não existia. Binho, por sua vez, conhecia Nazi (vocalista do IRA), que depois mudou para Nasi. Ambos estudaram no mesmo colégio (Colégio de Padres) antes também da formação do IRA; mais tarde, Binho havia ingressado na PUC São Paulo prestando vestibular em exatas, freqüentando o curso de Física, por apenas três semestres. Ali conheceu Adilson (futuro baixista do IRA), que possivelmente fazia humanas, e Dirce, que produzia o “Zine MD” e tocava em uma banda punk chamada Juízo Final, e correspondia-se com grupos punks de outros países, inclusive com a banda inglesa Discharge, uma das mais importantes dentro do cenário punk mundial, considerada tanto pela imprensa especializada como pelos próprios punks como os criadores do estilo mais agressivo do punk rock, o *Hard Core*. Envolto à proposta de militância política anarquista, firmou com eles um laço de amizade, começando a articular algumas ações na PUC. A princípio, ficaram integrados à disputa pelo centro acadêmico, constituíram uma chapa denominada ANA (relativo à anarquia) e entre suas principais propostas, o fim dos trotes violentos atribuídos aos calouros pelos veteranos, ostentando alguns slogans contra a chapa adversária como J.O.I.A., que significava “Já Ouvimos Isto Antes”. Esse slogan era colado em cima de alguma propaganda eleitoreira da chapa da situação.

Segundo F.J.G.R., para os veteranos os punks eram hostis, então sentiam-se ameaçados pelos novatos. Os veteranos eram conservadores e cuidavam do DCE e em nenhum momento, até então, nenhuma chapa era tão forte e representativa como a ANA, o que causava um grande desconforto para eles na eleição. Infelizmente para os punks as coisas não foram bem como esperavam, a eleição acabou sendo ganha, não se sabe bem ao

certo como, pela chapa formada pelos Trotskistas ou Petistas, mesmo assim continuaram dirigindo seus esforços por outros caminhos.

Binho conseguiu junto à diretoria da PUC o aval para a realização de um show na universidade. Sua intenção era buscar espaço para a divulgação das bandas, conseguiu um espaço no Teatro Marques de Paranaguá, na PUC Paranaguá, em São Paulo. O show aconteceu em outubro de 1981 com as bandas Passeatas, Sistema, Desordem, com o grupo IRA abrindo o show para essas bandas. Na época o grupo IRA, até então desconhecido pela mídia, não possuía um repertório próprio, tocava “covers” de bandas punks internacionais como: The Clash, Sex Pistols, Ramones e The Jam, essa última obtiveram uma influência musical muito forte. Dessas bandas que se apresentaram, o IRA, posteriormente, foi a que mais obteve uma progressão dentro do cenário do rock nacional, conseguindo se firmar no mercado da música, com inúmeros discos gravados, alcançando um lugar de destaque dentro da mídia, sendo eleitos pela crítica uma das melhores bandas de rock da atualidade. De uma certa modo conseguiram driblar o jogo das gravadoras mudando de maneira um tanto que despercebida o seu estilo, mas não mais como punks, estavam sujeitos a novas tendências. As outras bandas continuaram sua trajetória no “underground paulista”, foram fiéis aos princípios básicos do punk, mas não conseguiram resistir por muito tempo, acabaram se desfazendo ou sobrevivendo no anonimato.

F.J.G.R. descreve que Binho teve problemas com a reitoria da PUC. Além de sua militância “punk anarquista” dentro da universidade, contava ainda com o seu “ateísmo convicto”, que quase o levou à expulsão. No local do show havia uma lata de tinta marrom aberta, e os punks picharam todo o teatro com frases e símbolos anarquistas, além de esvaziarem todos os extintores de incêndio. A advertência foi imediata.

Mesmo assim, no ano seguinte (1982), Binho com outros punks conseguiram agendar um outro evento, só que na PUC - Monte Alegre, no Bairro Perdizes, no Salão Beta, com as bandas Inocentes, de São Paulo, Passeatas e Ulster, de São Bernardo (ABC). A intenção desse show era promover uma união entre os punks de São Paulo e os do ABC, tinha por finalidade amenizar os conflitos e tentar unir as duas forças. Nesse período é importante ressaltar que havia o interesse entre as bandas em buscar novos espaços para se expressarem, divulgar suas músicas, mas com os conflitos entre gangues, as articulações tornavam-se mais difíceis, impedindo a proliferação do movimento para um contexto

maior. Mesmo diante dessas dificuldades houve a iniciativa por parte de alguns membros de bandas (ABC e City) em articular meios para essa possível união, preocupando em elevar o movimento punk a novos padrões. Nesse processo permitiu-se planos para elaboração de um festival punk de grande porte. A idéia partiu de Antonio Bivar e alguns punks da galeria, como Callegari, do grupo Inocentes, e sua namorada Meire.

Para que esse evento pudesse acontecer, foi preciso contar com uma trégua entre as gangues, dentro de um consenso que permitisse tal realização. Foi antecipado um show “piloto” em prol dessa possível integração, chamado “Show da União”, ocorrido na PUC Monte Alegre no dia 28 de agosto de 1982. No cartaz vinha intitulado “Punks Unidos”. As bandas Passeatas e Ulster foram mediadoras do pessoal do ABC, e Inocentes dos punks de São Paulo. A princípio o pessoal do ABC desconfiou, achou que poderia ser uma espécie de cilada, mas o show aconteceu sem nenhum atrito entre as gangues.

Houve, no entanto, um incidente no final do show com um dos Prédios da PUC em chamas. Não se soube ao certo as causas do incêndio, mas a certeza que se pairava era que foi uma coisa premeditada. Ficou-se sabendo mais adiante que fora um atentado de ordem política, praticado por alguns oportunistas que aproveitaram da situação para deixar que a incriminação caísse sobre os punks. A intenção era destruir alguns arquivos importantes e comprometedores que ali se encontravam. A polícia técnica e dois carros de bombeiros foram acionados e o show terminou com alguns punks sendo espancados e expulsos do local. Segundo depoimentos de Ariel e Clemente no documentário Botinada, o incêndio foi provocado pelos próprios militares que tinham a intenção de destruir alguns arquivos que os incriminavam, durante uma invasão na PUC ocorrida em 1979, em plena repressão da ditadura militar, mediante o movimento estudantil. Em um recorte de Jornal sem nome e sem data (provavelmente Notícias Populares, editado logo em seguida ao evento), registra-se tal incidente:

“Punks” são suspeitos do incêndio no salão da PUC

Um Incêndio irrompeu no Centro Acadêmico da Pontifícia Universidade Católica (PUC) por volta de 3h30 de ontem, provocando danos ainda não avaliados e sem causar vítimas. As causas do incêndio ainda não foram determinadas, mas as principais suspeitas

recaem sobre um grupo “Punk”, que realizava uma festa no Salão Beta, do prédio da rua Monte Alegre, 984, em Perdizes.

O professor João Edênio do Vale compareceu ao 23º DP (Perdizes), representando a PUC. Ele afirmou que o grupo estava previamente autorizado a se utilizar daquelas dependências para a realização da festa.

Segundo a versão não oficial, apresentada por alguns alunos da PUC, a porta do centro acadêmico teria sido arrombada pelos “punks” que atearam fogo em papéis ali existentes, dando início ao incêndio.

Duas viaturas do Corpo de Bombeiros compareceram ao local, que foi parcialmente isolado. O delegado Valdair Pereira registrou a ocorrência, sem constatar autoria por falta de indícios conclusivos.

O Passeatas acabou em 1983, por circunstâncias acumulativas que durante sua trajetória causaram discordâncias existenciais irreversíveis. As propostas de vida dos membros eram completamente diferentes, não puderam mais estar unidas em um só grupo. O grupo já estava dividido em dois núcleos, F.J.G.R. e L.G., que tinham mais afinidades entre si, e Binho e Pádua, da mesma forma. Com a dissolução do Passeatas, Pádua e Binho tentaram dar continuidade aos trabalhos e formaram uma banda chamada *Ação Direta*, com o propósito de continuar com as propagandas anarquistas. Essa banda foi formada por Miro (guitarra), Luiz (baixo), Pádua (vocal) e Binho (bateria), porém não resistiu ao primeiro ensaio e se desfez. Ação Direta era um nome muito forte e adequado para a época, fazia alusão a um outro grupo anarquista francês do mesmo codinome, que abalava a Europa com atentados terroristas, reivindicando o fim do projeto *Guerra nas Estrelas*, elaborado pelo governo norte-americano de Ronald Reagan, de colocar no espaço receptores de “mísseis soviéticos inimigos”. L.G. e F.J.G.R. também prosseguiram dando continuidade aos trabalhos e formaram o *Libertação Radical*, que durou oito anos, sendo a banda mais expressiva politicamente no cenário do ABC (seu release será descrito no próximo capítulo). Em sua formação contaram ainda com o próprio Miro, ex Ação Direta, formalizando um trio.

Em entrevista concedida, L.G. expõe seu ponto de vista em relação ao fim do Passeatas:

“Acho que... alguns dos membros relaxaram, começaram a não levar a banda a sério (...) Começaram a dar mais motivo para drogas do que para a banda, (...) Não quero falar o nome porque é o seguinte... quando nós começamos o Passeatas, né, tinham membros que usavam drogas mais eram bem poucos só que começaram a saber... assim a usar drogas mais constante... mais constantemente, ia para o ensaio chegava atrasado esquecia a letra errava... já entreguei o nome do cara (...) Mas isso aí também não foi só ele (...) Outra pessoa também da banda começou a ir no embalo da pessoa que estava usando drogas aí começaram a demonstrar a saber desinteresse... relaxo, entendeu daí sabe eu desanimei (...) Aí infelizmente nós começamos a discutir sobre isso aí e terminou assim entendeu, terminou de uma forma ruim, mas nossa amizade continuou tal, mas infelizmente terminou assim”.

A maioria das letras do Passeatas eram compostas por F.J.G.R.. A citada abaixo faz parte da coletânea do festival “O Começo do Fim do Mundo”, a única registrada em edições fonográficas.

Direito de Protestar

Trabalhadores querem seus direitos
Eles querem melhores salários
Pois o nível de vida deles é baixo
E o dinheiro quase não dá
Seus pedidos não são atendidos
E eles resolvem fazer greves
Mas esse direito não é dado a eles
Pois eles não têm o direito de protestar
TODOS TÊM O DIREITO DE PROTESTAR.
Estudantes querem se expressar
Querem falar abertamente
Eles são perseguidos e reprimidos
Pessoas falam de uma abertura
Uma abertura quase inexistente
Pois você não tem liberdade
E não tem o direito de protestar
TODOS TÊM O DIREITO DE PROTESTAR
A verdade é sempre escondida
Ou senão ela é distorcida
Pois é que existe a censura

Que controla o que você diz
Pessoas têm medo de protestar
Por causa da repressão
E que democracia é esta
Onde o povo não pode protestar
TODOS TÊM O DIREITO DE PROTESTAR

HINO MORTAL

Em entrevista com Laércio (Rato), ex-guitarrista do Hino Mortal, podemos analisar a conjuntura entre musicalidade e comportamento punk. Ele nos relatou que a sua afinidade com o rock o acompanha desde muito cedo, vinha tentando tocar e formar uma banda desde 1975, afirma que:

“No início éramos um trio, pensávamos em fazer um som voltado para o rock progressivo ou rock pauleira, mas, não tínhamos condições na época para uma musicalidade mais elaborada, pois precisaríamos de instrumentos mais sofisticados, e a realidade vivenciada por nós, era de total precariedade, o que fez com que nos levássemos de encontro ao movimento Punk”.

Laércio conhecia nesse período um grupo de pessoas que já flertava com o punk, entre eles Nenê e Jesus, ambos fundadores dos Anjos. Laércio se identificou imediatamente com os Anjos, pois além de serem de São Bernardo, muitos moravam próximos ao seu bairro. Encontrou nesse pessoal um sentimento muito forte de amizade e união. Para Laércio “era como se fosse uma verdadeira família”, em que todas as coisas eram divididas, instrumentos, espaços para ensaios das bandas, shows e meios de divulgação do movimento. Laércio menciona que o SBEROC é considerado pelos punks e roqueiros da região como o primeiro local onde se deu a transição do rock tradicional para o punk a partir de 1977 (principalmente por aqueles que vivenciaram o período). Entre outros relatos afirma que obviamente outros lugares apareceram e passaram a tocar também o punk rock na região do ABC. Na entrevista despona:

“(...) O SBEROC foi o pioneiro, depois vieram o Colégio Brasília em São Bernardo, o FENDER no bairro de Rudge Ramos também, atualmente é uma delegacia de polícia. O CREC na Vila Paulicéia, Teatro Cacilda Becker no centro de São Bernardo, Salão da Pira em 79, bairro de Piraporinha em Diadema, com a equipe de som comandada pelos irmãos Carlinhos, Helio e Bujão, havia o LORD em São Caetano do Sul, depois vieram outros, mesmo assim os espaços eram limitados para esse tipo de som. O rock sempre foi discriminado no geral aqui no Brasil, principalmente no ABC”.

Por volta de 1978, formou com seu irmão Sidnei (Ratinho) sua primeira banda Punk chamada *Indigente*, tinha na época 18 anos e seu irmão 15, com a seguinte formação: Laércio (Rato) guitarra, seu irmão Sidnei (Ratinho) no baixo, Celso (Pulga) nos vocais e, na bateria, Nelson (Azeitona).

Essa banda durou muito pouco tempo. Com a saída de Pulga e Azeitona os irmãos Laércio e Sidnei tentaram dar continuidade aos trabalhos. Oray, um amigo, foi convidado para assumir os vocais e Jesus na bateria, formando então o *Oray e Seus Trutas*, no início de 1981; alguns amigos ironizavam apelidando a banda de “*Zoreia e Seus Trutas*”. Essa teve um tempo de duração mais curto ainda, menos de um ano, inclusive tendo o nome modificado para *Desordem* apenas por uma noite em um Show realizado na PUC Paranaguá, em outubro de 1981, junto com outras bandas, *Sistema*, *Passeatas* e com a participação do grupo *IRA*, abrindo o show para as demais. Nesse show exclusivamente Jesus foi substituído por Nenê na bateria e alguns dias após a banda se dissolveu.

A história do Hino Mortal começa a partir de então. Nenê indicou Carlos para os irmãos “Ratinhos”, que era casado então com sua irmã Rosângela, conhecido como Índio, vendedor de discos, especialista em rock, ex-vocalista da banda *Condutores de Cadáver*, pioneira do punk paulistano e da qual havia saído recentemente. Índio aceita o convite e assume os vocais; para bateria foi cogitado o nome de Ricardo, ex-*Submundo*, banda punk do ABC composta por Mao nos vocais, Hamilton no baixo e Zé Renato na guitarra.

Ricardo estava insatisfeito com a sonoridade produzida pelo *Submundo*, abandonou a banda assim que foi convidado para tocar no Hino Mortal e, logo após sua saída, a banda *Submundo* se dissolveu, ficando apenas Mao, que deu continuidade aos trabalhos, mudando

o nome do grupo para *Garotos Podres*, considerada a primeira banda OI nacional, com Mauro na guitarra, Sucata no baixo, Português na bateria e o próprio Mao nos vocais.

A primeira fase do Hino Mortal se estabelece entre 1981 a 1987, com a formação original: “Rato” na guitarra, “Ratinho” no Baixo, Indião nos vocais e Ricardo na bateria. Tendo um intervalo no meio do caminho devido a um acidente de moto com Laércio no ano de 1984, deixando-o em estado grave, coincidindo também com o casamento de Ricardo, com isso, a banda ficou quase um ano inativa, tentaram reiniciar os trabalhos, mas logo em seguida a banda se desfez.

A proposta musical do Hino Mortal era de fazer uma crítica anarquista direcionada a todas instituições, em especial à religião, à polícia e ao Estado, com letras e sonoridade agressivas. Como a maioria das bandas punks, passaram também por um processo de evolução política, assimilando o sofrimento do cotidiano e tentando transmitir através da música todo um protesto “anti-sistema”. A trajetória da banda foi construída por inúmeras ações radicais e polêmicas, como a queima de bandeiras do Brasil e Bíblias durante Shows. Em suas apresentações, Índio era sarcástico e violento ao mesmo tempo, com discursos e provocações inflamados, direcionados ao abuso de poder militarista e contra as manipulações de autoridades religiosas. Em suas letras nota-se explícito o grau de radicalismo obtido:

Campos Religiosos

Lá vinham os profetas
Com seu rebanho de lobos
Pregando e distribuindo
Panfletos “Bíblicos”
Para seres sem razão
Torturaram e torturam
Ergueram a maior Multinacional
Seduziram idéias
Tornaram-se líderes políticos
Donos de vastas terras e concretos
Não valorizaram seu
Conhecimento científico

Nos mostraram deuses, monstros.
“Viados e Lésbicas sagradas”
Hoje!
Odiamos todos os campos religiosos
Odiamos todos os campos religiosos
Odiamos todos os campos religiosos

Índio morou muito tempo no centro de São Paulo, não gostava do movimento Punk que ali se desenvolvera, optou por conviver com o pessoal do ABC indo ao encontro dos Punks Anjos de São Bernardo, por serem mais radicais, politizados e possuírem uma união muito forte. Foi em São Bernardo, que conheceu Rosangela, irmã de Nenê, e se casou.

Segundo Laércio, em 1979 e 1980 existia uma rixa muito forte não só com as gangues, mas também entre as bandas. Nenhuma banda de São Paulo tocava no ABC e nem as do ABC tocavam em São Paulo, a guerra entre as gangues já estava declarada. Índio tinha uma convivência muito grande em São Paulo, era muito conhecido, por fazer parte dos Condutores de Cadáver, como vocalista da banda. Pelo seu porte físico e atitude, era temido por alguns e respeitado por outros. Foi através dele que o Hino Mortal ficou sendo a primeira banda do ABC a conseguir tocar com as “bandas da City”, num Show realizado no fundo de quintal de uma casa que pertencia aos membros da banda *Lixomania*, que posteriormente viraria o 365, chegando a “estourar” na mídia no final da década de 80 com a música “São Paulo” e “Grandola”, muito executada nas rádios de AM e FM paulistanas.

O Hino Mortal foi escoltado nesse show em peso pelo pessoal dos Anjos de São Bernardo, pois, em qualquer local onde as bandas do ABC se apresentassem, as gangues da região sempre as acompanhavam. As divulgações dos shows eram feitas de boca; em boca, mais tarde, aprimoraram-se os panfletos e cartazes.

O Hino Mortal teve problemas também com a censura. No primeiro festival Punk Brasileiro, realizado em novembro de 1982 no SESC Pompéia em São Paulo, onde reuniu-se em torno de mais de quatro mil punks, do ABC, Centro e Zona leste, era um período vivenciado ainda sob a Ditadura Militar, tudo que era vinculado a festivais ou gravadoras tinha que passar pela censura federal, que era rígida. Para esse festival, as músicas do Hino tiveram que ser gravadas em fita cassete com auxílio de um único violão, com três cópias

datilografadas, enviadas à Brasília. Das quinze músicas enviadas pelo Hino Mortal, somente três foram aprovadas, as demais vetadas pela censura, segundo nos conta Laércio:

“No regulamento constava: tocado com um instrumento audível e 3 cópias datilografadas com as letras que seriam executadas, em fita cassete, serem enviadas para a polícia federal de São Paulo e depois ao Departamento de Censura em Brasília e aguardar o retorno da liberação ou não”. O meu irmão Sidnei ao ir retirar o material, foi intimado pela polícia federal, que queriam saber do paradeiro de Carlos, perguntaram se ele era o Carlos”.

Mesmo com o fim da Ditadura Militar em 1985, a censura ainda mantinha um papel “intervencionista”. Em 1987 foi lançado pela gravadora RCA Ariola um disco intitulado ROCK do ABC, produzido pelo selo LUP SOM, empreendimento de Ronaldo Martin, dono de um Jornal intitulado Rocker, com sede em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo. O disco foi gravado no Estúdio Camerati em Santo André, uma coletânea contendo seis bandas e doze faixas, com duas músicas de cada banda, entre elas: Decreto Lei, 64 e seus Efeitos Colaterais, Corte Marcial (Punk), O Epílogo, Ibiza e Hino Mortal (Punk).

O Hino Mortal foi a única banda nessa coletânea que teve parte de suas letras censuradas no encarte desse disco, inclusive na música “Campos Religiosos”, que já estava pronta para ser editada e teve que ser regravada, tirando-se as frases: “Viados e Lésbicas sagradas”. A foto original da contracapa também foi vetada, registrava um operário sendo agredido por um policial. Foi substituída por outra, mostrando uma passeata de trabalhadores ostentando faixas de protestos com o símbolo da CUT.

Em matéria sobre o movimento punk exibida pela Rede Globo de televisão em 1983, para o programa Fantástico, Laércio (operador de máquina de laminação) foi entrevistado e filmado em plena atividade no seu local de trabalho, na LIMASA, uma indústria metalúrgica em São Bernardo do Campo.

Na sua entrevista, Laércio expõe da seguinte forma a reportagem elaborada pela Rede Globo de televisão:

(...) por um lado a entrevista foi boa, mas muito ruim por outro. Ruim, por ser uma emissora de televisão, o que não era bem visto pelos punks, ainda mais pelo porte da Globo (...) A Globo é o seguinte, ela queria mostrar o que estava acontecendo dentro do movimento punk.

Mostrou aquilo que ela queria mostrar, que foi conveniente a ela, isso é, o lado sensacionalista da coisa e não o que deveria ser mostrado, ou seja, o que realmente estava acontecendo, o punk como movimento. Não foi feito aquilo que deveria ser feito, passar a real para o público, porque, aqui no ABC nunca tínhamos acesso a esse tipo de imprensa, então acho que ela partiu mais para esse lado sensacionalista mesmo. Foi o finado Luiz, ex-guitarrista do Ulster, que acertou tudo, foi ele que acabou dando um toque para nós que o pessoal da Globo queria fazer uma matéria sobre o movimento. Acabou a Globo filmando o local do trampo, entrevistou lá o chefe da gente perguntando como que era ter um funcionário punk, então quer dizer; procurei mostrar um lado que o pessoal tinha, atitudes boas, não ruins (...).

No início dos anos 90, tentaram outra iniciativa, porém em vão, com alguns desentendimentos internos houve um “racha” e o Hino Mortal se desfaz novamente. Dele surgiu uma outra banda chamada *Marionetes*, tendo à frente os irmãos Laércio e Sidnei, que posteriormente viraria outra subsequente, o *Insulto Oculto*, no entanto não mais punk. Índio, por sua vez, deu continuidade aos trabalhos do Hino Mortal, a banda passou por várias mudanças, sem desviar do contexto Punk, durando até 2004. Atualmente Índio está às voltas com os *Condutores de Cadáver*.

ULSTER

O Ulster foi formado em São Bernardo do Campo em 1979, antes, porém, como nome de M-19. Em São Paulo, nesse período, já existia uma outra banda com esse nome; para evitar plágio mudaram o nome para Ulster. O grupo era formado por Mauro (vocal), Luiz (guitarra), Vladi (Baixo) e Beto (Bateria). Ficaram muito tempo só nos ensaios, começando a se apresentar a partir de 1980. O nome Ulster está relacionado com a região da Irlanda do Norte onde ocorriam os incessantes conflitos entre Católicos e Protestantes. A Inglaterra, exercendo um papel intervencionista, utilizava a “máscara” da questão religiosa e das diferenças étnicas para promover uma guerra e tirar proveito político.

O grupo se apresentava usando máscaras negras (capuz), fazendo uma alusão aos ativistas do IRA, Exército Republicano Irlandês, contrários à maioria protestante.

Segundo V., em entrevista concedida, relata:

“Tocar de máscara se tornava algo muito esquisito, a gente tomou todo cuidado, porque não era engraçado, a gente não queria passar nenhuma mensagem de teatro, era um negócio que tinha que ter um clima agressivo, como agressivo era a situação... pesada era a situação, nós tomamos esse cuidado! naturalmente nos primeiros shows foi meio estranho, meio esquisito, o pessoal não entendia direito, mais a postura da banda foi extremamente dura, e com pouco tempo o pessoal entendeu a mensagem da banda e passou a respeitar”

Os relatos que se seguem trazem um resumo adaptado, apoiado em uma reportagem feita sobre a banda Ulster, editado por um jornal de música chamado “Antimídia”, distribuído gratuitamente, em sua segunda edição no mês de setembro de 2000. Diante das inúmeras perguntas sobre a banda, V. traz antigas informações importantes sobre a década de 80. Em sua descrição coloca a dificuldade de ser punk na época, “o clima que a gente enfrentava era de terror de verdade”, explica que não era só pelo tema que a banda escolheu para abordar, em suas formas alusivas ditas anteriormente, os shows eram realmente furiosos e violentos. “Era um negócio difícil, barra pesada, em plena ditadura falávamos sobre matar militares, o problema com a polícia era foda”. A cena punk era norteadada por alguns LPs que alguém trazia de fora, esses acabavam sendo gravados em fitas cassete, algumas informações ocorriam de boca em boca, assim como a circulação de um ou outro fanzine. Os atritos do ABC contra o pessoal de São Paulo eram terríveis, e geraram mortes, “você não sabe como é horrível perder um amigo numa treta”, as bandas no início não podiam tocar em São Paulo e vice-versa, “existiam bandas legais aqui, mas não tinha espaços para tocar”. V. esclarece:

“O ABC é um dos maiores subúrbios operários da América latina, dentro de uma das maiores capitais do mundo, dentro de um dos maiores focos de pessoas e de revolta do planeta. Eu acho que esta revolta também está na cena punk. A contestação do punk é algo que se não mudou o mundo a seu redor, mudou a vida de muita gente”.

No seguimento de sua entrevista, V. expõe essa relação das gangues com as bandas:

“(...) nesta época aqui em São Bernardo, banda e gangue viviam uma simbiose... as bandas faziam parte das gangues e elas nasciam delas, a gente ia tocar por aí, todo mundo saía de ônibus, saía todo mundo junto e levava equipamento (...) Não era uma coisa planejada, de vocês vão lá e a gente vai tá tocando lá. Saía todo mundo junto, (...) Então tudo que acontecia com as gangues, acontecimentos envolvendo polícia, envolvendo determinadas brigas, o pessoal das bandas vivia isso junto... porque andavam juntos não tinha como... não poderia ser diferente dado à situação do nascimento que estava acontecendo aqui em São Bernardo, então houve uma simbiose mesmo... os integrantes destas bandas que a gente falou agora pouco, todos eles sabem de todas as histórias que aconteceram no ABC, se você for procurar todos eles, eles estavam naquele dia em tal lugar, todos eles estavam no Templo quando aconteceu tal fato, estavam no SBEROC quando aconteceu outro fato e quase em todos... entendeu, porque a gente andava tudo junto, então a influência, ela foi grande... ela foi e voltou... enquanto que as bandas também influenciaram, as gangues... de certa forma nós conseguimos transferir um pouco de consciência política... através do som, através dos fanzines e essas gangues acabaram se tornando mais consistentes também... porque as bandas deram um pouco o norte, senão eles acabariam vivendo uma coisa meio cega... então essas bandas deram um certo norte”.

Depois de se dissolver em 1983, a banda Ulster reaparece a partir do ano de 1994, continuando na ativa, evidentemente passando por algumas alterações na sua formação. Durante sua trajetória constituíram alguns registros fonográficos importantes, com grande repercussão na Europa, em especial um compacto em vinil distribuído pela *ABC Records* de Santo André (produzido por Denis). As músicas editadas foram regravadas de tapes originais, gravações caseiras e sem qualidade, produzidas em 1982, contendo cinco faixas: Lado A - Pau nos Boys, Morte aos velhos, Sou Anti e Lado B - M-19 e Bandeiras Vermelhas. Também tiveram participação no primeiro festival punk brasileiro, “O Começo do Fim do Mundo”.

Letra da música que leva o nome do grupo:

ULSTER

*O som metálico das latas soa morte em BELFAST
É outro terrorista que o sangue irá honrar
Rasga a face da religião com o punhal da corrupção
E tudo que se conseguiu foi só um caixão vazio
ULSTER*

ULSTER

ULSTER

Em comum, essas três bandas ostentaram um som extremamente barulhento e agressivo, puxado para o *hardcore*, com conteúdo político e contestação anárquica. Elas foram as principais bandas do início do movimento punk no ABC, que deram um pulso de incentivo para a formação de inúmeras outras, que obviamente também obtiveram uma importância muito forte e expressiva dentro do cenário punk no ABC, a partir dos anos 80. Entre algumas que mais se destacaram ressalta-se: Corte Marcial, DZK, Desgoverno, Holocausto, Submundo, Libertação Radical, Disritmia, Círculo Vicioso, Sistema, Garotos Podres, Rebelião Suburbana, Niilista, Subvidentes, Ação Direta, FDS e Brigada do Ódio.

Todas essas bandas do ABC apresentavam características parecidas: precariedade de instrumentos, dificuldades de obterem locais para ensaios, apresentações esporádicas por falta de espaços para tocar, músicas agressivas de ataque direto ao sistema, letras “rudes” e algumas sarcásticas.

2.6 O Começo do Fim do Mundo

A iniciativa para a realização do primeiro festival punk nacional partiu de Antonio Bivar, juntamente com os punks das grandes galerias em São Paulo. A idéia foi construída na própria loja de Fábio, a Punk Rock Discos, sustentando a ótica de projetar o movimento, em reconhecimento a “nível” nacional. Callegari, do grupo Inocente, e sua namorada Meire buscaram manter contato com alguns integrantes das bandas punks do ABC, sugerindo a proposta e justificando a importância de se fazer um festival de grande porte, reunindo várias bandas de diferentes regiões, com um registro de um disco gravado ao vivo. A intenção era manter uma trégua pacífica, com o intuito de solidificar o movimento e conseqüentemente amenizar os conflitos entre as gangues.

O local escolhido para o evento foi o SESC Pompéia, região oeste de São Paulo, ao lado do Estádio Palestra Itália (Sociedade Esportiva Palmeiras), próximo à estação Barra

Funda do metrô. Antonio Bivar manteve contato com a Diretoria do SESC, que aceitou em produzir o festival, encarregando-se de pagar o aluguel da aparelhagem e custear o registro do festival, com um LP gravado ao vivo. O Sesc fábrica Pompéia era uma antiga fábrica de tambores, sua arquitetura estilo inglês rústico com tijolos à vista foi restaurado posteriormente e transformado em um Centro Cultural.

Feito os contatos, houve a colaboração das bandas em manter uma certa trégua. As gangues do ABC postaram-se descrentes, apreensivas e cautelosas, desconfiavam de que tal evento pudesse se realizar sem que houvesse algum atrito.

Diante de uma certa tensão, o primeiro Festival Punk Nacional foi realizado com o título *O Começo do Fim do Mundo*, no SESC Fábrica Pompéia nos dias, 27 e 28 de novembro de 1982, com entrada franca, feito para durar três dias, mas se resumindo em dois. Houve a apresentação de mais de vinte bandas entre elas: Passeatas, Ulster, Hino Mortal, Decadência Social (do ABC), Dose Brutal, M-19, Neuróticos, Inocentes, Psykóze, Fogo Cruzado, Juízo Final, Desertores, Cólera, Extermínio, Suburbanos, Lixomania, Olho Seco, Estado de Coma, Ratos de Porão e outras em que os nomes não saíram na divulgação. É importante frisar que nenhuma dessas bandas recebeu cachê para tocar, se dispuseram a apresentar-se gratuitamente em prol ao movimento.

Alguns levantamentos mostram a presença marcante de cerca de 4.000 punks, causando impressão entre eles mesmos. Não existia uma noção da quantidade de punks existentes em São Paulo. Como prometido, o Festival resultou numa coletânea independente, um LP gravado ao vivo, com vinte faixas, contendo uma música de cada grupo. O Festival atraiu a imprensa internacional, obtendo uma repercussão mundial, inúmeras matérias foram editadas em jornais internacionais como: Washington Post, Maximum Rock Roll (EUA) e em outros jornais do Japão, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Finlândia, etc.

Além das apresentações das bandas, houve uma exposição fotográfica, com os trabalhos de Vânia Toledo, Ugo Romiti, Toninho Prada, Carla Reichaman e Antonio Bivar. A projeção de filmes sobre o movimento punk, entre eles: Rude Boy e Punk Rock Movie, e o lançamento do livro de Antonio Bivar “O que é Punk”, pela Editora Brasiliense.

O palco foi montado ao final do corredor da fábrica, e atrás das aparelhagens havia uma enorme bandeira com desenho de um punk com cabelo raspado à moicano, como o símbolo anarquista (a letra a maiúscula dentro de um círculo), ao lado e em volta os nomes das bandas que se apresentaram.

Com tantas facções juntas num mesmo festival, a trégua esperada duraria pouco. Com a forte rivalidade existente entre elas, não demorou muito para que surgissem os primeiros confrontos. No segundo dia do festival, o evento termina com a presença da tropa de choque e inúmeras viaturas da polícia militar e com a prisão de inúmeros punks.

Cerca de 4 mil punks compareceram. O público convencional se estarreceu com aquilo que, à primeira vista, parecia um grande teatro de terror. O festival transcorreu em clima de paz, mas as vizinhanças, vendo aquela multidão de jovens vestidos de preto e os adereços!, coturnos, cintos, gargantilhas e pulseiras com rebites, carecas e moicanos, cabelos com cores cítricas, o que era aquilo?! Era guerra, era o quê?A vizinhança, apavorada, chamou a polícia, por causa de tretas rolando lá fora. A polícia veio. E o público convencional ficou perplexo com o confronto (...)⁷⁵.

Alguns dados levantados apontam que a intervenção policial se deu pela solicitação dos moradores vizinhos, amedrontados, com a presença massiva de “inúmeros jovens estranhos que causavam arruaças e brigas”. A invasão do SESC ocorreu a partir das 16h00, pela Tropa de Choque, e dezenas de viaturas da polícia militar, destacadas pelo 7º Distrito Policial. Alguns punks sofreram violência física por parte das autoridades e a versão não oficial conta 25 punks detidos. Obviamente esse festival foi muito impactante, uma vez que a sociedade ficou próxima realmente do movimento punk.

O Festival foi transmitido para todo o Brasil, por via Embratel, aumentou o ibope dos meios televisivos, em especial o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. Sua repercussão resultou em perplexidade e indignação de inúmeros telespectadores desinformados.

⁷⁵ Revista TRIP, Reedição Especial, segundo semestre de 2000, P. 57 - TRIP EDITORA E PROPAGANDA S/A, SP.

A partir do festival do SESC Pompéia, o movimento punk passou a ser reconhecido por todo território nacional através dos meios de comunicação. Dois meses após sua realização, a Rede Globo de Televisão havia reforçado a idéia de projetar algo sobre os punks e exibira, uma matéria no programa Fantástico, em janeiro de 1983. Os repórteres encarregados dessa edição contataram alguns punks das grandes galerias e do ABC, que predisporam-se a conceder algumas entrevistas, diante de um acordo e comprometimento dos jornalistas em fazer uma edição honesta sobre o tema. Lançado por vias televisivas, mais uma vez o movimento é visto de forma taxativa, equivocada e sensacionalista. A emissora não arcou com o compromisso que mantivera, de mostrar um movimento sério de caráter contracultural. As entrevistas concedidas com seriedade pelos punks foram censuradas e propositalmente não editadas; o que se viu foi uma imagem pejorativa, de jovens fúteis, de aparência agressiva, que gostavam de conviver em meio ao lixo, nas galerias de esgoto, casas abandonadas, insinuando que a idéia de anarquia dos punks era algo de destruição total e violência gratuita.

Os problemas se agravariam ainda mais para os punks a partir de então. Após essa reportagem, muitos sofreram represálias, alguns perderam o emprego, ficaram visados pela polícia, viraram vítimas de chacotas e provocações, tanto no trabalho como no meio social e familiar onde viviam. A imagem de “vândalos e violentos” ficou marcada na sociedade e esse rótulo persiste até os dias atuais.



ARQUIVO: ALT

PASSEATAS

PASSEATAS



PUC - 1981

ARQUIVO AL7



1989

FOTO: CIBELE ARAGÃO

LIBERTAGÃO RADICAL

LIBERTACAO RADICAL



FJGR

FOTO: CIBELE ARAGÃO



FOTO: CIBELE ARAGÃO

MIRO



LAÉRCIO

ARQUIVO: ALT



FOTO: CIBELE ARAGÃO

LIBERTAÇÃO RADICAL - 1º DE MAIO - PAÇO - MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO - 1988

INDIGENTES





HINO MORTAL

HINO MORTAL

INDIÃO



LAÉRCIO



SIDNEI



RICARDO



Foto 1987 ARQUIVO ALT



1932

ARQUIVO: ALT

ULSTER

ARQUIVO: ALT



CARLEONE/ BAIXO VERME/ VOCAL DITADOR/ GUITARRA NENÊ/ BATERIA

NIILISTA



WILSON/ GUITARRA - MACARRÃO/ BATERIA - DITADOR/ VOCAL - CARLOS/ BAIXO
ARQUIVO: ALT

D Z K

No início a banda se chamava Decadência Social
atualmente DEZIKILIBRIU SOCIAL



D Z K - PRODUÇÕES

DZK

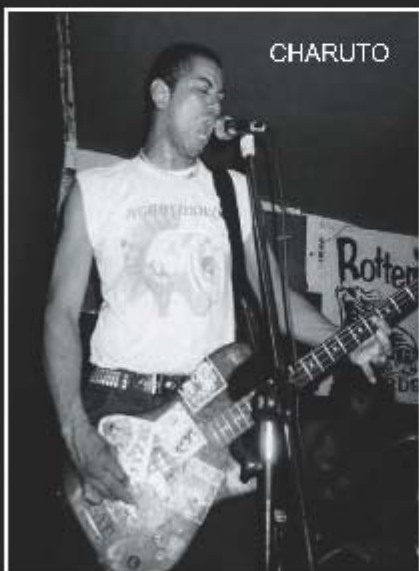
BARATA



MAKARRÃO



CHARUTO



BOKA



FOTOS: DZK PRODUÇÕES 2006

Foto: 1989

ARQUIVO: VANIER



MONKEY: VOCAL VANIER: BAIXO DITADOR: GUITARRA TULHÃO: BATERIA

DISRITMIA

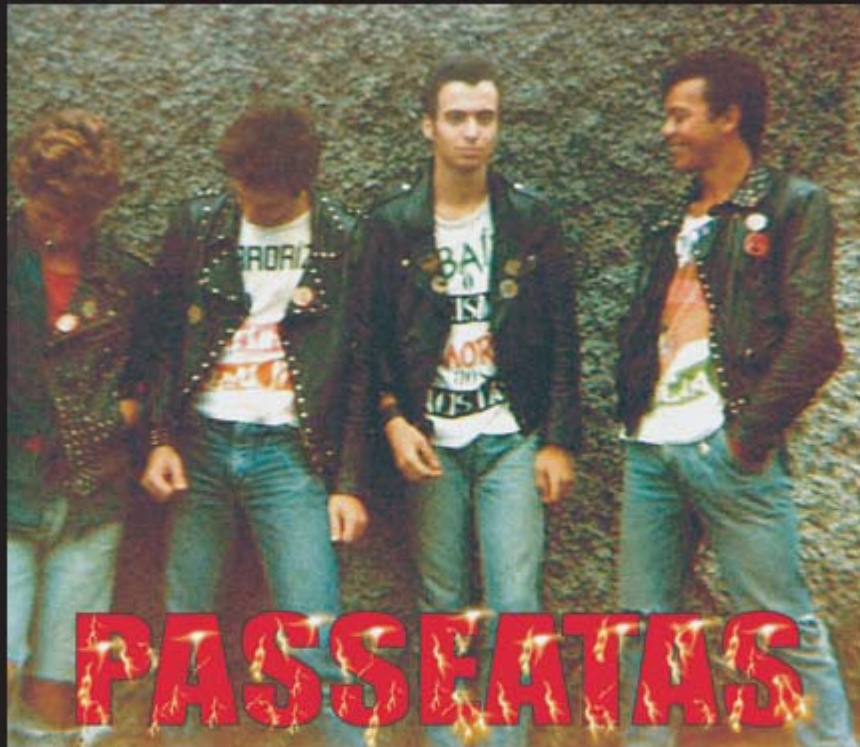


FOTO: DIÁRIO DO GRANDE ABC

MONKEY-VOCAL VALDÃO-BATERIA DOUGLAS-GUITARRA VANIER-BAIXO

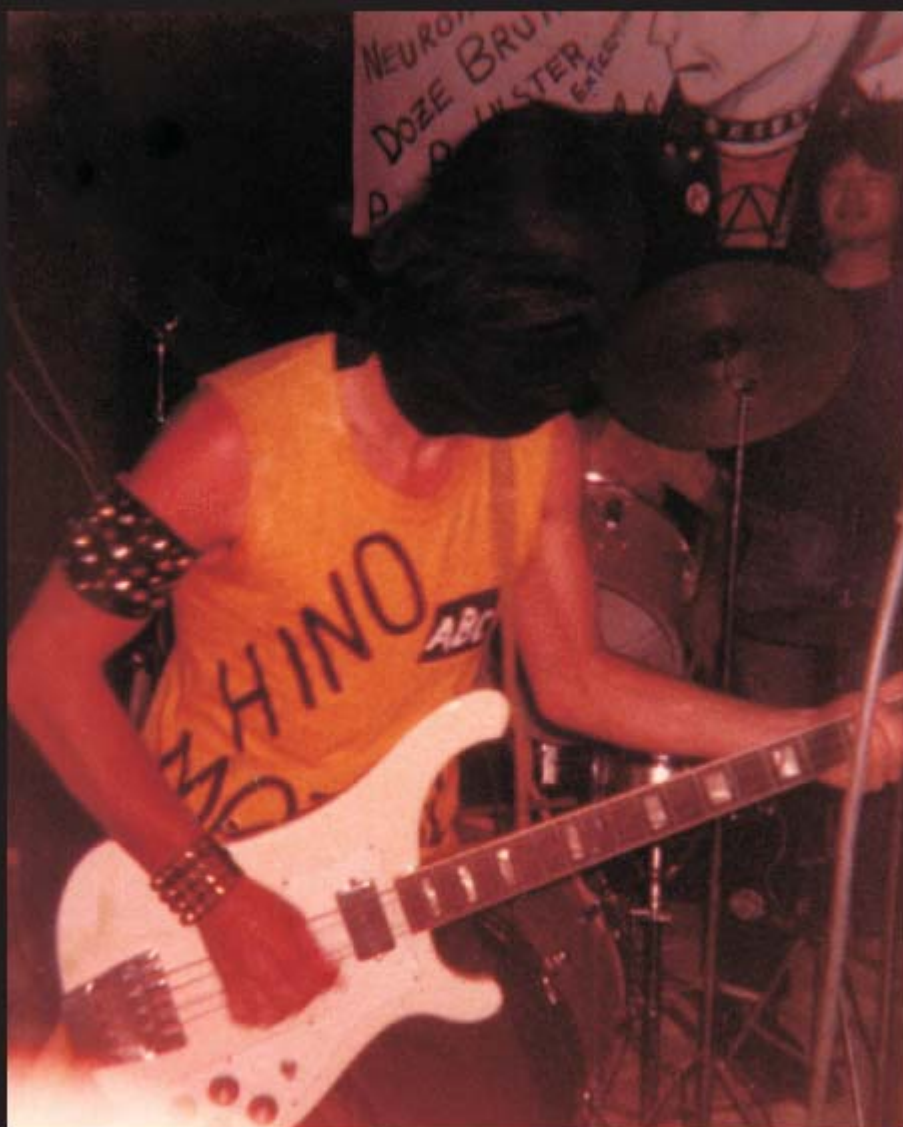
DISRITMIA

Banda formada em 1984 - Foto: 1994





PASSEATAS - FESTIVAL "O COMEÇO DO FIM DO MUNDO" SESC POMPÉIA SP - NOVEMBRO DE 1982



V. - ULSTER -FESTIVAL SESC POMPÉIA - SP - 1982



BURU - CÍRCULO VICIOSO



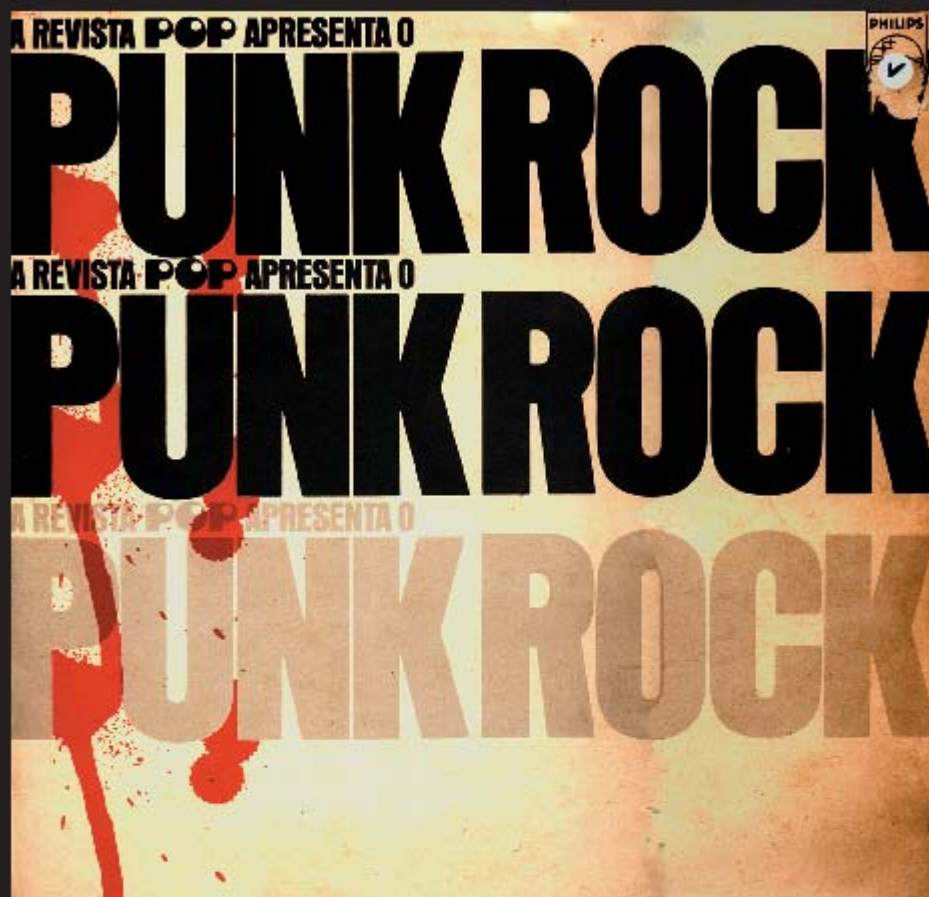
ANJOS - BAIXADA SANTISTA - 1984



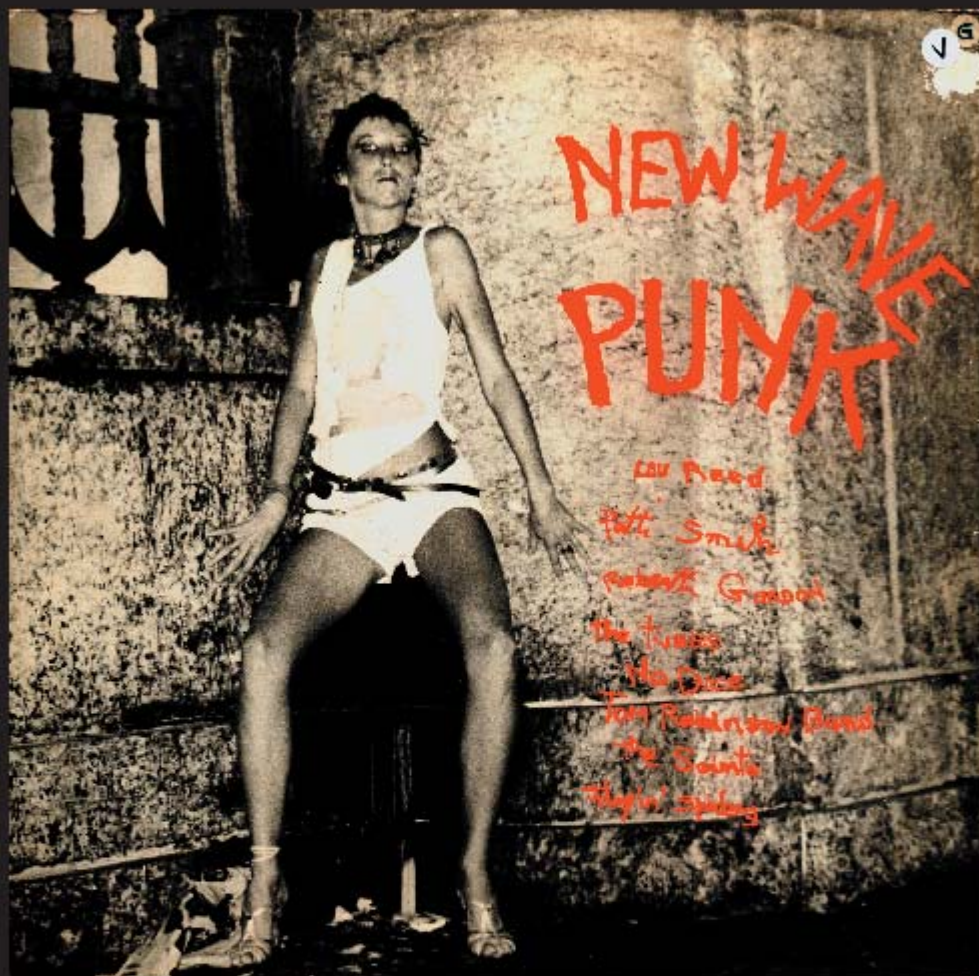
ANJOS - SALÃO DO BAETA - SBC - 1983



ALT - 1982



1º DISCO PUNK LANÇADO NO BRASIL PELA REVISTA POP EM 1977



DISCO LANÇADO PELA EMI EM 1978

CAPÍTULO III

A DISPERSÃO

A tentativa dos organizadores do 1º festival Punk do Sesc Pompéia em conciliar os dois lados, unir o movimento como um todo, fracassou, gerando uma grande frustração por ambas as partes, City e ABC. Muitos punks acreditaram fielmente nessa possibilidade, mas a utilização dos veículos de comunicação para sua divulgação teve o efeito contrário.

(...) “Fiquei puto, desiludido”, lembra Clemente. “Vim de uma gangue, era questão de sobrevivência na periferia. Mas o lado artístico do punk era mais importante para mim. A gente curtia moda punk, fotografia, filmes, dadaísmo, poesia beat, tudo que tivesse a ver com essa estética. Eu queria dar continuidade a isso, por causa das pessoas que faziam parte do movimento – um monte de brutos, excluídos, ignorantes até – que, pela primeira vez, tinham uma identidade, uma voz. Era muito importante que o movimento crescesse e pudesse dar oportunidade para aquele jovem oprimido de se expressar. Mas isso se tornava difícil quando os próprios punks estavam mais preocupados em brigar do que em batalhar pelo movimento”. Já Pádua acredita que o próprio modo com que o punk foi divulgado atrapalhou a compreensão exata de suas dimensões. “Nossa imagem foi banalizada, virou sinônimo de um cara que encoxava a mãe no tanque, que saía pela rua quebrando patrimônio público. Nunca fez sentido que, no Brasil, o punk fosse encarado como movimento de choque. Tanto que seus melhores momentos aconteceram quando serviu para aglutinar todos os jovens insatisfeitos de determinada camada social existente no fim da ditadura”. Callegari acredita que ainda mais importante do que ter-se enquadrado no perfil punk foi justamente fazer parte dessa geração que buscava um jeito de extravasar o que nem a repressão podia calar. “Encontramos no punk o meio de dizer tudo isso, algo que se encaixou como uma luva. Mas, se não fosse o punk, seria alguma outra coisa, porque precisávamos botar tudo aquilo pra fora”⁷⁶.

⁷⁶ Dias de luta, p. 63.

O movimento no geral começa a esboçar um declínio, na medida em que, na tentativa de se expandir para um lado mais sociável possível, foi banalizado pela mídia e rejeitado pela sociedade. Essa repulsa fez com que o movimento continuasse se expressando preso ao *underground*, com a impossibilidade de uma união e aumentando a rivalidade entre as gangues, as brigas se intensificando e o registro das primeiras mortes.

No ABC, inúmeros foram os fatores que contribuíram para a dispersão dos Anjos de São Bernardo do Campo. Entre os principais agravantes estão as mortes de duas “lideranças” e fundadores do grupo: Pepeu, vítima de afogamento em 1983, na cidade de Santos, e Nenê, assassinado a tiros pelos *punks da city* em 1984, vítima da “guerra entre as gangues”. Esses dois casos foram muito marcantes, pois os laços afetivos de amizade do grupo em relação a eles era muito forte e foram realmente abalados. Consecutivamente também houve a dissolução do grupo Passeatas (1983), do Hino Mortal (1984) e logo em seguida da banda Ulster (1984). Esses elementos, somados ainda com a investigação policial em suas constantes blitz sobre os punks no próprio ponto de encontro deles (quadra do Lavinia, Bairro Assunção em São Bernardo e no bar do tio Augusto vizinho ao ponto) e alguns desentendimentos internos, começaram a esboçar um decadência. Com a base de sustentação abalada, o declínio do movimento foi inevitável, alguns punks tiveram a iniciativa de dar uma guinada no processo, na tentativa de uma reestruturação; mas, sem obter êxito, em pouco tempo o movimento já havia se dispersado. A narrativa que se segue procura contextualizar resumidamente alguns acontecimentos chaves que conduziram a essa dispersão.

3.1 Prelúdio ao Declínio:

Mesmo diante da tentativa fracassada do “Festival Sesc Pompéia em união do movimento punk”, algumas bandas do ABC tiveram a iniciativa de tentar recuperar o esforço aplicado, elaborando um outro festival, de menor porte, mas com a intenção de manter a “tão sonhada união”. Junto a esse evento, foi lançado o primeiro manifesto punk, chamando a atenção da importância dessa unificação e a convocação para o Show com as

bandas: *Ratos de Porão*, do centro de São Paulo, *Ulster*, *Corte Marcial* e *Hino Mortal*, do ABC. O Show ocorreu na Associação Amigos da Vila Paulicéia em São Bernardo do Campo, na rua Álvaro Alvim, em frente à Cooperativa da Mercedes Bens, em 12 de fevereiro de 1983, das 18h00 às 22h00. Obviamente por se tratar do ABC e pela forte rivalidade entre as duas vertentes, por “receio”, nenhum punk da city compareceu, assim como a banda Ratos de Porão, que tinha entre seus integrantes um recente vocalista, João Gordo (atualmente apresentador da MTV), que havia anteriormente insultado verbalmente o pessoal do ABC, no documentário “Garotos do Subúrbio”, produzido pela equipe do Olhar Eletrônico da TV Cultura, onde sua fala foi registrada: “Pau no cú da Globo, pau no cú de Deus, pau no cú do ABC”. Evidentemente, depois desse disparate, ficou apreensivo, o que explica sua ausência e de sua banda no evento, segundo depoimentos dele mesmo: “o ABC é um grande barril de pólvora”. Por sua vez o show ocorreu com a presença marcante dos punks de toda região do ABC e sem nenhum agravante, contando ainda com a presença de inúmeros punks da zona Leste que se identificavam muito com os do ABC.

O 1º manifesto punk do ABC em sua íntegra:

1º MANIFESTO PUNK! (12/02/83)

“1983, o ano do caos econômico”. O desemprego, a fome, a neurose, a violência, o ódio, a repressão etc., assolará muito mais a sociedade... Neste clima é lançado o 1º Manifesto Punk, que tem a intenção de tentar transmitir que nós punks devemos nos reunir cada vez mais para saber que vai ser feito do nosso movimento, que ultimamente anda sendo ridicularizado por algumas entrevistas (que não transmitem nada do que seja punk), frases feitas, uma apresentação de um grupo na TV e mais algumas palhaçadas que estão fazendo deste movimento um modismo sem nenhuma razão ideológica.

O desemprego aumenta, a qualidade do ensino cai e fica mais caro, a subnutrição aumenta, enfim existe uma horrível falta de perspectiva, principalmente para os jovens, que estão vendo o movimento punk “distorcido” alguma coisa para fazer, agora cabe a cada punk transmitir a sociedade à ideologia mais correta possível do que seja punk e os que não souberem devem manter a boca fechada. Tudo isso é para que os novos adeptos sejam conscientizados da força, da ideologia e da garra que existe neste movimento, e principalmente do valor que cada um tem por ser um punk.

Um movimento, um manifesto ou um protesto que tenha base, podemos dizer que ele precise de 4 fatores: Um ideal a ser seguido, lutando por ele a qualquer custo; Um plano de Ação muito bem feito, se possível melhor do que o sistema ao qual nos manifestamos; Uma conscientização da população para que ela nos apóie pelo menos moralmente; O fundamental: União, que não é esta união que se fala entre os punks, mas sim a união que todos gostariam que existisse, que todos fossem capazes de lutar juntos por um único ideal. Existem diariamente tantas coisas feitas descaradamente para serem criticadas ou manifestadas pelos punks que ficam se preocupando em quebrarem vidraças, provocarem playboy, etc.

Este manifesto não quer que os punks sejam “santinhos”, mas quer que tenham o mínimo de instrução, inteligência e consciência para que saibam como agir com aqueles que os reprimem, e com os que lhes dão uma força. A crítica entre os punks deve ser feita cada vez mais, para que os erros sejam corrigidos; portanto é um grande ato um colega criticar construtivamente o outro quando este estiver fazendo algo prejudicial a quem, ou aquilo que nunca lhe prejudicou e deixa o que lhe prejudica constantemente sem ser prejudicado. (É uma questão de empregar o verbo prejudicar sem se prejudicar). “Sendo que estamos dispostos a receber críticas”.

Ainda existem várias coisas para serem faladas e discutidas, mas é preciso que cada punk venha com suas próprias idéias para se chegar a um ponto comum. O primeiro empurrão já foi dado, agora é preciso que todos empurrem esse Tanque de Guerra chamado PUNK!

Essa foi a última tentativa na década de 80 de uma possível união entre os punks paulistanos, no entanto o ideal esperado não foi correspondido e a partir desse momento intensificaram-se ainda mais os atritos entre as duas vertentes ABC e City e as conseqüências foram alarmantes.

3.2 Baixas no ABC

Em 14 de fevereiro de 1983 Newton, vulgo Pepeu, morre afogado na cidade de Santos, litoral paulista. Não se sabe ao certo sua idade mas, em um release da banda em que tocava, consta que tinha entre 19 e 20 anos, em 1982. Pepeu com Nenê, foi um dos principais fundadores dos Punks Anjos na região do ABC, era guitarrista da banda *Rebelião Suburbana*, formada em abril de 1982, a qual tinha por finalidade divulgar idéias anarquistas, com uma sonoridade agressiva e letras de ataque crítico à sociedade, à falsa

moral, e a qualquer forma de sistema. A banda era formada por Pepeu, guitarra e vocal, Grilo (baixo), Edson (guitarra rítmica) e Mario (bateria), mas, por falta de convicções ideológicas, os dois últimos saíram dando lugar para Filhinho (irmão de Nenê, na guitarra) e Gordo (bateria). Pepeu costumava frisar que a luta dos punks contra as injustiças, a podridão e a corrupção do sistema, não poderia perder mais tempo, algo tinha que ser feito de imediato. Era um dos poucos punks do ABC que freqüentava sozinho os salões onde os punks da city mantinham território, sem que alguém o incomodasse ou agredisse, seu porte impunha respeito. Segundo depoimentos de alguns punks da época para o fanzine Anarquistas Presentes, que lhe prestou uma homenagem, podemos ter alguma noção de sua personalidade:

***Denise (sua ex-esposa):** tinha personalidade própria e comportamento agressivo, mas em casa era superprotetor de sua mãe e dos irmãos. Era um companheiro que batalhava bastante sem medir conseqüências (...) Gostava da banda Rebelião Suburbana, MC-5, Vice Squad e odiava os Inocentes.*

***Pádua (vocalista das Passeatas):** (...) Comportava-se com felicidade, mas quando a situação era séria ele correspondia. Como ideal, esperava conseguir uma conscientização do pessoal participante do movimento e, a partir daí, pregar uma revolução cultural para a massa, queria a verdadeira liberdade de expressão. Gostava de No Fun dos Stooges, Ramble Rose do MC-5, Vamos Rezar do grupo Passeatas.*

***Mauricinho:** Conheceu na sua infância, sendo que quando curti rock, ele e o Catonho o levaram ao SBEROC e desde então foi formando sua opinião sobre ele, que seria com um irmão que não teve (...) Era um brincalhão, mas no momento em que a situação exigia sua seriedade, correspondia como um mano mais velho aconselhando e ajudando o amigo que estava a seu lado, visava destruir o sistema.*

***Filhinho:** Super positivo, (...) Incentivava muito o movimento, como ideal à anarquia, se possível o Mutualismo (participação de todos), gostava do som General de sua própria banda Rebelião Suburbana.*

***Nenê:** Tipo de cara que sempre apoiava todo mundo quando era possível. Pregava o anarquismo com garra, gostava de ser arrogante e o era, nunca se sentindo inferior a ninguém, como eu que também não me sinto. Comportamento normal, com vida agitada pelos problemas que passava, companheiro ponta firme, gostava de No Fun do Stooges e MC-5 no início do movimento (...) Tinha como ideal levar o anarquismo à frente.*

Uma das músicas da banda Rebelião Suburbana, preferida dos punks do ABC, pelo grau de agressividade ao regime militar, chama-se *Ditador*. De autoria do próprio Pepeu, muito cultuada e tocada por outras bandas da região, segue a letra:

Ditador

*Ei! General Idiota/ Ditador imundo
Você é culpado pela crise nacional
Você quer nos impor este regime imbecil
Você aumentou a fome e a miséria no Brasil

Este sistema esta aí para nos foder
Você é dominado pela fome de poder
Ei! General Idiota/ Ditador imundo
Quando eu te vejo na rádio ou TV
Sinto ânsia de vômito e nojo de você
Você importa tecnologia do estrangeiro
Devia melhorar o nível de ensino brasileiro
Você gasta dinheiro comprando armamentos
Quando o nosso problema é a falta de alimentos
Você investe em usina nuclear
Quando a agricultura é que pode nos salvar
Ei! General idiota/ Ditador imundo
O desemprego nos assola
Você fica na sua
Fala em recessão quando a crise está nas ruas
Você e sua junta estão aí para reprimir
Os Atos de revolta
Contra sua podridão
Vote é sujo, imundo.
É a vergonha da nação
Ei! General idiota/ Ditador imundo*

Um mês após sua morte, os componentes do grupo Ulster organizaram um show para homenageá-lo em conjunto com outras bandas do ABC: *Repressão*, *DZK*, *Passeatas*,

Niilista, Desgoverno e Holocausto. O show ocorreu no dia 13 de março de 1983, na Sociedade Amigos de Vila Baeta Neves, em São Bernardo do Campo, com a presença de inúmeros punks do ABCDM e Zona Leste, e ausência evidente dos punks do centro da cidade. O show, que começou por volta das 19h20, terminou às 22h00 novamente com a presença da polícia militar, repreendendo e apreendendo braceletes, cintos e correntes; houve um princípio de tensão, mas logo contornado pelos próprios punks, que tinham a intenção de um revide. Após o show, os grupos aos poucos foram se dispersando em direção aos seus devidos pontos de ônibus, quando nota-se a presença da Segurança do Shopping Center de São Bernardo (vizinho à sede) munida de cassetetes e rádios comunicadores, auxiliada por viaturas da polícia militar, fazendo ronda e vigiando à distância a dispersão dos punks, temendo uma possível invasão deles ao estabelecimento.

A repressão sobre os punks havia se tornado uma espécie de atração corriqueira, a maioria já estava acostumada com esse hábito e encarava a situação com uma certa naturalidade, porém às vezes alguns problemas eram mais graves e exigiam cautela. O que ressentia os punks era a visão que a sociedade mantinha sobre eles, como perigosos e marginais, chegando a ponto de, inúmeras vezes, se alguém notasse a presença de algum punk transitando perto de um bairro classe média, lojas ou patrimônio público, a própria vizinhança conseqüentemente acionava a polícia para reprimi-lo.

Logo após a morte de Pepeu, a banda Passeatas, por divergências ideológicas interna entre os componentes, termina. O Passeatas era a principal banda divulgadora das idéias anarquistas e aglutinadora dos punks da região. Com seu desfecho o movimento sofre a segunda queda. Alguns membros decidiram continuar sua militância, deixando um pouco a musicalidade de lado e partindo para os meios de propaganda panfletária. O Passeatas funcionava como uma espécie de “agente catalisador”, um ponto de junção do pessoal. Os ensaios da banda acabavam virando shows e também serviam como ponto de encontro, para debates de idéias e conscientização política.

Em fevereiro de 1984, feriado de carnaval, ocorreu a 4ª edição do Festival de Águas Claras, conhecido como o “Woodstock brasileiro”, um evento musical que desde sua primeira edição, em 1975, vinha contando com a presença de grandes músicos da MPB e de rock n’ roll (João Gilberto, Egberto Gismonti, Walter Franco, Jorge Mautner, Raul Seixas,

Gilberto Gil, Luis Gonzaga, Mutantes, 14 Bis, O Terço, Rock da Mortalha e grupo Apocalypsis). As outras edições foram realizadas no ano de 1981 e 1983. Todas as realizações desse festival ocorreram na Fazenda Santa Virgínia, na cidade de Iacanga, interior do Estado de São Paulo. Alguns punks dos Anjos, incluindo dois membros do grupo Passeatas, propuseram a idéia de irem a esse festival no intuito de fazer uma panfletagem de propaganda anarquista. A idéia não foi bem vista pela maioria, pois se tratando de um festival de “MPB, para hippies e bicho grilos, o que os punks iriam fazer lá?”; no entanto, foi respeitada a decisão de um pequeno grupo que estava predisposto a participar do evento.

Esponaneamente, apenas cinco punks se dispuseram se locar até Iacanga: Binho (baixista do Passeatas), Nenê (banda Niilista), Luizinho, Oray e Valdirene e saíram do ABC um dia antes ao evento. Coincidentemente o ônibus de destino ao festival - nesse período - saía da Estação São Bento do Metrô, “território demarcado” pelos punks da city. A caminho, o encontro entre as duas facções foi inevitável; com provocações de ambos os lados, não demorou para que uma briga ocorresse. Os Anjos mesmo em minoria não se intimidaram e partiram para o confronto - segundo testemunhas - contra aproximadamente 30 punks de São Paulo, armados com facas, correntes e revólver; mesmo em desvantagem, o pequeno grupo do ABC, conseguiu resistir por um bom tempo. Nenê, Oray e Binho tinham um porte físico maior e uma certa experiência em “briga de rua”, Luizinho era mais franzino e Valdirene mais frágil, mesmo assim não hesitaram e nem se acovardaram, ninguém recuou ao enfrentamento. Porém, em maior número, os punks da city obtiveram vantagem sobre os punks de “berno”, que acabaram saindo prejudicados. Binho foi esfaqueado e Nenê atingido por um tiro nas costas por um punk de alcunha “Debilóide”. Nenê, entre os mais velhos e “liderança natural dos Anjos”, conseguia sobressair-se nas brigas devido ao seu porte físico, alto e forte, chegando a brigar com três ou quatro pessoas ao mesmo tempo; era um dos mais temidos pelos punks da cidade.

Segundo relatos, nesse confronto, antes de ser atingido pelo projétil, Nenê havia conseguido primeiro desarmar, com um chute, arrancando das mãos de “Zorro” (punk da city) a mesma arma (um revólver Taurus, calibre 38); ao cair no chão, o revólver ficou em uma distância mínima entre Nenê e outro punk rival, o “Sé”. Ao perceber que não ia conseguir pegar a arma, Nenê, se esquivando, trocando socos e pontapés, chutou a mesma

para mais longe. No primeiro momento de alívio, tentou apanhar a arma caída no chão, mas a distância dela entre ele e Debilóide não o favoreceu; ao observar que não conseguiria êxito, correu em sentido oposto. Debilóide, dono da situação, não hesitou e disparou contra Nenê, acertando-lhe pelas costas. Tudo aconteceu muito rápido, obviamente após os disparos, a dispersão foi imediata, mesmo sendo do lado de fora da Estação do Metrô, logo as primeiras viaturas da polícia militar começaram a aparecer, mas, a essa altura, todos os punks já haviam dado fuga, sem a detenção de ninguém.

Os punks Anjos de São Bernardo, sem alternativa e procurando se safar também da repressão policial, acabaram embarcando às pressas no mesmo ônibus com destino a Iacanga. Binho, ferido e febril, sem socorros médicos, mas amparado por seus companheiros Luizinho e Valdirene, também machucados, prosseguiram viagem sem saberem ao certo o que havia acontecido com os outros colegas. Nenê foi socorrido e encaminhado para o Hospital Santa Casa de Misericórdia, no centro de São Paulo, conseguindo a princípio resistir bem aos ferimentos; mas, infelizmente, contraiu infecção hospitalar e veio a falecer alguns dias após, exatamente no dia 15 de março de 1984.

Os caminhos para os punks Anjos não poderiam ser mais tortuosos. Após a morte de Nenê o desespero e a revolta abalaram a todos. Poucos tiveram uma estrutura psicológica para prosseguir adiante, muitos não suportaram a perda e caíram em depressão, resolveram se afastar de tudo, não quiseram mais se envolver com o movimento punk.

Como num filme de ficção, os próprios rivais iniciais dos Anjos, os punks Terror de Pirituba, ficaram sabendo do episódio. Juvenal, um dos “líderes dos Terror”, antes mesmo dos atritos entre as gangues terem início, havia namorado uma das irmãs de Nenê que freqüentava os salões de rock junto com ele. Juvenal, com alguns punks Terror, conduziram-se até São Bernardo e procuraram pela família de Nenê propondo ir atrás dos assassinos, predispostos a se unirem com os Anjos e vingar a morte dele. No entanto, o desejo de vingança foi abafado a pedido da própria família, que não queria saber de um revide. Em respeito à própria mãe de Nenê, os Terror seguiram seu caminho de volta, enquanto os Anjos decidiram manter uma trégua angustiante.

V. D., 41 anos, ao conceder uma entrevista, mostra um pouco esse momento de angústia:

“(...) Logo após a morte do Pepeu, e tudo mais, o pessoal continuava ainda bem unido na realidade, embora houve algumas dispersões mais ainda estava bem unido, nessa época ainda, eu acho assim, o que veio mesmo a pegar foi essa a morte do Nenê. Eu lembro quando eu cheguei na praça do Lavinia, o Fernando chegou para mim e falou: ‘pô! Deram um tiro no Nenê cara que absurdo’. Ai eu senti que ficou uma coisa muita estranha, você começa a perceber que o pessoal, tá meio silencioso demais, (...) Algumas pessoas acham que não valem mais a pena continuar, então seja, fica assim, o que a gente costuma falar de alguns gatos pingados (...) O Filhinho ainda continuou tentando reunir o pessoal na praça, o Binho, o Pádua, que ainda apareciam por lá, o Santista (...) Mas, você percebe que nessa época, o número de pessoas que encontrava pela praça já estavam bem menor na realidade (...) Quer queira que não embora os princípios anarquistas, de todo pessoal de lá sempre teve aquela história do líder natural, então sempre havia alguém que aglutinava mais a galera, o Nenê não era daqueles caras de falar demais, como alguns outros lá, ele tinha esse princípio de líder natural e isso agregava bastante gente e quando aconteceu essa história toda sobre a ida dele para esse festival de Águas Claras, onde acabou sendo baleado, a gente sentiu... a gente percebeu que o pessoal sentiu legal mesmo. Algumas pessoas acharam que não valia mais a pena ir para a praça da COAP. Mas bem antes disso, a gente já comentava, eu e o Filhinho a gente sempre comentava onde iria parar essa violência desnecessária. Várias vezes eu e o Filhinho sentamos na praça para discutir sobre isso. Logo após essa história do Nenê ter sido baleado... a gente foi no Hospital, para visitar ele, conversamos com ele e tudo mais, houve o comentário do irmão dele, se eu não me engano era policial, e ele comentou, que não queria que houvesse represálias, na época. Eu vi o Nenê no hospital, e a gente conversou um pouco, um dia ou dois depois, eu fico sabendo que ele tinha... falecido... acabei sabendo depois, eu estava indo para escola na realidade e nem terminei a aula... acabei saindo antes, indo para quadra encontrar algumas pessoas que ainda estavam por lá, para gente poder conversar um pouco sobre tudo isso”.

Outros elementos também se mostram favoráveis a essa dispersão. O término da banda Hino Mortal, no mesmo período da morte de Nenê, época em que Laércio (o Ratinho) guitarrista do grupo, sofrera um grave acidente de moto que quase lhe tira a vida, tendo que se afastar por um longo tempo, assim como sua banda. Logo em seguida o Ulster também acaba por problemas de saúde de um dos componentes. Essas bandas igualmente ao Passeatas, eram fortes aglutinadoras dos punks na região.

Entre outras situações agravantes, havia as constantes investigações da polícia civil (DEIC), em busca de material subversivo e visando alguns membros de destaque dentro do movimento.

3.3 A Repressão

O pessoal dos Anjos começou a ficar visado pelos órgãos de repressão, pela militância séria que tinham. Entre elas, seu envolvimento político nas participações das greves e em muitos encontros e manifestações dos trabalhadores, inclusive nas comemorações do primeiro de maio, onde panfletavam e ostentavam bandeiras anarquistas, gerando algumas vezes confrontos diretos com a polícia nas passeatas. Usando frases de efeito contra o autoritarismo, não só incomodavam as autoridades, mas também a própria CUT e o PT, que achavam que os punks só estavam ali para causar tumultuo, ignorando a presença deles e criando uma antipatia, muita vezes taxando-os como esquizofrênicos.

V. D. analisa o posicionamento do PT contra a postura anarquista dos punks da região e faz a seguinte reflexão sobre esse processo:

“(...) Na minha visão, essa divergência, ideológica, contextual dos punks com o PT e com o pessoal da CUT... quer queira quer não alguns dos Anjos, participaram do início da formação do PT na região, na realidade. O que acontecia quando o PT nos comícios, não exatamente comício, mas, no primeiro de maio quando o PT convidava as nossas bandas, para participar, dos eventos, as nossas bandas não eram, aquelas bandas que subiam, e meramente tocavam terminavam de tocar, desciam do palco e acabou, o pessoal sempre tinha uma palavra de ordem, para expressar, sempre tinham alguma coisa para dizer no microfone e isso incomodava o pessoal do PT, o que gerou um atrito tal que, houve realmente a quebra de laços entre o pessoal do PT com o pessoal punk... que tinham uma formação no sentido politizado da coisa e... Acabou então se separando totalmente do PT, porque na realidade é assim, a visão do pessoal punk: “político é político não tem meio termo”, então o PT visava à política, ele não queria por exemplo ser criticado pelo pessoal punk. Uma coisa que para o pessoal punk é indiferente, político é político não importa ser de esquerda ou não, se você erra você merece uma boa crítica. Essa... essa quebra... esse racha com o pessoal do PT na época na minha visão em si não teve muita influência na dispersão do pessoal, isso na realidade acabou acirrando um

pouco mais e tornou mais evidente que nós estávamos no caminho certo, porque, o que as pessoas estão acostumadas, que o sistema esta acostumado exatamente é se servir como massa de manobra, coisa que o pessoal punk na região do ABC não era, aliás até hoje nós não somos massa de manobra, tanto é que nós estamos aí vivos até hoje para provar isso claramente para todos, então seja... Isso para nossa visão é o seguinte, não importa se o partido é de direita ou se ele é de esquerda, se ele é um partido, a tendência dele é visar o poder, e quem visa o poder visa o domínio e a isso o punk nunca se dobrou e nem vai ser dobrar que é o caso do pessoal Punk Anjos da região do ABC”.

Nota-se, nesse período, que os Anjos estão lutando com uma série de fatores, que vão se intensificando e se agravando. Pressionado de diversas formas, o movimento começa a esboçar um sinal de fraqueza.

Dando seguimento à entrevista de V. D., resumidamente nos mostra alguns desfechos que contribuíram para essa dispersão:

“(...) O movimento tinha um manifesto em si, então havia as bandas punks que tocavam na época e isso também funcionava como catalisador para os punks, só que isso não era o suficiente na realidade, o que fez com que planejássemos, panfletagens, anarquistas libertárias, por exemplo, e isso trouxe alguma repressão. Houve casos, em que certa vez na casa do Pádua, alguém toca a campainha e não se identifica, então meramente, pedimos para mãe dele dizer que ele não estava em casa, olhando pela janela, a gente viu que era um pessoal arrumadinho demais, tinham paletó e gravatas, procurando exclusivamente por ele. Daí surgiu algumas dúvidas, quem era na realidade aquele pessoal... então... a gente começou a perceber que também na praça onde a gente se encontrava, havia algumas pessoas diferenciadas no meio, que pareciam infiltrações, então houve uma época, que a gente tomava muito cuidado sobre que assunto estava sendo tratado e quem estava próximo nesse momento, às vezes cortávamos o assunto quando alguma pessoa desse tipo, chegava, mesmo ele se “fantasiando” ali de punk. O comportamento em si deixava suspeitas. Então houve caso de chegar pessoas desse tipo na praça e alguém conhecido vir de encontro a nós e avisar, “fica de olho nesse cara, que esse cara é estranho, estou achando que esse cara é polícia”. Houve na realidade infiltrações sim, de policiais civis, não só na quadra entre o pessoal punk, mas, pessoas suspeitas tirando fotos, do pessoal, meio às escondidas. Nessa época, final do governo Figueiredo a gente sofreu bastante com a repressão. (...) Com essa percepção... o pessoal que estava engajado... na parte de politização ficaram apreensivos (...) Algumas pessoas ficaram preocupadas, porém eles não voltaram atrás na atitude (...) Outras que estavam ali por uma

questão de moda do momento ou qualquer outra coisa... essas pessoas realmente se dispersaram logo. No momento em que perceberam que aquilo não era uma brincadeira e a coisa começou a se tornar séria na realidade, exatamente porque nós estávamos justamente num final de um governo militar, embora numa transição para uma “dita” democracia, que ainda era bem repressiva para nós na época. Tanto é que, tudo o que acontecia, a polícia baixava na praça para encontrar a gente lá e fazer toda essa repressão... inclusive tentando impedir a gente de se encontrar na própria praça e às vezes os caras querendo prender todo mundo”.

Ainda nesse seguimento nota-se claramente as controvérsias e as ações repressivas. O depoimento de V. D. mantém-se esclarecedor acerca das constantes ações policiais sobre os Punks Anjos, intencionados realmente na dispersão do grupo.

“Nessas visitas rotineiras da polícia militar, eles aproveitavam o embalo para sobrepor sua autoridade irracional, ou seja, espancava o pessoal. Quer queira ou quer não sempre arrumavam alguma forma de agredir alguém do nosso grupo. Arrumavam uma desculpa qualquer (...) Certa vez tentaram revistar uma de nossas amigas de grupo, um dos policiais invocou que tinha que passar a mão nela para revistar, um dos companheiros foi o primeiro a falar mais alto aí houve um balbúrdio, entre o agrupamento de punk e a polícia militar, que aproveitou o embalo para agredir esse nosso amigo. Mesmo assim o pessoal não se sujeitou e fomos ameaçados de ser presos, essa não a foi única vez, houve várias outras, onde a polícia militar sempre chegava com a sua truculência para tentar impor o seu poder sobre o pessoal dos Anjos.(...) O que acirrava mais ainda a nossa visão politizada e de contestação perante a polícia militar e o poder público, ou seja, os punks já no final da década de 70 e depois, uma boa parte na década de 80, nós os Anjos, ainda estávamos juntos. Acirrando ainda mais, nossa visão sobre o comportamento truculento da polícia militar sobre aqueles que não se sujeitavam à determinação do sistema, lembrando novamente que nós estávamos no final de um governo militar onde os militares achavam que eram donos de tudo e de todos, embora isso hoje, ainda não tenha mudado muito”.

3.4 Reestruturação: um sonho além de distante

No final de 1984, a redução do número de punks que freqüentavam a quadra do Lavinia no Bairro Assunção em São Bernardo do Campo foi bastante significativa. O

percentual inicial de aproximadamente 200 componentes baixou para 30 atuantes, e no final de 1985 (término da ditadura militar) apenas uma minoria procurava ainda esboçar uma reestruturação. Diante dessa resistência houve a proposta de se criar um movimento paralelo ao punk, intitulado “Movimento Básico”.

A iniciativa partiu de F.J.G.R., ex-Passeatas, que estava interessado em reverter o quadro instaurado, com o intuito de se livrar das normas taxativas vistas pela sociedade e da própria repressão. O Movimento Básico seria uma proposta inovadora que não romperia definitivamente com o punk em si, mas um movimento que não se identificaria mais com sua conotação, seguiria paralelo a ele, atuando no underground, intencionado a ficar despercebido aos olhares das autoridades, tanto esteticamente quando ideologicamente. Vejamos alguns trechos dessa proposta:

Proposta

Criação de um movimento “daqui” que seja o equivalente do que significa o punk lá fora, ou seja, pegar a essência do punk e adaptá-lo totalmente aqui.

A criação desse movimento é importante, pois, criando um movimento que seja nosso, ele passará a ser o centro das atenções daqui e não lá de fora. O punk não é uma criação nossa, nós deixaremos de sermos filial e seremos matriz. Mas, logicamente esse movimento será semelhante ao punk, pois será baseado nele. Alguma coisa do punk é deslocado para nós, a começar pela própria palavra, a bandeira da Inglaterra, ou de qualquer outro país, fora as camisetas de grupos estrangeiros e os emblemas desses grupos (...) Desenhos relacionados tipicamente com o punk (pessoas com cabelo moicano, alfinetes, cadeados, etc.). Nada disso é para nós (...) Não há motivos lógicos para usar essas coisas, alfinete, correntinhas, cliques etc., e falar que isso é forma de protesto, isso não deixa claro para outras pessoas contra o que se está protestando. Um protesto deve ser claro e nada mais claro que frases escritas na nossa língua (estejam onde elas estiverem) ao invés de camisetas e emblemas de grupos estrangeiros, pois eles não precisam de nossa propaganda, mas os daqui sim. Já que é para divulgar coisas ligadas a um movimento, pelo menos que divulguem o movimento daqui, e um nome encaixa bem para isso, o Movimento Básico.

1º Básico, pois seria a base de qualquer coisa, pois sem base não se constrói nada.

2º Básico também é relacionado com o primitivo, no sentido de sem sofisticação, simples e de linguagem direta e clara.

Nesse movimento todas as formas seriam válidas para expressar o que se pensa: a música, a roupa, pichação, jornal, teatro, pintura... basta apenas ter como fazê-las. Seria um movimento de liberdade de expressão (...) De crítica social (...) Diz respeito a um desabafo de pensamentos e sentimentos, “pensar sobre o que se sente e sentir o que se pensa”.

As turmas que formassem parte do básico seriam turmas de tendência política e não que fossem a procura de encrenca. As atitudes também precisam ser revisadas para não serem feitas coisas que prejudiquem, não só uma pessoa, mas a todos do grupo.

O punk já deu tudo o que tinha para dar (...) É necessário criar uma coisa nova (...) Quando se está em posição de frente, de vanguarda, não se espera que outros criem coisas, a vanguarda é quem cria as novas coisas, e nós estamos nessa posição, então temos que criar.

(...) É necessário criar-se algo, pois, se não a tendência é que o espírito de renovação e motivação acabe por não evoluir, morre. Renovar é preciso!

Nota-se que as reivindicações acima mostram-se em alguns pontos contraditórias com conceitos “nacionalistas”. Percebe-se na elaboração desse texto que há uma confusão entre nacionalismo e anarquismo. Ao pensar “formalizar um movimento daqui”, ignorou-se a proposta “internacionalista” do punk, que é exatamente uma luta contra todo tipo de autoritarismo, visando um mundo sem fronteiras, conduzindo suas formas expressivas mutuamente para todos os continentes, um dos princípios básicos do anarquismo. Por outro lado há de se convir que se trata de uma proposta de um escapismo imediato, uma tentativa de driblar a perseguição midiática e a represália policial, compreensivo para um momento confuso, de reflexão.

O Movimento Básico não obteve êxito, foi ignorado e interpretado pelos punks como sendo “o fim do movimento punk na região”. Mas o próprio movimento de São Bernardo já se mostrava agonizante e todas as tentativas de reorganizá-lo fracassaram. No final de 1985, os Anjos se encontravam praticamente dispersos.

As novas bandas que até então haviam se formado a partir de 1984 preferiram seguir uma trajetória independente, se deslocando do grupo. Não abandonaram exatamente o movimento punk em si, mas preferiram divulgar seu pensamento, visando mais para o lado da musicalidade, desvinculando-se do apelo ganguista. Entre essas bandas se encontram: DZK, Disritmia, Círculo Vicioso e Desgoverno. Outras, porém, não quiseram mais se

identificar com a imagem negativa que prevaleceu sobre o punk, preferiram não se rotular e partiram em busca de novos espaços. Tentaram expandir suas músicas e suas idéias para um público maior, diferenciado. Nesse caso destaca-se a banda Libertação Radical, como um dos grupos mais expressivos politicamente da região do ABC nesse período, que merece uma atenção maior por se tratar das últimas fontes expressivas com que os punks ainda poderiam contar, o que veremos a seguir. Já o grupo DZK é a única banda que se encontra na ativa até os dias atuais, as outras bandas mencionadas nesse parágrafo foram extintas.

3.5 Libertação Radical: guitarras como armas

O Libertação Radical, mesmo não se identificando como uma banda punk, em seus shows conseguia reunir uma significativa parcela deles. Até mesmo alguns remanescentes dos Anjos que após a dispersão prestigiavam o trabalho do grupo. O registro que se segue foi elaborado através de releases da banda e pequenas notas publicadas em jornais e revistas da região do ABC.

O Libertação Radical foi uma dissidência do grupo Passeatas. Com o término deste, dois de seus componentes, L.G. e F.J.G.R., tentaram continuar os trabalhos que estavam sendo realizados, no entanto, com uma proposta musical mais elaborada, de conteúdo político e libertário. No início a banda estava precisando quase de tudo, resolveram superar os obstáculos completando a formação com um componente que se encaixasse no seu contexto ideológico. O problema foi resolvido no final de 1984 com a entrada de Miro, no contrabaixo, formando um trio. Os próximos problemas enfrentados foram em arrumar aparelhagem e local para ensaiar; isso só foi possível no ano de 1985. Logo de início, alguns ensaios foram interrompidos com a presença da polícia, não só pelo barulho que possivelmente incomodava a vizinhança, mas pelo seu conteúdo político e contestador.

Em sua trajetória o Libertação Radical passou por diversas dificuldades, entre elas a falta de espaços para se apresentar, que acabavam sendo esporádicos. No pensamento de seus integrantes, sabiam que era tolice sonhar com “fama e sucesso” (não tinham essa

pretensão), quando não se faz “um som modelo FM e não se têm amigos na crítica”, e principalmente quando se trata de um grupo “proletário” sem dinheiro para auto-investimento (essa crítica é direcionada por eles, as bandas tidas como “comerciais” no período, o que veremos no decorrer desse texto). Por esse motivo, todos os componentes do grupo viviam de suas profissões (L.G. era Metalúrgico na Ford Caminhões, F.J.G.R., Desenhista e Miro, Bancário). Estavam cientes que não conseguiriam viver de música, mas também não fariam concessões para mudar a postura política do grupo, o que já vinha acontecendo com outras bandas de maior fama, sob pressão das próprias gravadoras.

A intenção do Libertação Radical era divulgar o pensamento libertário através de suas canções, procurando atingir o maior número de pessoas possíveis que se identificassem com a proposta musical e ideológica da banda.

O som do Libertação Radical é uma fusão de vários estilos musicais, uma das bandas pioneiras do estilo “crossover” (fusão de diversos ritmos) na região do ABC. Mesmo tendo como raiz o punk rock, a banda misturava em suas músicas: Blues, Reggae, Hardcore e Hard Rock, suas letras de extremo conteúdo político radical.

Em dezembro de 1985 participam do 1º Festival de MPB da CUT-ABC, realizado no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Onde 67 músicas foram inscritas, 30 participaram e o Libertação Radical obteve o 1º lugar, sendo a segunda vez que a banda se apresentava ao vivo.

O Suplemento Informativo da Tribuna Metalúrgica filiada à CUT, ano VI, nº 917, dirigido por Jair Antonio Meneguelli, traz um anúncio desse festival:

Começa nesta sexta-feira, 13 de dezembro, o 1º Festival de MPB da CUT-ABC, um acontecimento inédito no País: pela primeira vez, o trabalhador será o tema central de um festival de música, cujo temário tem três opções: a realidade brasileira, o jovem e a sociedade e a luta dos trabalhadores.

Serão três dias de festival. Tanto na sexta-feira como no sábado serão apresentadas 15 músicas por noite, das quais sairão cinco finalistas. Domingo é a grande final, que começa às 19:30 horas. Nesse dia, das 10 músicas classificadas, serão escolhidas as três melhores composições, que receberão prêmios em dinheiro e troféus.

O grupo Língua de Trapo, que todos os companheiros já conhecem, encerrará o festival com um Show.

Inscreveram-se ao Festival de MPB da CUT-ABC um total de 67 músicas. Foram classificadas 30 e seus autores pertencem a diversas categorias, como metalúrgicos, professores, bancários, têxteis, comerciários, correios, químicos.

Dessas 30 classificadas, 10 músicas são de autoria de companheiros metalúrgicos de São Bernardo e Diadema: Caixão Lilás, Pedro Pintor, O Canto dos Pássaros, Cabra Valente (companheiro da Volkswagen); Força da Terra, Real Realista (companheiros da Conforja); Santo Homem Brasileiro (companheiros da Brastemp); Estrela matutina (companheiros da Ford); Realidade (companheiros da Mercedes); e Custo de vida (companheiros da Scania).

O júri será composto por nove pessoas: Wandy (do grupo Premeditando Breque); Laerte Sarrumor (do Língua de Trapo); Claudia Regina (cantora); Roberto Baraldi (Jornalista); Bocatto (Instrumentista e Arranjador); Fernandinho (Produtor do Olhar Eletrônico); Robson Miguel (Maestro).

Dentre os Jurados houve também a participação de Solange, locutora da rádio 97 FM, porém seu nome não fora divulgado na lista dos júris. Para os músicos da banda Libertação Radical, e para alguns punks dos Anjos que foram prestigiá-los, esse Festival teve um certo “ar de revanchismo”, um troco ideológico acerca das inúmeras divergências entre eles e lideranças sindicais. Além de se tratar de um festival em que a maioria dos grupos que se apresentaram eram de MPB, a única banda de “rock” inscrita foi a que saiu vencedora. Mesmo se sentindo como “intrusos na casa dos políticos rivais”, o festival foi ganho honestamente, sem tirar o mérito da banda que foi eleita unanimemente pelos jurados, descartando a possibilidade de fraudes; mesmo se houvesse, o prêmio com certeza estaria nas mãos de alguns dos grupos formados de dentro das fábricas, deixando claro que foi um festival de MPB promovido pela CUT-Central Única dos Trabalhadores, elaborado por Vicente Paulo da Silva (o Vicentinho) e Jair Meneguelli, uns dos principais líderes sindicais do período.

Esse festival foi de grande importância para a banda Libertação Radical, que posteriormente foi convidada a participar de alguns eventos elaborados pela CUT (Primeiro de Maio e Dia Internacional da Mulher). A Banda, por sua vez, nunca abandonou sua postura ideológica, mesmo diante da desaprovação de alguns líderes e militantes sindicais

tidos como “Socialistas Autoritários”. Em suas apresentações, as mensagens anarquistas dirigidas ao público, antes mesmo de começar alguma canção, eram bem receptíveis, obtendo algum prestígio e se apresentando principalmente em atos políticos, alguns Shows beneficentes e Atos Ecológicos.

O Libertação Radical, mesmo não se rotulando como punk, foi a banda que “lavou a alma deles” por algum tempo. Mesmo após a dispersão na quadra do Lavinia, os punks se concentravam em torno dos Shows que a banda apresentava. Na sua trajetória histórica dois acontecimentos foram marcantes. O primeiro ocorreu dois anos após a formação da banda, que em busca de espaço para se apresentar se predispôs a tocar num comício do PT onde Luiz Inácio da Silva, o Lula, estava iniciando sua campanha para presidente. As bandas participantes tiveram que se inscrever em um dos núcleos do PT, na Rua dos Vianas, ao lado do Paço Municipal, centro de São Bernardo do Campo. As bandas não tiveram direito a cachê, mas sim condução garantida que iria conduzi-las aos locais dos comícios. Os Shows foram realizados em cima de uma unidade móvel, um caminhão que se transformava em palco, apelidado de “PT Móvel”.

Para esses comícios, as bandas tiveram a liberdade de escolher os locais de preferência para se apresentarem, haja visto que eles só ocorreram na cidade de São Bernardo do Campo. A banda Libertação Radical preferiu tocar em alguns bairros onde a presença do público seria maior. Entre esses locais, foi escolhido a própria quadra do Jd. Lavinia, no Bairro Assunção, antigo reduto dos Punks Anjos, que coincidentemente localizava-se aproximadamente a 150 metros da casa do Lula.

Em um show anterior, a banda Libertação Radical sofreu um descaso e ficou à espera da comissão do evento que iria buscá-la no local combinado e não compareceu. Sem condução, a banda resolve ir mesmo assim, levando os instrumentos no ônibus, até ao local onde se realizaria o comício. Ao chegar, em uma praça no Bairro Demarchy, não estava sendo realizado nenhum evento; frustrados, os integrantes seguiram caminho de volta. No segundo Show, na quadra da COAP, Jd. Lavinia, as expectativas eram enormes, tanto para a banda quanto para o público presente, pois inúmeros punks haviam retornado a seu local de origem, e queriam prestigiar as bandas que ali iriam tocar, além do Libertação Radical a banda Disritmia. Antes mesmos de subirem ao palco, algumas hostilizações caíram sobre os

músicos da banda Libertação Radical, que começaram a sofrer um descaso por parte da comissão organizadora, que passou a ignorá-los com ar ameaçador. Os integrantes da banda, mesmo sem saber ao certo o que estava acontecendo, subiram ao palco para se apresentar. Lula acabara de fazer seu discurso político, e a banda logo em seguida começa a tocar. No intervalo entre uma música e outra, o apresentador indiscretamente caçoava do pessoal da banda com piadinhas maliciosas direcionadas a eles, o que gerou um clima de revolta nos integrantes.

Ao terminar o espetáculo, F.J.R.G. não perdeu tempo e deu o revide soltando a voz no microfone com inúmeras frases de protesto anarquistas, entre elas: “O povo que permanece unido não precisa de partido”, arrancando aplausos do público presente. Enquanto ainda guardavam os instrumentos, antes mesmos de descenderem do palco (sob os olhares de reprovação de Lula, quieto em um canto), Mauricio Soares (posteriormente prefeito da cidade), militante petista nesse período, foi tirar satisfação com os integrantes da banda, ameaçando-os e com a intenção de agredi-los, juntamente com os “Leões de Chácara do PT” (seguranças), presentes em todos os comícios. Os músicos por sua vez não se intimidaram; depois de muita discussão, Mauricio Soares se esquivou percebendo que naquele momento as conseqüências poderiam ser drásticas, pois se encontrava no espaço de aglutinação dos punks, e vendo de um dos integrantes da banda apontando em direção de um volumoso agrupamento de punks: “Se liga, você não está na sua área, se encostar a mão na gente tá vendo aquele grupo ali, incendeia toda essa merda”. Não se soube ao certo o motivo da desavença, a princípio se pensou no impasse anterior sobre o show que não havia sido realizado, surgindo dúvidas se a banda fôra ao local certo ou não, mas depois ficou esclarecido, por se tratar de uma banda de cunho anarquista, e que já vinha se apresentando dentro dos próprios eventos promovidos pela CUT e PT fazendo propaganda a respeito, certamente não seria aceita por uma esquerda que já se apresentava como autoritária, na época.

A bronca dos punks com o PT já vinha de longa data. Segundo alguns relatos, a idéia do PT era propagar sua política sobre esses jovens contestadores, a fim de “recrutá-los” a seu interesse político partidário. V. D. em sua entrevista aponta que a pretensão do PT era usar os punks como “massa de manobra”, mas não conseguiu, por se tratar de jovens anarquistas.

“O nosso posicionamento político e tudo mais com o PT é que eles achavam que nós, por sermos também um pessoal de esquerda, aceitaríamos ser manipulados por eles. Na época distribuíram para nós, alguns informativos do PT e sobre a esquerda, conversaram com a gente na época e nessas conversas a gente acabou arranjando local para ensaio das bandas na casa de alguns petistas nos núcleos do PT. Nos usávamos essa casa durante a tarde e final de semana para ensaiar as bandas. Só que o nosso relacionamento com eles na época era meramente espaço de ensaio, e sendo bandas punks a gente não tinha dinheiro para locar algum local. Então para nós, era útil aquele espaço cedido pelo pessoal do PT, mas pelo visto a visão do pessoal do PT em cima disso, ou seja, era a possibilidade de manipular o pessoal punk dentro da proposta política deles, daquilo que esperavam, daquilo que eles queriam, ou seja, voltando a história da massa de manobra, uma coisa que o punk nunca se submeteu na realidade, os verdadeiros punks, vamos deixar bem claro isso, eles são sempre contestadores, não aceitam o domínio, não aceitam as lideranças e isso começou a incomodar o pessoal do PT, e o que nos levou ao racha mais tarde. Diferentemente do que acontece hoje de você pegar qualquer comício, qualquer show aí de trabalhadores, uma coisa que não irá encontrar é uma banda punk. Diferentemente dos grupinhos rappers que aceitam esse domínio que abraçam e beijam e estão sempre junto com o pessoal aceitando essa massa de manobra, uma coisa que o pessoal punk nunca aceitou. É por isso que hoje nos não estamos juntos nesses shows, promovidos pela CUT e pelo Sindicato de um modo geral que fazem por aí.

(...) Por exemplo, com o Libertação Radical na época, houve realmente um pega meio pesado entre pessoal do PT e o pessoal da banda, quase saiu um quebra. Porque eles não aceitavam determinadas coisas que estavam sendo ditas em cima do palco como: “você não aceitar a ser dominado”, “político é corrupto”, coisas do gênero. Eu não diria assim que houve uma repressão em cima, mas houve uma cobrança sim, pela forma, pela postura do pessoal punk em cima do palco, que era totalmente diferente das bandas comuns que você encontrava na época”.

Nesses eventos realizados pela CUT, a banda Libertação Radical dividiu o palco com grandes nomes da MPB, como: Gonzaguinha, Alceu Valença, Zé Geraldo, Renato Teixeira, grupo Raíces de América, entre outros. Com uma certa discriminação: foi a única banda que nessas apresentações não recebeu cachê para tocar, mas mesmo assim se propôs a se apresentar em respeito ao público que ia prestigiá-la.

Um segundo acontecimento que também marcou a história da banda ocorreu em um período em que inúmeras bandas estavam se lançando comercialmente no mercado

fonográfico e na mídia. Época conhecida como a explosão do rock nacional, ou Brock⁷⁷, favorecido pelo fim da ditadura militar e pelo processo de abertura política. O rock nos anos 80 predominou na rádio difusão e programas televisivos, a discriminação sobre ele havia diminuído, explicável por não mais se tratar de uma questão de rebeldia e sim de um modismo, voltado para uma sociedade de consumo. Dentro desse contexto o Libertação Radical, viu os espaços se delimitarem, cedidos à nova safra de centenas de bandas fúteis e sem conteúdo, que em sua maioria tinham a pretensão de se lançar na mídia visando meramente fama e status. A banda seguiu seu caminho sem se render a todo esse processo. Em 17 de agosto de 1989 participam de mais um festival de música, dessa vez promovido pela 89 FM, rádio rock de São Paulo, com o patrocínio da Philips, onde 1.017 bandas foram inscritas, ficando entre as 36 classificadas. Matéria editada no lançamento de uma revista mensal da região de nome *Aliás*, intitulado “Pelas bandas do ABC”, trás um recorte da participação do Libertação Radical nesse evento e aponta para as dificuldades das bandas do ABC em conseguir espaços para se apresentar:

Em agosto deste ano a banda foi classificada para o 89 Fest Rock, promovido pela radio 89 Fm, entre mais de 1.000 inscritas. Sua participação que ocorreu no Dama Xoc, agitou a platéia, mas não emocionou todos os jurados, que a preteriram na seleção de oito bandas que se classificaram com direito a uma faixa de gravação em um disco. O Libertação Radical continua se apresentado em eventos esporádicos, como forma de divulgar seu som libertário. (...) Em função da abertura de espaços que sempre foi o maior problema das bandas da região, jovens, filhos da urbanidade, seus sons refletem a agonia, revolta ou simplesmente o desbunde contra a sociedade de consumo - inimiga número um do som marginal. Impregnadas de ousadias e falta de recursos, as bandas que proliferam no ABC, sem conseguir espaços para se apresentar, são a expressão mais acabada de um movimento que radicaliza, em suas mais variadas vertentes, a contracultura dos anos oitenta. Pelas bandas do ABC, vagueiam difundindo suas músicas e propostas, cultivando adeptos e críticos⁷⁸.

As músicas e letras do Libertação Radical em sua maioria foram escritas por F.J.G.R.; os arranjos, por sua vez, contavam com a participação de todos os integrantes. O Libertação

⁷⁷ O termo Brock foi definido por Arthur Dapieve, para designar o rock brasileiro dos anos 80.

⁷⁸ ROVAI, Renato e GORCZESKI, Denise. Revista Aliás, setembro de 1989, ano 1, nº 1, p.19, ABC, SP.

Radical se desfez em 1992 por desentendimentos internos e não deixaram nenhum registro fonográfico. Existem algumas gravações raras em fitas demo e caseiras, de má qualidade, mas audíveis. A banda ficou marcada na história dos punks do ABC por sua proposta ideológica, sua visão crítica de mundo e principalmente contra uma nova esquerda, que na sua ótica havia se desvirtuado do caminho revolucionário, postando-se conservadora e autoritariamente.

Entre suas letras encontram-se duas que foram inscritas nos dois festivais mencionados, “Ser Humano”, no 1º festival da CUT, e “Selvagem”, no festival da 89 FM:

Ser Humano

Jovens/ Velhos

Mulheres/ Homens

Brancos/ Não brancos

Civis/ Soldados

Pessoas sobre a terra

Como essa história acabará

Pessoas sobre a terra

É preciso, é preciso, é preciso;

Se Libertar

Explorados/ Exploradores

Governados/ Governantes

Rebeldes/ Moderados

O Ser Humano/ O capital

Pessoas sobre a terra

Como essa história acabará

Pessoa sobre a terra

É preciso, é preciso, é preciso;

Se libertar

Humanos, somos humanos e não números em porcentagens.

Selvagem

Eu não quero uma casinha complexa

Eu não quero um cãozinho complexo

Eu não quero uma menina complexa

Eu não quero os meus complexos

Eu não quero os seus complexos

Eu não quero ser complexo

Mas que tudo é

Mas que tudo é

Mas que tudo é

Tudo é tão complexo, a minha vida

Tudo é tão complexo, a sua vida;

Mas tudo é tão complexo;

3.6 O Rock Nacional Pega Carona No Punk

A partir de 1984, as freqüentes aparições de bandas rotuladas como “pseudo punks” na mídia já haviam se tornado algo comum. Apareciam freqüentemente em programas de televisão e suas músicas eram tocadas diariamente nas rádios AM e FM de todo Brasil. A maioria dessas bandas eram “pré-fabricadas”, ou seja, produzidas esteticamente pelas próprias gravadoras e lançadas oportunamente no mercado musical. O interesse das gravadoras era expandir o mercado fonográfico visando um público de jovens consumidores passivos. A exemplo do que acontecera com o movimento punk nos Estados Unidos e Inglaterra, onde todo um sistema direcionado à mídia, incluindo as grandes gravadoras, criou uma versão bem comportada do punk, a *New Wave*.

Mesmo chegando com atraso no Brasil, esse modismo se proliferou e ficou conhecido como a *New Wave Nacional*; absorveu uma certa sonoridade punk, mas, com ritmos mais pops, com letras cantadas em português e um visual “Punk chique”. Entre essas Bandas se destacaram nomes como: Gangue 90 e as Absurdetes, Blitz, RPM, Capital Inicial, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Ultraje a Rigor, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Camisa de Vênus, Titãs, Zero, Metrô, Nenhum de Nós, Plebe Rude, e inúmeras outras que se tornaram populares.

Uma nova geração em busca de sucesso que conseguiu sobressair-se na mídia, devido o fato de a maioria possuir respaldo de pessoas influentes, gente ligada à moda, à imprensa,

ao meio empresarial, militar e político. A maioria dessas bandas tinha em sua formação filhos de políticos, embaixadores, diplomatas, militares, chanceleres, donos de grandes gravadoras. Vinham das camadas mais favorecidas possíveis, o que facilitava a inserção ao meio artístico e sua autopromoção. Em evidência as bandas formadas em Brasília, que veremos adiante.

Arthur Dapieve designou esse período como *BRock*, uma ascensão do rock brasileiro que prevaleceu de 1984 até meados dos anos 90. Essas bandas eram formadas por jovens de classe média, com posturas totalmente adversas à empregada pelos punks autênticos, que não zelavam por mídia.

Outro aspecto importante a considerar na trajetória do BRock, é seu relacionamento com a conjuntura político-econômica brasileira. Ponto pacífico: ele não teria sido possível sem o processo de redemocratização conduzido, aos trancos e barrancos, pelo governos de redemocratização Geisel (1974 -1979) e João Figueiredo (1979 -1985) e exigido nas ruas pelas multidões que empolgaram a campanha das Diretas-Já (1984). Teria sido impossível fazer um rock (in) decente, cantado em português, sob violenta censura. Por outro lado, o uso forçado do cachimbo deixaria a boca da MPB torta. Quando a vigilância foi abrandada, ele teve dificuldades de se livrar de seus antigos artifícios de sobrevivência – linguagem rebuscada, metáforas impenetráveis, primado do subentendido – e falar olhando nos olhos de novos públicos, sobretudo o jovem urbano. Nesse sentido, a MPB desempenhou aqui o papel de vilão que lá fora pertencera ao rock progressivo. “A MPB não supria as necessidades da minha geração, a geração da abertura”, confirma Herbert Vianna, filho de militar. “É claro que isso é um fenômeno de classe média”.

Sendo um fenômeno de classe média, o BRock precisava de uma ponte para alcançar o povão. Essa ponte surgiu na figura de um plano econômico, O Cruzado, anunciado pelo presidente civil José Sarney (1985-1990) numa reunião ministerial em 28 de fevereiro de 1986. Tal plano pretendia brear a inflação, que fechara o ano anterior em 233%. Suas principais medidas - congelamento geral de preços, gatilho salarial caso a inflação atingisse 20%, reajuste de 16% do salário mínimo, abono geral de 8%, deflação das dívidas contraídas em cruzeiros – abriram as portas da sociedade de consumo a cerca de 20 milhões de brasileiros que sobreviviam com um salário-mínimo ou menos. Essa gente saiu comprando, comprando e comprando, inclusive discos. Foi um ano de grandes vendagens: “Selvagem”, dos Paralamas, logo atingiu a marca de 300 mil cópias; “Dois”, do Legião Urbana, chegou às 800 mil; e, campeões, “Radio Pirata” – Ao vivo”, do RPM, comoveu mais de dois milhões de

consumidores. Naturalmente, na cola desses números as gravadoras despejaram nas lojas dezenas de outras bandas. Nunca foi tão fácil ⁷⁹.

Os punks de São Paulo, em um contexto geral, não deram a mínima para esse processo de redemocratização e antes mesmo da abertura política, “nos anos de chumbo”, cantavam canções de protesto em português, com ataque direto ao sistema repressivo militar, uma atitude pioneira na história do rock nacional. Muitos artistas consagrados da MPB mostravam em suas canções temas com letras metafóricas como sendo uma maneira de se precaver diante de um regime opressivo. Essa postura adotada pelos músicos da MPB sempre foi alvo de crítica dos punks paulistanos, como uma atitude vergonhosa e covarde. A repulsa dos punks recai, também, sobre essa nova safra de bandas “pré-produzidas”, a maioria delas formadas em Brasília, que conseguiram sucesso transitando entre o eixo “Rio - São Paulo”. Quase todas tiveram suas raízes fincadas no punk e pretensiosamente reivindicaram o nascimento do movimento punk no Brasil, como sendo em Brasília, alvo de inúmeras críticas e discordâncias pelos punks paulistanos.

Em Brasília os primeiros punks começam a aparecer a partir de 1979 nos blocos residenciais dentro da Universidade UNB (Universidade de Brasília), “A Colina”⁸⁰, denominados como “Turma” ou “Turma da Colina”, posteriormente se juntaram com pessoas de outros blocos, entre eles o da “104 Sul”⁸¹.

Da Colina nasceram às bandas *Aborto Elétrico* e *Blitz 64*, que logo se romperam, formando outras duas já mencionadas anteriormente, *Legião Urbana* e *Capital Inicial*. As bandas criadas ali vivenciavam uma realidade extremamente oposta a dos punks paulistanos, em específico aos do ABC, de origem operária, que viviam em áreas pobres, suburbanas ou periféricas, muitos se encontravam abaixo da linha da pobreza. Quase todos punks em Brasília pertenciam à classe média.

Sintetizando os depoimentos de alguns punks do ABC, chega-se ao consenso de que a questão do punk em Brasília teve maior preocupação com a estética, do que com o modo de vida e ideologia. As bandas possuíam temas políticos em suas canções, porém não tão diretos e extremistas quanto os punks paulistanos e do ABC (Fazer música de protesto, a

⁷⁹ BRock, o rock brasileiro dos anos 80, p. 2001.

⁸⁰ A colina é um conjunto de blocos residenciais que fica dentro da UNB (Universidade de Brasília) e é a principal referência da Turma. Foi lá que apareceram pos primeiros punks da cidade. Diário da Turma, p. 14.

⁸¹ Superquadra com blocos estatais destinados aos diplomatas e aos militares. Diário da turma, p.20.

partir de então, já havia virado um certo modismo). Essas novas bandas nutriam-se de inúmeros privilégios, instrumentos e equipamentos importados, espaço na mídia televisiva, shows extensos. Com suas músicas divulgadas nas rádios AM e FM, consecutivamente, conseguiram pegar prestígio rapidamente, porém em um período posterior e não tão conturbado politicamente como o início do que ocorrera com o movimento punk em São Paulo. Ressaltando novamente, elas conseguiram sobressair devido à “Abertura Política” e com o fim da Ditadura Militar, além de serem apadrinhadas por pessoas influentes.

*Muitos apartamentos de Brasília são estatais. Alguns blocos de determinadas superquadras são destinados a políticos, militares, funcionários públicos em geral, entre outros profissionais. No caso da 104 Sul, há blocos destinados aos diplomatas e aos militares. Como é comum haver viagens nessas profissões, aconteciam muitas idas e vindas de famílias. Talvez, por isso mesmo, nos anos 70 a 104 Sul também tenha chegado a servir de ponto de encontro, e as pessoas que moravam pelas redondezas costumavam freqüentar a quadra, que também tinha bandas que ensaiavam dentro dos apartamentos. Esses ensaios serviam de passatempo para muita gente. Várias pessoas viram um instrumento pela primeira vez em um deles. Também havia troca de informações, porque um grande número de pessoas que chegavam do exterior traziam discos e instrumentos importados, além de publicações como a New Musical Express, Melody Maker e Rolling Stones.*⁸²

Todas as tendências musicais surgidas posteriormente na década de 80 foram criticadas pelos punks do ABC, como uma moda chula e alienante que não condizia com a própria realidade, vista dessa forma: “As modas vêm e vão, mal acaba uma forma-se outra pior que a anterior e assim perduram. Dentro de uma sociedade de consumo e de controle, faz-se o uso necessário de sistemas torpes que têm por finalidade induzir as pessoas à falência intelectual e torná-las um consumidor passivo”.

As bandas punks genuínas, frente às inúmeras dificuldades, e aquelas que conseguiram se sobressair diante “desse processo de exclusão” continuaram manifestando suas formas no *underground paulista e no ABC*, carregando consigo a fidelidade e honestidade dos protestos ideológicos do punk.

⁸² MARCHETTI, Paulo. “O diário da turma, 1976 – 1986: a história do rock de Brasília”, p.20, 2001.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta inicial adotada pelos Anjos do ABC, mesmo que aparentemente se apresentasse de forma rudimentar naquele período, contribuiu para que as futuras gerações elevassem a cultura Punk para diferentes ares. Essa se vinculou definitivamente aos ideais anarquistas, repudiando todo o tipo de autoritarismo e repressão, e continuou procedendo sua crítica contra a futilidade, comodismo, moralismo, nazi-fascismo, racismo e outras formas opressivas e preconceituosas, que, para eles, deveriam ser totalmente extintas. A herança punk de 77 se faz presente na crença de que os indivíduos ou a humanidade necessitam ser livre para se emancipar e se autogerir, combatendo todas as formas de opressão.

(...) O movimento anarquista, evidentemente, é muito antigo no Brasil, e data pelo menos das duas últimas décadas do século XIX. Depois da grande crise que passou nos anos 1930, parece que nos anos de 1980 viram seu renascimento muito gradual, fruto da abertura “democrática”, do legado político dos movimentos dos anos 1960 e 1970 e da consolidação da orientação política do movimento punk (...)⁸³.

Mesmo com a dispersão dos Anjos, o ano de 1985 não significou um fim, ao contrário, o movimento punk continuou se intensificando mesmo após essa data, tanto no ABC, quanto em outras regiões metropolitanas de São Paulo, inclusive no interior do Estado, seguindo diferentes progressões, por um lado com o início de novas facções mais organizativas, como as correntes ativistas Anarco Punk, e algumas de suas formas

⁸³ **Ryoki**, André e **Ortellado**, Pablo - “Estamos Vencendo, Resistência Global no Brasil” - Conrad Editora do Brasil LTDA, SP, 2004, p. 9.

expressivas: *Punks Anarco feministas*, (grupo defensor dos direitos da mulher e da liberdade sexual), *Punks Zapatistas* (grupo de apoio ao EZLN – Exercito Zapatista de Libertação Nacional – Chiapas – México), *Punks Ecologistas* (atuam com outros grupos anarquistas de preservação ambiental). Por um outro, houve a continuidade das ações ganguistas, (persistentes na atualidade), assim como o êxito da mídia com a criação de um modismo em cima do próprio movimento punk. Referente à musicalidade houve um aumento significativo de bandas que ostentaram o legado punk, fixando-se no *underground* e dando continuidade ao movimento.

Dos subúrbios operários no passado, o punk rock foi absorvido também por diferentes classes sociais. A partir da década de 90 sobressaíram-se inúmeras bandas compostas por jovens de classe média, padronizadas ao perfil midiático, um fenômeno ocorrido nos EUA, principalmente na Califórnia, com grupos rotulados de “Pop Punk”, (Green Day, Offspring e Blink 182 estão entre as bandas mais expressivas nesse gênero). Alcançaram grande sucesso na mídia, ocupando os primeiros lugares nas paradas musicais norte-americanas, faturando milhões de dólares, primeiramente com gravadoras independentes, depois servindo à grande indústria fonográfica. Essa nova tendência de bandas diferencia-se das originais de punk rock pelo seu conteúdo humorístico e anti-político.

Essa moda “atracou” também no Brasil com algumas bandas, que não visavam objetivos ideológicos ou políticos. Presentes constantemente na mídia, inclusive algumas contratadas pela Rede Globo de Televisão, entre as que mais se destacaram: Charles Brown Junior (com tema de abertura do programa *Malhação*), Los Hermanos, J. Quest, Detonautas e Pitty. Aplacaram uma nova legião de fãs, criando moda e esteriótipos, porém odiados pelos punks genuínos.

Os punks da primeira geração entrevistados para essa dissertação fazem uma reflexão sobre o movimento punk, com críticas à mídia, à repressão, e obviamente contrapõem-se com à nova safra de bandas *for fun* (para diversão).

V., da banda Ulster:

“(...) É, eu tentei fazer uma abordagem sobre a minha postura hoje, no que é punk? Eu continuo sendo apaixonado pelo punk, pelo ideal punk e continuo odiando, enojado pelo

produto punk né, então essa que é a minha postura. Eu continuo gostando do espírito punk, da postura punk, do ideal punk, ele talvez tenha mudado um pouco, porque a gente mudou, porque ficamos velhos, mais maduro, a gente apanhou bastante da vida o tempo todo, e a gente tem uma outra visão das coisas, mas continuo gostando desta rebeldia, continuo sendo contra o despotismo, continuo sendo contra a maioria dos valores que a gente era contra aquela época, só que hoje a gente tem outras ferramentas para trabalhar.

Agora esse produto punk que está por aí, esse é um produto falso como qualquer outro que está no mercado, como o reggae falso, como o rock falso, a MPB falso, o punk também! Hoje ele é um produto! Ele é um produto como outro qualquer, como Heavy Metal que é produto também entende, então o objeto e o ideal têm uma distância muito grande, eu, ainda sou amante do punk do ideal punk e não do produto punk.

É então, eu fico pensando se esses caras sentissem um pouco daquele clima que nós sentimos, eles talvez agissem e pensassem diferente né, mais infelizmente hoje a gente não tem o clima propício para isso! Porque a concepção das bandas hoje: estão pensando na turnê que irão fazer, quantos Cds vão lançar por ano, se vão tocar na Alemanha. Hoje são esses os valores, é como se fosse um pedigree! Um cachorro: “olha que família nobre que tem esse cachorro”, com as bandas a mesma coisa hoje, o que credita uma banda é quantas vezes ela tocou na Europa, fez isso, ou aquilo.

E então, esse é que, talvez seja o engano, e a grande diferença da nossa época, a gente nunca prezou por nada disso, a gente prezava pela nossa música só! Pela nossa mensagem, nossa mensagem que era importante! O resto pouco importava, as conseqüências... Hoje não tem banda assim, têm algumas, mas é uma minoria, a maioria, meio que está atirando para tudo quanto é lado sabe, é gente que não tem capacidade para fazer música própria, então se joga na cena alternativa achando que vai obter resultado, mas é... uma Indústria! É uma Indústria igualzinha essas Indústrias que nós sempre criticamos, só que é uma Indústria também de menor escala, entende? Você tem que fazer lob, fazer o jogo dos caras, tipo “vou abrir show dessa banda”, “vou ficar amigo daqueles caras porque eles tem um selo, tem não sei o quê”, é o mesmo mecanismo das grandes corporações, hoje movimenta isso que se eles chamam de punk, com raras exceções, raras que não entra nesse jogo, a maioria é assim.

(...) Olha eu vejo o punk como... musicalmente! Como o Jazz. O Jazz desde que surgiu nunca mais acabou! Não é moda, nunca acabou e nunca vai acabar, o Blues idem e o Rock também e o Punk também. O Punk não vai acabar nunca... Uma coisa que está ligada com comportamento, uma fase da vida das pessoas, ela é punk por natureza, então não acaba nunca. E como marco, esse... Vamos falar do ano de 77 que é controverso também, mas vamos fazer de conta que a gente acredita que 77 esse ano, ele vai ser... Ele está imortalizado e será imortalizado... já é um negócio muito mais assim inesquecível, todo mundo vai voltar nessa fonte para beber nela e bandas de um nível, ou de outro nível, de um lugar ou de outro, todo mundo vai beber na fonte punk, porque ela é inesgotável, tem muita coisa legal de 77 à 79,

depois de 79 à 82, o embrião do hard core, tem muita coisa legal. Por mais que as bandas hoje o que eles passam, nunca vai ser tão legal quanto foi em 77, então vão buscar lá, não tem jeito, melhores bandas que tão por aí hoje, todas elas revelam influências da cena punk. Eu acho que o movimento punk foi a última grande revolução musical, o resto não teve força, foram coisas legais, mais isolados... Teve bandas até de movimentos legais. Mas hoje a gente tem uma linha, que eu acho muito bacana, que são os Situacionistas, são aqueles anarquistas que são conscientes do dia-dia, sabem que... apesar da gente falar em anarquismo, a gente tá aqui multiplicando o capital, a gente está nas escolas, colocando nossos filhos nas escolas públicas, a gente está enfim contrariando um monte de coisas que seria o nosso preceito né, mas os Situacionistas, eles fazem justamente essa adaptação, que deixa a gente bastante confortável nesse negócio, mas é um esquema isolado também. É um negócio que pouca gente vai buscar conhecimento! É gente muito culta, gente mais articulada, mais que vive num universo pouco reduzido a eles ali.

A música pelo menos, que eu saiba ainda... Não preocupam os Situacionistas. Então eu, nem acredito que vá acontecer algo tão relevante tão já, eu fico com o punk como a última grande revolução musical aí. Eu acho que o Rap não... infelizmente. Usou muita a linguagem do punk, usou a ingenuidade que o punk abriu aí né! Nós nos encolhemos um pouco... o Rap só pegou aquela linguagem e levou para frente! Mas, acho que o movimento Rap, lamentavelmente... é muito pobre de cultura, e isso sem uma política na questão, porque nós éramos todos de periferia, então ser de periferia não quer dizer que a gente tem que cultivar, a malandragem, éramos cultos”.

Laércio (Rato), da banda Hino Mortal:

“(...) Eu acho o seguinte, as bandas de hoje é mais uma questão de modismo, um lado de querer se aparecer, não é aquele negócio autêntico. Eu acho assim, que a arte qualquer tipo de arte tem que ser uma coisa autêntica, que vem de dentro de você ou de um grupo de pessoas, igual era com o movimento, então quer dizer, o movimento punk era um grupo de pessoas que tinha uma ideologia, a gente pegava aquilo com garras, dentes, e vontade de fazer, hoje não, é um papo assim mais comercial de estar na MTV, de se aparecer, ganhar dinheiro, mulheres, (...) O pessoal pelo jeito visa mais para esse lado, então quer dizer o recado que a gente tem a dar para esse pessoal que está começando ou que está montando banda, tem que ser um negocio autêntico, tem que ter uma bandeira a seguir, fazer um trabalho sério, que traga algum conteúdo político e ideológico. Fazer aquilo que tenham vontade de fazer e não serem manipulados”.

L.G., da banda Passeatas e Libertação Radical:

“(...) O que a mídia mostra é a influência que o movimento punk teve no mundo, em matéria de visual, de roupa, de comportamento, mas o movimento em si, o protesto, a agressividade que o punk tem eles não mostram. A mídia só mostra o que interessa a ela, absorveu algumas coisas do movimento punk, transformou em lucro, então é... tem muita loja de roupa aí que vende calça rasgada, jaquetas com rebites, cinto também com rebites, eles pegaram o visual punk para terem uma lucratividade em cima... o incrível que uma calça rasgada comprada na loja sai mais caro que uma calça nova e custa uma fortuna (...) Eu acho que nesse mundo aqui, com Mercosul, com Globalização, o protesto punk está mais atual do que nunca, porque o punk era o quê? O punk criticava e conscientizava as pessoas do que acontecia no mundo. Eu acho que tem que ter mais banda punks falando mais das coisas do que está acontecendo, então eu acho que motivo para ter bandas punks existem de monte, talvez até mais que antes talvez igual ou pior... porque tem muita coisa acontecendo, tem muita coisa pra contar em músicas, em protesto... Motivo tem de monte, as pessoas estão cada vez mais pobres, sem dinheiro, mais desemprego, existe o preconceito racial. (...) Esses jovens de hoje estão totalmente alienados e absorvidos pelo sistema, sem consciência política nenhuma, precisam se instruir precisam abrir a mente, eles acham que o mundo é uma beleza, que é só Shopping Center e comer Mac Merda e curtir músicas idiotas como Samba, Pagode e Axé, que só deixam seu cérebro vazio”.

V.D., da banda Desgoverno:

“Uma das grandes recordações que eu tenho, fôra essas tretas triviais, com grupos rivais, e podemos colocar mais um grupo rival que era a polícia militar. Toda briga que ocorria com punk abaixavam na quadra para saber o que nos tínhamos feito. A melhor recordação que eu tenho é de um evento na pista de skate de São Bernardo do Campo... onde havia um show, e houve um grande atrito com a polícia militar não entendo exatamente o por que da época, mas houve um grande revide por parte do pessoal punk que não aceitaram o domínio da polícia militar que queria acabar com o show. Embora nos estávamos bem próximo, ao terceiro D.P. do Jd. Baeta, o pessoal punk não se sujeitou ao domínio da polícia militar e houve um grande confronto entre a polícia militar e o pessoal dos punks Anjos e de outros grupos que estavam presentes também. Com agressão mútua entre ambas as partes, acho que é uma das melhores

recordações que nos temos assim, porque a repressão da policia militar sobre o pessoal dos Anjos, era bem grande”.

Sobre o paradeiro da maioria dos punks Anjos de São Bernardo Campo, inúmeros foram os caminhos. Houve aqueles que constituíram família ou viraram evangélicos, desvinculando-se totalmente da “identidade punk”. Outros mesmo com famílias constituídas ainda carregam a herança punk, porém menos ativos. Alguns casos foram marcados por tragédia, como homicídios ou mortes causadas pelo uso de álcool e drogas. Uma minúscula parcela tentou flertar com a guerrilha, tentando se alistar nas FARC colombianas ou em outros grupos de inspiração revolucionária de esquerda, porém sem obter êxito. Há reconhecimento de punks que se tornaram alcoólatras, mendigando pelas ruas de São Bernardo. Alguns contraditoriamente se vincularam ao narcotráfico, desviando-se do contexto ideológico do movimento. Pouquíssimos sobressaíram-se dando continuidade ao processo original, continuaram elaborando projetos culturais, com bandas e eventos. Uma parcela minúscula conseguiu ingressar em alguma Universidade.

Entre os últimos eventos mais importantes no ABC, estão os “20 Anos do Movimento Punk” e a “Ópera Punk”, projetos que tiveram a iniciativa e coordenação geral de Antonio de Pádua, ex-Passeatas, com o apoio da Prefeitura de Santo André, ocorrido nos anos 1997 e 1998. Merecem ser destacados pela importância e reconhecimento que obtiveram no período, um objetivo alcançado por Pádua após 12 anos da dispersão dos Anjos.

O projeto intitulado “Ópera Punk: Existe Alguém + Punk do Que Eu?” Foi um desdobramento do evento “20 Anos do movimento Punk”, realizado em 1997, proposto por um grupo de punks chamado “Motim Punk” e discutido com o Departamento de Cultura e assessoria da Juventude da Prefeitura Municipal de Santo André; deu origem a uma exposição, debates, um passeata pelas ruas da cidade, encerrando no Paço municipal, com Show das bandas: Deserdados, Colisão Social, Passeatas (o grupo foi reconstituído com novos músicos somente para essa apresentação, com Pádua no vocal, sendo o único integrante da formação original), Hino Mortal (juntaram-se somente para esse evento), Invasores de Cérebro, Subvidentes e Cólera. Cerca de 3.000 pessoas participaram das atividades realizadas.

A Ópera Punk “Existe Alguém + Punk do que eu” ocorreu no ano seguinte, foi um musical com textos e músicas escritos por punks, tendo a participação de bandas punks que tocavam ao vivo no palco na medida em que se desenvolviam as cenas. Os números musicais eram interligados com os textos que contavam a história do Movimento Punk, retratando a rivalidade entre Punks do ABC com os de São Paulo. Teve a participação do escritor e dramaturgo Antonio Bivar, autor do livro “O que é punk”, responsável pela produção do texto e roteirização do espetáculo.

(...) Ao 59 anos, o escritor afirma que a manifestação do punk, ao longo período 1977-1982, foi uma revolta autêntica. Atualmente, Bivar entende que os rappers assumiram essa função. “Acho que o movimento punk teve uma participação fundamental para a transformação da mentalidade da juventude naquele período. A importância do projeto reside nesse ponto”, diz.

De acordo com Pádua, 38 anos, apesar de as formas de atuação terem se modificado com o passar dos anos, a essência do movimento punk ainda é uma forte referência para os adolescentes da região: “Hoje temos integrantes com um grau conscientização bem maior. Existem professores e uma série de outros profissionais que ainda mantêm os ideais punks, e o projeto servirá pra trazer tudo isso à tona. É por isso também, que o evento está aberto a participação de qualquer pessoa interessada.”

O nome da ópera Existe Alguém + Punk do que eu? É uma referência a rivalidade que existia entre punks do Grande ABC e de São Paulo. A ópera e os eventos paralelos, portanto, vão abrir espaço para que essas diferenças sejam discutidas a partir de aspectos como as roupas que eram usadas pelos dois grupos e suas expectativas em relação ao futuro.

Segundo Altair Moreira, diretor de cultura de Santo André, a participação da Prefeitura se limita a fornecer a estrutura necessária para que o evento seja organizado, além de estimular a iniciativa. “A ópera e os eventos que giram em torno dela são consequência da passeata 20 Anos Pela Paz, realizada em Santo André em novembro de 1997. Depois, vieram a exposição, os debates e os shows. A programação deste ano significa um avanço em relação ao ano passado. Nosso interesse é abrir uma oportunidade para que a população de Santo André descubra de que forma o ideal do movimento foi assimilado pela sociedade e quais foram suas contribuições⁸⁴.”

⁸⁴ Diário do Grande ABC - Cultura e Lazer - página 3, terça feira, 23 de junho de 1998, SP.

Metamorfose do irracionalismo

Aparentemente, quase não se vê nas ruas uma quantidade expressiva de punks quanto nas décadas de 70 e 80, mas sua presença se faz marcante no *underground*, continua a promover suas manifestações, panfletagens, boicotes, passeatas e inúmeras outras formas de expressão em relação às exclusões sociais geradas pelo sistema capitalista. Como no passado, o movimento punk continua a dar mostra que ainda tem força, continuam divulgando suas idéias através da imprensa alternativa (fanzines), shows, convenções, encontros, reuniões, rádios clandestinas, intercâmbios, atualmente em rede ou *sites* na Internet.

Apesar de inúmeros caminhos, o movimento em si passou por um longo processo de transformação, mesmo com a persistência de um ganguismo e de um modismo fútil, criado sobre ele (atualmente o uso de cintos e pulseiras rebitados, cabelos espetados, coloridos ou corte estilo moicano, é muito comum no meio social).

Antes mesmo de adentrar os anos 90, houve uma deturpação geral dentro dos movimentos *underground*. No ABC uma nova safra de punks surgiu no final da década de 80, a maioria, porém, não conseguiu assimilar os conceitos originais do movimento ostentado pela antiga geração. Esses novos punks foram criticados pelos veteranos e apelidados de “*Embalistas* ou *Puffs*”, adentraram ao movimento pelas razões contrárias, sem conhecimento de causa, somente por “curtição”; acreditavam que ser punk “era chutar saco de lixo e sair distribuindo violência a esmo”. Esse disparate se torna ainda mais complexo na medida em que as novas gerações que foram se constituindo acabaram se influenciando por esses novos punks, a partir de então inúmeras foram as ações inconseqüentes.

A maioria das *tribos urbanas* não se preocupavam com questões ideológicas ou culturais, apesar de não serem poucas (Metaleiros, Pós-Punks, Darks, Góticos, Grunges, Headbangers, Dead Metal, Black Metal, Trash Metal, Rockabilys, Psicobilys, Ciberpunks, Clubers Rappers e outras) e estarem voltadas mais para diversão. A partir dos anos 90

houve uma confusão generalizada em torno de assimilações e comportamentos, daí a dificuldade em distinguir uma tribo de outra, tanto visualmente como musicalmente. A música, o estilo, o visual, tudo se tornou parecido e caótico. Diante dessa banalização, conseqüentemente houve o aumento de gangues que se intitularam nacionalistas, integralistas ou neonazistas (algumas vinham agindo desde meados dos anos 80), um período de grande contradição, dado em partes pela influência dos Skinheads europeus e o confuso *movimento OI*. Ficaram conhecidas no Brasil como “Carecas” e tiveram algumas derivações: Carecas do Brasil, Carecas do Subúrbio, Carecas do ABC, Carecas da Zona Leste, White Power, SHARP e os Trads (tradicionais), cada qual com sua particularidade, com a maioria de seus integrantes desprovidos de informações acerca do próprio movimento, além da ausência de uma base de formação cultural, fazendo prevalecer a intolerância e uma violência generalizada, de imediato se contrapondo ao Movimento Anarco Punk e outras facções de cunho anarquista. No entanto, mantiveram uma grande rivalidade também entre elas próprias.

Posteriormente, por mais uma questão de força e quantidade de membros entre essas novas gangues do que para fatores ideológicos, alguns “puffs” que não conseguiram assimilar a proposta do movimento punk, eram inerentes a certos preconceitos, e acabaram assumindo uma postura conservadora, indo para um lado oposto e se tornaram *Carecas*, dessa mesma forma aconteceu também com alguns *Headbangers*. Esse fenômeno repleto de contradições prossegue ainda ressaltando na união de gangues que eram extremamente rivais, acentuadas ao ódio e irracionalismo, lançaram inúmeros ataques contra os que chamavam de minorias: “Gays, negros, nordestinos, punks, socialistas, anarquistas, cabeludos (Heavys), comunistas, prostitutas, descendentes de estrangeiros e estrangeiros”, que sofreram ameaças e agressões reais, algumas ocasionando mortes. Essas ações se tornaram freqüentes no final da década 90 e nos anos 2000, com constantes manchetes em jornais, revistas e televisão, virando caso de investigação policial. Atualmente existem órgãos policiais que estudam e atuam sobre esses movimentos.

No Brasil, *punks anarquistas e Anarco Punks* se destacaram mediante as Tribos Urbanas. Tentam reverter às insinuações pejorativas e taxativas dos meios de comunicação, correspondendo às críticas e apresentando uma postura séria, como intuito de conquistar o respeito da opinião pública no reconhecimento real de sua luta. Obtém sua força dentro dos

circuitos alternativos, sob um processo autogestionário que mantém as bases de sua organização e os meios de sua própria sobrevivência.

Esse caso será melhor compreendido futuramente, onde pretendo desenvolver um estudo de maior profundidade sobre a constituição e procedimento do Movimento Anarco Punk. Porém, algumas noções primordiais de conduta desse movimento podem ser observadas resumidamente através de uma entrevista concedida pelo Anarco Punk J., onde:

“O movimento anarco punk ele propõe a difusão cultural, cultura para todos, o direito de tudo para todos, igualdade social, (...) A gente não quer o anarquismo para todos, nós somos anarquistas, mas queremos um mundo livre onde as pessoas possam conviver com seus mundos, um mundo onde caibam todos os mundos, e temos contato muito forte com o movimento negro, GLBT, movimento de ocupação urbana, ocupação rural, movimentos culturais diversos, movimento de cultura negra mesmo, capoeira e inclusive até com... com os zapatistas também (...) E com todos os movimento que se levantem contra a opressão. A gente procura estar junto, a gente procura se envolver, se tem pontos de discussão sob forma de atuações a gente discute, mas o mais importante é a gente construir as coisas juntos mesmo. Então os movimentos, que ultimamente que a gente tem apoiado muito é o movimento GLBT, o movimento negro, a gente teve um contato muito bom com os judeus, na questão da... do nazismo em si, agente teve um ciclo de informações e palestras envolvendo toda discussão em relação ao nazismo e assim a gente esta aberto a se organizar com todos aqueles que se levantam contra a opressão.(...) A nossa luta é realmente contra aqueles que oprimem as pessoas, se oprime a gente é contra. A gente luta pró... ah! Eu esqueci de falar anteriormente que a gente tem um contanto muito grande também com o movimento indígena. Existem grupos de estudos e... não só de estudos, mas de vivência com grupos indígenas aqui na cidade de SP, que pode não parecer, mais em SP tem índio e... e assim a gente luta contra aqueles que oprimem os índios, que querem tomar suas terras, aqueles que discriminam os negros, aqueles que querem gerar as diferenças sociais, as diferenças entre gêneros este é o nosso alvo, nosso alvo é isso, nosso alvo é a propaganda, comunicação com o povo, falar com o povo, para gente acreditar que é possível e a gente vai batalhar junto (...) A gente não é salvador da guarda, a gente não salva ninguém, a gente tem a informação, pessoas tem outras informações a gente troca informações e vai construindo as coisas e mostrando que é possível e vamos fazer”.

Mundialmente o movimento punk resistiu e ainda persiste, constando entre os últimos movimentos contraculturais de grande expressão, conseguindo obter um globalismo

dinâmico. Outros movimentos contemporâneos, assim como o Rap, limitam sua dimensão aos guetos de poucos países das Américas e Europa. O dinamismo do movimento punk, com sua música e comportamento, continua ativo após todos esses anos, influenciando inúmeras outras tendências e movimentos.

GLOSSÁRIO

O glossário a seguir ajuda a entender e identificar alguns estilos e tendências, oriundas do movimento Punk e Skinheads.⁸⁵

Anarco Punk - pode ser considerada uma das correntes contra-culturais do movimento anarquista de maior expressão. Os punks, de modo geral, aproximam-se do anarquismo devido ao seu modo de ser, de negar e combater o autoritarismo, as fronteiras e os preconceitos impostos, porém os Anarco Punk assumem a política anarquista e seus modos de ação e organização, assim como seus princípios.

Crust punk - significa “punk enferrujado”. Punks adeptos de um estilo de música mais “sujo e tosco” acima do Punk Rock, o Crust Core.

Deathcore - Mistura sonora entre Hard Core e Death Metal.

Death Metal - Derivação do Heavy Metal, os temas das músicas abordam o satanismo e ocultismo e críticas à religião.

Emo Punk - Punks emotivos, corrente surgida nos anos 90, diferencia-se dos punks originais pelo apelo a questões pessoais e não sociais.

Emocore - Caracteriza-se por canções melódicas e menos agressivas, uma junção do Hard Core com letras de temática pessoal.

Grind - Estilo de hardcore caracterizado por um som extremo. Vocaís gritados com letras críticas sem apego a melodias.

Grunge - Corrente surgida no início da década de 90, que mescla elementos do punk com o Hard rock.

⁸⁵ A filosofia do punk, mais que barulho, p. 185 a 193.

Gutter Punk - Punks da sarjeta. Jovens com vestimentas punk que vivem em torno da cena punk, pedindo dinheiro e esmolas nos shows, nas ruas, mas muitas vezes nem gostam da música punk.

Hardcore - O punk rock mais “cru”, casca grossa. Firmou-se mais nos EUA é a aceleração do próprio punk rock, tornando-o mais agressivo, assim como o caráter político e crítico de suas letras.

Hardline - O braço armado do movimento Straight Edge, que defende o vegetarianismo, mas pregam o convencimento das pessoas com o uso da violência física.

Nerd Punks - Punks Bobões – punk que se interessa por tecnologia, ciência e temas correlatos.

New Wave - A Nova Onda - deriva do punk, conhecida como a versão comercial do punk.

Noise - Literalmente barulho, rock noise - rock barulhento, punk rock.

Oi - Estilo favorito dos Skinheads, mistura ska, reggae e punk.

Pós Punk - Fase posterior ao punk de 1977, bandas influenciadas pelas próprias bandas punks.

Puffs - Punks sem consciência política (embalista).

Queer Core - Encontro do punk com o movimento gay, com origem em San Francisco.

Queer Punks - Punks homoeróticos adeptos do queercore

Quincy Punks - Punks mauricinhos, punks *posers* (aquele que posa na imagem de roqueiro), no entanto é um embusteiro.

Riot Grrls - Movimento feminista contra o machismo e o sexismo, dentro da cena punk. Produzem zines e possuem bandas.

Rash - O Rash e os Red skins (skins anarquistas - comunistas) diferenciam-se dos Trad (skins tradicionais) em maior número na França (onde existem em grandes números e bem organizados desde o início dos anos 80), Itália, Espanha, Alemanha.

Rockers - roqueiros.

SHARP - Skinheads Against Racial Prejudice – Skinheads contra o Preconceito Racial. Dissidência do movimento skinheads.

Speed Core - O Hard core mais feloz, possui alguns elementos do metal.

Straight Edge - Dissidência do punk, onde os adeptos não usam drogas, álcool, não comem carne, Straight significa - careta e Edge - raiva. Usam um X desenhado na mão para se identificar como anti, não praticam sexo promíscuo.

Street punk - foi uma das primeiras reações britânicas ao surgimento da New Wave e da popularização da cultura punk. É caracterizado por estilo de música, moda e postura próprias, ditos relativos à cultura de rua (daí o nome street-punk, que significa punks rueiros).

Thrash - Literalmente, açoitar, bater, agitar rapidamente. Uma designação do Heavy Metal que misturado ao punk deu origem ao Cross - Over (mistura de estilos musicais).

Veganismo - Forma radical do vegetarianismo, não consomem nada em absoluto de proteína animal. Muito comum entre os Straight Edge.

White Power - Skinheads assumidamente nazistas, defendem um suposto poder branco.

ANEXOS

14 de março de 1984.

Meu Diário:

A muito tempo que eu não escrevo, pois ultimamente não estou nada legal, nem para escrever muito menos para conversar, o pior é que eu estou precisando conversar.

Meu Deus... quanta coisa errada, às vezes eu sinto vontade de sumir de tudo e de todos... mas pra que fugir, adianta?

Não vai resolver meus problemas, eu iria me sentir mais só do que estou.

Não pode acontecer nada com o Nenê, meu Deus ajude ele a se recuperar, eu sei que o senhor vai ajudar, mas gostamos muito dele, eu tenho fé, eu sei que logo ele vai sair do hospital, ele é forte... eu acredito ~~em~~ tudo vai correr bem com a ajuda do senhor.

Estou tão confusa, preciso encontrar alguém que me entenda e que goste de mim do jeito que sou.

Eu ando muito nervosa, pois eu não era assim, é estranho eu quero tanta coisa e ao mesmo tempo nada.

Antes meu problema era o Binho, acho que era o único, pois não esquecia com mais nada, agora não tem nada a ver, me livrei de um problema que julgava ser um problema, pra aparecer vários.

Não ~~quero~~ trabalhar, estou com conjuntivite, e ruim demais.

Até outro dia //

R.H.

15 de março de 1984.

Meu Diário :

Ele morreu, ninguém queria acreditar que isso poderia acontecer... meu Deus, você foi injusto comigo, eu pedi tanto, para não da pra acreditar... O Nemê, não pode ser, eu te pedi tanto. Não tem sentido!

Eu gosto tanto de você Nemê, você sabe disso né?

Seja tão bom se fosse mentira.

Eu nunca vou te esquecer, nunca em toda minha vida.

Talvez seja melhor para onde você foi... eu gostaria de estar ao seu lado agora.

Nemê... Você deixou aqui pessoas que gostam muito de você.

Um dia estarei ao seu lado.

Até algum dia //

R.H.

22 de junho de 1957.

Meu Diário ...

R.H.

Hoje é domingo ... um domingo nublado,
e, um dia triste, mas vamos sair.

Agora estou morando aqui com a Mãe
e o Zé, vai para de casa ... a Rosana tam-
bém, ela está na casa da irmã do Kiko,
pretendemos ficar juntas ... um dia.

Eu preciso cuidar de mim, da minha
vida, onde está minha fibra, minha garra,
é que estou sem iniciativa de arrumar
um trampo, nem comecei a procurar e já
estou desanimado.

São tantas coisas que eu gostaria de
escrever, mas não consigo, também agora
eu tenho alguém com quem conversar, de-
safa, é melhor uma pessoa amiga, do
que somente escrever sem obter resposta ...
mesmo assim, sempre é bom agente escrever,
não é verdade?

Não vamos mais na praça. Porquê?

O motivo é simples, acabou, não vai
ter mais tueria, o pessoal, Os amigos, é três
to mas sejamos realistas ... acabou.

Não quero mais falar sobre isso, não que

BANDAS **PUNKS:**

PASSEATAS

* DESORDEM *

SISTEMA

DIA-3, 19hs

P.U.C.

IRA

RUA
MARQUÊS

DE

PARANAGUÁ, 111

PERTO DO "CEMITÉRIO" DA CONSOLAÇÃO



3/10

1981

**PUNK
Rock**
**INOCENTES
ULSTER
PASSEATAS**
NA P.U.C.



dia 28.08.82 - Às 21:00 h

R. MONTE ALEGRE, Nº 984

PREÇO ÚNICO - CR\$ 300,00

★ PUNKS UNIDOS ★

I FESTIVAL PUNK HARDCORE

EM CAMPINAS DIA: 18/10/86

COM AS BANDAS: ÀS 21:hs

INGRESSOS C/

LEGIÃO ARMADA - EXCOMUNGADOS - Atitude Suicida - PÁTRIA ARMADA -

DESESPERO - TROPA Suicida - RENEGADOS - D.Z.K

ADOLF.X - LE PRA - SUBMUNDO -

HINO MORTAL - CHAOS - 64 - DIZINTÉRIA - W.C. KAAOS

LOCAL: Soc. Am. Nova APARECIDA - R: JOÃO MARTINS Nº 216

ÔNIBUS: P. Anchieta 3 - DESCER PONTO DA CAIXA D'ÁGUA

PUNK ROCK OU O QUÊ?

INOCENTES

ULSTER

PASSEATAS

Na P.U.C. - dia 28.08.82 - às 21:00 h

Rua Monte Alegre nº 994

Gr\$ 300,00

BANDAS PUNK'S

ULSTER

HINO MORTAL

PASSEATAS

INTERROGAÇÃO

OS DESPEJADOS

DE CAMPINAS

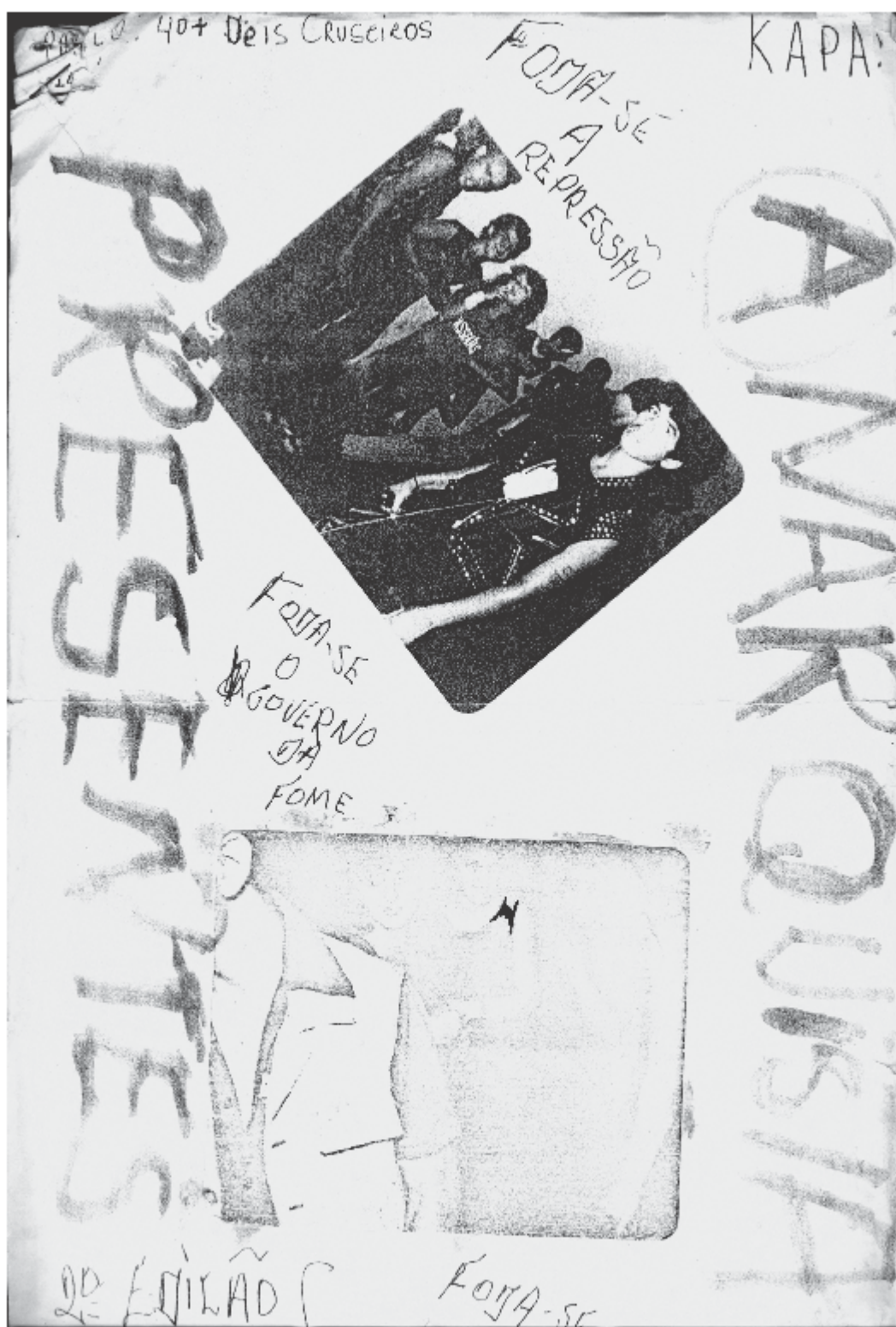
ANJOS PODRE

INOCENTE S/A

2-10-82

TEATRO ESCOLA DE DIADEMA,
AV. ANTONIO PIRANGA, CENTRO DE
DIADEMA
ÔNIBUS - S. BERNARDO - DIADEMA, NO
JABAGUARA.
PREÇO 250,00 - INÍCIO - 20,30HS





"1983 o ano do caos economico". O desemprego, a fome, a neurose, a violencia, o odio, a repressão etc., assolará muito mais a sociedade. Neste clima é lançado o 1º MANIFESTO PUNK, que tem a intenção de tentar transmitir/que nós punk's devemos nos reunir cada vez mais para saber que vai ser feito do nosso movimento, que ultimamente anda sendo ridicularizado por algumas entrevistas, (que não transmitem nada do que seja punk), frases feitas uma apresentação de um grupo na TV e mais algumas palhaçadas que estão fazendo deste movimento um modismo sem nenhuma razão ideológica.

O desemprego aumenta, a qualidade do ensino cai e fica mais caro, a subnutrição aumenta, enfim existe uma horrível falta de perspectiva, principalmente para os jovens, que estão vendo o movimento punk "distorcido" alguma coisa para fazer, agora cabe a cada punk transmitir a sociedade a ideologia mais correta possível do que seja punk e os que não souberem devem manter a boca fechada. Tudo isto é para que os novos adeptos sejam conscientizados da força, da ideologia e da garra que existe neste movimento, e principalmente do valor que cada um tem por ser um punk.

Um movimento, um manifesto ou um protesto que tenha base, podemos dizer -/que ele precise de 4 fatores: Um ideal a ser seguido, lutando por ele a -/qualquer custo; Um plano de ação muito bem feito, se possível melhor do /que o sistema ao qual nos manifestamos; Uma conscientização da população para que ela nos apoie pelo menos moralmente; O fundamental: União, que não é esta união que se fala entre os punk's, mas sim a união que todos gostariam que existisse, que todos fossem capazes de lutar juntos por um unico/ideal. Existem diariamente tantas coisas feitas descaradamente para serem/criticadas ou manifestadas pelos punk's que ficam se preocupando em quebrarrem vidraças, provocarem playboys, etc. .

Este manifesto não quer que os punk's sejam "santinhos", mas quer que tenham o mínimo de instrução, inteligência e consciência para que saibam como agir com aqueles que os reprimem, e com os que lhes dão uma força. A crítica entre os punk's devem ser feitas cada vez mais, para que os erros/sejam corrigidos; Portanto é um grande ato um colega criticar construtivamente o outro quando este estiver fazendo algo prejudicial a quem, ou aquilo que nunca lhe prejudicou e deixa o que lhe prejudica constantemente /sem ser prejudicado. (É uma questão de empregar o verbo prejudicar sem se prejudicar) . "Sendo que estamos dispostos a receber críticas".

Ainda existem varias coisas para serem faladas e discutidas, mas é preciso que cada punk venha com suas próprias idéias para se chegar a um ponto comum. O primeiro empurrão já foi dado, agora é preciso que todos empurrem /este Tank de Guerra chamado PUNK!

SHOW PUNK dia 12/2 das 6 as 10hs
\$ \$ 300,
RATOS DE PORÃO, ULS TER
CORTE MARCIAL, HINO MORTAL

[ASS. AMIGOS V. PAULICÉIA - SBCAMPO - R. ALVARO ALVIM.
1 PONTO APÓS A COOPERATIVA DA MERCEDES 10\$ 300.00.
S. PAULO BUS -> S. BERNARDO V. PAULICÉIA (RUA D. PEDRO DE ALMEIDA)]

Punk: pelo direito à diferença

Valdir Marinho/Maria Cristina Trancarelli (Bimba)

Para se falar de punk é preciso ser um pouco punk ou, pelo menos, estar vivo, respirando e sentindo as energias que pairam no ar.

Este texto se propõe a rediscutir o movimento punk, questionando todas as investidas e deturpações que a grande imprensa tem feito sobre ele.

Ser punk é ser pobre. Por isso, ultimamente, os meios de comunicação estão tentando institucionalizar o movimento, pois os punks podem incomodar, na medida que reivindicam o seu espaço na sociedade com novo conceito de organização e beleza. Todos eles se colocam declaradamente contra a miséria, o desemprego, o governo, as formas de poder.

O movimento punk começa na Inglaterra em 1976, chegando a São Paulo em 1978. São na maioria jovens desempregados ou operários, office-boys, bancários, balconistas, subempregados.

Onde vivem? Moram na periferia da cidade de São Paulo e do ABC, sem acesso à informação, à comida, à cultura, salvo a própria cultura punk.

São cidadãos e artistas que com seu trabalho denunciam a violência do dia-a-dia, do trem, do ônibus, do patrão, da polícia.

São anarquistas ou qualquer coisa. Os punks não são nada. Mas entendem de tudo. Um punk é um punk por que não dá pra ser outra coisa, mas é preciso ter alguma coisa no mundo.

Os punks são pessoas que assumem e refletem em si o espaço urbano, o lixo, o caos, o excesso. Vestem-se de negro, cinza, alfinetes, correntes, coleiras. Cabelelos rapados tipo moicano. Indícios urbanos das tribos das terras de fumaça cinza dos prédios cinza do sub-sub-mundo cinza dos subúrbios.

Conhecemos um punk chamado Terra e Simone, sua mulher. Terra é um punk de pés no chão, querendo voar. Uma pessoa que percebe seu poder de criar e transformar muita coisa. Infelizmente neste País só podem criar aqueles que têm grana, e que determinam o acesso à indústria cultural.

Terra fala da inutilidade da educação que a escola oferece, totalmente desvinculada da vida: "ainda fazem do Pedro Álvares



pessoas têm direito de viver bem, e morar numa casa que não desaba, não enche de água, de ter dinheiro para comer e se divertir, e ser, sobretudo, cidadão. Por que não?

As pessoas costumam buscar o prazer de forma desviada, pois não sabem exatamente o que isso significa. Os punks também buscam formas de prazer. Ser punk é tomar todas, é ser muito louco, é ficar a panto.

A imagem punk

Terra acha que você pode ser punk por suas atitudes, suas ideias, sua forma de se colocar no mundo. A maioria dos punks acha que só é punk quem participa do ritual, dos encontros, das gangs.

Burguês não é punk, é new wave.

Os punks para sobreviver à violência têm de ser muito fortes. Ser punk não é brincadeira, como não é brincadeira morar na periferia, seja no Jardim Farina, Vila Industrial, Parque São Bernardo, Jardim Brasil, Cangaíba, e por aí a fora.

Punk. A ponto de estourar sem estourar. Inchaço. Cansaço. Bode. Realidade. Ilusão. Amor. Ódio. Prazer. Prazer. Já era. E agora foi. O momento. O movimento punk é bunda de panela. Por momentos. O auge. Urge. Não fuja que não adianta mais. Morte. Forte como a morte. Fogo e morte. Destruição. Trucidar com o otimismo. Amarrado. Amarrado. Sim, e pra sempre em frente. O Brasil foi e caiu no precipício. Húspicio.

Prá lá de punk é ser mesmo e ter as palavras vomitadas pela

tem de ser muito forte pra esmurcar o mundo sem se machucar, mas punk também se machuca, "como se machuca meu irmão"! É não acreditar mais na existência dourada do sol. Urbano X natureza. Inevitável. Os sinais são inevitáveis da explosão. Ser punk é fazer tudo para não ser explodido. Ser doído doído doído. Sentir o barulho da respiração na pele, ferido às vezes a pele na rebelião suburbana de estar vivo e só.

O discurso punk. Onde você pára, onde você quer, isto é, claro, se você quiser parar, se não quiser parar mais também não precisa. A liberdade, a cidade. O protesto. O meu. A liberdade a cidade a realidade. Os meus cabos, a minha forma. Eu sou aquilo que sou e consigo ser. O discurso punk é o barulho, por que é o seu (meu) discurso sobre as coisas, a minha transação, é não ter nada a perder e querer transformar de qualquer forma, a forma que eu reajo a olhares, olhares, a forma que eu penso a minha marca no mundo, a minha trilha que eu vou fazendo a cada momento, com cada gesto, cor, som, amor e movimento. Beijos, braços, pernas, o meu coração. Pela abertura do movimento punk, por assimilação da sociedade toda, da transformação toda. O caminho da juventude. Qual quer? O seu caminho. O meu. A ideologia punk? Contra o governo. Contra o governo. A ideologia punk não se explica se não na própria linguagem punk, estas signos traduzidos à linguagem de uma outra ideologia, levaram a uma comunicação outra à aquela que um punk leva. A ideologia punk é não ter ideologia fixa.

Incidente no show "Punk Rock"



Os grupos se concentraram no clube mas se queixaram de violências

Um incidente dificultou o andamento do show "Punk Rock", realizado anteriormente no Clube Luso-Brasileiro, à rua da Glória, 484, no bairro do Bom Retiro. Por volta das 17 horas um Chevrolet verde, placa não anotada, quase atropelou um grupo de rapazes à porta do estabelecimento. Xingado, o motorista ficou furioso e, dando marcha à ré ao veículo, procurou usar o carro para matar ou machucar alguém.

Em meio à confusão que se formou no local os rapazes se uniram e amassaram o carro, esilhaçando os vidros. Depois que o motorista decidiu ir embora e fim de não apagar, apareceram as guardas 1304, 1309 e 1311 da Polícia Militar cujas soldadas entraram no clube, causando alguma correria, segundo informaram alguns dos frequentadores, entre eles Anay Oliveira dos Santos, Nivaldo de Tal e outro que se identificou como o "punk" Terra.

Esses "punk" reclamaram da perseguição

de que ele e seu grupo "tem sido vítima". Queixou-se que há dias foi preso no Breda quando, com seu amigo, outro "punk" alcunhado de Nei e algumas "gatinhas" participavam de outro show.

O antropólogo e professor da Unicamp Antony Hénaut, que vem há um ano acompanhando grupos "punk", com o fim de analisá-los, disse que os policiais entraram no Clube Luso-Brasileiro e obrigaram os rapazes a tirar blusas de couro e as botas, para procurar maconha ou "bolinhas". E fizeram uma pilha de sapatos e botinas.

O jornalista Antônio Bivar, que está escrevendo o livro "O que é Punk", que deverá sair em novembro, também criticou a maneira de agir dos policiais. Depois das 20 horas, os rapazes deram continuidade ao espetáculo. Como a metade dos espectadores já havia ido embora, o ambiente foi de discreta desolação.



A festa dos "punks"

Roupas escuras, pretas de preferência, odeiros de couro e tachinhas, cabelos em pé estilo molhado, comportamento irreverente, alguns centenas de jovens entre dezasseis e dezasseis anos, em sua maioria provenientes dos bairros pobres da cidade, participaram no dia 28 do 1º Festival Punk do Sesc—Fábrica da Pompeia, em São Paulo. O objetivo dos organizadores era divulgar o movimento "punk" para todo o Brasil (ele concentrou-se na capital paulista) e explicar o que significa ("protestar, encandolizar, violar o sistema, revelando sua parte nojenta"), algo que nada teria a ver com atos de incivilidade como roubar, matar, assaltar ou usar drogas. Quando a festa estava no auge se começaram alguns excessos dos mais excitados: uma tropa de choque da Polícia Militar chegou e passou a espancar e morder, inclusive os fotógrafos que registravam as cenas. E tudo acabou às 19 horas.

SESC POMPEIA - "O Guego do Fim do Mundo" 1982



Os punks documentados pelo pessoal do Olhar Eletrônico

O segundo destaque não é para um filme, mas para um tema eminentemente sócio-cultural: a geração punk. E daí, Não Sei, Só Normal, da ABC Vídeo e Garçon do Subúrbio, do Olhar Eletrônico foram os dois tipos que fizeram esta abordagem. Sem querer igualar os resultados, fica o elogio pela escolha do assunto e pela forma de tratamento dispensada a ele. Ambos os trabalhos representam uma séria tentativa de discutir e entender o comportamento punk, que nada tem de novo, mas representa a resposta mais atualizada aos crônicos problemas de nossa sociedade.

A 1ª Mostra de Vídeo de Santo André foi organizada pela Secretaria de Educação, Cultura e Esportes de Santo André com o apoio da produtora Olhar Eletrônico. O evento foi um sucesso de público, que mais uma vez conjurou para prestigiar a qualidade dos bons eventos culturais na região.

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Terça-feira, 6 de dezembro de 1983

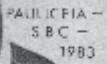
Chibren, um Cuvésio, não tem mais que 13 anos. Apóua-se num pé, no nuro, miza para atrás, o corpo fino todo lidoado em preto. Olha para os lados, sabe na mureta do lagoimho de Paço de Andrad, fala de duas banhas que compõem sua vida — a Holobolano e a Imigração Holobolano. Ele não sabe ler e escrever, mas conhece as banhas femininas da região — passa à sua frente, os cabelos brancos amarelo-palha e os de cima feregru. Ele atrepeiro, continua, mudo de assunto, lavadom o assunto mureta de outras banhas, se retiram, voltam. O — contagem, mureta e se reconhecem em banhas. As cerca de 24 banhas existentes no Grande ABC, nos pontos que vão desde as 11 fmeas Uci, Hino Mureta, Passagem de São João, até a fmea de São João, e Cuvésio, Garças Podres, Metralha de Colón. Imo, o exercício de vida marcado pela proficácia dos pois em cede

CONTATO
VLADI
RUA SALIM MAHOUD 644
PARQUE TERRA NOVA II
CEP 09820-780
SAO BERNARDO DO CAMPO
S.P. - BRAZIL

Tudo isto se junta e dá a medida. Adolescência, vital descontentamento diante de uma sociedade industrializada e repressora, que desemprega e subemprega, o caos da antrópofagia — industrialização e subdesenvolvimento. O liberalismo puro da internacionalização podia ser São Paulo e Grande ABC. ("Anarquismo na cery é chutar sacos de lixo; aqui na cery não. Aqui é o movimento").

O senhor é punk e vago: "Não vamos mudar nada. Primeiro, queremos fazer a revolução cultural com o pessoal, depois a massa. Teriam passos mais sérios, enfrentamento com a ditadura. E então a anarquia, as comunidades autônomas, mas, no momento, falta a gente se estruturar, se unir. Então a gente vai pregando, têm os fanfins, tem a música"

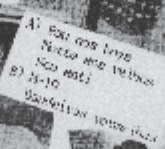
o futuro, a consequência, é mera imposição. "A gente quer ficar na real". Ficar na real é agradecer para poder viver, é procurar empregar a qualquer preço. "Acho que não dá para não se render a gente não muda, mas a gente não trapaia. Não dá para não se render. Lembra-se da unidade teocrática do Egito, aqueles ladões e camponeses era o malor cômico, e ainda é". Mas, dos Gastos Públicos, a falta e fica um momento utilizado, e o dado em riste vai relaxando e caindo. Pensaram-se críticas racionais a Silvio Santos, à violência policial, à religião e a Deus.



As 25 bandas da região, como a Ulster, mais famosa, concentram sua agressividade na música

[illegible]

AGU Records
Caixa Postal 2921
Ag. Tanque Verde
CEP 06211-570 - Santo André
BRASIL
Fax: + 55/11.646.7115



Num show de música e violência Grupo Punk explode em S. Paulo

ESPECIAL
NOITE DO PUNK
Na Caverna
Sexta dia 25 das 22.00 as 4.00 hs.
Todos os domingos das 16.00 horas
as 22.00 horas
Promoção Caréca do Suburbio
Grupo Força Jovem
Av. Guilherme Giorgi, 764
Atras da Estação de Trem de Jundiapéba

← **Punk Rock** →

Ratos de Porão
Fogo Cruzado
Ulster
Lixo Mania
Estado de Coma

Local: LUSO BRASILEIRO
Rua da Graça, 608 - B. Retiro

Dia 17 de Outubro de 1982
Início às 16:00 horas do Domingo
— Preço Único Cr\$ 400,00 —

Assista Grátis
os Filmes
**Sex Pistols e
The Clash**

== **PUNK'S UNIDOS** ==



SHOW

da banda

ESPERAMOS QUE SHOWS
DE TODAS AS
BANDAS
ACONTEÇAM
CADA VEZ
MAIS
← QUE
O
MOVI-
MENTO
NO
BRASIL
TOME
UMA
POSTURA
CADA VEZ
MAIS
CONSCIENTE
← ATIVA!



TIVEMOS A INICIATIVA
DE ARRUMAR UM
ESPAÇO PRA'
TRANSMITIR
NOSSA
MENSAGEM.
ESPERAMOS
QUE TODOS
DEEM UMA
FORÇA!

Gr\$ 2.000

DIAS 25 e 26 DE MAIO AS 20hs

NO EPSG SÉRGIO MILLIET (AO LADO DO CEMITÉRIO) V. PIRES-S. ANDRÉ

APOIO: SINDICATO DOS INÚTEIS

1985

LIBERTAÇÃO RADICAL

O GRUPO LIBERTAÇÃO RADICAL É FORMADO POR:

Fernando - baixo, guitarra e vocal
Miro - guitarra, baixo e vocal de apoio
Laércio - bateria e vocal de apoio

HISTÓRICO

O surgimento do grupo Libertação Radical está ligado diretamente ao término do grupo Passeatas, no qual tomavam parte Laércio (bateria) e Fernando (guitarra).

O Passeatas foi um grupo que agitou o cenário musical paulista de 79 à 83.

Com o término do Passeatas houve a vontade de continuar o trabalho que estava sendo feito. A mesma proposta ideológica-musical porém com um som mais amadurecido.

No início o grupo estava precisando de quase tudo. Resolveram superar os obstáculos completando primeiro a formação do grupo com uma pessoa que se encaixasse na nova proposta. O problema foi resolvido no final de 84 com a entrada de Miro, no baixo. Assim, o grupo estava formado e pronto para enfrentar os próximos problemas: arrumar aparelhagem e lugar para ensaiar.

Por fim, os ensaios começaram em 85, apesar da honrosa presença da polícia em muitos deles! De lá para cá, o grupo permanece ensaiando semanalmente e se apresentando esporadicamente, principalmente em atos públicos de conteúdo político.

O Libertação Radical sabe que é tolice sonhar com fama e "sucesso" quando não se faz um som modelo-FM, quando não se tem amigos na crítica e principalmente quando se é um grupo proletário e sem capital para auto-investimento. Por isso mesmo todos no grupo vivem de suas profissões (metalúrgico, bancário e desenhista) e ninguém espera viver de música ou abrir concessões e mudar a postura política do grupo, mesmo que isso custe a obscuridade! O grupo quer, isso sim, procurar pessoas que se identifiquem com o que está sendo dito e cantado e enxerguem a realidade pela mesma ótica do grupo!

Siga em frente!

APRESENTAÇÕES

• Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo:
No 1º Festival de M.P.B da C.U.T. (Central Única dos Trabalhadores), regional A.B.C., em 14/12/85, onde de 67 músicas inscritas e 30 que participaram do festival, obtiveram o 1º lugar.

• Sesc Fábrica da Pompéia:
Abertura da apresentação do conjunto Língua de Trovão em 15/03/86

• Paço Municipal de S.B.C (Ar livre):
Na comemoração do Centenário do Dia Internacional do Trabalho, com a participação entre outros, de Gonzaguinha, Zé Geraldo, Renato Teixeira e Raízes de América em 01/05/86

• Ginásio Municipal de Esportes de Mauá:
No Festival de Rock em Mauá onde de 14 bandas participantes obtiveram o 4º lugar em 24/05/86



Banda Z

Z, uma Banda formada em 86 para desenvolver um trabalho que combine os simplesmente regular sua época, dentro de um contexto musical popular e atual. Seus membros já conhecidos, utilizam-se dos elementos musicais Afro-Reggae, Funk, Reggae, etc. com uma plástica específica que caracteriza o som da Banda Z.

A origem do nome Z, vem da letra Zêta, quando ocorre a morte de alguma pessoa querida, um Zêta escrito na porta de sua casa, significando que esta pessoa não morrera na memória do povo. Z - significa "Ela nunca morreu", e Zêta nome do último filme do grupo Costa Gomes.

A Banda Z é formada por: Carlos Koven - Congueiro, vocal e guitarra.

Xinho Rodrigues - Bateria
Ninho - Guitarras
Fábio - Bateria
João - Teclados

A Z possui uma fita. Dêem o

REPÚDIO

Usando como base as palavras: Anti drogas e Anti guerras, nasce uma Banda Punk do ABC Paulista, REPÚDIO.

A Banda REPÚDIO iniciou suas sessões com a dupla Cássio e Helder (Pezão), com uma volta guiana, um simplificado pedal e um fone de ouvido como microfone, o repertório era constituído por músicas de diversas Bandas Punk. Depois de um certo tempo resolveram fazer Cássio e Helder, para assim, o baixo e a bateria, mas por divergências os dois tiveram pouco tempo. O REPÚDIO volta as sessões com uma intenção já definida pela Banda e com uma proposta musical que consistia em parcerias simples e rápidas.

Já com alguma experiência e duas músicas próprias, a Banda

volta as sessões com Bill no baixo. Dez dias após, acontece a primeira apresentação no Festival Punk da Princesa de Gales em São André, o show realizou-se com um sucesso de uma banda (O.Z.K.). Assim, com esta apresentação fortalecidos os ânimos e finalmente no início de novembro completa-se a sua formação, com a entrada do baixista Léo (guitarra).

Com uma formação definida, Cássio (vocal, Pedal (guitarra), Bill (baixo) e Léo (guitarra), o REPÚDIO se apresentou no show Lixo Gordo (S.B. Carrão) e no Festival de Dezembro Negro, realizado em São Vicente. Um ano de 87 gravaram a primeira fita demo e estão aguardando a divulgação. Nas férias estão cômico e participam

OVERDOSE



LIBERTACÃO RADICAL: Rock pela Liberdade

O LIBERTACÃO RADICAL é formado por Fernando (bateria e vocal principal), Miro (guitarra e vocal de apoio) e Lécio (bateria).

Formado e Lécio (vocal) da Passante, uma banda que agitou o cenário punk no começo da década de 80, inclui, participando do disco "O Começo do Fim do Mundo". Depois ambos resolveram montar uma outra Banda com uma proposta musical mais elaborada e sem, de tudo, com uma proposta ideológica consciente.

Elencar um programa que encaixasse os seus ideais foi o desafio da nova banda que foi

fin foi sugerido quando Miro estava mais empolgado a guitarra, completando assim o power-trio.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados pelo Banda, o LIBERTACÃO RADICAL, sem abandonar princípios. Foram convidados do 1º prêmio no Festival da CUT-ABC, em 86, quando competiram com mais de 30 outras bandas, ganharam o 4º lugar no Festival de Rock de Matão, de mesmo ano, além de tocarem em todos os municípios de primeiro prêmio pelo seu trabalho e popularização, onde hoje não mais adiamos desistir, além de seu Rock vibrante, ao cenário político e social de suas áreas.



Um Painel das
Bandas do ABC
Neste Número:

HINO MORTAL

CAMPOS RELIGIOSOS

Lá vinham os profetas
Com seu rebanho de lobos
Pregando e distribuindo
Panfletos "Bíblicos"

Para seres sem razão
Torturaram e torturam
Engruam a maior Multirracial

Seduciram idéias
Tornaram-se líderes políticos
Donos de vastas terras e concreto
Não valorizaram seu
conhecimento científico

Nos mostraram deuses, monstros,
"Visões e Leões sagrados"

Heje!!

Odiamos todos os campos religiosos
Odiamos todos os campos religiosos
Odiamos todos os campos religiosos

* As palavras entre aspas foram registradas
na geração, por determinação do
Conselho Federal.



Com o objetivo de ser a única Banda Punk da coleção "Rock do ABC", o HINO MORTAL faz jus ao seu estilo e "detona" em letras e músicas pesadas, as suas duas faixas: "Campos Religiosos" e "Brasil".

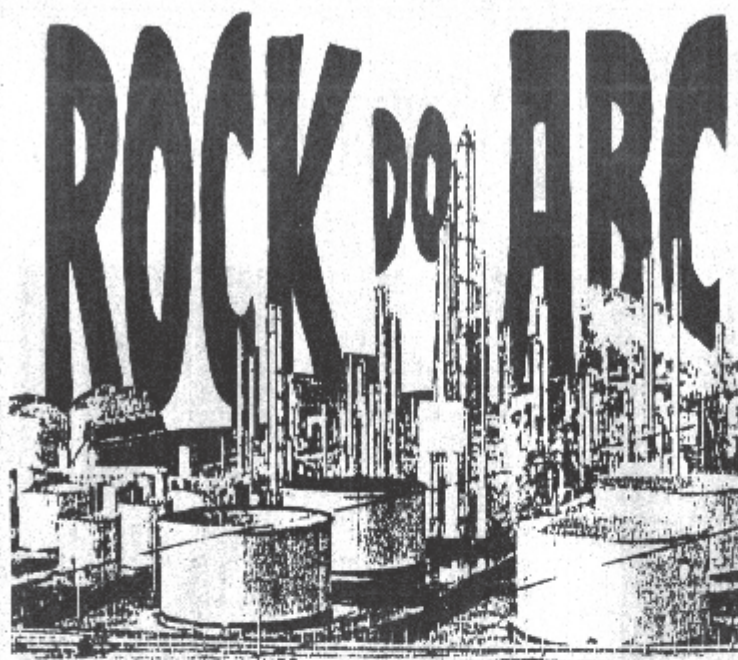
A Banda Hino Mortal formou-se com o desmembramento da banda Indigentes (São Bernardo do Campo), desta banda restaram Rato e Ratinho, dois amigos que resolveram formar outra Banda; convidaram o Indio (Condutores de Cadáveres) e Ricardo (Subindo). Depois de alguns ensaios o grupo foi convidado pelo Lixomania, para fazer um show em São Paulo, junto com o Ulter e o Psycho, desde modo nasce oficialmente o HINO MORTAL.

Com o movimento crescendo em importância, o Hino Mortal é convidado para participar de vários eventos culturais, como: o lançamento do compacto triplo do Lixomania, e documentário sobre Punk que a



produtora independente Ollar Eletrônica resolveu fazer com as Bandas Hino Mortal, Ulter e Decadência Social e o reportagem da TV Globo sobre o movimento Punk, onde foi usada a música "Câncer" do Hino como trilha sonora. A Banda também participou do Festival "O Começo do Fim do Mundo" (este evento foi considerado o mais importante do movimento Punk), onde 20 Bandas gravaram uma coletânea, com 1 faixa de cada (este LP foi distribuído a nível nacional e internacional). Neste mesmo show foi lançado o livro de Antonio Bivar "O que é Punk", o Hino Mortal é citado, da mesma forma que é mencionado na coleção "Rock a música do século XX", por Pope Escobar.

Depois da participação de todos estes eventos, a Banda Hino Mortal, vai crescendo e torna-se um fator essencial do movimento, Indio (vocal), Rato (guitarra), Ratinho (baixo) e Ricardo (bateria), compõem uma das mais tradicionais Bandas do movimento Punk Paulista.



A Rocker Produções está neste mês, realizando um velho sonho. Finalmente está pronto o LP que reúne seis bandas de rock do ABC!! Esta coletânea está sendo elaborada a mais de um ano e, depois de muita luta, todo o Brasil vai poder conhecer 6 grandes expoentes do Rock dessa região.

Sabemos que muitos grupos bons ficaram de fora; mas

infelizmente para se gravar um disco não basta "apenas" ser bom (existem muitos entresos burocráticos que podem atrapalhar) é necessário que haja toda uma estrutura para que a coisa funcione.

O projeto inicial era lançar um disco independente, mas depois de muita luta concluímos o que muitos já sabiam: que o independente é na prática o mais dependente de

todos. Conhecemos a gravadora LUP SOM e não foi difícil conseguir uma sociedade com a mesma para esse LP.

As seis bandas que participam do disco têm muita garra, muito som, mas poucas oportunidades de mostrar seu trabalho, o que agora será bem mais fácil, pois o LP estará à venda em todo o Brasil

numa distribuição da RCA/ARIOLA.

"Coisa Habitual" é a música que abre o lado A e quem a interpreta é o grupo DECRETO LEI que participa ainda com a faixa "Rebeldes" na sequência aparecem as bandas 64 E OS SEUS EFEITOS COLATERAIS com as músicas "Nada é Eterno" e "Lilium", CORTE MARCIAL com "Parado no Silên-

cio" e "Saber Conversar", O EPILOGO com "Promessas Loucas", e "Nerdium Razão", IBIZA com "Eclogia" e "Contraste Social", HINO MORTAL com "Brasil" e "Campos Religiosos".

Como já tem se tornado um hábito neste país, as afiadas tesouras da Censura Federal se fizeram presente, exigindo o corte de três palavras na música "Campos Religiosos" por achar que a mesma ofendia as entidades religiosas. Isto dificultou ainda mais o trabalho e deu um breque na pressagem, ocorrendo um considerável atraso no lançamento.

É importante salientar que o ABC se faz presente não somente nas bandas mas também nas fotos capa e contracapa; a primeira mostra a impetência da Indústria; a segunda mostra justamente o que há por trás disso tudo, ou seja: os operários em greve, insatisfeitos com seus baixos salários e suas péssimas condições de trabalho.

Nas músicas e letras está presente a fúria, a revolta e os amores dos jovens que nasceram e cresceram em meio à fumaça, greves e muito rock.

PS: Nós que veri falaremos do show de lançamento.

Conferindo...

Jornal Rocker nº: 19 pg. 12 1987

Aconteceu em Santo André, no Teatro Conchita de Moraes (BIB), o show "Gangues do ABC". Neste show participaram as Bandas Liberação Radical, DZK e Laranjas

A Banda DZK, apesar de tão proporcionar maravilhas em música de misto e leste, é conhecida de um "estilo", que fez o público presente, sentir a vibração como grupo.

O Liberação Radical mostrou um verdadeiro profissionalismo

musical, a harmonia das letras e das músicas fizeram presente a capacidade de seus músicos. Um detalhe importante e curioso da Banda Liberação Radical, é que teclista e guitarrista tocavam nas suas posições durante o show, mostrando neste modo um acerto bastante consistente musical.

Quando os Laranjas chegaram no palco, o público já estava bem menor, devido ao horário e arrepios do lado de fora do Teatro, o grupo mostrou para pou-

cos sua performance de "Ramonos Tupiniquim". Se que há mais coisas entre Laranjas e Ramonos do que se pode ver a olho nu. O show que poderia ser uma nova abertura para os eventos musicais nos teatros da Região, acabou em pancadarias, mostrando mais uma vez que enquanto os "ídolos" aprendam, a maioria paga o Povo. Até quando, hein??

Obs. Nota 10 para a organização, ser e direção do evento.

Valeu o trabalho do Kid Turbintell!!

DOMINGO NA PRAÇA

Na Praça do Ipê, em Santo André, está sendo realizado todos os domingos os shows de cada mês, a partir das 14h, o "Domingo na Praça".

Este espaço está aberto para todos os grupos musicais que quiserem participar, independentemente de estilos (Rock, MPB, Heavy etc.), basta que o grupo interessado procure o

Lugar durante o próprio evento e se inscreva.

Melhor que isso, só se inscrever também aos sábados. É do que vai rolar a partir de maio, todos os sábados às 10h, na Praça IV Centenário (Praça Matizpa, de Santo André). Os shows são realizados junto à Feira de Artesanato e conta com toda infraestrutura (como - segurança, iluminação, Equip. de Som).

Com tudo isso à disposição o que você está esperando para inscrever sua Banda??

Alias

No
Ano
Solembro
Nº 33 5.0

Editora lança nova revista na região

Da Redação

A Entretanto Editorial, de São Caetano, lança às 21h de hoje, em Santo André, a revista mensal *Alias*, que deverá conter reportagens analíticas sobre temas regionais. A editora, formada há um ano por quatro jornalistas e um publicitário, enfocará economia, política e variedades, com espaço para a inclusão de artigos. O primeiro número, que deverá chegar hoje às bancas com tiragem de cinco mil exemplares, traz um estudo sobre a poluição química no Grande ABC e uma entrevista com o prefeito de Santo André Celso Daniel. Outra reportagem destaca o panorama da produção de rock *alternativo* nos grupos *Kaleidoscópio*, *Devotos* e *Libertação Radical*, que reclamam da falta de espaço para suas apresentações. Os responsáveis pela publicação prometem uma tiragem de cinco mil exemplares, 32 páginas em preto e branco e papel off-set.

O Político Sem Radical

Outra banda que desde 85 está com o pé na estrada é a Libertação Radical. Durante os anos de 1979 a 83, dois integrantes deste grupo — Fernando e Laércio — formavam a banda *Passeatas*, que fazia um som eminentemente punk, e em função de divergências, rachou. Atualmente o Libertação, que conta ainda na sua formação com Miro, é uma das bandas mais politizadas da Região; eles já tocaram em defesa da represa Billings, no Dia Internacional da Mulher, no 19 de Maio, e em outras manifestações. Seu som é fundamentalmente ideológico, incorporando musicalmente diversos estilos do rock: punk, hard-rock, heavy metal e hardcore, além do reggae e do blues.

Em agosto deste ano, a banda foi classificada para o B9 FestRock, promovido pela rádio 89 FM, entre mais de 1000 inscritas. Sua participação, que ocorreu no Dama Xoc, agitou a platéia, mas não emocionou todos os jurados, que a preteriram na seleção de oito bandas que se classificaram com direito a uma faixa de gravação em um disco. A Libertação Radical continua se apresentando em eventos esporádicos como forma de divulgar seu som libertário. "A falta de espaços e de tempo para se dedicar integralmente à banda é o que nos leva a apresentações esporádicas", diz Fernando.

Alternativas

No Teatro Cacilda Becker, em São Bernardo do Campo, estará se realizando todas as quintas-feiras a partir do final de setembro o "Som nosso de todas as quintas", um projeto cultural desenvolvido pela prefeitura o que consiste em três apresentações de diferentes bandas. A iniciativa está sendo elogiada pelos representantes dos grupos de música do ABC, em função da abertura de espaços que sempre foi o maior problema das bandas da Região. Jovens, filhos da urbanidade, seus sons refletem a agonia, revolta ou simplesmente o desbunde contra a sociedade de consumo — inimiga número um do som marginal. Impregnadas de ousadias e falta de recursos, as bandas que proliferam no ABC, sem conseguir espaços para se apresentar, são a expressão mais acabada de um movimento que radicaliza, em suas mais variadas vertentes, a contracultura dos anos oitenta. Pelas bandas do ABC, vagueiam difundindo suas músicas e propostas, cultivando adeptos e críticos.



Pelas bandas do ABC

The following are the names of the persons who have been appointed to the various committees of the Board of Directors of the American Telephone and Telegraph Company, for the year ending December 31, 1910:



Received: 10 March 2015; accepted: 10 April 2015
Published online: 10 May 2015

[illegible]

Hirschfeld, Jay Cole
David Hirschfeld is a professor of political science at the University of Illinois at Chicago. He is also a senior advisor to the U.S. State Department's Bureau of International Information Programs. He has published numerous articles in the field of international relations and is the author of the book *The United States and the World: A History of American Foreign Policy* (New York: Oxford University Press, 1998).

[illegible][illegible]

the 1990s, the number of people in the world who are illiterate has increased from 1.2 billion to 1.5 billion. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 1.8 billion by the year 2015. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 2.1 billion by the year 2025. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 2.4 billion by the year 2035. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 2.7 billion by the year 2045. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 3.0 billion by the year 2055. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 3.3 billion by the year 2065. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 3.6 billion by the year 2075. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 3.9 billion by the year 2085. The number of illiterate people in the world is expected to increase to 4.2 billion by the year 2095.



22

Revista Aliás - Região do ABC - 1989

1987/1988

Mate aula e veja o Libertação Radical



Dia 23/11, quinta-feira, às 20h, você terá aula, se você for à escola. Você que não prefere ir em um momento para matar aula, desta vez você terá um bom motivo. Na Cacilda Becker estará se apresentando o Libertação Radical. Compareça e tente saber: por que $2 + 2$ é igual a 4 na aritmética, mas na vida pode ser igual a "zero" ou quer sabe igual a 5, 10, etc. Após esta apresentação você estará abastado de mais força de vontade para questionar os dogmas ensinados que lhe foram impostos.

Com essa filipeta não pretende atingir jovens "indulgantes", nem induzir, instigar ou incitar alguma manifestação em dia de aula, mas apenas suprir (você).

Cinema em 4ª dimensão no Cacilda Becker



Dia 23/11, quinta-feira, às 20h, será exibido um longa metragem em "4ª dimensão", nunca exibido antes.

O cinema em "4ª dimensão" é um passo a mais que a 3ª dimensão, é mais revolucionário que o "rele laser" e mais fantástico que a "fotografia". Ele é tão realista que você sente a sensação que as imagens estão na sua frente "ao vivo". O filme contará a história de uma banda, o Libertação Radical, que não gasta praticamente de nada e acredita que está tudo errado e esse mundo é bestialdo. Assim, nasce o "Batman": ele que se foca! Foi nós ele pode entrar na turbina do Batman e derrotar o tórax de plástico dele.

Nota: Antes haverá um show de "Marionetes" na "Cinema Scope" e depois um documentário do "Van Dagh".

Shoppings transmitem AIDS



Avançadas estudos dos mais brilhantes cientistas comprovaram que os Shoppings no ABCD são fontes transmissoras de doenças, sendo que eles são vulneráveis aos jovens, para isso basta analisar a frequência dos trociscos suados e resacas espadas rolantes e é ali que se vê o número de relações dadas com os carrinhos das escovas e também pelo alto índice de consumo de guita, velhas sandálias e outras drogas. Este quadro é agravado pela oferta "facilitada" principalmente nas partes inferiores provocado pela presença do "seu" que não. Os mais velhos não tem acesso ao tratamento e a alta classe transmite facilmente a vírus HIV (Homo não Injetáveis e Vegetar). Portanto jovens, previnam-se e não entre para o grupo de risco da terrível AIDS (Associação de Intelectuais da Deterioração dos Seres). Sequeque, "você" não tem cura, vá se vacinar no dia 23/11, quinta-feira, às 20h, no Cacilda e conheça em duas doses a vacina Libertação Radical, a primeira que você recebe na aula e na última é feita outdoors.

Libertação Radical na TV Alternativa



Dia 23 de novembro, às 20h o "Herdário" no ar" não estará na sua TV, mas...

Vamos! Seja do lado, acorde e levante-se do chão e deslize a TV. Desista, não perca o tempo mudando de canal, você já sabe que estará passando novela, herdeiro político ou algum enlatado idiota. Então não se lo cal e descubra que a maioria das coisas na vida você não vai aprender em frente da TV ou de uma vitrine num Shopping. Você está vivo e seu cérebro deve pensar, não deixe que uma TV substitua esta função.

... não no Cacilda. Levante-se e sintonize na "TV Alternativa" do Libertação Radical. Lá a TV pagará bem e tem "fantasma".

Libertação Radical educa=sele!

sindiquim

"Os fatos na versão dos Trabalhadores"

EXPERIMENTAL

DIÁRIO
28/04/87
Nº 08

Dir. Resp.
Agostinho Nogueira

Jorn. Resp.
Sônia Morais

FILIAÇÃO A
CUT

COMPANHIEIROS QUÍMICOS

NÃO DEIXEM DE PARTICIPAR DE . . .

UM 1º DE MAIO DE LUTA

No Paço Municipal de São Bernardo

O 1º de Maio é antes de tudo a luta de todos os trabalhadores da cidade e do campo e não uma simples comemoração. A CUT ABC/Mogi programou para este ano uma grande manifestação no Paço Municipal de São Bernardo do Campo, que já foi palco de históricas lutas dos trabalhadores, que começaram com as greves dos metalúrgicos em 1978.

Embora o objetivo seja a luta por conquistas sociais e melhores condições de vida, com as presenças já confirmadas do deputado federal Luis Inácio Lula da Silva, do presidente da CUT Nacional, Jair Meneguelli, além de outros sindicalistas da região e do Estado de SP, esse ato terá também shows artísticos com grupos de pagode, músicas latino-americanas e duplas sertanejas.

A história do 1º de

Maio já tem 101 anos. Começou em 1886, com uma greve geral nos Estados Unidos, envolvendo 600 mil trabalhadores, que reivindicavam uma jornada de trabalho de 8 horas, no dia 4 de maio do mesmo ano, em Chicago, repetem-se os choques ocorridos anteriormente entre trabalhadores e policiais. Uma bomba explode matando um policial. A polícia abre fogo sobre os grevistas, matando vários operários e ferindo 200.

São acusados pela morte do policial 8 líderes sindicais, dos quais 5 são enforcados e 3 libertados depois de 3 anos de prisão.

Dia de Protesto

O 1º de Maio é declarado como dia de protesto contra as péssimas condições de vida e de trabalho da classe operária durante o Congresso da 2ª Internacional Operária, em 1889. Um

ano depois, o Congresso Americano regulamenta a jornada de 8 horas para todos os trabalhadores.

No Brasil, Dia de Luta

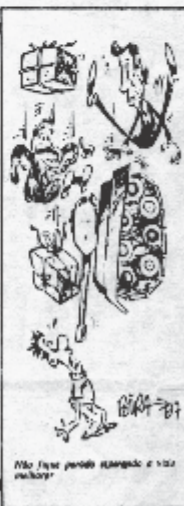
No Brasil, o 1º de Maio passou a ser uma data especial para os trabalhadores a partir de 1906, durante o Congresso Operário Brasileiro (COB), no qual ficou determinado como sendo um dia de luta e protesto contra a exploração. Já em 1909, a COB escolhe o 1º de Maio como início da luta pela jornada de 8 horas de trabalho no Brasil. Mas a data passa a ser feriado nacional somente em 1925.

Músicas e ato público

A parte artística do 1º de Maio em São Bernardo começará às 13 horas com grupos de samba e pagodes, a dupla sertaneja Nerino e Nivaldo, o conjunto Vento Livre, a Banda Libertação Radi-

cal, Miriam Maierah (2ª colocada no Festival dos Festivals) e Zé Geraldo

Temas importantes, como: Salário — Emprego — Terra — Liberdade — Não Pagamento da Dívida Externa — Constituinte, entre outros, serão abordados pelos sindicalistas. Não dá mais pra segurar. Todos ao Paço Municipal de São Bernardo.



Participe

A sua participação nesse 1º de Maio é muito importante para o avanço da classe trabalhadora em torno de nossas reivindicações. Compareça ao Paço Municipal de São Bernardo a partir das 13 horas.

Vamos mostrar nossa FORÇA e UNIÃO.



**A MATARAZZO QUER
MESMO MATAR
OS TRABALHADORES !!**

Embora ainda este-
ja correndo na justiça
o processo sobre os ca-
sos de leucopenia (do-
ença no sangue que cau-
sou 1 morte e deixou
10 doentes), causados
pela contaminação do
BHC, a Indústrias Qui-
micas Matarazzo conti-
nua expondo os traba-
lhadores a esse produ-
to.

Companheiros da
Matarazzo estão sendo
obrigados por Zé Viei-
ra, a transportar o
BHC estocado no depósi-
to, até os caminhões
usando apenas uma pá,
sem nenhum equipamento
de segurança para evi-
tar a contaminação.

Além disso esse
mesmo Zé Vieira, vem in-
timidando os trabalha-
dores para impedir que
eles se sindicalizem,
fazendo inclusive amea-
ças de demissão. Qual
será o medo dele, hejm?

A queda do ministro

**Funaro pede demissão e
afirma que sai sem mágoas**

Funaro eai; PMDB exige o cargo

**Não significa nada,
segundo Meneguelli**

Para o presidente da
Central Única dos Traba-
lhadores e do Sindicato dos
Metalúrgicos de São Ber-
nardo, Jair Meneguelli, a
saída de Dilson Funaro do
Ministério da Fazenda não
altera absolutamente nada
na economia brasileira.
"Este País troca de minis-
tros mais do que o povo
troca de camisa", critica.
Na opinião do sindicalista,
o governo utiliza essas mu-
danças de ministros para
criar um fator psicológico, e
assim desviar a atenção do
povo dos problemas reais.

Segundo Meneguelli,
nada se modifica com a de-
missão, porque os compro-
missos do governo com os
grupos econômicos nacio-
nais e internacionais perma-
necem inalterados, en-
quanto o poder Executivo,
não tem vontade de reestrutur-
ar a política econômica
em vigor. "Para a CUT não
importa quem entra, se um
economista, empresário ou
até mesmo o papa, caso a
economia continue a
mesma", justifica.

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Terça-feira, 28 de abril de 1987



GARAGENS DO ABC

LARANTAS

DIAS
28 E 29
MARÇO
•
20H30
•
NO CONCHITA
DE MORAES
•
STA. TEREZINHA
STO. ANDRÉ

DZK

LIBERTAÇÃO

RADICAL

APOIO:
89

INGRESSOS "A VENDA":

SOUNDS
DISCOS

BIMORE
SURF SHOP

DUKARA'
SURF SHOP

CESÁRIO MOTA, 99- S. ANDRÉ | GERTRUDES DE LIMA, 358- S.A. | CARLOS SALES, 542- S. ANDRÉ

TEATRO CACILDA BECKER Pago Municipal Fone: 443.3444  Administração Popular e Democrática de São Bernardo do Campo Secretaria de Educação, Cultura e Esportes	SOM NOSSO DE TODAS 5ªs apresenta as bandas VAN GOGH MARIONETTES LIBERTAÇÃO RADICAL 23 de novembro às 20h ingressos: NCz\$ 10,00 <i>Atenção:</i> ingressos antecipados na bilheteria do teatro até o dia 22/11, apenas NCz\$ 6,00.
---	---

— INGRESSO VÁLIDO PARA UMA PESSOA —

Show: **Garagem do ABC.** Nº 911

apresenta —

LARANJAS

29/3 PREÇO: Cz\$ 70,00 - JZ PRODUÇÕES **20 Hrs.**

Participação Especial: **DZK e LIBERTAÇÃO RADICAL**

Local: Teatro Conchita de Moraes - Santa Terezinha

72 HORAS DE ROCK
NO PAVILHÃO VERA CRUZ

Neste evento participarão
grandes expoentes da música
brasileira de São Paulo, Rio Grande do Sul,
Minas Gerais e Rio de Janeiro:

AI-5	LOBOTOMIA
AS MERCENARIAS	KID VINIL E OS HERÓIS
BLACK FLUTIST	DO BRASIL
DE FALTA	LIBERTAÇÃO RADICAL
DEVOTOS DE NOSSA	MENTECAPTOS EROTICOS
SENHORA APARECIDA	RATOS DE PORAO
ESTADO MAIOR	SEXO EXPLICITO
FABRICA FAGUS	VARSOVIA
FELLINI	XIO DANACAO
GRINDERS	KATKA
HAI-KAI MUSIC	
KAES VADIUS	

Preço do ingresso: Cz\$ 150,00 1987

Vendas: Rua dos Vianás, 194 - S.B.Campo

Promoção ASSOCIAÇÃO COMUNITARIA DE S.B.C.

O ROCK LUTANDO PELA ECOLOGIA!

Rock BILLINGS

12 HORAS DE ROCK "ROA!"

DIA 6 JUNHO AS 18 HS

NO PAVILHÃO VERA CRUZ: AN LUCAS NOGUEIRA, GARCIA - CENTRO, S. RICHARDO

"EM DEFESA DA REPRESA BILLINGS E DO MOVIMENTO PELA CASA PRÓPRIA!"

VOCE E PUNK? VOCE E NEW WAVE?

ATE QUE EM FIM CHEGOU A SUA VEZ.
NESTE SABADO DAS 19 AS 23 HORAS

VENHA CURTIR

PUNK ROCK, NEW WAVE
PUNK ROCK, NEW WAVE
PUNK ROCK, NEW WAVE
PUNK ROCK, NEW WAVE

RUA SUIÇA, 925

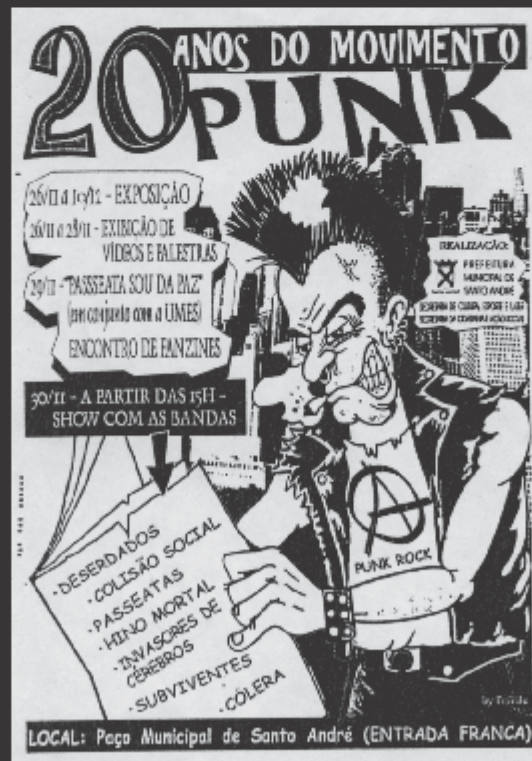
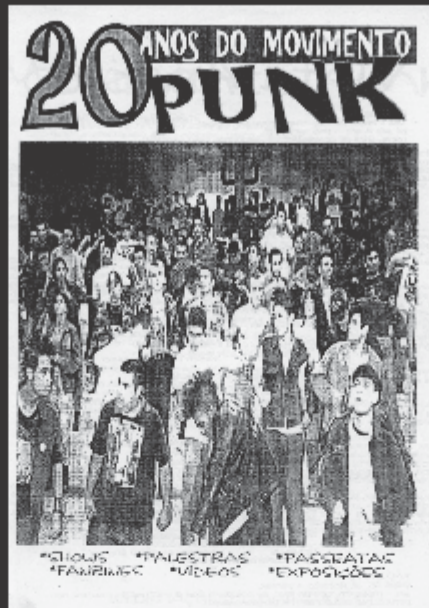
SANTO ANDRE- SAO PAULO
OBS: A 15 MINUTOS DA ESTACAO OU

EM FRENTE A IGREJA DO BOMFIM

SABENDO USAR NAO VAI FALTAR.
AGRADECIMENTOS DO CARLINHOS E A

EKIPE PUNKISTAS

1979







CORTE MARCIAL

A banda foi criada em 1982, permanecendo com a mesma formação original durante anos.

Renê pensamos em formar a banda, eu e meu primo Buba, chamamos o Marcelo que era amigo de infância e já curtíamos punk juntos. O Marcelo conhecia o Fernando, que era baterista e procurava uma banda para tocar. Então formamos o Corte Marcial, com a proposta de tocar punk rock e hardcore.

As letras das músicas falavam de guerra e problemas sociais, com poesias e melodias simples, mas com a autenticidade e os sonhos que os adolescentes têm. Vocês podem conferir isto nas faixas deste disco, que tem as gravações originais de 82.

Agradecemos em especial ao Denis, pela coragem de ter registrado, em vinil, uma grande época do rock de nossa região. Muito obrigado.

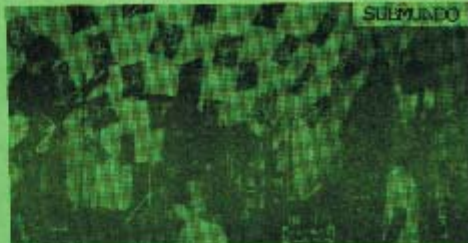
Formação: Buba - vocal, Renê - guitarra, Marcelo - baixo, Fernando - bateria.

Registros disponíveis em tape: demo 82 (22 min), demo 83 (17 min).

Contato: Renê/ Rua Alzira Lishna Franco 152/ Jd Carmo/ CEP 09280-640/ Santo André - SP/ Brasil.



CORTE MARCIAL



SUBMUNDO

Através de um anúncio em jornal no início de 1981, o Ricardo encontrou Zé Renato (baixo), e Nelson (guitar). Logo após este contato, chegou-se até o Mau, sendo então formada a banda, e os ensaios iniciados em um porão. O primeiro show ocorreu na Escola Técnica E.T.I. Lauro Gomes, em São Bernardo do Campo. O segundo show ocorreu num festival estudantil do Colégio Salette, em meados julho/81, num parque em Sto André, sendo a única banda punk a se apresentar neste festival.

Gravaram então sua primeira demo tape, no final de 1981, numa república estudantil em Sto André, já com o Hamilton no baixo.

O último show foi: no Teatro Conchita de Moraes, em Sto André, durante 2 noites de Março/82. Logo após a banda se dissolveu por problemas pessoais, o Ricardo formando o Hino Mortal com o Índio, e o Mau formando então o Garotos Podres.

Formação: Mau - vocal, Zé Renato - guitarra, Hamilton - baixo, Ricardo - bateria.

Registros disponíveis em tape: demo 81 (22 min), live 82 (40 min).

Contato: Ricardo/ Rua Caminho do Pilar 612/ CEP 09198-000/ Santo André - SP/ Brasil.

Este disco foi compilado a partir de demo tapes originais, feitos em fitas cassete durante ensaios das bandas em garagens e porões entre 1981 e 82, provavelmente únicos registros de uma época que não voltará mais. Vocês poderão conferir nas faixas aqui presentes toda a garra destas grandes bandas, cujo acaso do destino impediu o seu lançamento na época. As condições em que estes tapes foram gravados não permitiram uma qualidade técnica maior neste disco, realizado sem renasterização ou outros "truques" de estúdio, que se por um lado dariam um som mais "limpo", por outro tirariam a autenticidade deste trabalho... Ouçam o disco, confirmem o que foi escrito e estejam livres para escrever às bandas e dizer o que acharam desta produção. As bandas esperam por suas opiniões. Talvez novos projetos surjam num futuro próximo, entrem em contato.

ABC RECORDS

ENCARTE DO DISCO - ABC HARDCORE - 82

HINO MORTAL

Sendo considerada como uma das bandas mais antigas do movimento punk paulista, o Hino Mortal mostra sua mensagem através de letras e acordes pesados. Veteranos de vários eventos do movimento, o grupo é citado no livro "O que é Punk", de Antônio Bivar, e "Rock a música do século XX", de Pepe Escobar.

Nesta demo-tape de 1982, percebe-se uma overdose de agressividade, que demonstra a rebeldia da época em que o Hino, como poucas bandas, sabia transmitir no palco. Outros registros em vinil ocorreram no LP "Começo do Fim do Mundo" e na coletânea "Rock do ABC" LP.

Formação: Índio - vocal, Rato - guitarra, Ratinho - baixo, Ricardo - bateria.
Registros disponíveis em tape: demo B2 (20 min), demo B5 (20 min), live B2 (12 min).
Contato: Laércio/ Rua Itaúba 83/ Jd. Petroni/ CEP 09761-000/ São Bernardo do Campo - SP/ Brasil



HINO MORTAL

ULSTER



ULSTER

Banda formada em 1981, em São Bernardo do Campo (na Paulicéia). Influenciada principalmente pelo grupo Discharge, produziam um som considerado bastante agressivo para a sua época, abordando temas muito ligados ao terrorismo.

Como se pode constatar neste disco, não se conseguiu registrar nada de melhor qualidade técnica, embora uma demo tape de 8 canais e boa qualidade e até hoje procurada com os ex-integrantes.

O Ulster se apresentou diversas vezes em 1982 em SP, Campinas e região do ABC, resistindo aos intempéries até 1983, quando da sua extinção.

Por motivos ignorados, foi a única banda que participou do show do Sesc Pompéia e não permitiu a sua inclusão no disco homônimo.

Formação: Mauro - vocal, Luis - guitarra, Vladi - baixo, Beto - bateria.
Registros disponíveis em tape: demo B2 (25 min), demo B3 (15 min), live B2 (12 min).
Cont: Vladi/ R. Salim Mahfoud 644/ CEP 09820-700/ Pq. Terra Nova 2/ São Bernardo Campo - SP/ Brasil

APOIO:

Nizarre Discos e CD's
Punk/Skin/Hardcore/Rock
Tel. (011) 220-7933 Carlos
Gráfica TOURO Tel: 453-1499

Estúdio Phonovox
Produção de Demo Tapes e
Gravações Profissionais
Tel: (011) 412-9680 Zé Renato

ABC RECORDS
para contato
tel: (011)
444-7145

ENCARTE DO DISCO - ABC HARDCORE - 82



SOM PORTÁTIL PHILIPS
SOM PORTÁTIL PHILIPS

PHILIPS
Amplificador

89 Fest Rock

2ª ELIMINATÓRIA
17 AGOSTO - 21:00 HS

KNOW HOW
LIBERTAÇÃO RADICAL
R.A.T.

ANJOS DE DÂNDIS
GRITO SUTIL
YANG
V.S.
VIENNA
ALBERGUE NOTURNO

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
IRA!

Sorteio de 1 Copy Radical Philips e de vários brindes

LOCAL: DAMA XOC
Rua Butantã, 100 - Fone: 211-2725

EXTRATOLUÇÃO INTERNA

80's

ROCK BRASIL

TRINTA ANOS DEPOIS DE ELVIS O ROCK'N'ROLL ASSOLA O BRASIL

Ecos nacionais de manifestações originais do final dos 70: punk (ao lado, foto do festival *O Começo do Fim do Mundo*) e new wave (abaixo, a Gang 90 & Absurdettes, com Júlio Barroso)



Nos últimos meses de 79, ainda era difícil imaginar o que o rock reservava para a música do Brasil nesta década. A MPB ainda queimava os últimos cartuchos de sua derradeira grande era, mas uma certa perplexidade já parecia afligir os "grandes" — Caetano, Gil e Chico começavam a tropeçar em problemas de identidade e modernização de seus recursos de produção, e preparavam-se para mergulhar em suas respectivas piores fases... Iniciava-se o ciclo das cantoras — Joanna, Simone, Bethânia, a Gal menos criteriosa —, na verdade um preâmbulo para o pesadelo brega. O único farol do período é o LP *Rain Lee*, coleção de pérolas pop em que a ex-mitante inciava, pela segunda vez em sua carreira, à mudança: deboche e romantismo em embalagem semi-tetro. "Mania de Você" e "Lança Perfume", do disco seguinte, seriam os hits instantâneos que fariam escola entre roqueiros da próxima geração. Um verdadeiro antidoto para a síndrome "progressiva" que derrubou nove entre dez roqueiros da antiga, inclusive os pseudo-Mutantes (sem Arnaldo e Rita) de Serginho Dias.

Com um atraso que variou de um a quatro anos, os ecos do catadismo punk foram se fazendo ouvir nos porões das capitais. Do pessoal bem-informado e sedento de novidades de **Brasília** (que em meados de 78 já promovia suas primeiras apresentações de punk rock) aos subúrbios de **São Paulo** (onde a composição social das gangues conferia verdadeira fúria ao movimento), de Salvador a Porto Alegre e Belo Horizonte, o recado de Johnny Rotten seria recebido, entendido e correspondido. *Gruto Suburbano* (82) é o primeiro registro punk no vinyl, com os paulistas **Inocentes**, **Olho Seco** e **Colera**. Mas o clímax do movimento é o festival *O Começo do Fim do Mundo*, uma batalha campal entre punks e policiais no Sesc-Pompéia (SP), cuja gravação também se tornaria um LP.

É em São Paulo que a palavra "independente" assume um papel de destaque na música brasileira. Para além dos punks, o selo e teatro **Lira Paulistana** centralizou no início da década trabalhos de apelo universitário, como o pop dodecafônico de **Arrigo Barnabé**, a sátira culta do Premê ou o jazz erudito de Lelo Nazário. O pioneirismo acabou punido com a extinção do

46

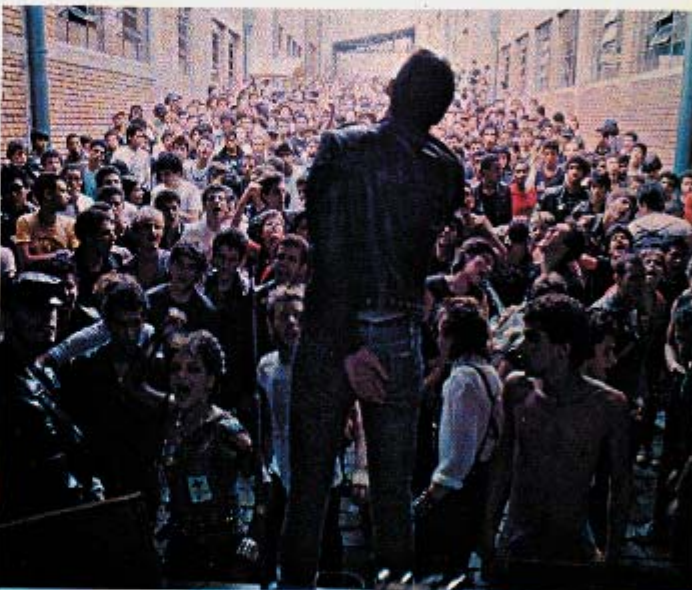
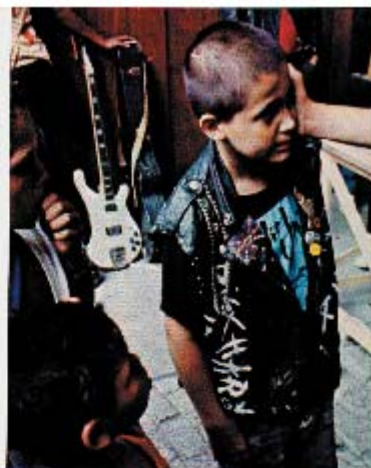
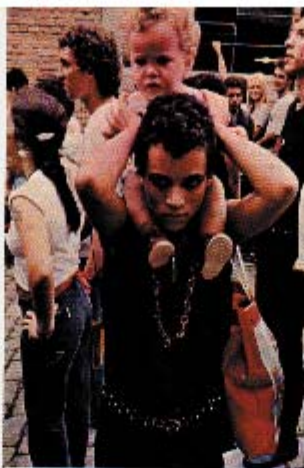
PUNK ANJOS NO FESTIVAL "O COMEÇO DO FIM DO MUNDO"
SESC POMPÉIA - SP - NOVEMBRO DE 1982

sábado, imagine o que não aconteceria no domingo. No final do sábado aconteceu uma briga entre vândalos e garçons. Os garçons, em guarda para que não acontecesse nenhuma ação que sujasse a imagem do movimento, impediram no ato que alguns vândalos quebrassem o vidro de um carro estacionado na porta. Para tanto quase racharam a cabeça de um vândalo. Entre outras pequenas brechas solitárias.

No domingo foi que a coisa esquentou para valer, quando uma facção aterrorizante selvagem primitiva do ABC desceu em seu domingo a inteirinha dos garçons da cidade. Centenas de punks correram para a rua, em frente ao prédio da entrada, o dia do daquele espetáculo de roupas pretas, cabelos arrepiados, carecas, alfinetes na cara, corrente e porrete na mão, a vibração foi efêmera para o 7º Distrito Policial e num instante uma tropa de nove viaturas e dezenas de policiais armados como de praxe — o mais sua violência também de praxe — botou a cerca de punks para cima. Suso dentro, e aqueles que estavam distraídos admirando os painéis da exposição de Integralitas ficaram apavorados com a invasão: gringos e corrente de punks ao vivo, escapando da polícia. Fuga, e pegando os primeiros punks que encontrava pelo caminho punks civilizados que ali estavam conversando com o público normal; punkwoks, conscientes, e a polícia ia levando todos. E levou um total de 25. Mas tudo terminou bem, pois o delegado viu que aqueles punks eram bons garçons. Assim terminou o primeiro festival, com mais saído do positivo que negativo e até imagens para todo o Brasil via Embrafilme e Jornal Nacional.

No dia seguinte, Trino Martino, o colunista mais temido e respeitado de São Paulo, escrevia em sua coluna no *Journal da Tarde*: "Lina Bo Bardi deu... por alguns instantes, de ser a última de Virginia Lake". Assim aconteceu durante os momentos em que sua franja unilaterial ficou inteiramente amarrada, com o aparecimento dos integrantes do Punk Horror Show, programado para o São-Paulo. Assim aconteceu como a primeira filha de Skisista, Lina Bo Bardi saiu em busca de um dos metros de pano preto para encobrir e proteger a placa comemorativa que festeja, com o nome de Zélio Papa e tudo mais, a inauguração daquele centro de arte e lazer. Com a placa escondida, Lina Bo Bardi não se recuperou, o ondulado da sua franja lateral como também se divertiu muito com todos aqueles punks em festa agressiva. Bom, de gentil em seu brutalismo, Lina Bo Bardi, apesar do seu entusiasmo, não pôde que as Skistas contassem mais um número. Repentinamente, conhecedora dos segredos do punk, Lina Bo Bardi sabia que esse conjunto só tem três músicas em seu repertório.

O que a lei é muito natural: as Skistas estavam praticamente tocando pela segunda vez. Mas fizeram lá, sucesso que é certo que o repertório delas será considerável em 1983.



DE VOLTA AOS 80 "Existe Alguém + Punk do Que Eu" teve colaboração do dramaturgo Antônio Bivar, de Angeli e Redson

Ópera de punks quer anarquizar teatro

Edição de 1983

Atuação de Carlos Zanetti

Aconteceu em RJ

O festival

O Festival de Teatro Mundial foi organizado por Angeli e Redson, com a colaboração de Carlos Zanetti, e teve como objetivo promover o teatro de rua e o teatro de bairro. O festival foi realizado em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu".

O disco

O disco "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi lançado em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". O disco foi produzido por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A noite

A noite de 1983 em São Paulo foi marcada pelo teatro de rua e pelo teatro de bairro. O festival foi realizado em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu".



Cena do início da ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" no Teatro Municipal de São Paulo

PRINCIPAIS da Ópera de Rua

Os textos e a direção da ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foram escritos por Angeli e Redson, com a colaboração de Carlos Zanetti. A ópera foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu".

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

acompanhada por Carlos Zanetti.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

Bivar contribuiu para o ápice

de teatro de rua

Em 1983, em São Paulo, foi realizado o Festival de Teatro Mundial, organizado por Angeli e Redson, com a colaboração de Carlos Zanetti. O festival foi realizado em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu".

A noite de 1983 em São Paulo foi marcada pelo teatro de rua e pelo teatro de bairro. O festival foi realizado em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu".

com a colaboração de Carlos Zanetti.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.



Bandeira punk toca no festival "O Coração do Rio do Mundo" que aconteceu no Sesc Pompéia, em SP, em 82

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

A ópera "Existe Alguém + Punk do Que Eu" foi realizada em 1983, no Rio de Janeiro, e teve como tema "Existe Alguém + Punk do Que Eu". A ópera foi produzida por Carlos Zanetti e teve como artistas Angeli e Redson.

CULTURA & Lazer

Racionais fazem show em SP
Página 3

Diário da Grande ABC • Sábado, 18 de dezembro de 1988



Além da ópera, que tem entrada franca, aconteceram outros eventos para discutir o movimento punk, como discussões, marchas para amanhã e segunda e uma mostra fotográfica

Afinal, o punk não morreu?

Estréia hoje no Municipal de Santo André a ópera Existe alguém + punk do que eu?

Ricardo Otchen
De Boregan

Entre hoje, às 21h, no Teatro Municipal de Santo André, a ópera Existe alguém + punk do que eu? Com dramaturgia desenvolvida pelo escritor Aurimio Blaz, direção musical de Antônio de Pádua e direção cênica de Rolo Silva Filho, o espetáculo narra os principais momentos do movimento que, em meados da década de 70, conquistou milhares de jovens descontentes de todos os países. No domingo, às 20h, no mesmo local, a ópera punk volta a ser encenada. As apresentações têm entrada franca e as crianças devem ser rezadas na bilheteria do teatro com uma luz de identificação.

No palco, além dos figurantes, o público verá a performance da banda Projeto Nave e Rôdio como vocalista — é dele, também, com apoio do Departamento de

Cultura de Santo André, toda a coordenação do espetáculo. Assim, no palco do teatro, Projeto Nave e Rôdio encenarão a trilha sonora, inspirada em cânticos do gênero — mundial e regional. No domingo, após a encenação, será realizado um debate sobre o movimento e, na se-

gunda-feira (dia 21), às 19h, será prevista uma reunião no Sala do Cont. Vênia do teatro com todos os envolvidos para que a iniciativa seja avaliada e se necessária, modificada. Segundo Silva, existe a intenção de montar a ópera em Diadema, São Bernardo e em dois locais de São Paulo — no Sesc Pompéia e na Puc (Universidade Católica).

Concluída para durar uma hora e dez minutos, a ópera começou a ser organizada no início de julho deste ano, quando Pi-

dua convocou os interessados para uma série de reuniões. Depois, os participantes da ideia foram divididos em grupos de trabalho, cada qual com uma tarefa específica. No fim do mesmo mês, foram visitados a cidade e muitas informações para a produ-

ção do texto e musicalização do espetáculo. "O movimento punk teve uma participação fundamental na transformação da mentalidade da juventude naquele momento. Atualmente, os rapazes assumiram esse papel", afirma Blaz.

Blaz, filólogo, ex-aluno da banda Passinho, uma das mais avançadas do Grande ABC à época, entende que, apesar de as formas de atuação terem se modificado com o passar dos anos, a essência do movimento ainda é uma forte rejeição para os

adolescentes da região.

O músico lembra que, hoje, muitas das pessoas que assumiram a essência do movimento punk no passado ainda mantêm posições políticas bastante próximas desse ideário. Ele cita, por exemplo, a existência de professores afilhados com os ideais libertários dos punks. "É por isso que a ópera não deve ser vista como um acontecimento fechada. Pelo contrário, queremos que todos as pessoas participem e opinem. Existe alguém + punk do que eu?, de momento alguns, será um espetáculo vibrante", afirma.

O próprio nome da ópera é uma referência à rivalidade que sempre existiu entre os grupos do Grande ABC e da cidade de São Paulo, conhecida no meio como aiy. Na região, prevalece uma conhecida antipatia ao movimento operário. E, em São Paulo, a preocupação maior dizia respeito à cena musical e visual do movimento. O espetáculo, dessa for-

ma, servirá como um bom ponto de partida para que essas diferenças sejam discutidas em favor de ações interseccionais. Além da ópera, o saguão do Teatro Municipal também sedia uma exposição de fotografias.

Apesar das divergências, punks do Grande ABC e de São Paulo protestaram contra a falta de perspectiva do jovem na sociedade e contra a opulência dos grandes nomes do rock internacional. O descontentamento poderá ser contido nas letras e na música das bandas que constarão nos horários ao longo do período que vai de 1977 a 1982. Entre outras, Gatozinhos Podres, Ultras, Gatos de Rua, Iluminação, Passinho e Carriça.

Existe alguém + punk do que eu? — Estréia hoje, às 21h, no Teatro Municipal de Santo André. Preço: Municipal, R\$ 10; 411-0120. Entrada franca, mas os ingressos devem ser reservados na bilheteria do teatro com uma luz de identificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **ABRAMO**, Helena Wendel – *Cenas juvenis, punks e darks no espetáculo urbano*. Editora Página Aberta LTDA, 1º edição, SP, 1994.
- **ALEXANDRE**, Ricardo – *Dias de Luta: O Rock e O Brasil dos Anos 80* – DBA Dórea Books and Art, 2002, SP.
- **BEY**, Hakim - **CAOS** - *Terrorismo Poético & Outros Crimes Exemplares*. Tradução, Patricia Decia e Renato Resende. Editora CORAD LIVROS, 2003, SP.
- **BIVAR**, Antônio - *O Que é Punk*. Coleção primeiros passos, 2ª edição, Editora Brasiliense SP, 1983.
- **BRANDÃO**, Antônio Carlos e Milton Fernandes Duarte - *Movimento Culturais de Juventude*. Editora Moderna, coleção polêmica, 11ª edição, 1993.
- **CAIAFA**, Janice – “*Movimento Punk na Cidade – a invasão dos bandos sub*” – FFLCH – USP editora – Z.Z.E. Jorge Zahar Editor, RJ, 1985.
- **CONN**, Caroline – *The New Wave Punk Rock Explosion*. London New York, Omnibus Press, 1977.
- **COSTA**, Márcia Regina da – *OS CARECAS DO SUBÚRBIO, Caminhos De Um Nomadismo Moderno*. (Tese de doutoramento na Pontifícia Universidade Católica - São Paulo), Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1993. Editora Vozes Ltda., SP, 1993.
- **DAPIEVE**, Arthur – *BRock - O Rock Brasileiro dos Anos 80*. 5ª edição, Coleção Ouvido Musical, Editora 34 ltda, 2005, RJ.
- **ENZENSBERGER**, Hans Magnus.- *Guerra Civil* - Tradução Marcos Branda Lacerda. Companhia das Letras, SP, 2002.
- **ESSINGER**, Silvio – *Punk, Anarquia Planetária e a Cena Brasileira*. Editora 34, coleção ouvido musical, 1ª edição, RJ, 1999.
- **GUARNACCIA**, Matteo – *Provos Amsterdam e o Nascimento da contracultura*. Tradução Roberta Barni, Coleção Baderna, editora Conrad Livros, SP, 2001.
- **HOME**, Stewart – *Assalto à Cultura, Utopia Subversão Guerrilha na (anti) Arte do século XX*. Tradução - Cris Siqueira. Editora Conrad livros, 2ª edição, SP, 2005.

- **JOANILTO**, André Luiz - *Revoltas e Rebeliões* - Repensando a História. Editora Contexto, SP, 1989.
- **LEGE**, Mcneil e **MCNAIN**, Gillian - *PLEASE KILL ME - Mate me, por favor*. Editora L&PM Pocket, SP, 2000.
- **MANFREDI**, Silvia Maria - Formação Sindical-História de uma Prática Cultural - No Brasil. Editora ESCULTURAS, SP, 1996.
- **MARSHALL**, George – *“Espírito 69, A Bíblia do Skinhead”*, tradução Glauco Mattoso. Trama Editorial Ltda, SP, 1993.
- **MARCHETTI**, Paulo – *O diário da Turma 1976 – 1986: a história do rock de Brasília*. Conrad Livros, SP, 2001.
- **MUGGIATI**, Roberto – *“Rock - o Grito e o Mito”* - Editora Vozes, 4ª edição 1983, Coleção Vozes do Mundo Moderno / 8, RJ.
- **NETO**, Nécio Turra – *“Enterrado Vivo – Identidade punk e território em londrina”*, Editora Unesp, SP, 2003.
- **O’HARA**, Craig – *A Filosofia do Punk - mais do que barulho* - tradução Paulo Gonçalves, Editora Radical Livros, SP, 2005.
- **PEDROSO**, Helenrose Aparecida da Silva, e **SOUZA**, Heder Cláudio Augusto de *Absurdo da Realidade – O movimento Punk*. Cadernos IFCH UNICAMP, SP, 1983.
- **PEREIRA**, Carlos. M. – *O que é contracultura*. Coleção primeiros passos, Editora Brasiliense, 1ª edição, SP, 1983.
- **RYOKI**, André e **ORTELLADO**, Pablo – Baderna – *Estamos Vencendo, Resistência Global no Brasil* - Conrad Editora do Brasil LTDA, SP, 2004.
- **ROSZAK**, Theodoro – *“Para uma contra cultura”* – tradução Jorge Rosa. Publicação Dom Quixote - Lisboa, 1971.
- **THOMPSON**, Hunter S. - *HELL’S ANGELS – Medo e Delírio Sobre Duas Rodas*. Tradução: Ludimila Hashimoto, Editora CONRAD LIVROS, SP, 2004.
- **SALAS**, Antonio - *“Diário de um Skinhead, um infiltrado no movimento neonazista”* - Tradução Magda Lopes, Editora Planeta, SP, 2006.
- **SOUSA**, Rafael Lopes de. *Punk: Cultura e Protesto – as Mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva - São Paulo 1983/1996*. Edições Pulsar, SP, 2002.

- **WOODCOCK, George - *Histórias das idéias e movimentos Anarquistas*.** Tradução Júlia Tettamanzy. Volume I e II, Editora L&PM POCKET, R/S, 2002.

Reportagens:

- **Revista Atenção – *Neonazistas do Brasil – Eles crescem nas sombras*.** Ano 1, nº 1 novembro de 1995, SP.
- **Revista Biss, edição especial - *New Wave*.** Editora Azul S/D.
- **Revista Dynamite - *Squatters, os Anarquistas sem teto de Londres*.** Ano 9, nº 38, Editora, DOV-AGE - ECPA, LTDA SP, junho, 2000.
- **Revista General – edição especial, n.º 5 – *Ramones*.** Editora Acme, SP, S/D.
- **Revista - Isto É - 4/11/1984.**
- **Revista Penthouse** - novembro, 1982.
- **Revista Rock Press, ano IV n. 26.** Editora beat press, RJ, julho, 2000.
- **Revista Som Três – *História do Rock* - 4º vol., edição especial, editora 3, S/D.**

Fanzines:

- **Anarquistas Presentes, SBC/ SP. 1982**
- **Informativos MAP (Movimento Anarco Punk), ABC-SP - D/D.**
- **Informativo Gaivota Zine – div.ABC, SP, 1993.**
- **Informativo Iconoclasta – div. SP, D/D.**
- **Informativo – Pandora Anarco - Feminista, SP, D/D**
- **HC – Zine – Antes Que Seja Tarde - SBC, SP, D/D.**
- **Opúsculo – Anarco Feminista – Zine –Diadema, SP, 1997.**

Vídeos e DVDs:

- **HARZAN, Jack e MINGAY, David - *Rude Boy/ The Clash Film*, SMV, Sony Music, 1980, NY.**
- **LETS, Don – *Westway To The World – The Clash – Film, documentary* - Sony Music Entertainment/ Dorisimo Ltd in Association With Uptown Films, 1999.**
- **LETS, Don – *PUNK ATITUDE* – Focus music - 2005**

- **LOMMEL, Ulli – Geração Punk – Blank Generation** – Magnus Opus – 1979 (2004).
- **MOREIRA, Gastão – BOTINADA – a origem do punk no Brasil**, ST2 vídeo, 2006.
- **TEMPLE, Julian – The Filth and Fury - Sex Pistols** – filme documentário, 24ª Amostra Internacional de Cinema, SP, Nov. 2000 – A Jersey Shore / NitrateFilm Production, for Film Four Limited. Sex Pistols, Residuals - IMCMXCIX.
- **THONSON, Hugh - Dancing in The Street** – Documentário Sobre a História do Punk- produção BBC & WGBH Co. Production BBC/Bristol & WGBH/Boston – mcmxycy, S/D.
- **TIME & LIFE - História do Rock** – 5 volumes, Editora Caras S/A, SP, 2005.